

No Jardim das Tulherias...

(Louisa Rawlings)

Titulo Original: Stranger in my arms

Digitalização: Polyana

Revisão: Anicieli



RESUMO: Charmiane de Viollet pertence a sociedade que despreza a nova nobreza e se empenha em recuperar o antigo poder. Porém, em uma noite de magia, entrega-se de corpo e alma a um desconhecido, um integrante da odiada elite guerreira que conquistou a Europa. Um inimigo que a lança num abismo de dúvidas. A começar pelo nome... Adam ou Noel Bouchard? Os gêmeos se apaixonam pela bela dama de sangue azul, mas não querem trair seus ideais nem quebrar o elo especial que sempre os manteve unidos. A troca de identidades lhes fora útil no passado e agora será uma arma num perigoso jogo de amor!



Capítulo I

Charmiane de Viollet raramente pensava no Período do Terror e muito menos se recordava dele. Quando alguém mencionava essa época trágica para a aristocracia francesa, ela lembrava-se apenas de Tante Sophie a correr pela sala do apartamento, tentando inutilmente agarrar o canário que fugira da gaiola. Por que essa imagem frívola e leviana parecia-lhe mais real do que as desventuras sofridas por sua família?

Ela crescera ouvindo o relato da fuga desesperada da mansão em Paris, com a carruagem sobrecarregada pelo excesso de bagagem, além dos faqueiros de prata, porcelanas preciosas, quadros que pertenciam à família havia muitas gerações, caixas de jóias e até alguns móveis. Perdera a conta do número de vezes que tio Eugene descrevera com todas as minúcias e muita dramaticidade a viagem angustiante e acidentada até a fronteira da Suíça, o saque de todos os bens dos Chevrillon pela multidão enfurecida que bloqueava a estrada e o enfarte fatal de seu pai a poucos passos da segurança do exílio.

Através da constante e detalhada repetição da epopéia familiar, Charmiane acabou incorporando os fatos às suas recordações de infância. Tinha a impressão nítida de que realmente participara daqueles dias de tragédia e sofrimento, mas não conseguia sentir nenhuma emoção autêntica ao relembrar o passado. Ela sempre associara o Terror à visão cômica de sua rechonchuda tia, mesclando gritinhos e lamentos aos pios aflitos do canário num coro deliciosamente fútil.

Ao olhar para Armand, que atravessava mancando o Vestíbulo do Palácio Imperial, Chamiane foi invadida pelo costumeiro complexo de culpa. Seu pobre irmão sofrera tanto! Por que ela não se afetava, como todos, por um passado comum e tão trágico? Por que havia sido poupada pelo destino?

No terrível verão de 1793, Charmiane tinha apenas quatro anos, mas Armand já completara dezoito. Ele permaneceu na França para defender o castelo e as extensas propriedades próximas a Blois depois que tio Eugène, tia Sophie e o pai de ambos foram denunciados pelo Comitê de Segurança Pública, e, para escapar da guilhotina, precisaram fugir para a Suíça.

O pobre Armand se transformou em um pária, um aristocrata odiado e desprezado pelos camponeses que sempre haviam dependido de sua família para sobreviver. Perdeu seus direitos legais e a polícia o perseguia, intimando-o a responder interrogatórios freqüentes e sempre mais hostis. Finalmente, o nome dele foi colocado na lista do proscritos, e a valiosa propriedade rural e o castelo foram vendidos para financiar a Revolução.

O homem cheio de ódio e sem esperanças que se reuniu à sua família no exílio não tinha nenhuma semelhança com o rapaz alegre e ativo de quem Charmiane se lembrava com tanto amor.

Já haviam se passado dezenove anos e a expressão de Armand continuava a refletir o mesmo desespero e a mesma revolta do dia em que

chegara à Suíça. As luzes dos enormes lustres do salão acentuavam os fios brancos, agora numerosos, entre seus cachos escuros, e o sorriso forçado não disfarçava sua contrariedade por estar ali naquela noite.

- Eu reconheci o homem que está cuidando dos casacos, Charmiane. Ele era primo do Duque de Barthou e não tinha um centavo antes da Revolução. Foi deserdado pelo pai, o que provalvemente lhe salvou a vida, mas não evitou essa humilhação... - Armand cerrou os punhos, descontrolado pela raiva. - Vi um dos comparsas de Napoleão insultando-o por alguma insignificância! Um almofadinha sem um pinga de educação ou berço que me chamou a atenção por suas vulgares abotoaduras de brilhantes. Um canalha como todos esses malditos novos-ricos que ainda exalam o fedor das sarjetas de onde saíram, mas já se julgam requintados! Graças a Deus o nosso pai não sofrerá pela vergonha que cobriu a verdadeira aristocracia da França.

Tocando o braço do irmão com meiguice, Charmiane tentou não ouvir a música contagiante que vinha dos salões do primeiro andar. Como podia sentir-se tão alegre diante do evidente sofrimento de Armand?

— Por favor, perdoe-me, Armand. Eu não devia ter insistido em que você me trouxesse a este baile. As recordações são dolorosas demais neste lugar tão...

Só então Armand lembrou-se de examinar mais atentamente o imponente vestíbulo que ele conhecera nos dias gloriosos da monarquia. O veludo das cortinas e tapeçarias não era mais azul-celeste e sim verde-esmeralda, as tradicionais flores-de-lis haviam sido substituídas pelas agora célebres abelhas douradas, o símbolo de Napoleão. Candelabros imensos e enfeitados demais, tapetes de cores gritantes e gigantescas ânforas de prata maciça visavam evocar o fausto da lendária Roma dos césaes.

O requintado e elegante Palácio das Tulherias, onde tantos reis da França haviam vivido, criando através dos séculos um ambiente de refinamento e sofisticação, já não existia. Redecorados com extrema opulência, os salões refletiam uma vulgaridade ostensiva, o gosto espalhafatoso de Napoleão Bonaparte e sua corte imperial.

— Você sabia que o rei e a rainha foram presos aqui, neste palácio, Charmiane? A plebe raivosa massacrou centenas de guardas leais aos monarcas neste mesmo vestíbulo. A maldita ralé que se diverte agora nestes salões está violando a memória dos fiéis defensores de Luís e Antonieta! E como se dançassem sobre seus túmulos, sobre as sepulturas de milhares de vítimas inocentes, assassinadas por uma revolução sanguinária e infame!

A excitação nervosa provocou o habitual tremor na perna ferida de Armand. Impaciente, ele bateu nos músculos da coxa a fim de reativar a circulação e diminuir a dor.

— Você e Sophie deviam ter ficado na Suíça. Eu lhes disse que iriam decepcionar-se. Não existe mais lugar para nós nesta França corrupta!

— Por favor! Não perca as esperanças agora, querido! Esqueceu-se de tudo o que nos dizia em suas cartas? Você sempre insistiu em que eu fosse

educada dentro dos padrões da aristocracia e não abandonasse o refinamento de nossa classe, pois, algum dia, o povo se cansaria de ser governado por aventureiros e usurpadores. Então, tudo voltaria ao normal. A França teria novamente um rei, você receberia de volta as nossas terras e seria o Marquês de Chevrillon. Eu recuperaria as propriedades e o título de Henri assumindo minha posição na nova sociedade como Marquesa de Viollet...

— Já não acredito mais nessa possibilidade — interrompeu Armand, sem esconder a amargura. — A França agora pertence a Napoleão e ninguém se lembra dos velhos tempos. Quem ainda terá forças para lutar? Perdemos tudo, até a esperança.

— Ah! Não fique tão triste assim, Armand! É meu primeiro baile de gala e... talvez eu conquiste o coração de um político influente ou de algum general poderoso e ele me oferecerá as terras de Chevrillon de presente!

Por mais que tentasse, Charmiane não conseguia suprimir a excitação em sua voz.

— Eu ouvi as mulheres conversando quando fui retocar o meu penteado. — Os olhos dela brilhavam no rosto corado. — Napoleão virá ao baile! Não é emocionante, Armand? O imperador em pessoa! Talvez eu consiga atrair seus olhares reais e, por um sorriso meu, devolverá nossas terras!

— Ele pode ser imperador desses lambe-botas que o rodeiam, porque eu sempre sentirei o cheiro de alho em seu hálito de camponês dos confins da Córsega! É uma vergonha que...

Armand calou-se para examinar com uma expressão de desprezo uma jovem que passava à sua frente. O vestido de brocado vermelho fora enfeitado com flores de seda, babados de renda e franjas, mas ela, não satisfeita com o resultado, usava um largo cinto de pedras semipreciosas, além de colares, pulseiras e anéis de brilhante e rubis.

— Deus do céu! — murmurou Armand, revoltado. — Mais uma idiota que ignora completamente a beleza da simplicidade! São todos iguais, têm dinheiro demais e educação de menos. Gastam-se verdadeiras fortunas em roupas, porém, jamais conseguirão ser realmente elegantes, porque a distinção é um resultado de cultura e de educação. Essa mulher está vestida com a vulgaridade de uma prostituta, mas coberta de jóias preciosas, enquanto você, que merecia usar uma tiara de marquesa...

Charmiane virou o rosto para não revelar o quanto as palavras de Armand a magoavam. Ela sabia que, apesar de seus esforços para apresentar-se com a mesma elegância dos demais convidados, sua aparência deixava muito a desejar. O vestido de cetim amarelo, embora pouco usado, estava completamente fora de moda. As luvas de tafetá branco não tinham a largura necessária, porque fora preciso apertar as costuras a fim de esconder uma mancha. O gasto xale de seda que emprestara de uma vizinha para servir-lhe de agasalho perdera a beleza junto com a cor e a maciez.

Tante Sophie retirara de seus guardados a única peça de valor que não fora perdida, confiscada ou roubada: um delicado leque com hastes de marfim que a tia usara no casamento do Delfim com Maria Antonieta. As poucas jóias

que haviam escapado das mãos ávidas da multidão por estarem escondidas nas barras dos vestidos tinham sido vendidas para comprar comida ou pagar o aluguel do apartamento em Zurique.

Apesar de reconhecer que certas dificuldades seriam insuperáveis, Charmiane perdera muitas horas planejando sua toalete a fim de não humilhar o irmão. Armand era sensível demais à situação de pobreza em que viviam, sofria muito com a falta de recursos e a perda de seu lugar de destaque na sociedade.

Charmiane lutou contra o desânimo. A noite mal começara e a amargura de Armand crescia a olhos vistos. Se ela não tentasse distraí-lo, o baile seria um fracasso ou talvez nem mesmo chegassem a entrar no salão.

— Eu poderia ter uma tiara e até algumas jóias se tio Eugène não tivesse sido tão crédulo. Ele acreditou quando Henri jurou que possuía uma valiosa propriedade na França e considerou-o um bom marido para mim. Só descobriu depois do casamento que existia uma disputa litigiosa sobre a posse legal dessas terras! — Charmiane deu uma gargalhada. — Lembro-me perfeitamente bem do dia em que um amigo, recém-chegado de Paris, contou-nos toda a verdade. Titio ficou tão furioso que quase atirou Henri escada abaixo. Foi cômico!

— Não vejo nada de engraçado em um velho sádico casando-se com uma jovem com idade para ser sua filha apenas para maltratá-la! Maldito Henri!

Mais uma vez Armand tocava num ponto extremamente penoso para Charmiane, que lutou contra as lágrimas. Henri representava uma época difícil que ela preferia esquecer. Fora um período de submissão total a um homem violento e libertino, que não hesitava em espancar sua jovem esposa.

— Eu tive que viver com ele, não você, Armand. Felizmente, agora que o enterrei posso dar-me ao luxo de esquecer essa fase da minha vida. — Charmiane evitou fitar o irmão e demonstrar sua perturbação. — Então? Vamos até o salão?

Sem esperar por Armand, ela começou a subir as escadas, detendo-se apenas no primeiro patamar quando recuperou o controle de suas emoções e parte de seu entusiasmo.

— Foi por esse motivo que insisti em vir a este baile, Armand... para recuperar as propriedades de Henri. Quando Monsieur de Domfort disse que poderia nos conseguir um convite... — Ela deu de ombros num gesto de resignação. — Eu não suportava Henri e me sujeitei a ser sua esposa por obediência aos desejos de tio Eugène. Posso casar-me de novo, escolhendo um marido rico, com influência e poder. Quer lugar melhor do que este para encontrar a pessoa certa?

Charmiane não ousava revelar ao irmão suas verdadeiras intenções. Armand ainda considerava inimigos todos os que não fossem aristocratas do Antigo Regime e não entenderia seu desejo de comparecer àquele baile. Desde que Domfort mencionara a possibilidade de conseguir dois convites, ela mal contivera sua excitação. Tinha levado uma vida sem alegrias e totalmente

desprovida de convívio social.

Um casal belo e elegante passou ao lado deles, rindo e brincando. Charmiane sentiu o impulso insensato de acompanhá-los, de pedir-lhes que a levassem para o mundo fascinante dos jovens sem preocupações. Chegavam até ela os acordes de uma valsa vindos do salão, as luzes de centenas de velas, mas a voz amarga de Armand a impedia de prosseguir.

— Não ouse sequer falar em casamento, Charmiane. Agora eu sou o cabeça da família e recuso-me a pensar nessa vergonha. Concorde em usar esses malditos novos-ricos em nosso proveito, porque eles galgaram as posições que ocupam hoje através da desgraça alheia. No entanto, seria uma traição à nossa classe aceitar um deles por marido.

— É claro, Armand.

Como magoar ainda mais o irmão, discutindo uma possibilidade tão remota quanto o casamento? A perna do pobre Armand piorava a olhos vistos e ele precisava agarrar-se à balaustrada para continuar subindo as escadas.

— Vulgares e sem classe! — resmungava Armand, seguindo com o olhar o jovem casal à frente deles. — Nota-se sua falta de educação nos gestos, nas roupas... são feios demais!

— Mas...

Charmiane não conseguia perceber nenhuma diferença entre aquele casal e os jovens aristocratas expatriados que conhecera na Suíça.

— O seu refinamento não tem o menor valor para esse tipo de gente, minha cara irmã. Eles consideram importante apenas o tamanho de sua fortuna, não sabem apreciar a cultura e a tradição que são nosso privilégio. E como poderia ser diferente? Só possuem bens materiais... que roubaram de algum aristocrata. São especuladores que se aproveitaram das tragédias provocadas pela guerra civil; são lacaios e aduladores do maldito Bonaparte. Compraram castelos e títulos de nobreza pensando que o dinheiro lhes daria educação e requinte.

Detendo-se no alto da escada, Armand recomeçou a bater na perna, praguejando baixinho.

— Não sabe como me arrependo de ter engolido meu orgulho, consentindo em acompanhá-la a esse baile odioso. Sinto vergonha de expor minha irmã à companhia desta ralé! E agora... também quer dançar entre estes malditos usurpadores dos nossos direitos?

As lágrimas deslizavam pelo rosto pálido de Charmiane. Por que insistira tanto em vir? Como pudera magoar tão intensamente seu querido irmão? A perna de Armand o impediria de dançar pelo resto da vida e a pobreza de seus trajes em meio à ostentação dos outros convidados aumentava sua amargura.

— Você quer ir embora, querido? — murmurou ela, tentando conter as lágrimas. — Não precisamos...

— E você quer ficar? — interrompeu Armand, enfurecido. — Acha agradável misturar-se à ralé, provocando o desdém de todos? Pensa que alguém irá tirá-la para dançar? Os generais poderosos e os políticos influentes

que você imaginou conquistar preferem mulheres ricas e cobertas de jóias! Nenhum deles sequer olhará para mocinhas românticas e mal vestidas, com trajes emprestados...

— Com os diabos! O senhor dá tão pouco valor à sua vida?

Trêmula de medo diante de uma situação bastante grave, Charmiane virou-se para ver o rosto do homem que interpelara Armand. Sentiu-se transportada para um de seus sonhos românticos.

O desconhecido que os encarava com uma expressão indignada era muito alto, de ombros largos e traços perfeitos. Talvez a boca fosse sensual demais, o queixo excessivamente voluntarioso, mas ela nunca vira antes um homem tão atraente. Sem saber por que, Charmiane o imaginou sobre um cavalo puro-sangue, comandando milhares de soldados com sua voz sonora e autoritária.

E no entanto, ele usava trajes de noite convencionais e nada ajudava a descobrir qual seria a sua profissão. Apenas o rosto bronzeado e os cabelos muito loiros indicavam uma vida ao ar livre. Charmiane tentou recuperar a lucidez, fugir do perigo daqueles olhos incrivelmente azuis, de um brilho intenso e sedutor.

Sentia-se prestes a se perder nas profundezas de um lago de águas cristalinas e...

Num lampejo de consciência, Charmiane admitiu que já não havia mais salvação. Um encantamento a envolvera no instante em que vira o rosto másculo daquele desconhecido e a magia nascida entre eles dificilmente se romperia.

— Está falando comigo, monsieur? — perguntou Armand num tom de ofensivo desprezo.

— Perguntei-lhe se não dava valor à sua vida, cavalheiro. Não costumo perder meu tempo precioso desafiando desconhecidos, mas um homem que insulta uma dama a ponto de provocar-lhe lágrimas merece enfrentar-me num duelo... e nunca mais terá condições de repetir esse ato de covardia.

— Peço-lhe desculpas, mas... este assunto não lhe diz respeito, monsieur. — Armand curvou-se, numa reverência propositalmente zombeteira. — Com que direito se intromete em um assunto particular?

O medo de Charmiane voltou a atormentá-la. Os olhos do desconhecido agora assemelhavam-se às águas de um lago varrido pelos ventos gelados do inverno. Armand arriscava-se demais ao desafiar um homem nitidamente perigoso e, se ela não tomasse alguma providência, seu irmão poderia ser morto.

— Por favor, monsieur. — Ela passou a mão no rosto, tentando apagar qualquer vestígio das lágrimas. — Não se preocupe comigo... já estou bem...

— Esse homem é cego ou simplesmente um idiota — murmurou o desconhecido, fitando-a com um olhar penetrante. — As outras mulheres talvez necessitem de jóias para atrair a atenção dos homens. Você... não precisa de nada além de sua beleza.

Sentindo-se enrubescer, Charmiane lutou para desviar o olhar, mas os

olhos azuis a mantinham cativa, uma prisioneira voluntária e sem forças ou desejo de fugir à prisão. Subitamente, ele percebeu que ambos tinham-se esquecido do mundo, criando uma situação embaraçosa, e apressou-se em remediar sua falta de polidez.

— Concede-me a honra de dançar comigo, madame?

Charmiane já não sabia mais se estava acordada ou sonhando. Seria real a sensação de felicidade que a envolvia quando seus olhos se encontravam? Um homem surgira repentinamente em sua vida, um estranho sem nome e, no entanto, ela já o conhecia, já o desejava... Ansiara pela chegada desse amor por toda uma eternidade. E o desconhecido de olhos da cor dos lagos alpinos também teria esperado, como ela, pelo momento mágico desse encontro?

— Madame? — insistiu ele, oferecendo-lhe o braço.

O gesto era real e Charmiane hesitou, com medo de destruir seu mais lindo sonho. O encantamento se desfaria se seus dedos pousassem sobre o braço do desconhecido? A fragilidade de uma bolha de sabão podia ser destruída com um toque, mesmo o mais leve. E aquela ilusão? Persistiria?

— Charmiane! — a voz de Armand rompeu o silêncio ao mesmo tempo que sua mão envolveu o braço da irmã. — Vamos.

— Tire as mãos dela, monsieur — a voz do desconhecido, muito baixa, revelava o quanto era perigoso. — Imediatamente ou comece a se defender.

Embora a expressão de Armand permanecesse inalterada, ele soltou o braço da irmã e recuou.

— Estou indo embora, Charmiane. Neste instante...

— Mas... Armand...

Como resistir à magia daquela noite? O homem, a música, o encanto das luzes a chamavam, impedindo-a de seguir o irmão. Será que ele não entendia seu apelo?

— Por favor, Armand...

— Madame?

A voz do desconhecido a forçava a tomar uma decisão. Ele a atraía com seus olhos profundos. Mas Armand era seu irmão e ela o magoaria cruelmente se ficasse ao lado de um estranho em lugar de segui-lo.

— Faça como quiser, Charmiane. Não tenho intenção de mandar a carruagem buscá-la mais tarde, por isso decida-se agora.

Ele mencionara a carruagem para coagi-la a ir embora. Ambos sabiam que não havia dinheiro suficiente para pagar duas viagens.

— Eu a levarei para casa na minha carruagem, madame. Os três permanecerem imóveis. O desconhecido continuava oferecendo o braço a Charmiane, que fitava os dois homens, sem coragem de seguir seu coração e ferir Armand. Então, ele viu o rosto da irmã e não conteve a fúria.

— Bon Dieu! É mais do que evidente a sua loucura, Charmiane! Você perdeu o juízo e a compostura! Pois vá para o inferno, que deve ser o habitat

natural desse degenerado.

— Armand...

A voz de Charmiane agora protestava sem veemência. O seu coração vencera e, embora reconhecendo-se culpada e traidora ao ver o irmão afastar-se, entregou-se ao sonho. O pobre Armand estava tão grisalho, tão envelhecido que ela sentiu vontade de chorar, mas a voz fascinante a envolvia com sua calidez.

— Por que desperdiçar suas lágrimas por esse homem?

— Mas ele é...

As palavras morreram na garganta de Charmiane, novamente perdida no encantamento daqueles olhos azuis. Ela fitava, fascinada, a mecha loira caída sobre a testa do desconhecido, controlando o impulso de tocá-la. A barba seria dourada como os cabelos?

— Desculpe-me, monsieur. Eu...

Ela não sabia por que pedia desculpas. Sem dúvida o fitara por mais tempo do que o decoro permitiria, mas não era um motivo válido. A verdade é que não queria ver aquele momento terminar, não podia perder o herói de seus sonhos e encontrar apenas um homem. Sua angústia se intensificou ao perceber que sentia uma necessidade incontrolável de explicar a situação ao desconhecido.

— Por favor, não fique com raiva de Armand. Ele não quis ser cruel, mas a dor de sua perna é tão intensa que o impede de manter a serenidade.

— Não posso aceitar essa desculpa, madame. Nada justifica a grosseria daquele homem que lhe provocou lágrimas.

— Mas eu disse que meu irmão não pretendia...

— Seu irmão? Ele é apenas seu irmão?

A severidade do rosto másculo se atenuou e um sorriso ainda tímido curvou os lábios sensuais. A transformação surpreendeu e cativou Charmiane. Um homem maduro voltava a transmitir a alegria espontânea de um jovem.

— Eu julguei que ele fosse seu marido e bastou esse fato para transformá-lo em um vilão.

Acostumada com as sutilezas de um diálogo polido, Charmiane chocou-se com a objetividade quase grosseira do desconhecido. Embora diretas demais, as palavras dele provocavam-lhe uma emoção tão intensa que ela escondeu o rosto atrás do leque para não revelar como sempre os seus sentimentos mais íntimos.

— E... faria diferença se ele fosse meu marido?

— Uma enorme e terrível diferença, madame.

Sem forças para resistir à intensidade do olhar, à sedução do toque do desconhecido, Charmiane não lutou mais contra o sonho e deixou-se conduzir.

— Venha comigo. Chega de conversa... quero dançar com você.

Charmiane estava se maravilhando com as descobertas sucessivas. A voz daquele homem podia refletir ternura, autoridade, hesitação e, agora, revelar um homem seguro, confiante e acostumado a ser obedecido.

— Sim, senhor! — replicou ela, sorrindo.

— Por que me respondeu assim?

— Você dá ordens... como um general. — Ela continuou a sorrir, com meiguice. — Acho que talvez seja um homem muito dominador, mas...

— É o meu jeito, madame. — Ele a interrompeu secamente, ignorando o sorriso de Charmiane. — Talvez prefira seguir seu irmão agora que descobriu meu temperamento... taciturno.

Sensível a todas as nuances na voz daquele homem, Charmiane percebeu algo além de raiva no tom ríspido. Pressentindo alguma mágoa oculta e ainda desconhecida, ela segurou-lhe o braço com mais força, transmitindo-lhe sua ternura.

— Você é militar?

— Há muitos anos... talvez por tempo demais, madame. Perdoe-me se fui brusco e, por favor, diga-me o seu nome.

— Sou Charmiane Chevrillon de Viollet. — Incapaz de se conter, ela cedeu ao impulso: — Sou viúva.

— E meu nome é Adam-François Bouchard, Bardo Montcalvo, coronel de infantaria dos Dragões Imperiais do Exército de Napoleão.

Barão Montcalvo. Faltava-lhe o "de" essencial para a verdadeira aristocracia, o que o transformava em um dos usurpadores do Novo Império tão odiados por Armand. E, no entanto, sua educação não ficava nada a dever à dos condes, duques e marqueses que Charmiane conhecera entre os expatriados na Suíça. Seu irmão cometia um grave erro em insistir nesses detalhes sem o menor significado. Então, já não havia tempo para mais nada além do prazer de saborear cada momento daquela mágica. Estavam sendo anunciados e logo entrariam no salão.

Aquele era um dos mais luxuosos salões do Palácio das Tulhérias. Nas paredes forradas por lambris de madeira clara, haviam sido colocados quadros grandiosos que retratavam as vitórias de Napoleão e estátuas douradas de seus generais reluziam à luz de um imenso lustre de cristal, rodeado por quatro outros não menos imponentes.

Embora o salão fosse imenso, mal havia lugar para a multidão de convidados que riam e conversavam, movendo-se entre os sofás e as cadeiras douradas ao longo das paredes. Mulheres belas e cobertas de jóias paravam diante das altas janelas ou dos amplos terraços e logo eram rodeadas por homens elegantes em trajes de noite.

A ausência de qualquer tipo de uniforme militar não surpreendeu Charmiane pois Domfort lhe dissera que Napoleão tinha proibido seu uso naquela noite. A campanha da Espanha fora difícil e a simpatia popular se voltara contra o Exército diante das grandes perdas sofridas durante as últimas batalhas.

O brilho do baile que comemoraria o aniversário do imperador nessa primavera de 1812 estava ameaçado por sérios contratemplos. A guarnição militar que protegia Paris fora drasticamente reduzida. Todos os dias uma grande quantidade de soldados partia para a região do Reno e corriam rumores alarmantes sobre uma guerra contra a Rússia. Compreendia-se que Napoleão tivesse proibido o uso de uniformes a fim de desviar as atenções gerais do conflito com o ameaçador império russo.

Entretanto, a presença da guerra era forte demais para ser ignorada. Até Charmiane, com sua experiência limitada pela pouca idade e pelos longos anos de exílio na pacífica Suíça, percebia o ambiente tenso e ao mesmo tempo eufórico da véspera das grandes batalhas.

Os homens, como Montcalvo, tinham uma postura militar que contrastava com seus trajes civis. Os ombros eram largos demais para as casacas de lã fina, os pés exigiam botas de cano alto e não sapatos próprios para dançar. As mulheres mostravam-se ousadas, quase se oferecendo a seus parceiros como se lhes restassem poucas horas para serem felizes. No dia seguinte talvez estivessem viúvas, solitárias e entregues ao pranto, por isso aproveitariam a noite para rir, amar e viver momentos de intensas e perigosas paixões. A sensação de estar usufruindo as últimas horas de um mundo prestes a ser destruído para sempre também envolveu Charmiane. Ela queria saborear cada instante daquela noite mágica que jamais se repetiria e guardar as recordações únicas de um único baile nos braços de um homem fascinante.

A primeira música a tocar foi uma valsa. Até aquela noite, Charmiane julgara a valsa apenas uma das muitas danças de salão. Agora compreendia por que tante Sophie a considerara escandalosa e censurara seu professor por tê-la ensinado à jovem sobrinha.

Envolvida pelos braços de Montcalvo, ela se entregou ao fascínio da melodia e à intimidade dos breves contatos físicos. Montcalvo não era um bailarino excepcional, mas a firmeza de suas mãos, o seu cheiro e a proximidade dos corpos que a dança unia num abraço perturbador transtornavam Charmiane. Ele falava pouco e, mesmo nos intervalos entre as músicas, preferia seguir com seu olhar intenso os menores movimentos e gestos dela.

— Seu marido era militar?

— Não. Ele perdeu tudo com a Revolução, como nós. Nossa família o conheceu em Zurique.

— Você morou na Suíça?

— Até poucos meses atrás.

A conversa social polida ocultava emoções intensas. Perguntas e respostas típicas de um primeiro encontro criavam uma aparência de normalidade que a respiração entrecortada de Charmiane desmentia e os olhares ávidos de Montcalvo negavam.

— Qual era a ocupação de seu marido?

— Ocupação? — Ela não escondeu seu espanto. — Ele era um aristocrata, um marquês do Antigo Regime.

— Entendo... — murmurou ele, franzindo o cenho. Charmiane censurou-se por sua ingenuidade. Vivera por tempo demais entre aristocratas que não tomavam conhecimento das modificações ocorridas na França. Aquele homem era um militar da Nova República e iria considerá-la tola e esnobe.

— E você? — perguntou ela apressadamente a fim de disfarçar o constrangimento. — Sua família o encaminhou para a carreira militar?

— Eu nasci em um ambiente em que não se encaminha os filhos para nada. Apenas lutei para evitar que meu irmão e minha mãe morressem de fome e escolhi o Exército, porque assim poderia sustentá-los. Napoleão transformou a hierarquia militar e já não era preciso ter quatro gerações de antecedentes nobres para alcançar a simples patente de capitão.

O tom irônico de Montcalvo assemelhava-se ao desprezo de Armand quando mencionava as diferenças de classes. Naquela noite, porém, ela não queria pensar no abismo que sempre separaria uma antiga aristocracia e um homem do povo.

— Está há muito tempo no Exército?

— Alistei-me quando completei dezessete anos, metade de uma vida...

— Ele desviou o olhar dos lábios de Charmiane para fitá-la nos olhos.

— Quantos anos você tem?

— Mas... monsieur!

Ele ignorou a exclamação chocada de Charmiane diante de sua pergunta direta e indiscreta.

— A sua aparência é a de uma criança frágil. Acha velho um homem de trinta anos?

— O meu... finado marido tinha quarenta e cinco quando nos casamos.

— Devo estar enlouquecendo — murmurou ele, tão embaraçado quanto Charmiane. — Vamos dançar.

A dança agora era uma quadrilha e, quando os dois se afastavam, conduzidos por outros parceiros, seus olhares mantinham um contato perturbador. Os olhos azuis não se afastavam de Charmiane, que estremecia de prazer por sentir-se o objeto de uma atenção perturbadora e lisonjeira.

Ela também aproveitava os momentos em que se distanciava para examiná-lo com um interesse obsessivo. Gravou em sua memória a forma perfeita das orelhas, a maciez sedosa dos cabelos loiros com mechas prateadas pelo sol, o brilho alvo dos dentes entrevistados num sorriso raro. Quando ambos se dirigiam juntos para um canto do salão, ao final de cada dança, havia sempre algo novo a aprender sobre aquele homem fascinante.

Frequentemente, ele não encontrava as palavras para se exprimir. Talvez não se tratasse de dificuldade de comunicação e sim o desejo proposital de não revelar seus pensamentos mais íntimos em um ambiente no qual não se sentia à vontade. O fausto da decoração e a alegria febril da multidão de convidados pertenciam a um mundo que Montcalvo rejeitava.

Charmiane aprendera com tante Sophie os artifícios de sedução usados

pelas mulheres nos requintados salões de Luís XVI. Olhares de admiração lisonjeira, sorrisos de pretensa timidez e perguntas aparentemente inocentes faziam parte de táticas femininas que ela jamais tivera ocasião de pôr em prática. Conhecera poucos jovens na Suíça e casara-se cedo demais com Henri. Entretanto, ainda se lembrava das lições da tia e tentou inutilmente usá-las para conquistar Montcalvo.

Logo ela abandonou essas atitudes artificiais, preferindo seguir sua intuição, e sentiu-se feliz com a indiferença de Montcalvo à malícia feminina. Por que não usufruir a espontaneidade sincera de uma comunicação silenciosa? Com os olhos nos olhos, as almas se falavam sem necessidade de palavras, desprezando as convenções sociais e a etiqueta.

O tempo parou. Charmiane tinha a impressão de que dançavam há horas em uma ilha mística, banhados pela luz trêmula das centenas de velas, embalados por uma melodia suave. E no entanto, a noite mal começara. As batidas de seu coração se aceleravam, uma ânsia sem nome crescia em ondas possantes dentro de seu corpo, prenunciando momentos de magia ainda por vir. Ele a levaria para casa em sua carruagem, a lua pratearia os jardins e as ruas, as flores que desabrochavam espalhariam seu perfume inebriante e o ar cálido da madrugada recenderia a primavera e paixões românticas. Então, os braços fortes a envolveriam, seus corpos se tocariam e então...

Ela não conseguiu mais acompanhar a música e parou, rubra de vergonha e chocada com a licenciosidade de seus pensamentos. Com o cenho franzido, Montcalvo a conduziu para fora da pista de dança.

— Desculpe minha falta de consideração. Dançamos demais e eu esgotei suas energias sem sequer oferecer-lhe uma bebida. Sente-se que irei buscar uma taça de champanhe no salão das Musas.

— Mas eu posso acompanhá-lo. Eu prefiro...

— Fique. Você está cansada.

Ele levou-a até um sofá onde um grupo de mulheres descansava e desapareceu. Charmiane sorriu mecanicamente para elas e, abanando-se com o leque de Sophie, reviveu cada momento daquela noite mágica.

— Seu acompanhante é incrivelmente sedutor, madame.

Só então Charmiane olhou realmente para a jovem sentada ao seu lado. Uma beldade ruiva, elegante e coberta de jóias a fitava com um sorriso nos lábios. Armand lhe afirmara que ela seria desprezada por essas mulheres, mas, sem dúvida, cometera um erro de avaliação.

— Obrigada pelo elogio. — Charmiane retribuiu o sorriso sem esconder sua alegria por ser aceita entre elas. — Eu também o acho muito bonito.

— E tem toda a razão. Eu e minhas amigas... — com um gesto lânguido, a ruiva indicou as três outras mulheres próximas a ela — ...nós estivemos observando-os e ficamos curiosas para saber qual é o relacionamento entre vocês dois.

— Monsieur, o barão é... é um amigo.

— Um barão? Que sorte a sua, madame! — exclamou uma das outras

jovens, voltando depois sua atenção para a ruiva que falara em primeiro lugar. — Não a considera uma felizarda, Micheline?

— Sem dúvida! — interferiu a terceira delas, e fitou Charmiane com um olhar malicioso. — Ele a trouxe ao baile por caridade, penitência ou para cumprir alguma promessa?

Não. Aquela mulher não tivera a intenção de ser tão rude! Ela entendera mal!

— Que lindo leque! Posso segurá-lo? — Micheline arrancou-o das mãos de Charmiane sem esperar pela resposta e, às gargalhadas, mostrou-o às amigas. — Olhe isto, Josine! Já viu algo tão... estranho?

— Devolva-o imediatamente! — Charmiane não continha a indignação.

A risada, de uma ironia maldosa, se generalizou. O leque passava de mão em mão provocando gargalhadas até que Micheline o abriu ao lado do seu, minúsculo e coberto de pedrarias.

— Ninguém contou a esta pobre criatura que leques grandes estão completamente fora de moda?

— Ela deve ser uma prima pobre vinda do interior. Como poderia saber?

Josine, que retirara o leque das mãos de Micheline, colocou-o diante de seu rosto.

— E ainda assim é pequeno! Esconde o rosto sem graça de uma jovem provinciana mas deixa à mostra seu vestido do século passado!

Charmiane aprendera a evitar discussões, e mais ainda brigas ruidosas, coisas extremamente reprováveis quando se é uma verdadeira dama. Entretanto, estava disposta a enfrentar aquelas mulheres e lutar pelo leque de tante Sophie.

— Devolva-o imediatamente! — repetiu ela. Micheline ainda hesitava em ceder. Depois de perceber o estado de espírito da jovem, ela suspirou e, com uma expressão de infinito desdém, retirou o leque das mãos de Josine e fechou-o bruscamente.

— Você o quebrou! — exclamou Charmiane, ouvindo um estalido suspeito. — E foi de propósito...

— Realmente... partiu-se. — A expressão de Micheline revelava um tédio profundo agora que a brincadeira perdera o interesse. — Foi um acidente, desculpe-me.

As mãos de Charmiane tremiam ao abrir o precioso leque. Uma das delicadas varetas se partira e pedaços de marfim caíram no chão aos seus pés. Ela lutou para não perder o controle. Talvez tivesse sido um acidente, e, além disso, fora bem educada demais para provocar um escândalo. Mas Armand não se enganara! Aquelas mulheres eram grosseiras e vulgares!

Ao virar o rosto para esconder seus sentimentos das jovens que continuavam a rir, Charmiane viu Montcalvo surgir à sua frente com uma taça de champanhe nas mãos.

— O que está acontecendo por aqui?

— Meu leque — murmurou Charmiane sem fitá-lo. — Está quebrado.

— Ora! Foi um pequeno acidente, monsieur le baron... — Micheline sorria sedutoramente para ele, ignorando Charmiane. — Tenho certeza de que nos conhecemos, mas esqueci o seu nome, querido barão. É uma das fraquezas femininas...

— Você o quebrou? — ele a interrompeu, indiferente ao encanto proposital de Micheline.

— Como já lhe disse, foi um acidente e bastante previsível. Basta olhar para este pobre leque, tão velho e decrépito. Eu mal o toquei e ele partiu-se entre meus dedos.

— Este leque foi a única lembrança de uma época feliz que tante Sophie não precisou vender.

Embora os lábios se curvassem num sorriso, os olhos de Montcalvo refletiam de novo a frieza inquietante dos lagos gelados dos Alpes. Então, com um gesto lento e deliberado, virou a taça de champanhe no decote do vestido de Micheline.

Chocada demais, a jovem não conseguiu nem gritar, e depois de olhar, horrorizada, para a mancha que se espalhava pelo corpete do vestido, viu Montcalvo curvando-se polidamente à sua frente.

— Mil perdões, senhora. Foi um acidente. — Ele voltou-se para Charmiane. — Não se preocupe, com o leque. Eu mandarei consertá-lo. E agora, madame de Chevrillon de Viollet... vamos tomar uma taça de champanhe.

Aquela atitude imprevisível, que aristocrata algum ousaria tomar, aumentou o fascínio de Montcalvo. Os olhos de Charmiane cintilavam enquanto o acompanhava através do salão, ouvindo os gritos de Micheline que finalmente recuperara a voz.

Então, soaram os primeiros acordes do hino nacional e, abrindo as portas, os arautos anunciaram a chegada de suas majestades. Napoleão e sua imperatriz, a arquiduquesa austríaca Marie-Louise, entraram no salão, seguidos por um cortejo.

O imperador usava seu tradicional uniforme de lã azul, sem nenhum adorno a não ser as dragonas douradas de oficial e algumas medalhas. A sua simplicidade austera chamava mais atenção do que o luxo e a elegância dos homens ao seu redor com suntuosos trajes de noite, muito enfeitados com renda dourada ou gravatas de seda presas por alfinetes de brilhante. Ele estava com quarenta e dois anos e começava a perder o talhe esguio de sua juventude. Entretanto, os olhos azul-acinzentados continuavam penetrantes e alertas, os passos firmes e rápidos. Napoleão Bonaparte conservava o magnetismo e jamais passaria despercebido mesmo entre monarcas de sangue azul.

A imperatriz mal conseguia acompanhar o marido e o contraste entre suas figuras chegava a ser cômico. Bem mais alta e muito mais jovem, Marie-

Louise tinha a aparência de uma criança indolente e mimada. Os olhos de um azul esmaecido não refletiam o brilho da vivacidade nem da inteligência e o rosto cheio e corado lembrava o de uma camponesa bem nutrida.

Observando a entrada dos imperadores, Charmiane pensou em Armand e teve de controlar o riso. Ainda bem que seu irmão fora embora! Ele se recusaria a admitir que o "camponês dos confins da Córsega" tinha uma postura muito mais majestosa do que Marie-Louise de Habsburg, nascida em uma das dinastias mais poderosas do mundo!

Charmiane achava difícil partilhar e até mesmo entender o ódio que Armand devotava ao imperador. Afinal, Napoleão não provocara a queda da Monarquia! A Revolução tomara conta de todo o país quase uma década antes de sua aparição no cenário político. Sem dúvida fora uma tragédia, como também o Reino do Terror, uma mácula que jamais se apagaria da História da França.

Ela não duvidava que esse regime, sem tradições ou raízes, era apenas temporário e logo a vida voltaria ao normal. De alguma forma, Napoleão se afastaria do governo da França e a Monarquia Legítima seria restaurada. Então, os nobres reaveriam as honras, as terras e os títulos. Charmiane também recuperaria seu lugar de direito na sociedade, um lugar para o qual fora treinada desde o berço.

Mas, enquanto se esperava pelas mudanças por vir, por que não se entusiasmar com a alegria dos bailes ou sentir a emoção de estar no mesmo aposento que Suas Majestades?

Fascinada, Charmiane acompanhava com o olhar a caminhada do cortejo imperial através do salão. Ao notar a frequência com que Napoleão se detinha para cumprimentar os convidados, dos mais imponentes aos mais humildes, ela voltou-se para Montcalvo, parado ao seu lado.

— Ele sempre é tão simpático e comunicativo?

— Napoleão é um homem excepcional. Jamais se esquece de uma fisionomia ou de um nome. Você precisava vê-lo num campo de batalha, tranquilizando o mais humilde dos recrutas! Um exército de meio milhão de soldados não entrega sua lealdade absoluta a qualquer um. Ele oferece a seus homens a esperança da glória, a honra de lutar sob seu comando e seu orgulho de vencer em nome da França. Todos o seguem cegamente, certos da vitória.

Contagiada pela veemência de Montcalvo, Charmiane desejou ardentemente conhecer aquele líder que despertava a devoção de milhares de homens.

— Ele ficará até o jantar ser servido?

— Não creio. Napoleão só comparece a reuniões festivas por exigências do protocolo. Agora a família real mudou-se das Tulherias para o palácio de Meudon, o que implica uma longa viagem de volta. Além disso, há muito trabalho à espera dele!

— Mas... trabalhar tão tarde da noite?

— Não se iluda com essa cena de alegria festiva, porque a guerra não demorará a chegar... com todos os horrores que acompanham os grandes conflitos. Tenho certeza de que Napoleão passará a noite resolvendo problemas de extrema gravidade.

— E a imperatriz partilha das preocupações do marido?

— Marie-Louise? — Montcalvo deu uma gargalhada. — Você não morava na França por ocasião do casamento e por isso ignora o que as más línguas diziam a respeito dela. Deram-lhe o apelido de "bela novilha", e o próprio Napoleão declarou que estava se casando com um "útero fértil"!

— Está brincando comigo — murmurou ela, enrubescendo diante da franqueza rude de Montcalvo. — Não acredito!

— Pois é verdade. Napoleão queria um herdeiro e para isso precisava de uma esposa jovem e fértil para substituir Josephine. Embora Marie-Louise seja tratada com afeição, não ocupa um lugar importante na vida do marido. Cumpriu seu dever, deu-lhe um filho, o rei de Roa.

— É possível que um homem escolha uma esposa apenas por esse motivo?

Charmiane assustou-se ao presenciar a transformação na fisionomia de Montcalvo. Seus olhos ficaram distantes e muito frios, como se a comunicação entre suas almas e pensamentos tivesse sido bruscamente cortada.

— Um homem precisa pensar em herdeiros, em deixar um filho para perpetuar seu nome.

— E você? — perguntou Charmiane com meiguice. — Também pensa assim?

— Só Deus sabe quantos bastardos eu gerei, entre Nápoles e o Danúbio, mas nenhum deles usa o meu sobrenome. — Ele deu uma risada amarga, — Você chocou-se com minha franqueza. Sou rude demais para servir-lhe de companhia, devia ter ido embora com seu irmão.

— Eu apenas estava imaginando que... a sua vida deve ser muito solitária.

— Sou um soldado, escolhi minha carreira e tenho de aceitar essa vida.

— Sem arrependimentos?

Ele a fitou sem responder. Os olhos azuis refletiam serenidade e ternura. Charmiane estremeceu quando Montcalvo roçou levemente seu rosto com a ponta dos dedos. Ele sabia que sua expressão revelava o desejo de uma carícia mais íntima, a vontade incontável de entregar-lhe o coração.

— Não... — Ele recuou, tenso e com o olhar novamente distante. — Não me arrependo da escolha que fiz e... se quiser ser apresentada a Napoleão, é melhor acompanhar-me.

Ela o seguiu em direção ao cortejo que agora estava no centro do salão. Apesar de rodeado por um grupo de cortesãos, Napoleão viu Montcalvo e, afastando-se da imperatriz, aproximou-se.

— Coronel Bouchard... É sempre um prazer encontrá-lo. — Ele sorriu para Charmiane que, após fazer uma graciosa reverência, fitava-o fascinada. — Quem é esta bela jovem?

— Posso apresentar-lhe madame de Chevrillon de Viollet, majestade?

— Sem dúvida. De Viollet? — Napoleão virou-se para seu secretário. — Nós conhecemos esta família, Méneval?

— Não, majestade. São aristocratas e viviam no exílio até pouco tempo atrás.

O sorriso satisfeito de Napoleão não surpreendeu Charmiane. Até ela, que voltara tão recentemente a Paris, sabia que o imperador sentia-se lisonjeado em conviver com as antigas famílias nobres.

— Seja bem-vinda à França, madame de Viollet.

Ela agradeceu num fio de voz. O magnetismo de Napoleão era mais intenso do que Charmiane imaginara e até o ligeiro sotaque italiano, um vestígio de sua juventude na Córsega, aumentava seu fascínio.

— Nós notamos, com muita alegria, que o seu nome, Viollet, está presente em nossos emblemas. A violeta é uma flor encantadora e a coincidência é um bom augúrio. Nós precisaremos da proteção dos deuses, minha cara jovem. — Ele voltou-se para Montcalvo com uma expressão preocupada. — Vai começar de novo, coronel Bouchard. Os russos nos forçarão a tomar uma decisão trágica. Infelizmente.

— Estarei de prontidão, majestade.

Napoleão colocou o braço sobre os ombros de seu coronel, como se ambos fossem oficiais da mesma patente, encontrando-se num campo de batalha.

— Vocês sempre estão a postos e prontos a dar tudo de si mesmos.

— Nós nos esforçamos, majestade.

Então Méneval aproximou-se e, inclinando-se, sussurrou algo no ouvido de Napoleão. Ele virou-se para Marie-Louise, que o fitava com a expressão petulante.

— Ah! A imperatriz não está se sentindo bem? Mon Dieu! Ela sempre está indisposta! Diga-lhe para jogar as pílulas, abandonar os tratamentos exóticos e comer menos tortas cobertas de creme. Bem... todos nós temos problemas, não é? Precisamos levar madame para casa, Méneval. — Ele piscou maliciosamente para o secretário. — Restam-lhe forças para trabalhar algumas horas, meu fiel ajudante?

A saída inesperada do imperador provocou um verdadeiro tumulto no salão, pois todos queriam acompanhar o cortejo real até a porta. Quando a calma voltou a reinar, Charmiane sorriu brevemente para Montcalvo.

— Então? Agora podemos tomar o tão esperado champanhe, monsieur le baron?

— Se você não se sente insultada por estar na companhia de alguém que

não pertence à aristocracia, eu preferia que me chamasse de Bouchard. Recebi esse nome ao nascer e é o único que tem algum significado para mim. Paguei com sangue, nos campos de batalha, pelo direito de usar o título de barão Montcalvo, mas nunca me considerarei um nobre. A não ser que você se importe com esse tipo de distinção, é claro...

O único desejo de Charmiane era afastar a dúvida e a insegurança que toldavam o azul intenso daqueles olhos fascinantes.

— Eu também prefiro usar seu verdadeiro nome... monsieur Bouchard.

Com um sorriso nos lábios, ela preparava-se para usufruir cada momento daquela noite de sonho. Os dois continuariam juntos, dançando, comunicando-se através dos olhares, esquecidos do resto do mundo. Charmiane não previra que as atenções de Napoleão a haviam transformado em alguém muito especial. Em segundos, uma multidão de jovens a rodeou. Amigos de Bouchard, desconhecidos curiosos e cortesãos ambiciosos queriam ser apresentados à fascinante criatura que conquistara o interesse do imperador.

Quando o conde de Géraud convidou-a para dançar, Charmiane hesitou. Seria impossível negar depois de ter passado metade da noite nos braços de Bouchard. E ele, apesar da expressão contrariada, não tomou nenhuma atitude para impedir que um outro homem a monopolizasse.

Por que ele não demonstrava a todos que a queria ao seu lado?

Charmiane lutou contra a angustiante sensação de que tudo não passara de um sonho. Ela criara sua própria magia, uma ilusão provocada por um excesso de romantismo, pela alegria febril do ambiente e aumentada pela música envolvente e um brilho de fantasia. Procurou, em vão, por um sinal de interesse ou afeição no rosto que a conquistara no primeiro olhar.

Infelizmente, os olhos azuis refletiam apenas indiferença e frieza. Ela imaginara apenas. Não se formara um elo especial, não existira uma atração recíproca...

Forçando-se a sorrir, Charmiane aceitou o convite de Géraud, permitindo que ele a conduzisse para o centro do salão. Quando seu olhar ansioso buscou a figura inconfundível do homem que roubara seu coração, não o encontrou mais.

Bouchard desaparecera, levando com ele o brilho do baile, o mistério da noite e a sua alegria. No imenso candelabro de cristal sobre a cabeça de Charmiane, uma vela se apagou. Apenas uma entre centenas, mas a penumbra apossou-se, do salão.

CAPITULO II

— O jantar será servido dentro de meia hora, madame de Viollet. Posso alimentar a esperança de ter a honra de acompanhá-la?

O sorriso de Charmiane refletia um entusiasmo que seus olhos negavam.

Fora torturante dançar com o Conde de Géraud e com os outros tantos jovens que haviam disputado sua atenção. Indiferente e desinteressada, ela se movera automaticamente, lutando para manter a expressão realizada de quem sente prazer em ser elogiada e cortejada por ardentes admiradores.

No entanto, todos eram idênticos e igualmente decepcionantes. Homens com altos títulos de nobreza, cujos modos revelavam suas origens humildes. Homens que ocupavam cargos de destaque, mas não sabiam disfarçar o desejo físico e a despiam com o olhar. Homens bem vestidos, ricos ou poderosos que a surpreendiam por sua falta de desembaraço social, por atitudes canhestras e rústicas. Por que esses mesmos defeitos não haviam diminuído a atração de Bouchard?

Já não importava saber o motivo. Ele desaparecera entre a multidão. Charmiane o procurara a cada intervalo entre as músicas, pedindo a seus parceiros que a acompanhassem de um salão a outro. Pretextando uma insaciável curiosidade pela decoração faustosa do palácio, ela percorrera todos os aposentos, tentando encontrá-lo, em vão. A noite estendia-se a sua frente, monótona e interminável. O sonho terminara.

— Então, madame de Viollet? Aceita o meu convite?

As palavras de Géraud trouxeram Charmiane de volta à realidade. Só tolos acreditam em fantasias românticas e ela comparecera àquele baile por motivos bastante prosaicos. Viera para conhecer pessoas influentes, em especial os detentores do poder na nova sociedade que decidia agora os destinos dos franceses.

Ao longo de seu entediante e ininterrupto monólogo, Géraud mencionara vários nomes importantes. Sem dúvida, quisera impressioná-la com seus relacionamentos, além de insinuar que poderia apresentá-la a Napoleão, a quem estava ligado por laços de amizade. E Charmiane viera ao baile com um objetivo definido: garantir o futuro de sua família, e não se apaixonar por um desconhecido atraente. Não adiantava sonhar com o impossível. Seu príncipe encantado fugira e a deixara sozinha.

— Será um prazer jantar em sua companhia, monsieur de Géraud.

Eufórico, ele recomeçou a discorrer sobre as maravilhosas mudanças ocorridas em Paris durante o reino do imperador Napoleão e Charmiane esforçou-se novamente para demonstrar um interesse que não sentia. Nunca encontrara ninguém tão entediante nem tão pretensioso!

Subitamente, a indiferença de Charmiane transformou-se em angústia. A sua volta, só via casais apaixonados, trocando olhares amorosos e beijos furtivos sob a proteção insuficiente de leques rendados. Entregara seu coração sem pensar na dor! Ingênua e ao mesmo tempo excessivamente impetuosa, agira com a inconsciência de um jogador que arrisca tudo em uma única rodada de cartas. Apaixonara-se ao primeiro olhar e ele a abandonara levando consigo a sua alegria, o leque de tante Sophie e... a carruagem prometida!

A beira do descontrole, Charmiane pediu desculpas a Géraud e fugiu do salão. Precisava de solidão e, descendo a escadaria principal, foi refugiar-se na sala reservada às convidadas. Enquanto lutava para conter o pranto, ela

censurava-se por sua fraqueza. Estava cedendo à autopiedade e desperdiçando lágrimas além de atormentar-se por um problema de fácil solução. Seria banal levar Géraud a implorar-lhe pela "honra" de acompanhá-la à saída do baile. E, se o beijasse ao despedir-se, teria conquistado um admirador fervoroso e, sem dúvida alguma, extremamente útil!

Agora, só precisava apagar a imagem fascinante de Bouchard de sua mente! Estava evidente que ele não dera a menor importância aos momentos mágicos partilhados naquela noite ou não teria ido embora sem sequer dizer adeus. Charmiane reconhecia sua incapacidade de fingir e imaginava que seu rosto devia ter refletido a adoração dócil de um cãozinho de estimação! Que falta de amor-próprio!

Convencendo-se de que seu sofrimento derivava do orgulho ferido e não de um coração partido, ela ergueu a cabeça, decidida a voltar para o lado de Géraud. Tinha de recuperar a auto-estima destruída pelo abandono de Bouchard.

No primeiro patamar da escadaria, um homem sussurrava palavras de amor com o rosto muito próximo de sua companheira que se apoiava em seu peito amplo. A mulher sorria, revelando o prazer de ouvir, talvez, que era a mais bela. Então ele ergueu a cabeça e a luz das velas iluminou as feições que Charmiane jamais esqueceria.

Bouchard! Agarrando-se ao parapeito da escada, Charmiane lutou para recuperar o controle. Estava perto demais para recuar, escapando daquele encontro penoso, portanto só lhe restava manter a dignidade, enfrentando-o de cabeça erguida e sem demonstrar o choque ou a mágoa que quase a impediam de respirar.

A mulher soltou-se dos braços dele e, com um sorriso e um gracioso aceno, subiu a escadaria. Bouchard acompanhou-a com o olhar e sua expressão refletia a satisfação de quem conquistou mais um coração imprudente.

Cerrando os punhos de raiva, Charmiane preparou-se para enfrentá-lo com a altivez de uma verdadeira aristocrata. Como pudera se iludir? Aquele homem não passava de um novo-rico sem berço, educação ou boas maneiras, elevado a uma posição de prestígio por uma revolução infame, com a ajuda de um imperador que se apoderara ilegalmente do trono!

Ele virou-se quando Charmiane chegava ao patamar da escada. Os olhos azuis a examinaram da cabeça aos pés e, com um sorriso de apreciação nos lábios sensuais, Bouchard bloqueou a passagem impedindo-a de prosseguir.

— Com licença, cavalheiro — murmurou ela, com uma atitude de calculada indiferença. — Deixe-me passar.

— Não.

— Seu procedimento é infantil, monsieur Bouchard. Saia da minha frente.

Para o desespero de Charmiane, ele antecipava cada movimento, frustrando suas tentativas de subir o primeiro degrau. Sentia-se à beira das

lágrimas ao constatar que o homem por quem se apaixonara há menos de uma hora fora apenas um produto de sua imaginação. O verdadeiro Bouchard se revelava agora um conquistador inveterado, insensível e de memória curta!

— Por que está agindo assim, monsieur?

— Quero dançar com você... agora.

Sem forças para continuar resistindo, Charmiane o seguiu em silêncio até o salão, já ouvindo a melodia insinuante de uma valsa e antegozando a sensação embriagadora de ser envolvida pelos braços dele. A noite recuperava a aura de magia, as luzes brilhavam com mais intensidade e não havia mais lugar para orgulho ferido ou ressentimentos tolos.

Bouchard dançava com muito mais desenvoltura do que no início da noite e seus corpos estavam muito mais próximos agora. Talvez ele precisasse de tempo para livrar-se da rigidez de um militar ou... fora a beldade de sorriso contagiante, mais sutil do que Charmiane, a responsável por essa descontração?

— Você é a mais linda de todas as mulheres aqui presentes, sabia?

— Por favor, monsieur! Eu...

— Já viu a cor do oceano pouco antes de uma tormenta?

— Eu não conheço o mar.

— É uma pena. Seus olhos lembram-me a tonalidade das águas profundas e agitadas pelo vendaval, de um verde intenso e hipnótico.

Ainda bem que a valsa estava terminando! Charmiane não queria demonstrar sua perturbação diante daquela comparação singela mas inesperadamente poética. Sem dúvida ele pedia, através de um elogio, perdão por tê-la abandonado.

— Prometeu-me esta dança, madame.

Só então Charmiane lembrou-se da existência de Géraud. Embora se reconhecesse culpada por tê-lo deixado sem nenhuma explicação, olhou para Bouchard, num apelo mudo.

— Suportarei a solidão apenas pelo espaço de uma música, minha bela dama. — Ele voltou-se para Géraud. — Devo avisá-lo, cavalheiro, que a próxima e todas as outras, até o fim do baile, são minhas.

Nunca uma dança foi tão longa nem tão difícil. Charmiane não conseguia prestar atenção na música, procurando sempre por Bouchard que, encostado à porta do terraço, acompanhava-a com o olhar. Ela tentava descobrir por que o comportamento galante, em vez de aumentar, havia diminuído seu fascínio. A aura de perturbadora masculinidade que provocava uma excitante sensação de perigo tinha desaparecido.

Charmiane não teve tempo de sorrir para Géraud quando a Valsa terminou. Bouchard já estava a seu lado e, com toda a rapidez, conduziu-a para o outro salão. Eles dançaram três músicas consecutivas durante as quais ela ouviu os elogios mais veementes de toda a sua vida.

— Eu jamais permitirei que se afaste de mim, bela dama.

— Mas já permitiu, não é? Seus elogios foram muito lisonjeiros, mas, talvez, eu tivesse apreciado mais uma reação de ciúmes enquanto estive dançando com o conde de Géraud.

Bouchard não pedira desculpas nem dera explicações sobre seu desaparecimento e Charmiane queria uma manifestação de arrependimento da parte dele. Os elogios tinham sido excessivos, mas, inexplicavelmente, desprovidos de sinceridade ou convicção.

— Ciúmes? Preferia que eu estivesse com o cenho franzido e uma expressão beligerante, prestes a brigar com todos os homens por um sorriso de seus lábios tentadores?

— Não... é claro que não. — Ela forçou-se a sorrir. — Não se importa se pararmos de dançar? Estou cansada e...

— Ou preocupada? — Ele conduziu-a até uma das janelas no fundo do salão. — Conte-me o que a perturba, minha bela dama.

O que ela poderia dizer? Que desaparecera a magia e já não havia mais o encantamento do início da noite? Que a excitação se transformara em tédio e nem o brilho sedutor dos olhos azuis nem o sorriso provocante conseguiam evocar a perturbadora emoção de ter encontrado uma alma gêmea? Teria sido apenas um sonho?

Talvez a culpa fosse dela. Ao deixá-lo de lado para dançar com outros homens, se rompera o elo criado com o primeiro olhar. Bouchard tinha sentido raiva, depois indiferença e finalmente se desinteressara. Os olhos azuis haviam perdido aquele brilho intenso, a chama da atração mútua se apagara. Agora ele tentava seduzi-la com a perícia de um conquistador hábil, mas desprovido de sentimentos genuínos.

— Não posso chamá-la pelo resto da noite de bela dama, concorda? Já dançamos tantas músicas e ainda não nos apresentamos...

— Nosso encontro foi tão desinteressante que prefere esquecê-lo?

— Eu me lembrarei para sempre do momento em que a vi, mas se souber seu nome, o repetirei sem cessar...

— Dieuf — Charmiane não controlou mais a decepção e a raiva. — Apagou também o meu nome de sua mente? Está dançando bem melhor do que no início da noite mas sua educação piorou muito, monsieur Bouchard!

— Mas... como pude ser tão cego? Eu devia ter percebido! — exclamou ele, atônito. — Nós já havíamos dançado antes. Foi quando você me disse seu nome, certo?

— E, como sua memória é muito curta, você o esqueceu! Também não se lembra do nome da mulher que estava abraçando no vestíbulo?

— Aquela mulher só queria provocar ciúmes no marido e pediu-me para ajudá-la. Por favor! Não vá embora. — Ele agarrou o braço de Charmiane, que se afastava. — Nós dançamos e, depois de olhá-la com paixão, eu esqueci o seu nome. Por acaso também pisei no seu pé ou...

— Já lhe disse que está dançando melhor.

— Mas sente falta da paixão, não é?

Rubra de vergonha e lutando contra as lágrimas, Charmiane só queria fugir dali. Sua humilhação fora completa, ele descobrira a verdade.

— Não zombe de mim.

— As circunstâncias zombam de você, não eu. — Ele tocou uma lágrima presa nos cílios negros de Charmiane.

— Entregou seu coração a um homem, bela dama, mas infelizmente não foi para mim. Percebo que quer partir, mas só a soltarei se disser o meu nome.

— Bouchard, é claro!

— O nome inteiro. Ou por acaso também esqueceu?

— Lógico que não. Monsieur Adam-François Bouchard, Barão Montcalvo. — Ela ergueu a cabeça num gesto de desafio. Esqueci qual é o cargo que ocupa no Exército.

— Pois também não me lembro. — Ele começou a rir. — Eu sou apenas um cabo.

— Chega! — exclamou Charmiane, enfurecida. — Já aguentei demais as suas tolices sem sentido.

— Espere! — Ele curvou-se graciosamente. — Você está diante de Noel-Victor Bouchard, o galante e perdulário irmão gêmeo de Adam-François, que é, lamentavelmente, o seu irmão favorito. Eu não entendo essa preferência, porque deve ter ficado com os pés em péssimas condições depois de dançar com ele.

— Não acredito! Como todos os conquistadores, você deve usar essa desculpa de "irmão gêmeo" para escapar impune dos problemas que cria.

— Acho muito estranho que Adam tenha vindo a este baile — murmurou Noel, perplexo. — Ele jamais aceita convites para festas formais.

— Por que insiste nessa história absurda?

— Como poderei convencê-la? Vejamos... a que horas você encontrou Adam?

— Logo que cheguei ao palácio. Deviam ser aproximadamente nove horas.

— E eu entrei no vestíbulo, acompanhado por minha... amiga, que tem o hábito de chegar muito tarde a todos os bailes, às onze e meia. Ela poderia desfazer este mal-entendido, mas seria muito indelicado interromper sua ardente reconciliação com o marido.

Charmiane ainda não conseguia acreditar naquela história fantástica. Gêmeos? E a sua intuição? Como pudera confundir o homem com quem sonhara toda a sua vida com outro, ainda que idênticos? Entretanto, se fosse verdade, explicar-se-iam as mudanças de comportamento e a inexplicável desaparecimento do fascínio que se criara entre eles após trocarem o primeiro olhar.

— Esta situação jamais ocorreria se estivéssemos de uniforme. Você ficaria fascinada com as dragonas douradas e as condecorações do coronel Bouchard! Não notou uma fita vermelha na lapela de Adam? É a medalha da Legião de Honra.

— Não, eu...

Charmiane calou-se, rubra de vergonha. Como confessar que não vira nada a não ser os magníficos olhos azuis, a boca sensual e o rosto másculo de Adam?

— Bem, é possível que meu irmão, sempre modesto demais, não a esteja usando.

— Ainda não consigo acreditar. Vocês são idênticos!

— De modo algum. Adam está sempre zangado e eu sempre sorrindo! Talvez seja por esse motivo que ele tem mais sucesso!

— E vocês dois escolheram a carreira militar? É muita coincidência.

— Eu não precisaria me alistar, porque as leis de recrutamento dispensam quem tem um irmão servindo o Exército. Passei alguns anos viajando, conhecendo a imensidão da América, o luxo e o exotismo da Índia, o oceano Pacífico. Adoro a liberdade dos grandes espaços.

— E por que mudou de opinião?

— Adam ficou rico no Exército e julguei que seria uma boa idéia seguir os passos dele. Alistei-me há cinco anos e ainda estou perseguindo a tão sonhada fortuna. Qualquer dia eu me canso de esperar e vou criar cavalos na América. Mas chega de assuntos sérios! Não compreendo como uma criatura tão bela e frágil possa preferir meu taciturno irmão. Eu sou muito mais simpático!

Charmiane sorriu, finalmente admitindo que Noel possuía um encanto especial. Ela se ressentia com seu comportamento galanteador, porque conflitava com a imagem de Adam que permanecia gravada em sua mente.

— Eu mal os conheço, portanto seria impossível ter preferências.

— Então ainda me restam esperanças de conquistá-la. Só preciso saber quem você é, bela dama.

— Madame Charmiane de Viollet.

— Casada?

— Não, sou viúva.

— Ah! Que sorte tem meu irmão! A charmosa Charmiane dispõe da invejável liberdade que a sociedade concede às viúvas. — Os olhos de Noel refletiam agora desejo e volúpia. — Eu gostaria de beijar seus lábios tentadores... posso levá-la para casa?

Preocupada com o rumo da conversa, Charmiane tentou desviar o assunto.

— Deve ter conhecido muitas viúvas... livres, não é? Com tanta guerras, as mulheres...

— Por favor! Responda à minha pergunta. Terei o prazer de levá-la para casa?

— Não sei. Adam... — Ela torceu as mãos, ansiosa. — Ele...

— Talvez seja o momento de revelar-me a verdade. — Noel a fitou afetuosamente. — O que houve entre você e meu irmão?

— Nada! Nós dançamos e ele disse que me levaria para casa. Então... desapareceu. Fui dançar com o conde de Géraud e não o encontrei mais. Foi só isso...

— Não é verdade, minha querida. Você não sabe fingir, seu rosto revela todos os seus sentimentos com uma clareza cristalina.

— Oh, Deus! — Charmiane colocou as mãos sobre as faces coradas. — É tão ridículo!

— Pelo contrário! Tenho certeza de que Adam ficou fascinado com essa ausência de dissimulação.

— Verdade? — Ela se arrependeu imediatamente de ter sido tão impulsiva. Quando aprenderia a ser mais comedida?

— O meu irmão nunca teve tempo ou vontade de frequentar a sociedade. Não consegue se expressar com facilidade, principalmente com belas mulheres. Não encontra as palavras certas nem para falar sobre os assuntos mais banais. Sem dúvida, ele adorou ler os pensamentos e as emoções em seu rosto, sem precisar de palavras.

— Então, por que... — Diante da impossibilidade de esconder seus sentimentos, Charmiane abriu-se com ele: — Por que Adam me abandonou?

— O pobre Adam tem outro defeito grave... é tolo demais! Droga! — explicou ele, contrariado. — O maldito Géraud nos encontrou. Vamos procurar um outro salão para dançar.

— Mas é tarde. Eu...

— Por favor, dance comigo. — Ele tocou o rosto de Charmiane com a ponta dos dedos. — Você é a mulher mais encantadora que já encontrei em toda a minha vida. Tentarei convencê-la a esquecer-se de Adam e me entregar seu coração.

Charmiane estremeceu ao perceber que a carícia dele a perturbara. Talvez não fosse tão insensível aos encantos de Noel quanto julgara.

— Bouchard! — Um homem corpulento e de rosto vermelho parou diante deles, sorrindo maliciosamente. — Ouvi dizer que você perdeu a aposta. A... dama recusou seu pedido, não foi?

— Não diga mais nenhuma palavra sobre esse assunto, Perrachon. A não ser que pretenda perder a sua preciosa vida.

— Que situação humilhante! — continuou Perrachon, desafiando-o. — Dizem que essa mulher já recebeu, muito calorosamente, metade da população masculina de Paris. E recusou você?

Com uma agilidade inesperada em um homem tão alto, Bouchard

agarrou seu interlocutor pelo peitilho da camisa e ergueu-o no ar.

— Eu lhe disse para calar a boca! Suma da minha frente, porque, se nos encontrarmos de novo, será para marcar a data do duelo!

Perrachon perdeu a cor e, depois de ajeitar as roupas com as mãos trêmulas, desapareceu por uma das portas do salão com a rapidez de um rato. Bouchard voltou a encarar Charmiane, sorrindo como se nada de anormal tivesse acontecido.

— Devo-lhe algumas explicações, charmosa. Não sou um jogador inveterado nem um libertino. Essa aposta foi entre o nono e o décimo conhaque num ato impulsivo do qual me arrependi. A dama recebeu-me e com muito ardor mas seria muito grosseiro se eu contasse a verdade, manchando a reputação da pobre criatura já tão difamada pelas más línguas.

— Então preferiu perder a aposta?

— Exatamente. Essa atitude cavalheiresca custou-me muito dinheiro. Uma aposta insensata e um gesto sentimental ao extremo, mas eu sou assim e duvido que consiga mudar. Eu a desapontei, não é?

Charmiane não respondeu, porque não sabia mais no que acreditar. Aquele homem só podia ser Adam Bouchard! Por que inventaria essa história absurda? Depois de quase convencê-la de que era Noel, o irmão descontraído, ele se traía diante de Perrachon. Revelara seu temperamento forte e um cavalheirismo que talvez preferisse esconder. O herói de seus sonhos tinha um senso de humor cruel demais!

A orquestra começou a tocar uma valsa e Bouchard a tomou nos braços. Mas agora Charmiane estava tensa, decidida a não se abalar com o contato físico e perder a lucidez. Também não se sentia disposta a conversar com o homem que se divertia enganando-a tão friamente.

— Você continua perturbada — murmurou ele após um longo período de silêncio mútuo. — Não se sente à vontade dançando comigo?

— Não é isso. Estou cansada e...

— Você amava seu marido, Charmiane?

— Monsieur Bouchard! A sua pergunta chega a ser ofensiva! É de se esperar que uma mulher...

— Eu não lhe perguntei o que se deve ou não esperar de uma esposa. Perguntei se o amava!

Charmiane já não se atrevia a mentir, sabendo que seu rosto revelaria a verdade. Sua única saída seria evitar uma resposta direta.

— Por que quer saber?

— Detestaria descobrir que você amou um outro homem. Estou com ciúmes.

— Ciúmes? Não acredito em você! Aliás, tenho uma desagradável sensação de estar sendo deliberadamente enganada...

— Talvez eu tenha usado uma palavra forte demais. Eu quis dizer que

gostaria de ser o primeiro, de ensiná-la a amar.

— Pare! — Ela não se conteve mais. — Não aguento mais a sua dissimulação, monsieur le baron.

— Deus do céu! Você ainda tem dúvidas? Não acreditou em nada?

— E como poderia? Só ouvi mentiras desde que nos conhecemos!

— Pois eu só falei a verdade. Quero beijá-la...

— Chega! Leve-me para casa.

Charmiane parou de dançar e, cruzando os braços, encarou-o friamente. Desanimado, ele começava a conduzi-la para a porta quando sua expressão se transformou.

— Estou salvo! — Ele tomou-a novamente nos braços e, ignorando os protestos de Charmiane, recomeçou a dançar. — Venha comigo, bela dama, e veja quem está parado junto à lareira.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela, atônita. — É...

— É o meu irmão Adam-François em carne e osso. E, como sempre, zangado.

As dúvidas de Charmiane se desfizeram. Estava diante do seu Adam, do homem que conquistou seu coração. Reconhecia o brilho único daqueles fascinantes olhos azuis que a seguiam pelo salão.

— Agora acredita em mim, bela dama?

— Eu fui muito tola. Acusei-o injustamente, mas...

— Não se preocupe com isso. Está perdoada!

— ...vocês são idênticos!

— Só para as pessoas que não nos conhecem intimamente. Há uma infinidade de diferenças nos gestos, expressões e até mesmo nos traços faciais. Com o tempo, você conseguirá percebê-las.

— Mas desde já posso diferenciar Adam pela expressão severa, o cenho franzido e o olhar zangado, não é? — Charmiane deu uma risada de felicidade. — São sinais inconfundíveis.

— Sem dúvida. Eu raramente fico bravo. Mas a raiva de Adam, neste momento, é dirigida contra mim e por um motivo específico. Conquistei uma mulher que ele... conhecia muito bem!

Charmiane assustou-se com a angústia que as palavras de Noel provocavam nela.

— Adam... estava apaixonado por essa mulher?

— Não mais do que eu estava. Adam ama as mulheres com a intensidade dos soldados. Nós temos de viver o momento presente, aproveitar todas as oportunidades e depois esquecer. Mas, a julgar por sua expressão de fúria, meu irmão não conseguiu vencer, como sempre, a luta contra o ciúme.

— Por que teria perdido a batalha contra essa emoção que se origina em

sentimentos mais profundos?

— Você não adivinha, charmosa Charmiane? — Noel deu uma risada maliciosa. — É por sua causa! Vejo em seu olhar que, desta vez, o coração de Adam foi seriamente atingido. Acho que ele se enamorou de uma bela damal

— Se fosse verdade, ele sentiria vontade de dançar comigo. — Charmiane tinha medo de acreditar em Noel e se entregar a uma alegria improvável. — Não permaneceria sentado, com uma expressão que, além da raiva, reflete indiferença.

— Sempre que Adam sente-se ameaçado, fica com raiva e por vezes até agressivo. É o jeito dele. Quando éramos meninos, meu irmão salvou-me de um afogamento. Pensou que eu já estivesse morto, mas, mesmo assim, levou-me até a praia. Assim que recuperei o fôlego, ele agrediu-me com uma violência inesperada. Comporta-se com aspereza para esconder seus sentimentos. Como pode preferir um homem tão rápido? Sou muito mais simpático, não acha?

Por uma fração de segundos, Charmiane teve a impressão de que Noel também não se sentia à vontade revelando seus sentimentos. Talvez ele não fosse tão despreocupado quanto queria demonstrar.

— É um crime contra a natureza — insistiu Noel. — Adam jamais lhe fará elogios, não dirá que sua beleza eclipsa a das outras mulheres. Nunca irá comparar o negro dos seus cabelos às noites sem lua, nem a palidez perfeita de seu rosto às conchas de madrepérola banhadas pelo luar. Você não saberá que sua pele cálida pede para ser acariciada... Pense melhor antes de entregar seu coração...

A intuição de Charmiane não falhara. A descontração e a aparente autoconfiança de Noel escondiam a insegurança e o desejo de ser amado. Mas ainda queria Adam! Apesar dos elogios e da galanteria, preferia o irmão que não desperdiçava sorrisos. Adorava a expressão de zanga, a testa franzida e, principalmente, o brilho perigoso dos olhos azuis, revelando a força arrasadora de suas paixões.

Entretanto, eram os braços de Noel que a envolviam e eram os seus olhos azuis que a fitavam à espera de uma resposta. Então, Adam caminhou em direção do terraço e, despedindo-se dela com um olhar de raiva, desapareceu na escuridão da noite.

— Estou esperando sua decisão, bela dama. Já escolheu qual dos dois irmãos merece o seu amor?

Charmiane nunca imaginaria que se sentiria grata pelas atenções de Géraud. Ela precisava de algum tempo para pensar e considerou bem-vinda aquela interrupção.

— Esqueceu-se de sua promessa, madame! O jantar foi servido.

— Lógico que não me esqueci, monsieur Géraud. — Ela sorriu para Noel. — Vem conosco, monsieur Bouchard?

— Eu jantei antes de vir para o palácio. Irei para os salões de jogo. — Beijou a mão de Charmiane. — Até mais tarde.

O jantar estava sendo servido no salão da Paz e uma multidão rodeava as imensas mesas cobertas por todo tipo de pratos requintados. A luz das centenas de candelabros aumentava o brilho da porcelana e das baixelas de prata e um alegre burburinho mesclava-se ao som dos cristais.

Sem prestar a menor atenção ao monólogo de Géraud, Charmiane culpava-se por não ter seguido Adam. Depois de reencontrá-lo, o deixara partir sem que trocassem uma única palavra e talvez nunca mais se vissem de novo. A possibilidade de perdê-lo para sempre obrigou-a a tomar uma decisão.

— Eu estou um pouco indisposta, monsieur le comte. Acho melhor não comer nada ou talvez seja obrigada a retirar-me mais cedo.

— Mas... quer que eu a acompanhe até um sofá?

— Não, por favor. Não se prive de um jantar tão magnífico por minha causa. — Charmiane começou a afastar-se na direção da porta do salão. — Vejo-o depois...

Charmiane já estava quase chegando às portas do terraço quando viu seu rosto refletido em um imenso espelho. Ela mal se reconheceu na jovem pálida cujos olhos revelaram ansiedade e excitação. Como podia ser tão tola, tão romântica?

Adam a rejeitara duas vezes, abandonando-a sem pensar em seus sentimentos. Não deveria confiar nele e, no entanto, fugira do baile para procurá-lo, num impulso insensato. Estava procurando sofrimento e dor, mas seguiria as ordens de seu coração, sem pensar nas consequências desastrosas.

Apesar da lua cheia, o terraço estava coberto pelas sombras. As plantas nos vasos assemelhavam-se a desenhos em nanquim, contrastando com a brancura prateada das balaustradas. Era uma noite quente para o início de abril e a brisa que despenteava os cachos de Charmiane recendia a primavera. Ela sentia o cheiro da terra cálida e dos brotos verdes que cobriam as árvores, dos jacintos, crisântemos e dos castanheiros cobertos de flores.

A vista do terraço era magnífica. No jardim das Tulherias, o luar iluminava os impecáveis canteiros, os pequenos bosques e as fontes de mármore. Além das copas das árvores, abria-se a ampla avenida Champs-Élysées com a imponente estrutura do novo Arco do Triunfo, ainda envolto por andaimes.

Um cenário perfeito, mas deserto. Charmiane, o Arco e a noite perfumada estavam unidos em sua solidão. A própria beleza perdia seu impacto quando não havia ninguém com quem partilhá-la.

— Adam?

As lágrimas deslizavam pelo rosto de Charmiane. Devia ter corrido atrás dele no momento em que o vira sair. Devia ter recusado o convite de Géraud indo atrás do único homem que a faria feliz.

— Oh, Adam. — A voz de Charmiane, agora mais alta, ecoou pelo terraço silencioso. — Onde está você?

Uma sombra moveu-se no meio das árvores junto à balaustrada. Adam surgiu diante dela, com o luar prateando seu rosto. Trêmula, Charmiane

esperava, dividida entre o medo, a excitação e uma incontrolável euforia. Então sentiu-se flutuar, presa por braços fortes que a erguiam no ar.

— Beije-me, Adam — murmurou ela, rodeando-lhe o pescoço com os braços.

Charmiane não precisaria ter pedido por um beijo. A boca de Adam se apoderou da sua antes de o som de suas palavras perder-se no ar perfumado da noite.

CAPÍTULO III

Um simples beijo, a mais doce das carícias, conduziu Charmiane a um mundo até então desconhecido. Ela jamais sonhara que lábios pudessem se tocar com tanta ânsia, nunca sentira um desejo tão intenso. A noite de festa e o brilho do baile foram esquecidos e só existia agora o luar, o homem que a beijava com paixão, e as mãos possessivas queimando sua pele através do cetim do vestido.

Naquela noite ela descobriu a força do desejo. Os corpos muito juntos se tocavam com uma intimidade perturbadora. A primeira reação de Charmiane foi de surpresa, depois de medo e finalmente de excitação. Adam revelava através das carícias sôfregas a urgência de possuí-la.

Charmiane nunca fora tão desejada por um homem nem sentira seu corpo vibrar em resposta a uma paixão desenfreada. Henri tinha sido um marido indiferente e ao mesmo tempo brutal. Ordenava-lhe que o esperasse na cama e a possuía com rapidez e violência. A mera satisfação de uma necessidade física não exigia carícias, dispensava beijos.

Mas a boca, as mãos e o corpo de Adam revelavam que ele a desejava ardentemente. E, naquele momento, Charmiane despojou-se de todos os seus princípios, ávida por entregar-se à paixão. Só o medo de uma recusa a impediu de pedir a Adam que não esperasse mais para possuí-la.

Então ele rompeu o contato inebriante de seus corpos e seu rosto refletia uma raiva inesperada.

— Agora você vai correr de volta para o meu irmão, não é?

— Todo o tempo eu pensei que estivesse com você.

— Até descobrir que ele é muito mais simpático. Noel sabe encantar as mulheres, e, sem dúvida, você prefere um companheiro sorridente e lisonjeador.

— Por favor, Adam! Eu estou aqui, com você. Será que é cego? Não entende?

Embora os olhos de Adam estivessem na sombra, Charmiane sentiu que ele examinava seu rosto para confirmar sua sinceridade.

— Venha — murmurou ele finalmente. — Vamos até o jardim.

Durante o dia, o imenso e bem cuidado jardim das Tulhérias ficava

aberto ao público e uma multidão desfilava pelas aléias de cascalho branco entre os canteiros floridos. Os portões eram fechados ao cair da tarde e agora só o murmúrio de algum pássaro noturno rompia o silêncio.

Os dois se afastaram do palácio, de mãos dadas, em busca da proteção dos bosques românticos. A música agora era suave, ouvia-se apenas o sussurrar das folhas agitadas pela brisa e a melodia cristalina de uma infinidade de fontes. O perfume embriagador de jacintos e crisântemos espalhava-se pelo ar. Eles não precisavam de palavras para sentirem-se unidos em meio à natureza que os acolhia.

— Eu tenho a estranha sensação de que já passeamos juntos neste jardim — exclamou Charmiane, encantada com a perfeição daquele momento. — Talvez, em uma outra vida...

— E certamente só repetiremos esta experiência em uma outra encarnação.

Charmiane sofreu ao perceber a amargura presente na voz de Adam, mas não sabia como consolá-lo. O seu coração, porém, transbordava de uma inexplicável alegria.

— Esta é a noite mais linda de toda a minha vida. Só seria mais perfeita se você não tivesse me deixado sozinha por tantas horas. Por que desapareceu quando fui dançar com Géraud?

— Resolvi imitar meu irmão e arriscar minha sorte no jogo. Uma perda de tempo...

— Você... estava com raiva de mim? Foi por isso que me abandonou?

— Eu não a abandonei! Prometi-lhe que a levaria para casa e não costumo quebrar minha palavra.

— E por que não ficou comigo até a hora de irmos embora?

— Achei que você preferia a companhia dos outros.

— Como pôde pensar assim? — exclamou Charmiane, à beira das lágrimas. — Não percebeu que eu só desejava ficar com você? Por que me deixou?

Havia tanta angústia na voz de Charmiane que Adam parou de caminhar. Raios de luar infiltravam-se por entre os galhos dos castanheiros, formando arabescos prateados e iluminando os olhos dela, brilhantes de lágrimas contidas.

— Mon Dieu! — murmurou ele, fascinado. — De onde você surgiu? Por que não a encontrei quando eu ainda acreditava na felicidade?

Adam a tomou nos braços e, desta vez, o beijo refletia uma ternura infinita. Era uma carícia amorosa que celebrava o elo que se formara entre eles e prenunciava o nascimento de uma emoção verdadeira e perene.

— Noel disse que você foi um tolo e não devia ter me deixado sozinha.

— E meu irmão nunca foi tão sábio!

— Então.... está feliz por termos nos encontrado de novo?

— Muito. Ainda bem que você tomou a iniciativa e me seguiu até o terraço.

Agora Charmiane não precisava mais conter sua felicidade. Sentia-se livre de todos os problemas, leve como um pássaro e queria dançar com os braços erguidos para a lua, cantando em voz alta sua alegria de viver.

— Venha! — Puxou Adam pelo braço. — Quero que o luar ilumine o seu rosto.

— Por quê??

— Assim posso ver sua expressão zangada.

— Sou tão intratável assim?

— Bem, as semelhanças entre você e seu irmão não incluem o mesmo temperamento!

Soltando a mão de Charmiane, Adam afastou-se. Na aléia circular, sem a proteção da sombra do pequeno bosque, o luar iluminava seu rosto severo. Ela precisou correr para alcançá-lo, ansiosa por desfazer o mal-entendido.

— Sinto muito se não sei sorrir, madame.

— Eu tenho alegria suficiente para nós dois. — Impulsivamente, ela acariciou a testa de Adam. — E adoro o luar! O mundo fica mais bonito vestido de prata. Ah, eu gostaria de ser Diana, a deusa da lua, para envolvê-lo com meus frágeis raios de luz.

— Acredita no feitiço da lua? — perguntou ele, franzindo o cenho.

— Mas é claro! Você será conquistado pelos sortilégios de Diana, que também é caçadora. Senti minha flecha de prata em seu coração?

Cedendo a emoções muito fortes e jamais sentidas antes, Charmiane deixou-se levar pelo instinto e abraçou Adam. Ele se esquivou, fitando-a com um olhar preocupado.

— Você é uma criança sem juízo. Não sabe o que está fazendo.

— Engana-se, Adam. Eu sei perfeitamente bem.

— Ainda é muito jovem e... já não há mais tempo.

— Se não acredita que eu seja uma mulher madura, trate-me como uma criança. Quero que você partilhe das minhas fantasias infantis. — Sorrindo, Charmiane puxou-o para junto de uma fonte de mármore, rodeada por um tapete de grama aveludada. Um jato de água erguia-se acima da cabeça de um grupo de ninfas nuas e as gotas brilhavam como diamantes.

— Ajude-me! — pediu ela, apontando a beirada da fonte. — Quero dançar sob a chuva.

— É loucura, o luar afetou seu juízo! — resmungou Adam. — Vai cair e...

— Não, eu sou muito ágil! Veja.

Soltando a mão de Adam, Charmiane moveu-se com gestos graciosos sobre a estreita mureta de mármore. O vento, agora mais forte, prejudicava seu equilíbrio e, mudando a direção dos respingos, começava a molhar o tecido

muito leve do vestido. Quando ia pedir que ele a ajudasse a descer, uma lufada súbita obrigou-a a jogar-se nos braços que se estendiam, prontos para ampará-la.

— Eu não disse? — murmurou ele, relutante em soltar o corpo vibrante de Charmiane. — Você enlouqueceu!

— Olhe para mim! Estou ensopada!

O riso espontâneo de Charmiane se transformou em um suspiro de prazer. Adam estava muito próximo e, com um lenço de linho, começou a secar o seu rosto. Ela fechou os olhos, entregando-se à magia das mãos que a tocavam com suavidade, deslizando pelo pescoço até chegarem aos seios.

Então, o movimento cessou. Abrindo os olhos, Charmiane viu o desejo no rosto de Adam e, guiada pelas emoções, recolocou a mão dele sobre seu seio.

— Pare. — A voz de Adam revelava sua luta para não perder o controle. — Preciso repetir que você perdeu o juízo? Não sabe o que está fazendo!

— Eu sei, querido. Por favor, acredite em mim.

Com um gesto brusco, Adam carregou-a nos braços até a proteção de um bosque. Incapaz de continuar resistindo, ele deitou-a sobre a relva macia. O corpo perfeito, mal coberto pelo cetim molhado, o enlouquecia de desejo. Cedendo à vontade de acariciar a pele quente, abriu os botões do vestido.

Charmiane sentiu a brisa fresca em sua pele. Então, as mãos de Adam percorreram seu corpo, despertando sensações inebriantes com carícias sempre mais intensas. Um gemido de volúpia escapou-lhe dos lábios quando ele apoderou-se de um mamilo sugando-o com avidez.

Adam parou por uma fração de segundo, fascinado com a beleza do corpo esguio e, ao mesmo tempo, voluptuoso. Viu no rosto de Charmiane o reflexo da urgência que sentia e não teve mais forças para refrear a paixão.

Apesar de os galhos entrelaçados criarem uma penumbra, havia luminosidade suficiente para que Charmiane se assustasse com a virilidade de Adam. Ele era muito diferente de Henri! Entretanto, já não seria possível recuar.

Foi Adam que se deteve. Imóvel, ele a fitava quase com ódio.

— Insiste em cometer esta loucura, madame? — Raiva e desejo se mesclavam em sua voz. — Quer um filho sem pai?

— Quero você, Adam! É tudo o que sei...

— Então... a loucura não será só minha... Charmiane não estava preparada para uma paixão tão devastadora. Sentia-se uma noiva em sua noite de núpcias e no limiar de um mundo desconhecido. Henri a possuía sem volúpia, provocara-lhe repulsa, tédio e finalmente indiferença. Agora descobria a intensidade do desejo de um homem na flor da idade.

A invasão do seu corpo foi repentina e atordoante. Charmiane perdeu a consciência de tudo a não ser das sensações que a paixão de Adam desencadeava. Ela sentiu-se flutuar em pleno espaço e, subitamente, ouviu

sua voz, seguida pela de Adam, ecoar no silêncio do jardim adormecido.

Adam permaneceu um longo tempo imóvel, com o rosto mergulhado nos cabelos sedosos de Charmiane. Ela também não se movia, maravilhada com a descoberta do êxtase.

— Que loucura! — murmurou ele, erguendo a cabeça para fitá-la. — Você é completamente irresponsável. Não percebe como é perigoso ser tão impetuosa?

Charmiane não respondeu. Seria difícil explicar-lhe que não agira levada por um impulso, porque sempre o conhecera e sempre o desejara. Desde o instante em que o vira, ela havia pressentido, quase previsto, esse momento de paixão em um bosque banhado pelo luar. A voz dele a embriagava, o toque de seus dedos a transformava em chama... todos os sinais anunciavam que ela encontrara o homem de sua vida.

— Charmiane?

Adam estava de pé ao lado dela para ajudá-la a levantar-se. — Acho melhor levá-la para casa. É tarde.

— Não posso voltar ao salão. — Ela tentou prender as mechas que haviam se soltado do coque. — Estou despenteada e...

— Eu a levarei até o portão da praça. — Passando um braço pela cintura de Charmiane, ele a beijou levemente na testa. — Vou buscar minha carruagem e virei buscá-la.

Charmiane sentou-se em um banco de pedra junto ao portão. Ao olhar para a ampla Place Concorde, deserta e silenciosa, foi envolvida pela tristeza. Uma noite mágica chegara ao fim. Ela perdera o coração para um Homem sobre o qual nada sabia, se entregara a um desconhecido, uma sombra que a luz do sol dissiparia. Não restaria uma lembrança doce, apenas a sensação de irrerealidade dos sonhos.

Um vento frio começava a soprar e Charmiane estava tremendo quando ouviu a carruagem se aproximar. Ela esquecera o xale emprestado no salão, seu vestido estava úmido e as luvas, presas ao cinto, completamente encharcadas. Como o instável mês de abril, ora ensolarado ora cinzento, suas emoções também oscilavam, da euforia ao mais profundo desespero.

Então Adam surgiu diante dela e Charmiane recuperou a alegria. Quanto tempo ainda teria até sua vida se transformar em uma sucessão de dias solitários?

— Por que não se agasalhou? Você está tremendo de frio!

— Esqueci meu xale no salão e não posso ir buscá-lo nesse estado. Não fique bravo comigo.

— Não se preocupe. Mandarei alguém procurá-lo e o enviarei à sua casa. Mora em Saint-Germain, não?

— É claro! na Rue de La Planche, número seis.

Como poderia ser diferente? Todos os realistas descontentes que haviam retornado à França moravam nesse bairro. A família de Charmiane também

vivia, como a maioria deles, em um apartamento pequeno e modesto nas travessas escuras do famoso Boulevard Saint-Germain.

— Qual é o caminho que você sempre usa? — perguntou Adam quando a carruagem começou a cruzar a praça. — Eu pedi ao cocheiro que fosse pela Pont de la Concorde.

Encostada ao peito amplo de Adam, Charmiane sentia um desespero crescente. A sua noite de sonho estava mesmo chegando ao fim? Tão cedo? Haviam partilhado o encantamento do primeiro encontro, um breve interlúdio de paixão e agora ele falava sobre o roteiro a ser seguido como se fosse o assunto mais importante do mundo. Era possível que a magia desaparecesse sem deixar traços?

— Nós atravessamos o Sena pela Pont Royal, que não tem mais esse nome, é claro. Os nossos mapas são anteriores à Revolução e nessa época ainda não existia a Pont de la Concorde.

— Mas é evidente. A ponte só foi iniciada depois que você partiu da França. Talvez não saiba, mas foram usadas as pedras da Bastilha para construí-la. Certamente não se lembra...

Apesar do aconchego íntimo da carruagem, eles conversavam como dois estranhos que tivessem se conhecido há pouco. Já não existia mais o casal de amantes que se entregara à paixão em um jardim perfumado e coberto de luar. Subitamente constrangida, Charmiane afastou-se de Adam, que não fez nenhum movimento para mantê-la junto a si.

— Como não? A queda da Bastilha foi no dia 14 de julho de 1789.

— Não pensei que você se recordasse da data dessa insurreição sangrenta.

— Eu nasci nesse dia, em nossa casa de Paris. Papai contou-me que, durante o parto, ele ouvia os gritos da multidão nas ruas.

— Mon Dieu! Então você tem só vinte e três anos? É jovem demais!

Com uma expressão de infinito cansaço, Adam fechou os olhos, encostando a cabeça no espaldar do assento. Essa atitude de afastamento impedia qualquer comunicação, mas, apesar do silêncio pesado, Charmiane quase chorou quando o cocheiro abriu a porta da carruagem.

— Chegamos a Rue de Ia Planche. — Ele estendeu a mão para ajudar Charmiane a descer.

— Espere! — pediu Adam, nitidamente perturbado. — Que horas são, Darnaud?

— Perto de três horas, monsieur le baron.

— Eu estou faminto. — Ele olhou para Charmiane, com a expressão tensa. — Você jantou?

— Não, mas...

— O que acha de jantarmos agora?

— Se você... bem, acho uma ótima idéia.

As esperanças de Charmiane renasceram. A sua noite de magia, talvez a única que jamais tivesse em toda a sua vida, não terminaria tão cedo.

— Aquele bistrô perto do mercado de Les Halles ainda fica aberto a noite toda, Darnaud?

— Creio que sim, monsieur.

— Então leve-nos até lá — ordenou Adam, voltando a fechar os olhos.

O silêncio intimidava Charmiane, lembrando-a que estava na carruagem de um homem sobre o qual nada sabia. Era quase um estranho e no entanto haviam se amado com paixão!

— Ficou bravo comigo, Adam?

— E por que motivo? — perguntou ele, perplexo.

— Por causa do que... aconteceu no jardim.

— Foi uma imprudência condenável, uma loucura!

— Pois eu não estou nem um pouco arrependida.

— Você é mesmo sem juízo! Ou melhor, é imatura, jovem demais para avaliar o que fez.

— Então eu acertei — murmurou Charmiane quase chorando. — Você está mesmo com raiva de mim.

— Não seja tola! — Adam a segurou com violência pelos ombros. — Simplesmente o que houve entre nós não deveria ter acontecido. Nunca, entendeu?

— Oh, meu Deus! — Agora ela já não controlava o pânico. — Você é casado!

— Não. Eu nunca tive tempo para isso. — Adam deu uma risada amarga, mas, ao fitar Charmiane, sua expressão se suavizou. — Por favor, não chore.

Adam a beijou com doçura, como quem consola uma criança magoada. Então, o suave contato dos lábios despertou novamente o desejo e as bocas se buscaram com avidez. Os dois reencontraram a mesma paixão absorvente que os envolvera no jardim banhado de luar. Não perceberam a carruagem parar e separaram-se com relutância quando o lacaio bateu à janela.

O bairro de Les Halles recebera o nome do grande mercado central de Paris, ao redor do qual se erguera. As vielas estreitas e escuras formavam um labirinto em que cocheiras e armazéns se intercalavam com bistrôs, cabarés e bares onde o vinho era servido dia e noite. Compradores e vendedores discutiam o preço das mercadorias, boêmios em busca de um local para divertir-se de madrugada gritavam com os camponeses, que bloqueavam o caminho com suas carroças cheias de verduras, enquanto tomavam um café para espantar o frio.

O movimento e o ruído nunca cessavam. Ouvia-se o ressoar dos tamancos de madeira sobre os paralelepípedos das ruas, o ranger dos carrinhos de mão carregados de frutas, cereais ou carneiros e aves abatidas. Música dissonante e vozes embriagadas vinham dos cabarés cujos

proprietários tentavam livrar-se dos últimos fregueses que finalmente voltavam para casa.

Adam conduziu Charmiane até uma construção estreita entre duas arcadas de pedra. Na sala enfumaçada no andar térreo, homens e mulheres se aglomeravam junto ao balcão ou nas três únicas mesas, rindo ruidosamente. O proprietário, com um longo avental branco e uma expressão bem-humorada apesar da hora tardia e do movimento, levou-os até o andar de cima.

— Nós queremos jantar — disse Adam, secamente. — Ainda tem algo para nos servir?

— Temos bastante sopa de cebolas. Está boa, foi minha filha que fez. Também posso lhes oferecer... — o velho de rosto amável coçou a cabeça, pensativo — ...um pedaço de pernil. E pão fresquinho com manteiga, é claro!

— É suficiente. — Adam hesitou, olhando para Charmiane. — Se for do seu gosto, madame.

A falta de desenvoltura de Adam demonstrava claramente que ele estava acostumado a tomar todas as decisões sozinho, sem consultar ninguém.

— O vinho é da Borgonha — continuou o proprietário ao ver o sorriso de aprovação de Charmiane. — E, de sobremesa... uma deliciosa torta de framboesa para a bela senhora!

— Então por que está aí parado? — resmungou Adam. — Eu quero jantar hoje, não amanhã, por isso trate de sorrir para o cozinheiro!

O velho não tomou conhecimento nem da rispidez nem da urgência de Adam. Com toda a calma, sorriu e curvou-se para Charmiane antes de sair, sem pressa, da sala.

— Eu o achei muito simpático.

— Droga! Eu não seria uma boa companhia para você nem nos meus melhores dias, mas hoje...

— É com você que eu quero estar, Adam.

— ...sinto-me ainda mais amargo — continuou ele como se não tivesse ouvido a afirmação de Charmiane. — Você vai chegar em casa depois de o sol nascer. Nada neste mundo apressará o nosso sorridente anfitrião. Só espero não encontrar seu irmão na porta, enfurecido e disposto a me dar um tiro!

— Não se preocupe, com isso. Armand não mora na mesma casa que eu.

— Nem um tio zeloso ou pais preocupados?

— Eu vivo com tante Sophie e ela tem sono pesado. O resto de minha família já morreu.

— E a sua tia odeia o imperador com a mesma intensidade que seu irmão?

— Sim... — Charmiane tentou disfarçar seu embaraço. — Acho que eles têm seus motivos, perderam tudo com a Revolução. Eu era muito criança, portanto não posso avaliar a extensão da tragédia que se abateu sobre a aristocracia.

— E eles esperam pelo fim do reinado de Napoleão, não é? — Adam sorriu com cinismo. — Aguardam ansiosamente pela realização desse sonho!

— Mas todos sabem que a monarquia dos Bourbon será restaurada. Pelo menos é o que Armand afirma.

— E se esse milagre realmente acontecer?

— Então a aristocracia recuperará seus títulos, propriedades e prestígio.

— Deus do céu! Você pensa que é tão simples apagar vinte anos e recomeçar como se nada houvesse acontecido?

— Sem dúvida. Por que acha que voltamos para a França? Algum dia...

— Não existe mais "algum dia", criança irresponsável! Temos o momento presente e mais nada.

A angústia na voz de Adam entristeceu Charmiane. Se ao menos encontrasse um modo de transmitir-lhe sua alegria, sua confiança em um futuro de amor. Então, ele beijou-lhe a mão, fitando-a com um olhar de desespero.

— Fique comigo esta noite. Não me deixe sozinho.

A magia retornara, reacendendo a chama da paixão nos olhos muito azuis. Já não havia mais a necessidade de palavras, porque bastavam os olhares e a silenciosa comunhão de suas almas. Se os momentos de delírio sobre a relva macia não tinham sido suficientes para transformá-los em amantes, um beijo na mão selava agora os juramentos não pronunciados em voz alta.

Charmiane perdeu a noção da passagem das horas. Estavam novamente, apenas os dois, em um universo particular, numa ilha de magia distante do mundo. O jantar foi servido, os pratos retirados, mas ela só voltou à realidade quando a vela sobre a mesa chegou ao fim. Pela janela da sala, a claridade da madrugada afastava o sonho.

— Eu tenho de ir para a casa, Adam.

— É... suponho que sim.

Mas ele não se moveu, fitando-a fixamente.

— Por que está me olhando assim?

— Quero memorizar cada detalhe de seu rosto, gravá-lo para sempre em minha mente.

Os dois caminharam de mãos dadas até a carruagem e Adam só a soltou para comprar um singelo buquê de violetas para Charmiane. A névoa da manhã começava a se erguer quando eles cruzaram o Sena em direção ao Boulevard Saint-Germain.

Envolvida pelos braços de Adam e saboreando a doçura de seus beijos, Charmiane tentava não pensar no momento da separação. Queria prolongar esses momentos inesquecíveis, adiar a chegada de um novo dia.

— Vamos percorrer as últimas quadras a pé? — murmurou ele, entre um beijo e outro.

Charmiane concordou, com um sorriso de felicidade. Se caminhasse com Adam nas ruas que levavam à sua casa, a lembrança dele ficaria gravada para sempre e ela o reveria a cada passo.

As ruas estavam desertas e, ao chegar diante do prédio onde morava, Charmiane olhou para as janelas do seu apartamento. A ausência de luzes indicava que tante Sophie ainda dormia, portanto havia tempo para um último beijo. Quando Adam curvou-se para ela, os primeiros raios de sol iluminaram seus cabelos dourados. Nada deteria a manhã que chegava.

Adam acompanhou-a até o pátio interno que, no passado, devia ter sido um aprazível recanto, mas agora era o refúgio dos gatos da redondeza. O último beijo foi trocado e Charmiane o viu afastar-se sem olhar para trás.

— Espere! — Ela não se julgava capaz de implorar a um homem, mas sua reação foi instintiva. — Adam? Você virá me procurar hoje à tarde? Ou à noite, por favor?

O silêncio de Adam e a amargura em seu olhar aumentaram o desespero de Charmiane.

— Pode ser amanhã — insistiu ela, tentando sorrir. — Talvez hoje você não tenha tempo e...

— Com todos os diabos! — Adam voltara para junto de Charmiane. — Será que você ainda não entendeu? Não existe amanhã para nós. Teremos de nos contentar com as poucas horas que partilhamos hoje. Vou reunir-me a meu regimento antes das sete.

— A-agora? — balbuciou Charmiane em pânico.

— Sou um soldado, esqueceu-se? Não tenho tempo a perder com futilidades.

— Entendo — murmurou Charmiane, chocada com a rudeza de Adam e tentando ocultar sua mágoa. — Eu lhe agradeço por uma noite muito agradável, monsieur Bouchard. Também apreciei a excitação de fúteis encontros apaixonados e sem compromissos.

Com um sorriso altivo, Charmiane estendeu a mão para ser beijada.

— Estou às suas ordens, madame — murmurou ele novamente frio e distante.

— Terei o prazer da companhia de Noel durante sua ausência nos longínquos campos de batalha?

— Nem meu irmão conseguirá escapar desta guerra, madame.

— Então... boa sorte.

Charmiane já não conseguia manter o sorriso nem conter as lágrimas. Sem olhar para trás, ela atravessou o pátio e, mal fechou a porta, subiu correndo as escadas estreitas e sombrias até o quarto andar. A sala do apartamento estava às escuras, mas era preciso cruzar o quarto da tia para chegar ao seu e na ponta dos pés para não despertá-la.

Finalmente Charmiane entrou no cubículo abafado onde dormia e

começou a despir-se. Só depois de ver, à luz do lampião, as manchas verdes sobre o cetim amarelo do vestido, ela sentiu o impacto da realidade e admitiu que perdera tudo.

Ela não criara raízes durante os longos anos de exílio, sempre aguardando o dia em que retornaria para casa. O casamento com Henri representara apenas a mudança para um novo local onde continuaria a espera. Ao conhecer Adam, sentira que sua procura chegara ao fim. Encontrara o porto seguro, o lar com o qual tanto sonhara. Mas fora mais um sonho desfeito e o despertar seria amargo.

As lágrimas finalmente chegaram e Charmiane desistiu de lutar contra o desespero. Chorou por ter perdido mais uma ilusão. O homem a quem ela se entregara de corpo e alma tinha partido e sua vida voltava a ser a eterna espera.

CAPITULO TV

Os raios de sol, entrando pela janela sem cortina, obrigaram Charmiane a enfrentar uma penosa realidade. A magia da noite se desfizera à luz do dia e o despertar de sua romântica fantasia seria inesperadamente rude.

Só agora Charmiane avaliava a extensão de sua irresponsabilidade. Tinha se entregado a um estranho que a possuía com um violência desnecessária. A sua pele muito alva guardaria por muito tempo as marcas que a lembrariam de sua imprudência. Esse homem, que ela provavelmente nunca mais veria, perguntara-lhe se queria um filho sem pai. Talvez a recordação de uma noite de loucura fosse bem mais grave do que simples manchas roxas!

Lutando contra a depressão, ela levantou-se da cama. Tinha de vestir uma camisola! Precisava arrumar as roupas jogadas ao chão e guardá-las rapidamente, antes que a criada ou tante Sophie entrasse em seu quarto. A grama do jardim manchava o vestido e não adiantaria lavá-lo. O tecido frágil descoraria ou se rasgaria, obrigando-a a dar explicações constrangedoras ou mentir.

Guardando-o na cômoda para decidir aquele problema quando estivesse mais calma, Charmiane examinou as outras peças. O xale e o leque da tia seriam devolvidos pelo coronel Bouchard... se ele não esquecesse! Mas faltava uma de suas luvas e ela já sofria, pensando nos pretextos que daria para justificar sua indesculpável falta de cuidado.

Infelizmente ela perdera algo muito mais significativo do que algumas peças do vestuário! Perdera o juízo, a vergonha e o orgulho. Nunca mentira para Sophie, nunca abandonara o comportamento digno das mulheres de sua família e fora uma esposa fiel, uma viúva casta. Até a noite anterior...

Ela só podia ter enlouquecido! Fascinada pelo brilho do baile, pela sedução da música e por um homem sem escrúpulos. Não! Não seria justo culpá-lo, enrubescia ao lembrar-se de seu comportamento despuadorado.

Aquele homem era um soldado que vivia o momento presente, aproveitava todas as oportunidades e depois esquecia. Por que iria recusar a mulher que se entregava, que pedia para ser possuída?

Se ele fosse íntegro, teria mencionado, antes de possuí-la, que iria partir para a guerra. Mas ficara evidente que estava acostumado a satisfazer seus desejos sem pensar em mais ninguém. "Sem tempo para futilidades!" E seria realmente muito "fútil" gastar tempo com explicações para uma tola romântica que lhe oferecia sua virtude e um corpo ávido!

Então Charmiane viu o pequeno buquê que começava a murchar. Aquele homem sem refinamento não sabia que as violetas eram singelas demais para oferecer a uma amante, mesmo ocasional! Enfurecida, jogou as flores pela janela que se abria para a viela nos fundos do prédio. Quanto antes esquecesse aquela noite infeliz, mais cedo superaria a vergonha.

Ouvindo passos, Charmiane correu para a cama e, quando a criada entrou com a bandeja do café, ela se espreguiçava como se estivesse acabando de acordar.

— Bom dia, Janine. Que horas são?

— Quase onze, madame. Eu fiz o possível para distrair a senhora sua tia, até frisei-lhe os cabelos. Ela queria que eu a acordasse logo que cheguei, às sete horas da manhã!!

— Você é perfeita, Janine.

A garota, recém-saída da adolescência, corou com o elogio.

— Ah! Eu gostaria de ter sido sua criada de quarto nos velhos tempos! Viver num magnífico castelo, cuidar de vestidos luxuosos, jóias. Não era muito mais bonito, madame?

— Não tenho a menor idéia, Janine. Eu fui morar na Suíça com apenas quatro anos e garanto-lhe que lá a vida é bastante espartana.

Enquanto Charmiane tomava uma xícara de café, a diligente criada começou a arrumar o quarto. Então ela parou, nitidamente chocada.

— Madamel Onde está o seu vestido?

— Eu... eu mesma o guardei, Janine.

— Por Deus, madamel Esse é o meu trabalho e não fica nada bem para uma dama ocupar-se de tarefas tão desprezíveis. O que direi às minhas colegas? Que minha patroa trabalha?

A indignação de Janine provocou uma incontável vontade de rir em Charmiane. De que adiantara a mais sangrenta das revoluções? Aquele mocinha defendia os privilégios dos aristocratas com tanto vigor quanto eles próprios.

— Sinto muito, mas é a força do hábito, Janine. A minha criada na Suíça não tinha a sua... sensibilidade.

— Falta de orgulho em seu trabalho, sem dúvida! — resmungou Janine, enquanto apanhava os sapatos de Charmiane. — Oh! Deve ter sido uma noite

maravilhosa! Gastou as solas de tanto dançar, madame. Vai precisar de um novo par para o próximo baile.

— E também de um novo... vestido. — Charmiane tentou não-demonstrar seu nervosismo. — Conhece algum lugar que tinha tecidos?

— Lógico. A minha patroa anterior mandava suas roupas para o velho Gachot, na Rue de Miromesnil, número vinte e cinco. Quer que eu leve o seu vestido, madame?

— Eu agradeço, mas irei pessoalmente. Tenho de decidir a cor...

O alívio de Charmiane por resolver aquele problema foi de curta duração. Janine continuava a recolher suas roupas e, a julgar por sua expressão perplexa, novas perguntas embaraçosas teriam de ser respondidas. Talvez fosse menos exaustivo enfrentar tante Sophie!

A aparência de Sophie de Chevrillon combinava perfeitamente bem com sua personalidade. As formas bem desenvolvidas revelavam sua incapacidade de resistir aos prazeres do paladar e as mãos gorduchas e bem cuidadas pertenciam a uma mulher que as usava apenas para pintar inúteis aquarelas ou bordar lenços de seda, se ainda fosse possível comprá-los. Os olhos sempre arregalados e a boca quase infantil sugeriam uma fragilidade indefesa quando não demonstravam descontentamento ou a perplexidade de uma criatura para quem os problemas do mundo eram insolúveis. Até os cabelos caíam-lhe sobre a testa minutos depois de terem sido arrumados!

— Não aguentei esperá-la, querida. Comi todos os doces que Janine comprou para o nosso café da manhã.

— Não faz mal, titia. Eu prefiro pão.

— Janine! Traga pão e café fresco para madame! E uma outra xícara para mim! — Após dar suas ordens num tom surpreendentemente autoritário, Sophie dirigiu sua atenção para a sobrinha. — Você nunca me deixou tanto tempo esperando, Charmiane. Sabe que eu sempre tomo café com você. Foi muito egoísta dormir até esta hora sem pensar na minha saúde. E estou morrendo de curiosidade, é claro!

— Prometo acordar mais cedo da próxima vez, titia. Eu sinto muito...

Na verdade, Sophie só se levantava horas depois da sobrinha e, extremamente gulosa, não esperava por ninguém quando sentia fome. Entretanto, Charmiane adorava a tia, a quem devia tudo, pois fora a única mãe que conhecera.

Ela perdera a mãe logo ao nascer e teria sido criada por governantas se não fosse a intervenção de Sophie. O pai pretendia entregar Charmiane e Armand, os dois únicos filhos que haviam sobrevivido à primeira infância, aos cuidados da criadagem, antes de partir de viagem a fim de esquecer a morte da esposa.

Então, Sophie tomou as rédeas da situação. Ela e tio Eugène não tinham filhos e não lhes ocorria um prazer maior do que conviver com os sobrinhos. O pai de Charmiane aceitou o convite da cunhada e mudou-se com as crianças para o magnífico castelo de Chevrillon. Todos se sentiram felizes, em especial,

o adolescente Armand, que passou a levar uma vida luxuosa. Infelizmente, foi por muito pouco tempo.

— Então? — perguntou Sophie com uma expressão ofendida. — Não vai me contar nada sobre o baile, chérie?

— Mas é claro que sim, titia! Por onde quer que eu comece?

— Pelos vestidos.

— São bastante elaborados. A moda pede bordados de pedrarias, laços de cetim e babados de renda em profusão. Eu achei...

— Já sei, já sei! — interrompeu Sophie, indignada. — O bom gosto desapareceu, as pessoas não se vestem com a elegância requintada de antigamente.

— Na verdade, eu ia dizer que achei as mulheres muito atraentes com esses vestidos vistosos. E as jóias eram...

— Extremamente vulgares! — atalhou novamente Sophie. — Esses novos-ricos sem refinamento só podem recorrer à ostentação e ao exibicionismo para se sentirem importantes. Eu prefiro ficar em casa, como uma eremita, a conviver com a ralé que o Corso Usurpador elevou ao poder! Encontrei, há poucos dias, a antiga costureira de Madame du Barry, uma criatura insignificante que vivia curvada, costurando em silêncio. Agora é baronesa, imagine! Só espero que não perca a prática nem a habilidade, porque irá precisar delas quando o legítimo rei recuperar o trono da França!

— Eu nunca vi jóias tão magníficas em toda a minha vida! Os homens com anéis e abotoaduras de brilhantes, as mulheres com tiaras, brincos e...

— E o que você esperava, Charmiane? — A voz de Sophie tremia. — Esses malditos enriqueceram através da desgraça alheia. Durante o Terror, assaltaram todas as famílias bem-nascidas da França e depois, com as campanhas militares do Corso, saquearam o resto do mundo. Quantas vezes não tive a impressão de reconhecer um broche ou um anel na vitrine de uma joalheria? Um tesouro pertencente a alguma amiga querida que pagou com sua vida o preço fatal de nascer na nobreza!

Charmiane já esperava esse tipo de reação da tia, mas não previra uma raiva tão intensa.

— De qualquer forma, essas jóias ficam ainda mais belas em contraste com as cores escuras.

— Ah? Não se usam mais vestidos brancos ou rosa?

— Também havia muitos, mas eu fiquei encantada com as novas tonalidades da moda. — Charmiane evitou olhar para a tia. — Pensei até em tingir o meu vestido, talvez de azul-escuro ou...

— Ameixa! — declarou Sophie, categórica. — A cor ideal para realçar sua pele clara é ameixa. E quem você conheceu no baile? Alguém importante?

— Alguém muito importante mesmo, titia! O imperador em pessoa!

— O diabo em carne e osso! — Sophie fez o sinal da cruz. — Bem,

espero que esta desgraça nos seja útil. Você conseguirá exigir que o Usurpador lhe conceda uma audiência no futuro.

— Eu o achei encantador.

— Como pode ser "encantador" um homem que tem as mãos manchadas pelo sangue de milhares de vítimas inocentes?

— Pelo amor de Deus, tante Sophie! Ele não provocou nem participou da Revolução!

— Mas é tão culpado quanto todos que se aproveitaram das desgraças de nossa classe!

Charmiane suspirou. Às vezes, ela desejava não ter voltado para a França. O retorno a Paris alterara o temperamento de sua tia, trazendo à tona uma amargura que não se percebia ao relembrares o passado, ainda na Suíça. Quando ela se conscientizaria da extensão da tragédia que se abatera sobre tante Sophie e tio Eugène, Armand, Henri, enfim, todos os aristocratas?

Eles não haviam perdido apenas suas propriedades e fortunas. Tinham sido privados de seus lares, amigos, objetos pessoais, pátria e raízes. Não lhes restara nenhum dos conceitos que dão significado à vida até para o mais humilde dos seres humanos. Para Charmiane, que crescera no exílio e fora criada com expectativas de um futuro glorioso, a vida era um magnífico baile ainda para começar. Para os sobreviventes da velha aristocracia, vivendo na miséria entre fantasmas trágicos, a festa já terminara há muito tempo atrás, num banho de sangue.

— Eu não parei de dançar. — Forçando-se a sorrir, Charmiane mudou de assunto. — Conheci vários homens influentes que poderão nos ser úteis no futuro.

— Que bom! Então divertiu-se muito? — Sophie deu uma risadinha maliciosa. — Não precisa dizer nada, chérie. Seu rubor é uma resposta bastante clara!

Charmiane virou o rosto para esconder da tia as lágrimas que não conseguia conter. Por que essa inexplicável vontade de chorar? Por que aquele rosto, que ela queria esquecer, continuava tão nítido em sua mente?

— Foi um baile maravilhoso, uma noite inesquecível.

— Apesar do irmão que se esforçou ao máximo para estragar sua primeira festa?

A voz pertencia a Armand que, parado à porta da sala, sorria para a irmã e a tia.

— Mein Gott! — exclamou Sophie, erguendo as mãos num gesto de impotência. — Essa Janine é insuportavelmente relapsa. Ela devia ter anunciado você, Armand querido!

— A culpa foi minha, Sophie. Eu lhe pedi que não me anunciasse, porque queria surpreender vocês. Ah! Bertrand está comigo, e espero que não se importem de recebê-lo quando ainda tomam café!

— Claro que não. — Sophie beliscou disfarçadamente o braço de

Charmiane. — Não é verdade que não nos importamos chérie?

— É sempre um prazer recebê-lo, monsieur de Domfort. Foi tão gentil em conseguir os convites para o baile...

Alto e esguio, Bertrand de Domfort seria mais atraente se seus olhos não fossem tão melancólicos. Apesar de dois anos mais moço do que Armand, ele tinha a expressão resignada de uma pessoa idosa e os cabelos completamente brancos.

Charmiane soubera, através do irmão, que o pobre rapaz perdera toda a família durante o Terror e só escapara da guilhotina porque a morte de Robespierre havia encerrado as execuções em massa. Ao sair da sinistra Conciergerie, com apenas dezoito anos, já não restava mais um único fio escuro em sua basta cabeleira prateada.

Charmiane nunca entendera por que sentia uma incontrollável aversão pelo amigo de Armand. Bertrand começara a frequentar o apartamento de tante Sophie há dois meses e sempre fora educado, gentil e prestativo. Não havia nenhum motivo para antipatizar com o pobre rapaz. Henri não se cansara de afirmar que ela não sabia julgar as pessoas e talvez estivesse certo.

— Madame de Violett. — Ele curvou-se galantemente para beijar a mão de Charmiane. — Está ainda mais linda nesta manhã. Seria presunção minha acreditar que sou um pouco responsável pelo brilho de felicidade em seu olhar?

— Seria apenas verdade, monsieur de Domfort. Eu sinto-me muito grata por ter me propiciado uma noite maravilhosa.

— Por uma dama tão bela eu roubaria os convites.

— Que diabo! — resmungou Armand, irritado. — Pare de falar como galã. Pare de falar como o galã patético de uma opereta barata, Bertrand. Sente-se. Eu ainda não tomei meu café da manhã.

— Poucas mulheres resistem à luz crua da manhã, Armand. Sua irmã continua linda mesmo tendo acordado tão cedo e depois de um baile.

— Você tem toda a razão. — Armand virou-se para Charmiane. — Devolhe desculpas por meu comportamento imperdoável, querida. Fui tomado por um súbito mau humor e não sei qual o motivo exato. Talvez pela angustiante sensação de perda, a certeza de estar envelhecendo. Só espero não ter estragado a sua noite.

Charmiane sentiu o coração se apertar diante do sofrimento do irmão. Sem a sangrenta Revolução que destruíra a nobreza, Armand seria hoje um duque, com extensas propriedades, um castelo centenário, talvez uma bela esposa e herdeiros para perpetuar as tradições da família Chevrillon. Mas a tragédia o transformara em um solitário errante, não apenas num exilado. Ele os visitara algumas vezes na Suíça e suas estadas eram sempre muito breves. Envolvido por uma muralha de amargura, permanecia distante até da família, sem nunca abrir seu coração.

— Por favor, querido! Nada que você fizesse me magoaria.

— Ainda bem. — Ele a fitou com um olhar inquisitivo. — E aquele cavalheiro mal-educado e intrometido? Ao menos sabia dançar?

— Quem? Sobre quem está falando? — Os olhos de Sophie brilhavam de curiosidade. — Que cavalheiro?

— Ele... ele realmente não dançava muito bem — balbuciou Charmiane, incapaz de disfarçar o embaraço. — Era uma pessoa agradável, mas...

— Mas não era um cavalheiro? — A voz de Sophie tornou-se ríspida. — Explique-se, Charmiane.

— Era um barão, um militar do exército de...

— Do Usurpador? Não pertencia à nossa classe? Mein Gott, Charmiane! Seu par não era aristocrata?

— Não, titia. Eu...

— E mesmo assim esse homem virou a sua cabeça! — O tom de acusação na voz de Sophie era evidente demais. — Estou vendo em seu rosto!

— Por favor, tante Sophie. Eu...

— Não seja ridícula, Sophie — interveio Armand, ríspidamente. — Ela apenas divertiu-se, foi seu primeiro baile, esqueceu-se disso? E será que também não se lembra de sua juventude?

Charmiane notou que Armand olhava para o anel de ouro em seu dedo mínimo. Em suas raras e curtas visitas ao apartamento da tia em Zurique, ele permitia que a irmã, ainda menina, o experimentasse. Aquela jóia se abria e no interior havia uma madeixa que pertencera a alguém de cabelos dourados.

Armand nunca dera nenhuma explicação e Charmiane não tivera coragem de perguntar. Era nítido porém que se tratava de uma recordação amorosa e trágica, porque ele ficava ainda mais amargo quando olhava para o anel.

— Não estrague a sua e também a minha manhã cedendo à depressão, Chevrillon — declarou Bertrand pousando a xícara de café sobre a mesa.

— Vá para o inferno, Domfort!

Armand levantou-se bruscamente e foi até a janela da sala. Suas mãos tremiam e ele lutava para não perder o controle.

— Tenho certeza de que Charmiane divertiu-se apenas — murmurou Sophie, mudando diplomaticamente o rumo da conversa.

— Não há mal nenhum em dançar com um... militar que não pertence à aristocracia. Só dançar, é claro!

— Eu conheci vários outros cavalheiros que ocupam cargos influentes, titia. O barão Montcalvo só me trouxe para casa, porque prometeu e...

— Mein Gott! Você não voltou com seu irmão?

— Não. Armand saiu do baile muito cedo, tante Sophie.

— E esse... barão? A que horas a trouxe para casa? Era muito tarde?

— Não... logo depois... assim que o jantar foi servido.

— É preciso preocupar-se sempre em manter uma boa reputação.

— Eu sei, titia.

Armand retornou à mesa, interrompendo o diálogo das duas.

— Esses detalhes não têm o menor significado. O importante é que você não veja mais esse homem, Charmiane. Não gostei do modo como ele olhou para você, por isso proíbo-a de encontrá-lo de novo.

— Não se preocupe com isso, Armand. O barão Montcalvo apresentou-se a seu regimento hoje cedo. Garanto-lhe que já não se lembra mais de mim.

— Recuso-me a acreditar nessa possibilidade — exclamou Bertrand. — Ele teria de ser cego para esquecer seu rosto!

— Pelo amor de Deus, monsieur! Foi apenas um baile, não um encontro amoroso!

Charmiane arrependeu-se imediatamente por ter sido tão rude. Falar sobre aquele homem a descontrolava e fora indesculpavelmente ríspida com Domfort. Ah! Adam a esqueceria, sem dúvida nunca mais pensaria nela. Por que ainda sofria? — Como ousa usar esse tom de voz com Bertrand? — gritou Armand, alterado pela cólera. — Ele é meu amigo, salvou-me a vida. Nunca se esqueça disso!

Bertrand levantou-se da mesa e colocou o braço sobre o ombro de Armand para acalmá-lo.

— Não seja dramático, Chevrillon! Sua irmã não teve intenção de me ofender.

A reação enfurecida do irmão aumentou a sensação de culpa de Charmiane. Domfort realmente não merecia ser tratado com grosseria. Ele fora extremamente gentil conseguindo-lhes os convites e agora convencia Armand a esquecer-se da ofensa e sentar-se à mesa para tomar mais um café.

— Não sabíamos que monsieur de Domfort tinha salvado sua vida — disse Charmiane quando Armand recuperou a serenidade. — Você nunca mencionou esse fato. Não é verdade, titia?

— Bem, talvez vocês realmente não souberam. Eu pensei que tivesse lhes contado tudo, mas aconteceu há tanto tempo e...

— Você jamais falou sobre esse assunto — interrompeu Sophie, com uma expressão de censura. — Quando nos visitava em Zurique, preferia ficar conversando com Eugène sobre assuntos particulares a contar-me as novidades.

— Creio que não contei nem para Eugène. Eu não fui a Zurique durante longos meses e provavelmente me esqueci de mencionar o incidente. Minha perna demorou muito a...

— Eu sempre pensei que você tivesse sido ferido em um combate — interrompeu Sophie, novamente. — Eu costumava contar a Marthe, minha melhor amiga do exílio, que era a Condessa de Granville até desgraçar o nome

de sua família, casando-se com um suíço fabricante de queijos, que meu sobrinho estava no glorioso exército de Conde, lutando pela restauração dos Bourbon.

— Sophie querida... — o olhar de Armand começava a demonstrar impaciência.

— Está bem, eu sei, querido. Prometo não abrir mais a boca. Conte tudo!

— É o que pretendo fazer. Na primavera de 1804, ficou bem claro que o exército de expatriados nunca iria derrotar o Tirano, por isso eu e meus amigos decidimos livrar a França dessa calamidade e retornamos ao país com papéis falsificados. Soubemos que Bonaparte iria à ópera e o esperamos com sabres desembainhados. Conseguimos matar um de seus ajudantes de campo mas o Corso maldito deve ter pressentido algo. Sua guarda pessoal havia sido reforçada e um batalhão de fuzileiros nos atacou. Vi meus amigos serem chacinados! Eu fui atingido no pé, porém, consegui chegar até uma viela escura. Então, mataram meu cavalo, que caiu sobre minha perna, esmagando-a. Se não fosse a valentia de Bertrand...

— Foi apenas sorte, amigo. Por mero acaso, eu estava saindo da cama de uma cantora da ópera que morava na mesma viela onde você caiu.

— Esqueceu-se da coragem, Bertrand? Eu estaria morto se você não tivesse levantado o cavalo para me soltar, me arrastado até um canto mais escuro e depois dito aos soldados que me viu correr na direção oposta. Arriscou a sua própria vida para salvar um estranho.

— Eu não o conhecia, mas a causa pela qual lutava não me era estranha, Armand.

— Mein Gott! — exclamou Sophie persignando-se. — O meu sobrinho quase salvou a França!

— Talvez tenha sido um gesto fútil ou apenas mais uma tentativa frustrada, mas considero o meu ferimento como uma medalha de honra.

Charmiane levantou-se da cadeira, correndo para abraçar o irmão.

— E tem toda a razão, meu querido. — Ela sorriu para Bertrand, disposta a ser mais condescendente. — Nós lhe devemos a vida de meu irmão, monsieur de Domfort! Não sei como pagar essa dívida.

— Bem, eu tinha pensado em convidá-la para jantar em agradecimento pelos convites que consegui para vocês. Então achei que seria uma atitude calculista demais, exigindo o prazer de sua companhia em troca de um favor. Mas agora, diante de sua gratidão pela ajuda que dei a Armand, ousarei pedir-lhe mais.

— Oh, monsieur de Domfort! — Sophie não escondia o entusiasmo. — Está realmente interessado em minha querida sobrinha?

— Sem dúvida alguma, madame.

Embora se dirigisse a Sophie, Bertrand não tirava os olhos de Charmiane. Preocupada, ela admitiu que aquele homem não queria apenas a sua amizade.

— E que favor pretende me pedir, monsieur?

— Não fique tão assustada, madame de Violet. Quero apenas levá-la a um baile, bem mais modesto do que o das Tulherias, é claro! O Hotel Frascatti tem um bonito jardim e, na primavera, é possível dançar ao ar livre. Aceitará meu convite?

— Mas é evidente que ela não poderia negar! — declarou Sophie, ainda mais entusiasmada. — Um convite tão encantador!

Na verdade, Charmiane tinha decidido recusar, disposta a abster-se de qualquer tipo de festa por um longo tempo. Entretanto, Sophie a fitava, esperando uma resposta afirmativa e, afinal, Domfort salvara a vida de Armand. Seria uma grosseria indesculpável não aceitar o convite dele!

— É lógico que eu aceito, monsieur. Mas, se queria dançar comigo, devia ter ido ao baile ontem.

— Infelizmente, eu tinha um outro compromisso, madame. Posso vir buscá-la às seis horas? Assim haverá tempo para jantarmos antes do baile.

— Terminaram de conversar? — perguntou Armand, que começara a caminhar pela sala. — Estou cansado de ficar sentado. Vamos embora! Precisa de dinheiro, Sophie?

— Mein Gott, Armand! Não toque neste assunto diante de monsieur Domfort.

— Não existem segredos entre Bertrand e mim, Sophie. Nossas situações financeiras têm sofrido os mesmos abalos nos últimos oito anos.

— Infelizmente foram verdadeiros terremotos! — suspirou Bertrand. — Eu pretendia recuperar o meu título de nobreza ainda neste ano. Mas é preciso ter uma grande fortuna para se conseguir o menor dos favores nesta Sociedade corrupta. Dinheiro para subornar os funcionários certos, para chegar até as pessoas influentes... e isso só é possível se se possui uma renda mensal, proveniente de terras. Eu devia ter comprado aquela propriedade antes da falência dos bancos, Armand. Agora não sobrou um centavo!

— E você se resignaria a viver em uma propriedade que pertenceu a outra família? — esbravejou Armand. — Eu só descansarei quando recuperar o castelo e as terras de Chevrillon! Jamais adularei essa maldita ralé para obter um favor.

— Então não conseguirá nada, amigo. Os novos tempos exigem novas atitudes!

— Eu concordo com monsieur de Domfort — acrescentou Charmiane. — Não foi para conhecer pessoas influentes que comparecemos ao baile, Armand?

— Sem dúvida, querida. Desculpe-me. Mais uma vez estou sendo irracional. Se algum dos homens que conheceu ontem voltar a procurá-la, encoraje-o... se estiver em condições de ajudá-la a recuperar as terras e o título de Henri. Qualquer um de seus admiradores menos aquele barão de olhar possessivo, entendeu? Proíbo-a de se encontrar com ele, não quero uma madame de Piasse em nossa família. — Carrancudo, Armand dirigiu-se à tia. —

Posso dar-lhe apenas dez francos, Sophie. E só os terei no fim da semana. Eu enviarei o dinheiro por alguém...

Depois que os dois se retiraram, Sophie levantou-se da mesa e esticou-se no sofá onde costumava passar a maior parte do dia.

— Dez francos! No passado, eu dava essa insignificância ao mensageiro que entregava meus bilhetes amorosos. Hoje tenho de depender desses míseros centavos para não morrer de fome! E, se não fosse por Armand, estaríamos na trágica situação de tantas outras famílias... aceitando empregos humilhantes para sobreviver!

— A nossa situação é bastante boa, titia. — Charmiane evitou mencionar à tia que o dinheiro de seu trabalho os ajudava a viver melhor. — Por falar em Armand... quem é a madame de Piasse que ele mencionou?

— Você era jovem demais quando tudo aconteceu. — Sophie suspirou. — Foi uma vergonha, o escândalo de Zurique. Céline juntou-se a nosso grupo de expatriados na Suíça após perder o marido. Apesar de recente viuvez, adorava rapazes de uniforme e geralmente escolhia aqueles que estavam de partida para a guerra. Ela dizia que homens mortos não revelam segredos. Na verdade, esse hábito prudente salvou sua reputação, a não ser entre os amigos íntimos que sabiam tudo sobre seus inúmeros amantes, mas tinham desistido de aconselhá-la a se corrigir.

— Então por que foi um escândalo?

— Surgiu uma inevitável gravidez para atrapalhar os planos da viúva! Ela dizia que estava doente, mas, durante uma missa na nossa paróquia, o padre fez um sermão sobre a libertinagem sempre olhando para Céline. Depois desse dia, todos a censuravam abertamente e, quando Luiz XVIII, o rei destronado, passou por Zurique, madame de Piasse não foi convidada para a recepção.

— Mon Dieul — Charmiane tentava disfarçar seu mal-estar. — O que aconteceu com ela? E com a criança?

— Ela jogou-se no lago de Zurique. A irresponsável Céline acrescentou o suicídio a seus outros pecados. Nunca mais consegui olhar para a mãe dela, uma grande amiga minha.

Charmiane deu o pretexto de que precisava trocar de roupa logo a fim de trabalhar e refugiou-se em seu quarto. Ela mal ouvia a tagarelice de Janine, que a ajudava a vestir-se, pensando em como disfarçar sua preocupação dos olhos atentos da tia. Sua escrivanhinha ficava na sala, o único local com boa iluminação no apartamento, e Sophie sentava-se bem na frente dela!

Meia hora depois, Charmiane retornou à sala, decidida a não pensar em uma possível gravidez. O trabalho a distrairia, mas, antes de poder abrir o livro que estava traduzindo, a tia sentou-se no sofá, vestida, penteada e com o costureiro bordado nas mãos.

— Acha que vai terminar o livro logo, chérie?

— Espero que sim, titia. O sr. Mafflu prometeu me pagar cinquenta francos e disse que tem um outro livro para mim. Graças a Deus!

O sr. Mafflu possuía uma pequena editora especializada em romances

femininos, que ficava a duas quadras do apartamento dos Chevrillon. Ele soubera, através de Armand, que Charmiane tinha feito muitas traduções durante seu exílio na Suíça e não hesitou em contratá-la. Se não fosse pelo irmão, que se humilhara pedindo um emprego para ela, e pelo velho editor que a aceitara com entusiasmo, não haveria comida em casa!

Embora Charmiane quisesse traduzir com toda a rapidez a fim de receber logo a quantia prometida pelo sr. Mafflu, não conseguia se concentrar. A história, que até então não prendera sua atenção, começava a perturbá-la por tratar-se de uma paixão irreal e intensa demais. Agora ela compreendia por que perdera a lucidez e o bom senso! O romantismo da heroína a influenciara e tinha se julgado apaixonada por Adam Bouchard. Intoxicada por um lirismo doentio, acreditava que uma aventura casual fosse o amor de sua vida!

E ele devia ter lido em seu rosto como seria fácil seduzi-la! Uma ingênua, cega por um romantismo juvenil, se oferecia sem pensar nas consequências! E tola o suficiente para acreditar que a única culpada da própria ruína era ela, a impetuosa criatura que se entregara a um desconhecido! Que situação vergonhosa!

No entanto, sua situação se agravaria muito se ela estivesse grávida. Embora se sentisse quase uma criminosa, Charmiane pensou em Domfort. Teria de encorajá-lo, porque talvez precisasse de um marido com urgência e não se considerava capaz de sacrificar-se como madame de Piasse!

— Há um mensageiro à porta, madame de Viollet.

— Que maravilha! — Sophie largou o bordado. — Não fique aí parada, Janine. Faça-o entrar.

O mensageiro não passava de um garoto que entregou o pacote à tante Sophie, ansioso por livrar-se daquela incumbência.

— É para madame de Viollet — disse ele, já recuando para a porta.

— Espere, menino! — ordenou Sophie. — Dê cinco sous ao garoto, Janine.

A criada olhou para Charmiane, à espera de uma confirmação. Ela concordou com um aceno de cabeça, embora lamentasse a extravagância da tia. O pobre Armand não podia dar-lhes mais do que dez francos por mês e, por vezes, nem isso. Enquanto o sr. Mafflu não recebesse o livro não lhe pagaria nada, portanto... de onde viria o dinheiro para viverem até a próxima semana?

— Venha abrir logo, chérie! Não aguento mais a curiosidade. Sinto-me de volta aos bons tempos.

— É apenas meu xale, tante Sophie. Eu o esqueci no palácio e o barão prometeu que o enviaria para mim. — Ela decidiu dar todas as explicações, antes que a tia lhe fizesse perguntas incômodas.

— O seu leque deve chegar dentro de poucos dias. O barão Montcalvo percebeu que uma das hastes estava prestes a se romper e insistiu em mandar consertá-lo.

Charmiane estava surpresa com sua facilidade em mentir para a tia sem

enrubescer.

— Esse homem tem atitudes refinadas demais para um novo-rico vulgar. Por que Armand o reprova tanto?

— Não sei, titia. Armand estava cansado. Talvez...

— Não importa, Charmiane. Agora ele é o cabeça da família Chevrillon e temos de obedecê-lo!

— Pelo amor de Deus! — Charmiane exasperou-se. — Eu já disse que esse homem foi para a guerra! E, mesmo que não tivesse ido, eu não teria o menor interesse em revê-lo e... Oh!

Sob o xale, estava a luva que Charmiane julgara perdida. Ia entregá-la a Janine para que a criada a guardasse quando percebeu algo mais sólido sob o tecido fino.

— Fique com a caixa, Janine. Eu guardarei a luva que devo ter deixado cair na carruagem do barão. Quando você sair para o mercado, devolva o xale à madame de Lesparre, com meus agradecimentos. Volto logo, titia.

Correndo para o quarto, Charmiane fechou a porta antes de retirar o papel que percebera sob o tecido da luva. Era um bilhete, seco e autoritário.

"Venha a fonte Grenelle hoje, às duas horas."

Com que direito aquele homem dava-lhe ordens como se ela fosse um soldado? Pois iria ficar esperando em vão!

Mas, apesar de sua resolução, Charmiane chegou meia hora mais cedo e seu coração quase parou ao reconhecer a carruagem que parou diante da fonte. Adam tinha ficado mais um dia em Paris!

— Madame de Viollet?

— Sim... — ela reconheceu também o cocheiro. — E você é Darnaud, não?

— Às suas ordens, madame. Posso conduzi-la à carruagem? Trêmula de ansiedade, Charmiane aceitou a ajuda de Darnaud e entrou na carruagem, certa de que encontraria Adam à sua espera. Quando seus olhos se acostumaram à penumbra, foi difícil disfarçar sua decepção. Um homem de cabelos grisalhos e uma venda sobre o olho direito sorria para ela.

— Meu nome é Charles Bazaine, madame de Viollet. Sirvo o barão Montcalvo na função de... — Ele deu de ombros. — ...secretário, conselheiro, mordomo... e confidente.

— O senhor não tem certeza? — perguntou ela, sorrindo.

— Um sabre austríaco afastou-me de minha verdadeira vocação... ajudante-de-ordens do coronel Bouchard nos campos de batalha. Agora, sirvo-o de outras maneiras. — Ele sorriu para Charmiane. — Vamos falar de assuntos sérios, madame. O barão encarregou-me de cuidar da senhora e peço-lhe desculpas por esse encontro melodramático. Entretanto, o barão insinuou que sua família talvez não aprovasse um novo contato com ele.

— Infelizmente é verdade, sr. Bazaine.

Charmiane estremeceu ao pensar em sua falta de honestidade. Não mencionara o encontro à tia, esperara que ela dormisse para sair de casa como uma criminosa e desafiara a proibição de Armand. Na noite anterior, ela perdera o orgulho e a vergonha. Agora estava aprendendo a mentir, a dissimular e desobedecer às ordens do irmão!

— O fato de encontrá-la aqui significa que recebeu o xale e a luva, madame. O seu leque ficará pronto dentro de dois dias. Devo mandá-lo em seu endereço ou prefere que eu entregue em um local mais discreto?

— A minha tia já foi informada que o barão se ofereceu para consertar o leque, portanto não há motivos para agir em segredo.

— De qualquer forma, acho melhor dizer-lhe de que modo poderá comunicar-se comigo e, através de mim, com o barão Montcalvo... em segredo.

Então ele decidira preocupar-se com as consequências de seu ato? Charmiane ergueu o queixo, disposta a recusar qualquer ajuda, mesmo se o pior acontecesse!

— Não será necessário.

— O barão insistiu muito nesse ponto, madame. A senhora frequenta alguma igreja neste bairro?

— Eu já lhe disse que não será...

— Vai à igreja, madame? — A voz de Bazaine, embora suave, não admitia discussões.

— Costumo ir duas vezes por semana a Saint-Sulpice.

— Otimo! — Bazaine tirou uma caderneta do bolso e depois de escrever algo, entregou o papel a Charmiane. — Este é o endereço de uma pequena farmácia na praça em frente da igreja. Pertence ao sr. Vernis, um major que se retirou do Exército após ter perdido o pé na batalha de Iena. Eu o alertarei e, quando quiser entrar em contato comigo, basta deixar um recado com ele.

— Não vejo motivos para esse tipo de comunicação secreta entre nós, sr. Bazaine. E, se não tiver mais nada a dizer, eu voltarei para casa.

— Peço-lhe que tenha mais um pouco de paciência, madame. — Ele estendeu-lhe uma caixa embrulhada em papel dourado. — O barão enviou-lhe este pequeno presente.

Constrangida, Charmiane abriu o pacote e corou de felicidade. Adam lhe dera o leque mais lindo que ela já vira! Era uma verdadeira jóia em seda verde, o tom exato de seus olhos, e com bordados em delicadas pérolas rosadas.

Subitamente, a magia da noite retornava, envolvendo-a em um encantamento que julgara ter desaparecido. O rosto de Adam ressurgia diante de seus olhos e o sabor dos beijos voltou a seus lábios. Ele também se lembrava dos momentos de paixão e enviara um presente que lhe transmitisse as palavras que não havia pronunciado.

A voz de Bazaine trouxe Charmiane de volta à realidade.

— Posso dizer ao barão, em minha própria carta, que a senhora gostou do presente?

Como pedir a um estranho para dizer que ela sentia-se amada? Que seu coração guardava a lembrança de uma noite única?

— O senhor... escreve para o barão?

— Mas é claro, madame. Mantemos uma correspondência ininterrupta mesmo quando o barão está distante, a serviço do Imperador. Ele tem terras, investimentos, uma mansão em Paris e, muito em breve, uma propriedade no campo. Geralmente consigo que velhos amigos do Exército incluam as minhas cartas nas malas de correio militar e recebo as dele da mesma forma.

— Eu... poderia pedir-lhe um favor, sr. Bazaine? Diga a ele que me escreva, que eu imploro... — Ela reagiu contra sua falta de orgulho. — Não. Só se ele quiser enviar-me uma carta...

— Ah, madame de Viollet. — Ele sorria afetuosamente para Charmiane. — Tenho certeza de que o barão desejará corresponder-se com uma dama tão bela e tão meiga.

Charmiane voltou para casa sorrindo. Ela era amada e, algum dia, se reencontraria com Adam. Nada os separaria de novo. Estava chegando ao pátio de entrada do apartamento quando se lembrou das violetas. Por que fora tão impulsiva, jogando as pobres flores pela janela?

Resoluta, Charmiane remexeu entre as pilhas de lixo que se amontoavam na viela nos fundos do prédio e recuperou parte do buque dado por Adam. Restavam algumas flores, já murchas, mas ela as guardaria como um tesouro. Por sorte, tante Sophie estava dormindo quando ela entrou na sala, permitindo-lhe que se refugiasse em seu quarto sem dar explicações.

Aproveitando os raros minutos de abençoada solidão, Charmiane escondeu o leque atrás dos livros que mantinha à sua cabeceira. As flores foram colocadas entre os dois sonetos de amor de que ela mais gostava.

Na manhã seguinte, os raios de sol entrando pela janela sem cortina acariciaram o rosto de Charmiane, que adormecera ainda sorrindo de felicidade. Só um detalhe perturbou seu despertar: a certeza de que não estava grávida. Inexplicavelmente, não sentia alívio e sim uma intensa melancolia. Tolice romântica ou falta de juízo, mas ela se orgulharia tanto de carregar em seu ventre o filho de Adam!

CAPITULO V

A extensa planície ao redor de Colônia se transformara em um gigantesco acampamento militar. Todos os dias, novos regimentos do glorioso exército de Napoleão juntavam-se às divisões já agrupadas ao longo do rio Reno. Tudo indicava que a campanha contra a Rússia começaria muito em breve.

— Ei, Bouchard! Desça logo desse cavalo! Vamos tomar um trago e

relembrar os bons tempos!

Noel entregou as rédeas de sua montaria e, depois de dar instruções a um soldado extremamente jovem, sorriu para o hussardo que o esperava à porta de sua barraca.

— Macacos me mordam! É mesmo você, Hautecoeur? O que veio fazer aqui em Colônia? Achei que, a esta hora, você estaria cantando no coro dos anjos, ou... desafinando junto com o diabo.

— Vá para o inferno, Bouchard! Se pensou que os malditos espanhóis conseguiriam acabar com o nono batalhão dos hussardos, foi tão tolo quanto eles! — Hautecoeur apontou para o jovem recruta que se afastava com o cavalo de Noel. — Agora você prefere bancar a ama-seca a enfrentar homens de verdade.

— Estão recrutando crianças, Hautecoeur. — Noel sentou-se à porta da barraca e apanhou uma garrafa de vinho. — O garoto mal saiu da escola e a maioria deles tem a mesma idade. Dão-lhes uma série de vacinas, uma semana de treinamento rudimentar e os mandam para a guerra. Se eu conseguir ensinar a esse pobre-coitado alguma coisa nas últimas semanas antes de começarmos a marcha, talvez ele sobreviva ao primeiro combate.

— Todos nós fomos crianças até a guerra nos transformar em homens, Bouchard. Nada mudou. — Hautecoeur ajeitou a esplêndida jaqueta vermelha dos hussardos com um sorriso despreocupado. — Contaram-me que você esteve em Paris. Conheceu alguém interessante?

Noel demorou para responder. Tomou mais um gole de vinho e ficou, por um longo tempo, olhando para o céu muito azul.

— Passei duas semanas em Paris e, francamente, não tenho nada para lhe contar.

— Ah! Então, trata-se de alguém especial! Eu conheço você há muito tempo... não tente me enganar!

— O assunto não é da sua conta, mas... encontrei a mulher mais bonita do mundo.

— Acima ou abaixo da cintura?

— Canalha! — Levantando-se num salto, Noel agarrou Hautecoeur pela jaqueta. — Não admito que você fale dela nesse tom insultuoso!

— Paz, amigo! — Hautecoeur estava nitidamente perplexo. — Você sempre aproveitou todas as oportunidades para levar uma mulher para a sua cama.

— Essa jovem era uma dama.

— Então você curvou-se e beijou-lhe a mão antes de... — Hautecoeur fez um gesto obscuro. Inesperadamente, Noel ergueu Hautecoeur no ar.

— Não ouse mencionar de novo essa dama, entendeu? — Com muito esforço, Noel controlou-se e, suspirando, soltou Hautecoeur. — Você tem razão... Paz, amigo! Como poderia saber que uma mulher me afetaria tão profundamente? Nem eu mesmo acredito!

Hautecoeur já havia levado a mão ao sabre, disposto a revidar a agressão de Noel. Então sorriu maliciosamente e aceitou a explicação do amigo.

— A vida é curta demais, Hautecoeur. Venha! Tome mais um copo de vinho. Eu já bebi...

— O suficiente! — uma voz feminina ecoou à porta da barraca. — Vai perder os sentidos e me deixar a ver navios!

Uma mulher de cabelos ruivos e pele muito alva fitava Bouchard com uma expressão de fúria.

— Você é fogosa demais e sem um pinga de paciência. Como não pode esperar...

Noel beijou ardorosamente a jovem que se debatia em seu braços.

— Solte-me! Você é um miserável! Nunca pensa em mim... só na hora de levar-me para a cama!

— Tem razão, minha gata selvagem! — Ele beijou os seios opulentos que o decote profundo revelava. — E a cama é o lugar onde você supera todas as outras mulheres, sabia?

Hautecoeur examinava a voluptuosa ruiva com um olhar de desejo.

— Não vai me apresentar, Bouchard?

— Claro que sim. Esta é mademoiselle Martine Rollin, minha... companheira desde que deixamos a França.

— Concordo com você, mademoiselle. Bouchard é um miserável e, se cansar-se dele, eu lhe provarei que mereço muito mais suas atenções!

— Bouchard é meu homem, hussardo!

— Só até alcançarmos a fronteira da Polônia. Então você volta para a França.

— Já lhe disse que não! Eu quero...

— Chega! — Noel empurrou-a para a entrada da barraca. — Nós discutiremos esse assunto mais tarde. Agora, me deixe em paz!

— Mas eu quero...

— Fora!

Quando ela finalmente saiu da barraca, Noel preencheu os copos de vinho.

— Suponho que essa apetitosa ninfa do meretrício não é sua bela dama de Paris, Bouchard.

— Perdi aquele anjo para o meu irmão Adam — murmurou Noel com o olhar distante. — Fiquei esperando que ela voltasse para mim naquela noite, mas...

— Eu nem sabia que você tinha um irmão.

— Ele é um oficial exemplar, um coronel coberto de medalhas. Comanda

o 289 regimento dos Dragões Imperiais.

— Verdade? Esse regimento chegou ontem à noite no acampamento.

Pensativo, Noel tomou mais um gole de vinho. Ele e Adam iriam, pela primeira vez, lutar lado a lado e, talvez, morrer juntos. Tinha chegado a hora de fazer as pazes com o irmão que não o perdoara pela sedução de Juliette Fleury.

Agora Adam se vingara, roubando-lhe a bela Charmiane. Teriam passado a noite juntos? Ele a procurara inutilmente após o jantar e, desolado, concluíra que a havia perdido para o irmão. Por que não a conhecera antes? Por que não a seguira ao salão do jantar?

— Preciso cumprimentar meu irmão, Hautecoeur. Depois voltaremos a nos encontrar para beber, mas agora explique-me onde os Dragões estão aquartelados antes que a bebida me impeça de achar o caminho.

Seguindo as instruções de Hautecoeur, Noel começou a cruzar o interminável acampamento. Ele já vira muitas vezes os treinamentos intensivos e a agitação que precedem as campanhas. No entanto, era a primeira vez que notava impaciência e tédio nos soldados. De inúmeras barracas vinham as vozes embriagadas de homens que não tinham nada a fazer a não ser esperar.

E, por toda parte, havia uma quantidade excessiva de mulheres. Amantes e esposas, algumas com filhos nos braços, prostitutas que encontravam nos recrutas solitários uma inesgotável mina de ouro e as velhas vivandières carregando seu estoque de tabaco, vinho e conhaque para fornecer às tropas.

Noel suspirou angustiado. Devia haver mais de vinte mil homens naquele acampamento. E quantos mais ao longo das margens do Reno e do Elba? E para quê? Comentava-se abertamente que o imperador passara dos limites do razoável. A glória de tantas campanhas vitoriosas o cegara e Napoleão não se importava mais com o número excessivo de soldados que perdera em cada batalha, em especial as da Espanha. Em janeiro, o regimento de Hautecoeur fora praticamente dizimado durante a tomada de Valência.

Em todos os batalhões, eram jovens imberbes e sem treinamento militar que formavam o grosso da tropa. Noel ouvira comentários de que um quarto dos soldados convocados em fevereiro não comparecera aos quartéis. O fervor patriótico que impelira milhares de homens a se alistarem num glorioso Exército começava a esmorecer. Nem a personalidade triunfante de Napoleão conseguiria manter o clima de euforia na vitória que existira nos últimos anos.

E agora o imperador decidira conquistar a longínqua Rússia! Os marechais e os oficiais mais idosos que haviam enriquecido com o saque das campanhas vitoriosas ansiavam pela paz para usufruir suas fortunas. Os velhos soldados, dedicados de corpo e alma a Napoleão, estavam aleijados ou mortos e os novos recrutas, ainda adolescentes, só queriam o aconchego de seus lares. Apenas alguns novatos, sonhando com a glória e a promessa de grandes aventuras e lucros pessoais, empolgavam-se com a guerra.

Havia muito tempo, Noel descobrira que a vida militar não o agradava.

Devia ter ficado na América e deixado o Exército para seu irmão responsável e disciplinado. Entretanto, sentia um inexplicável orgulho por estar defendendo sua pátria e um profundo desprezo pelos homens que se recusavam a cumprir seu dever patriótico.

Ele estremeceu, horrorizado, ao perceber que estava pensando como Adam. Seu irmão sempre fora o responsável, o cumpridor dos deveres familiares e um soldado exemplar. Noel preferia sonhar com a liberdade das extensas planícies americanas, dormir sob o céu estrelado e não pensar no futuro.

Então, ao entrar na parte do acampamento ocupada pelo 289 regimento dos Dragões Imperiais, Noel ouviu o irmão antes mesmo de vê-lo.

— Vá dizer ao major que eu exijo a presença dele aqui e agora! Quando dou uma ordem espero ser obedecido ao pé da letra! Ele devia ter vindo pessoalmente, não enviado um substituto!

A voz de Adam era tão autoritária que Noel sentiu pena do ajudante-de-ordens. Escondendo um sorriso, ele aproximou-se da barraca a tempo de ver um tenente afastar-se rapidamente.

— Quero falar com o coronel Bouchard — disse Noel ao ajudante-de-ordens de Adam. — Ele está sozinho agora, não?

— O coronel não recebe ninguém. Ele... com mil demônios, cabo! O seu rosto...

— É igualzinho ao do coronel, certo? E não podia ser diferente porque somos irmãos gêmeos! — Noel empurrou a lona da porta. — Ele me receberá, não se preocupe.

A barraca de Adam retratava a excessiva responsabilidade de um coronel nas semanas que antecederam uma guerra. A cama de armar ainda guardava os contornos do corpo de um homem que não tivera tempo de deitar-se sob os lençóis. A escrivaninha estava coberta de mapas e papéis que também se espalhavam pelas cadeiras e pelo chão.

— Dê o fora! — resmungou Adam sem afastar os olhos do papel em que escrevia. — Não recebo ninguém.

— Nem a mim, mano? — Quando Adam ergueu a cabeça, Noel fez continência. — Coronel!

— Noel! Você ainda é um Brigadier! — Adam franziu a testa. — Eu achei que você já havia sido promovido, mas vendo sua túnica desabotoada, compreendo por que continua um cabo da cavalaria que recebe míseros quarenta centavos por dia! Contenta-se com muito pouco, não?

— Posso sentar-me? — Noel acomodou-se sem esperar pela resposta de Adam. — O irmão ambicioso sempre foi você, mano. Talvez eu me sinta feliz sendo um simples cabo que pode cavalgar à vontade e escolher seus cavalos antes dos soldados.

— Se você fosse um oficial, teria os seus próprios cavalos, Noel.

— E também precisaria tomar decisões difíceis, passar horas sentado em

uma escrivadinha e perder o sono à noite. Como você, caro irmão!

— Sempre irresponsável — resmungou Adam, irritado. — Sempre fugindo dos problemas...

— Mas era sempre você que se envaidecia quando mamãe elogiava o "seu precioso" Adam, o confiável e dedicado "fílhinho"!

— E você sentia ciúmes?

— Eu? — Noel deu uma gargalhada. — Eu só queria tempo livre para brincar. E agora, não vai oferecer um conhaque a seu irmão sem ambições?

— Foullon! — gritou Adam, chamando seu ordenança.

— Traga uma garrafa de conhaque e dois cálices. Ah! O tempo continua ameaçando chuva?

— Mais do que nunca, senhor — respondeu Foullon, enquanto retirava a garrafa de um bar. - Talvez chova antes do anoitecer.

— Droga! Eu detesto quando chove no primeiro dia em que acampamos. A lama dificulta as manobras e desanima os homens.

— Agora quer dar ordens até para o clima, Adam? Nunca se cansa dessa vida de compromissos, deveres e responsabilidades?

— Eu já não sei mais agir despreocupadamente. Talvez você pudesse me ensinar, mas... tenho certeza de que é tarde demais.

— Uma declaração excessivamente pessimista até para você, mano.

— Não sente o cheiro, Noel?

— Do quê? Da chuva?

— Não. O inconfundível cheiro da morte.

Assustado, Noel encarou o irmão. Adam sempre fora o esteio da família, dando-lhes apoio e segurança com sua firmeza. Nunca o vira desencorajado ou com dúvidas!

— Não seja idiota! O acampamento está realmente sufocante, mas são cheiros humanos bastante normais.

— Eu estarei morto antes do final deste ano, Noel. Tive um pressentimento muito forte, é quase uma certeza.

Foi um momento extremamente constrangedor para os dois irmãos. O relacionamento entre eles sempre tinha sido bom, mas distante, e não haviam trocado confidências nem durante a infância.

— Seu conhaque é muito bom — afirmou Noel sem fitar o irmão.

— É o melhor que o dinheiro pode comprar. Sou, muito rico.

— Sem dúvida, monsieur le baron! — o tom de Noel era de bem-humorada ironia. — Tinha me esquecido de sua... extensa fortuna!

— Gosto de ser rico, Noel! Gosto de ter e de gastar dinheiro. Mas acima de tudo, adoro humilhar esses aristocratas presunçosos que se julgam superiores, porque nasceram em berço de ouro.

— A sua amargura não diminuiu durante todos esses anos, Adam?

— Você não precisou tirar as botas de papai para colocá-lo na cama após uma noite de bebedeira. Nunca ouviu as crises de raiva nem os lamentos de um homem que se embriagava para esquecer a vergonha e a humilhação. Ele não passava de um simples escriturário de De Jaurès, era um inspetor de terras. Um mau caráter que, contando com a proteção do tio visconde e de um sobrenome ilustre, aproveitava-se dessa impunidade para aviltar e oprimir seus subalternos. Eu tinha apenas dez anos, mas jurei que jamais me conformaria com uma vida de sujeição como de nosso pai. Se o destino me ajudasse, eu seria o opressor e, com um título de nobreza, forçaria os aristocratas a me receberem. Queria ver suas expressões ultrajadas ao serem obrigados a suportar a minha presença em seu ambiente.

— E conseguiu seu intento, mano. Subiu na vida.

— Não me arrependo de nada que fiz para atingir esse objetivo.

— Não tive intenção de criticá-lo, Adam. Talvez eu esteja com inveja de seu sucesso inexplicável. Não sei como conseguiu ficar tão rico e importante.

— Lógico que não sabe! Desde menino você fugia dos problemas e deveres. Enquanto eu consolava papai e tentava animar mamãe para evitar que o nosso lar desmoronasse, você fugia de casa para a mansão de monsieur Mansel. Jogava com ele, usava seus cavalos e, mais tarde, seduzia suas criadas.

— A sua esposa também!

— Você nunca assumiu a sua parte, Noel.

— E para que eu permaneceria em casa, Adam? Eles tinham você, o filho dedicado e trabalhador. Ficariam muito orgulhosos de seu sucesso se estivessem vivos. Ainda ouço a voz de mamãe me censurando. "Tente ser igual a seu irmão, Noel! Você acabará me enlouquecendo com suas aventuras!"

A recordação daquele período de sua vida ainda provocava em Noel o mesmo sofrimento do passado. Surpreso com a intensidade da mágoa, ele mudou repentinamente de assunto.

— Eu não esperava encontrá-lo no baile do palácio das Tulhérias no mês passado.

— Realmente, eu não pretendia ir, mas... talvez fosse minha última chance de comparecer a um baile. A sua presença me surpreendeu, porque não sabia que estava em Paris.

— Tive uma licença de três semanas.

— E por que não foi para minha casa como sempre? Bazaine ficou muito desapontado quando lhe contei que tinha encontrado você no baile. Ele sente falta de um parceiro de jogo.

— Achei que você não me receberia muito bem. — Noel sorriu, embaraçado. — Por causa de... Juliette Fleury.

— Fleury? Deus do céu! Eu nem me lembrava mais da existência dessa

mulher, Noel! Você continua a vê-la?

— Não. Eu devia ter adivinhado que uma mulher capaz de trair o marido sem hesitação ou remorsos não merecia minha confiança. Você a perdeu para mim mas nem imagina quem foi o meu rival, mano! Um banqueiro recém-chegado do interior, velho, gordo e... com uma verruga no nariz!

— Um velho gordo e... — a risada de Adam transformou-se em uma sonora gargalhada.

— Você devia rir mais, mano.

A reação bem-humorada de Adam aliviou a tensão de Noel. Finalmente, tinham conseguido desfazer o mal-estar provocado pela sedução de Juliette Fleury.

— Não existem motivos para rir, Noel. Mais uma guerra está começando e ainda não tive tempo para usufruir a vida tranquila que conquistei com tanto esforço. Quando chegará esse dia?

Embora preocupado com a possível reação de Adam, Noel arriscou-se, ansioso por entrar no assunto que o levava até o irmão. Ele precisava saber! Tinha de descobrir a verdade! — Você não teve uma bela noite nas Tulhérias... ao lado de madame de Viollet?

— Por que fez essa pergunta? — perguntou Adam, novamente agressivo.

— A bela dama me contou que você tinha prometido levá-la para casa. Cumpriu a promessa?

— Ela... quer que eu lhe escreva uma carta. Mandou o recado através de Bazaine.

Noel esforçou-se para não revelar seu desapontamento. Então Charmiane realmente entregara o coração a Adam! Ele a perdera para seu sótano irmão.

— Ela vai adorar suas descrições de manobras militares e planos estratégicos! Pobre moça!

— Não é nada engraçado, Noel! Que diabos vou dizer em uma carta?

— Realmente, será muito difícil, Adam. Você não pode gaguejar quando escreve! — Noel tentou não revelar sua ansiedade. — Pretende mandar-lhe uma carta, não?

— Não sei. Perdi as duas últimas semanas pensando no assunto, mas... continuo hesitante.

— Inacreditável! — zombou Noel. — Você é sempre tão decidido, mano. A dama não lhe deu provas inequívocas de sua afeição?

— Você continua o mesmo irresponsável, incapaz de conversar seriamente, Noel. — Adam começou a arrumar os papéis sobre a escrivaninha. — Tenho muito trabalho para terminar ainda hoje, mas, se você conseguir uma dispensa, jante comigo em Colônia amanhã. Descobri uma hospedaria que serve um carneiro excelente.

— Vejo que você está realmente preocupado com a carta, mano. Se eu precisasse escrever a essa bela dama, não me faltariam palavras. — Noel sorriu maliciosamente para Adam antes de sair da barraca. — É uma pena que você não tenha um pouco mais do meu encanto e eu um pouco mais do seu dinheiro!

A chuva começara a cair, transformando o acampamento num imenso lamaçal. Noel chegou ensopado em sua barraca e surpreendeu-se por encontrar Martine com um sorriso nos lábios e disposta a encerrar a discussão.

— Pobrezinho! — murmurou ela, abraçando-o carinhosamente. — Precisa tirar essas roupas molhadas, deixe-me ajudá-lo.

A meiguice repentina de Martine não enganou Noel nem por um minuto. Ela decidira lutar com as únicas armas que possuía a fim de vencê-lo e, sem dúvida alguma, era uma perita nas artes de sedução.

— Não vou mudar de idéia, Martie — disse ele, tentando ignorar o desejo crescente. — Você volta para a França assim que o meu batalhão receber ordens de deixar Colônia.

— E para onde devo ir? — resmungou Martine, contrariada. — Para Strasbourg, onde você me encontrou?

— Com os diabos, Martine! E se eu morrer nesta campanha? Voltará a ser uma prostituta? Ou pretende pedir esmolas nas ruas de Strasbourg?

— E você se importa com o que possa acontecer comigo?

— Eu lhe darei dinheiro suficiente para você retornar a Ferté-Milon. Não é onde mora sua família?

— Sabe o que minha mãe vê quando olha para mim, Noel? Durante vinte anos, ela viu o marquês de cabeleira empoada que a surrou impiedosamente e depois a violentou. Como uma criança de catorze anos que engravidou após um ato brutal poderia amar o fruto dessa violência? Quando o Terror chegou ao nosso vilarejo, levou-me até a praça onde havia sido colocada a guilhotina e ergueu-me no colo para que o maldito visse a prova concreta de sua devassidão. Guardou o vestido que eu usava naquele dia, sem lavar as manchas de sangue de meu pai. Sempre que brigava comigo, apontava as pintas na minha pele e gritava que meu sangue era ruim e amaldiçoado!

— Pobre Martine — murmurou Noel, compadecido.

— Só voltarei para casa quando estiver morrendo de fome e não encontrar ninguém que me ajude.

— Pobre Martine...

— Não banque o idiota sentimental, Noel. Não combina com você! — Martine começou a desabotoar a camisa dele. — Quero o seu corpo, não a sua piedade.

Com muito esforço, Noel evitou que ela o abraçasse.

— Não posso levá-la para o campo de batalha. Será que você não entende? É uma loucura!

— Eu sei, Noel. É por isso que quero aproveitar os últimos dias ao seu lado. Teremos pouco tempo para amar antes que você me abandone. — Notando o brilho de raiva nos olhos dele, Martine se corrigiu. — Antes que me mande para casa.

— É para o seu próprio bem.

— Então me convide para dançar como no dia em que nos conhecemos. Você disse que me ensinaria a dança dos lençóis.

Com um gesto rápido, Martine abriu o corpete do vestido oferecendo os seios rijos às carícias de Noel.

— Toque-me e não conseguirá mais resistir...

Noel continuava imóvel, revendo a jovem com quem dançara uma valsa. Um anjo de cabelos negros como a noite e olhos muito verdes, o anjo de Adam! O destino protegera seu irmão, que tomaria nos braços a mulher mais linda do mundo. Ele teria apenas a sedutora Martine, uma voluptuosa ruiva, de bom coração e linguajar grosseiro que aprendera apenas a usar seu corpo para dar prazer aos homens.

— Canalha! — gritou Martine, repentinamente. — Está pensando em outra mulher! Quem é ela?

— Deixe de tolice, Martine. Estou pensando em você, é claro!

— Mentira! Você... me ama, Noel?

— Já lhe disse que não amo mulher alguma, porque não tenho tempo para me apaixonar — mentiu ele, beijando os seios de Martine. — Aceite o que posso lhe dar, a minha paixão.

— Você é um canalha... irresistível!

Noel também não resistiu mais aos encantos de Martine que, envolta apenas pela luminosa cabeleira ruiva, o arrastava para a cama.

— Acha que estará segura em Strasbourg?

— Não se preocupe comigo — murmurou ela, acariciando-o avidamente. — Sei tomar conta de mim!

— E irá esperar por mim?

Soltando-se dos braços que a envolviam, Martine foi até o centro da barraca, expondo sua nudez gloriosa aos olhos de Noel.

— Talvez sim... talvez não.

— E talvez eu a procure... talvez não.

Sentindo um arrepio percorrer seu corpo, Noel voltou para a frente da barraca e viu que estava fechada. Se não era frio, ele também fora afetado pela sinistra premonição de Adam. Afinal, eles eram gêmeos e, desde meninos, partilhavam os mesmos pressentimentos.

— Se eu sobreviver a esta maldita guerra...

— Cale a boca, Noel! Nunca mais diga uma coisa tão estúpida!

Sem dúvida, só podia ser uma fantasia absurda e inaceitável. Como morrer sem rever Charmiane? Seus ossos apodreceriam em um solo estrangeiro, longe de sua pátria e da única mulher que merecia ser amada. Nunca mais veria os olhos verdes como o mar durante as tormentas de verão? Subitamente, Noel voltou à infância e sentiu-se como o menino de dez anos que chorara quando monsieur Mansel vendera sua égua favorita.

— Noel? — a voz de Martine refletia surpresa. — Eu já enxuguei seu rosto, mas...

— Chega de conversa, mulher — dando uma gargalhada amarga, ele puxou-a de volta para a estreita cama de campanha. — Seja a minha dama dos lençóis e mostre que seu corpo tem o dom de apagar o passado e bloquear as visões do futuro. Dance comigo até nossas energias se esvaírem, até que a exaustão traga um sono sem sonhos. O presente é curto demais...

CAPITULO VI

Charmiane quase voltou para dentro da igreja de Saint-Suplice ao sentir o calor que as pedras da praça irradiavam. Seria tão bom possuir uma sombrinha que a defendesse do sol excessivamente forte para o início de junho! Melhor ainda seria estar em Zurique, à sombra fresca dos Alpes e livre das lamúrias constantes da tia!

Tante Sophie reclamava de manhã à noite, lembrando, com amargura, que Paris sempre fora sufocante durante o verão e por isso só os pobres ficavam na cidade. Agora eram os aristocratas que não tinham condições de fugir para o campo e permaneciam em seus minúsculos e abafados apartamentos nas redondezas do Faubourg Saint-Germain. Os burgueses ricos escapavam do calor tórrido em belas propriedades campestres que haviam comprado por uma ninharia em uma época de trágicos tumultos.

Charmiane começava a se arrepender da decisão que tomara. Por que não tinham ficado na Suíça? O retorno à França para reclamar as propriedades de Henri estava fadado ao fracasso! O seu falecido marido deixara o país há dezesseis anos e, possivelmente, já não restava nenhum papel dessa época nos cartórios. E, mesmo se houvesse algum documento, seria preciso muito dinheiro para que alguém o procurasse e os Chevrillon mal conseguiam sobreviver!

Ela também percebia, só agora, que seu marido fora um tolo irresponsável. Forçado a abandonar a França, como os Chevrillon, Henri ainda encontrara tempo de transferir suas extensas propriedades para Troche, um criado de confiança, além de espalhar uma história falsa que desviaria as suspeitas. O castelo no campo, a mansão em Paris e até uma aldeia na província de Anjou teriam sido confiscados pelo governo e comprados por um preço irrisório pelo vingativo Troche.

De seu refúgio na Suíça, Henri se empenhara em reforçar essa ficção, certo de que retornaria à França para recuperar suas propriedades tão logo a Revolução fosse dominada pela dinastia dos Bourbon. Ele errara em acreditar

na restauração da monarquia e em basear seu acordo na palavra do fiel Troche e não em documentos assinados. O velho criado morrera e seus filhos haviam se apossado de tudo declarando-se legítimos herdeiros.

Sim, teria sido mais sensato e bem mais fresco ficar na Suíça. Mas tio Eugène morrera havia quatro anos e Henri fora enterrado há dois meses, portanto nenhum laço prendia Charmiane e tante Sophie à pacata Zurique. A tia não se conformava em viver sem um homem que tomasse as decisões por ela e sonhava em retornar a seu país natal. Todos os dias eram declaradas novas anistias e grupos de expatriados voltavam à França. O próprio Armand já vivia em Paris há sete anos.

Finalmente, Charmiane cedera aos insistentes apelos da tia logo após o Natal, tinha tomado a decisão que julgou ser a mais sensata. Iriam retornar à pátria! Agora, ela já não sabia se considerava a França ou a Suíça o seu verdadeiro lar!

Com um suspiro desanimado, Charmiane forçou-se a encarar a realidade. Talvez não estivesse com saudade da Suíça nem perturbada pelas queixas constantes da tia e sua inquietação fosse causada apenas pelo desapontamento. Ainda não recebera nenhuma carta de Adam! Tinha ido três vezes à farmácia, mas recusava-se a escrever ao sr. Bazaine pedindo-lhe que transmitisse novamente seu recado ao coronel Bouchard. Ele a esquecera, não adiantava insistir!

Mas... ela ainda tentaria uma última vez. Embora se envergonhasse de sua insistência, cruzou a praça em direção à farmácia. Então, viu o corpulento sr. Vernis diante da porta e quase desmaiou de alegria ao perceber o retângulo de papel branco em suas mãos. Finalmente! Uma carta de Adam!

— Com licença — murmurava ela, abrindo caminho entre pessoas que, saindo da igreja, misturavam-se aos comerciantes na praça. — Com licença.

— Charmiane! Aonde vai com tanta pressa? Tentando disfarçar a contrariedade, ela virou-se para Domfort.

— Bertrand? O que você veio fazer na praça de Saint-Sulpice?

— Vim procurá-la, linda Charmiane. Madame de Chevrillon disse-me que eu a encontraria à saída da missa.

— É... tante Sophie sempre sabe onde estou — murmurou ela, sentindo-se envolvida pelos planos casamenteiros da tia.

— E por que esse ar de concentração? Você caminhava com tanta determinação que só pode estar indo para algum lugar específico.

— Eu queria apenas fugir do sol — mentiu Charmiane percebendo que Bertrand não desistiria. — Está forte demais.

— Principalmente para um botão de rosa como você! Devia ter ocultado sua beleza sob um guarda-sol. — Com um gesto gracioso, ele beijou a mão de Charmiane. — Então, o coração me guiaria até sua presença, não os meus olhos.

— Oh, Bertrand... que exagero!

Ao contrário de Domfort, Charmiane não vivera na corte de Luís XVI e estranhava o modo de falar floreado dos cortesãos galantes.

— Você fez várias perguntas, mas, até agora, não me disse por que veio me procurar. Já fomos a um baile e a três jantares nos últimos dois meses.

— Também vimos os fogos de artifício que perderam o brilho diante de sua beleza, Charmiane.

— Repito que seus elogios são muito exagerados. Estava escuro demais para distinguir meus traços!

— Escuro o suficiente para beijá-la... e você não permitiu.

— Por favor, Bertrand.

Charmiane não sabia como agir. Na verdade, havia superado sua antipatia inicial por Domfort e até começara a apreciar a companhia daquele homem que compensava a escassez de recursos sendo pródigo em elogios e cortesia. Tinham sido jantares modestos, mas agradáveis e, nos longos passeios às margens do Sena, ela descobrira a beleza da Paris dos jovens aristocratas, um mundo que desaparecera com a Revolução. Chegara até a cogitar a possibilidade de casamento, apesar do que sofrera nas mãos de Henri. Entretanto, tudo mudara no instante em que o sr. Vernis lhe mostrara a carta de Adam.

— Talvez tenha sido... prematuro, Bertrand. A morte de Henri ainda é muito recente.

— Mas você nem está de luto!

— Foi uma escolha deliberada. Quando decidi retornar à França, enterrei meu passado na Suíça. Isso não significa que eu já não pense em Henri.

— Então... só me resta esperar. — Bertrand suspirou, com uma expressão ofendida. — Vamos tomar um sorvete? Afinal, foi por isso que vim procurá-la.

Bertrand conduziu Charmiane a um pequeno café na Rue des Aveugles. O único defeito do local modesto, mas agradável, era o garçom, extremamente rude e displicente.

— Você é mesmo um anjo, Charmiane — exclamou Domfort nitidamente irritado. — Está sempre sorrindo, jamais se ofende com a ralé que insulta nossa classe.

— Eu fui muito cedo para a Suíça e sempre vivi modestamente. Nunca usei, como Henri, o título de marquesa, e meu único dote era um velho catálogo das jóias Chevrillon que viriam a ser minhas se a Revolução não tivesse destruído a nobreza. Garanto-lhe que estou acostumada com garçons rudes.

— Mas não é justo! — insistiu ele, amargurado. — Eu e Armand encontramos um dos filhos de Troche, sabia? O maldito é visconde e consta que se desfez de sua parte da herança paterna para comprar o título. Se ao menos nós pudéssemos ver o contrato de venda! As terras pertencem a Henri e; por não possuir direito de propriedade, o visconde não podia vendê-las.

Deve ter falsificado os documentos, mas, sem muito dinheiro para subornar os funcionários certos, esses papéis estão fora de nosso alcance.

— Por que se preocupa tanto por minha causa, Bertrand? Você já tem problemas demais...

— Há dois anos, eu e Armand estávamos quase ricos, quase com o dinheiro suficiente para recomprar nossas terras e nossos títulos. Precisávamos de alguns milhares de francos que reuniríamos em dois meses, mas decidimos esperar seis, pois assim nos sobraria uma boa quantia nas mãos. Então... os bancos faliram. Nós perdemos tudo!

— Oh, não! — murmurou Charmiane, imaginando também o sofrimento do irmão.

— Tentei não me desesperar, convenci-me que havia sido apenas um pequeno desapontamento. Afinal, eu tinha condições de recomeçar a luta. Foi quando eu conheci você, Charmiane. Ah, como eu queria ter todo o ouro das índias para colocar a seus pés! Mas não me restou um centavo e por isso vivo atrás de funcionários dos cartórios a fim de descobrir um que possa ser a chave para devolver-lhe as propriedades de Henri. Meu sonho é entregar-lhe o castelo e as terras dos Viollet e seu título de marquesa.

A chegada do garçom com o conhaque que Bertrand pedira foi uma abençoada interrupção. O rapaz, desastrado e indiferente, derrubou a bebida sobre o mármore da mesa e, enquanto limpava sem a menor pressa, Charmiane conseguiu ordenar seus pensamentos.

A delicadeza e a devoção de Domfort podiam ser comoventes, mas Charmiane jamais o aceitaria enquanto Adam ocupasse seu coração. E ela não tinha vontade de se livrar dessa obsessão! A única saída era desencorajar um pretendente que nunca chegaria a amar. Para isso, precisaria impedi-lo de falar de amor.

— Sempre achei que você e Armand têm uma inteligência brilhante. Como conseguiram ganhar tanto dinheiro?

— Bem... nós temos... existem caminhos...

— Caminhos honestos?

Ele ergueu a cabeça e fitou-a, desafiante.

— E se eu lhe disser que são desonestos? Ficaria chocada? Perderia o respeito que tem por Armand... e talvez por mim?

— Não! É claro que nada mudaria.

— Fomos forçados a lutar para sobreviver e usamos armas que no passado nós mesmos condenaríamos. Felizmente, a sorte ainda nos sorri. Às vezes... — ele acariciou o rosto de Charmiane — ...o destino coloca uma jóia em nosso caminho e sabemos que tudo foi válido.

Era preciso mudar novamente o rumo da conversa! Tentando aparentar descontração, Charmiane sorriu para Bertrand.

— E talvez Bonaparte seja logo obrigado a renunciar! Então a vida voltará a ser como antes e não teremos de nos preocupar! Nunca mais!

Costumo conversar com as pessoas na igreja e muitos pensam como nós.

— Ouviu algum comentário interessante?

Charmiane não se interessava por política, mas falaria sobre qualquer assunto para impedir que Domfort a cortejasse!

— Todos esperam que o conflito entre a Inglaterra e os Estados Unidos seja resolvido sem uma guerra. Napoleão se fortaleceria se a Grã-Bretanha deixasse de hostilizar a França e, quanto mais inimigos ele tiver, mais cedo será deposto. Pelo menos, é o que dizem.

— Falam tão abertamente? É um bom sinal.

— Ouvi comentários ainda mais perigosos! Uma senhora declarou, com a aprovação geral, que Le Glaive en Feu insiste na inevitabilidade de um golpe de Estado que deverá ocorrer neste verão quando o Tirano estiver na Rússia.

— A Espada de Fogo? — perguntou Domfort com um sorriso nos lábios.

— Ele escreve artigos incendiários para uma publicação clandestina, a La Voix. Ninguém sabe exatamente quem é esse homem. Eu só ouvi falar dele há poucos dias em uma reunião no apartamento de madame Lesparre. Alguém estava pedindo que todos colaborassem com algum dinheiro para manter o jornal em circulação.

— Os ricos conspiradores do Fallbourg Saint-Germain sempre pagam, e muito, para incentivar atos de traição. Afinal, é cômodo dar dinheiro sem arriscar a pele.

— Traição? Certamente é um exagero, Bertrand.

— Que nome você daria a uma conspiração que visasse depor Bonaparte? Para nós seria a realização de um sonho, mas, legalmente, é crime de traição do governo estabelecido.

— Então... serei uma fiel admiradora da Espada de Fogo e de seus artigos "traidores".

— Você tem algum compromisso agora, Charmiane? Na verdade, ela não queria voltar para casa. A carta de Adam a esperava na farmácia e, se entrasse no apartamento, teria de inventar algum pretexto para sair novamente.

— Não há nada de urgente. Por que?

— Venha comigo. Depois descobrirá o motivo. Charmiane começou a perder a calma à medida que se afastavam da Rue dos Aveugles. As vielas ficavam mais estreitas e sujas, até que entraram na Rue du Paon, uma rua sem saída com casas malcuidadas e quase em ruínas. Subitamente, a antiga desconfiança que sentira por Domfort voltou a inquietá-la. Afinal, pouco sabia sobre aquele homem que não falava sobre si mesmo. Era um aristocrata que perdera a fortuna, o título e as terras, mas ele nunca entrava em detalhes sobre seu passado. Que parentes perdera na guilhotina? Como tinha sido sua vida em família?

Essa deliberada reticência podia ser fruto de um sofrimento ainda não superado, mas como explicar o brilho estranho nos olhos de Domfort? Embora

fosse sempre polido e respeitador, Charmiane não tinha dúvidas de que ele a desejava. Por que sentia que havia algo além de desejo naquele olhar?

— É aqui — disse Domfort, puxando Charmiane em direção a uma casa de aparência sinistra. — Você está com medo? Eu não mereço a sua confiança?

Charmiane sentiu remorsos por ter desconfiado de um amigo de seu irmão. Afinal, ela entregara corpo e alma a um desconhecido num jardim vestido de luar!

— Eu o seguirei, Bertrand.

Os dois entraram numa saleta escura que, a julgar pela aparência e pela quantidade de poeira, não fora usada nos últimos meses. Havia poucos móveis: uma mesa com alguns livros cobertos de pó, uma cadeira em frente à lareira sem lenha ou cinzas, um armário cuja porta se soltara dos gonzos e, estranhamente, uma estante de música e um clarim.

Antes que Charmiane pudesse fazer perguntas a Domfort, viu-o enfiar a mão dentro do armário e puxar uma prateleira. Então, o fundo do móvel se abriu, revelando uma escada estreita e uma tênue claridade que vinha do andar superior. Os dois já tinham subido alguns degraus quando uma voz encolerizada rompeu o silêncio.

— Acabou a tinta? Maldição! O que faremos? Atônita, Charmiane encarou Domfort.

— Mas... é-é Armand!

Ele sorriu e, sem responder, abriu a porta no alto da escada, revelando uma tipografia clandestina. Em torno da impressora estavam três homens: um jovem muito magro e de expressão triste, um velho careca e... seu irmão!

— Quem era o responsável pela compra da tinta? — esbravejava Armand, batendo na impressora com o punho cerrado. — Você, Georges?

— Não, mas eu e Jean-Pierre levaremos um dia para organizar os tipos, portanto, amanhã...

— Amanhã todos nós poderemos estar mortos.

— Calma, amigo — interveio Domfort, com um sorriso pacificador. — Esqueceu-se de que Gaston trará a tinta ao anoitecer?

— Espero que... Por Deus, Bertrand! — Ao erguer a cabeça, Armand viu a irmã ao lado do amigo. — Por que a trouxe aqui? Enlouqueceu?

— Vamos para seu escritório, Chevrillon — disse Domfort empurrando os dois irmãos para o minúsculo aposento onde Armand trabalhava. — Eu a trouxe porque Charmiane já tem idade para saber e eu queria apresentá-la à... Espada de Fogo.

— Meu Deus! Armand... é mesmo você quem... e tante Sophie? Ela sabe?

— Não, e exijo que você guarde segredo.

— É inacreditável, querido!

— Por quê? Todos nós queremos salvar a França das garras do Tirano,

mas o que vocês estão fazendo para conseguir esse milagre? Refiro-me a você, Charmiane, e ao bando de aristocratas ociosos que desperdiçam a vida, lamentando-se e desejando a volta dos bons tempos sem coragem para agir. Eu prefiro dirigir os acontecimentos!

Charmiane abaixou a cabeça, magoada com a violência da censura do irmão. Se ao menos tivesse a mesma paixão de Armand! Os problemas da França não eram tão absorventes quanto a dura luta pela sobrevivência. Ela crescera longe de sua terra natal e aprendera a não dar uma importância muito grande à política.

Nà época em que Charmiane vivera na Suíça, os aristocratas discutiam sem ardor a situação da França. Afinal, tudo acontecera há tanto tempo e estavam tão longe da pátria! Era difícil recordar os detalhes sangrentos na pacata Zurique e, algum dia, os bons tempos voltariam. Enquanto esperavam, por que não saborear as cervejas de Génève, ainda mais saborosas que no ano anterior? Só Armand tivera a força e a coragem de transformar suas convicções em atos ousados!

— Leve-a embora, Domfort! Agora!

— Vá para o inferno, Armand! Ela...

Charmiane não esperara Domfort falar e já estava à porta do escritório. Ela nunca se sentira tão inútil em toda a sua vida!

— Não fique triste, Charmiane. — Domfort conduziu-a para fora do escritório. — Armand está cansado demais, não quis ofendê-la. A tensão acaba com nossos nervos!

— Não se preocupe, Bertrand! Eu entendo.

— Ótimo! — disse ele, virando-se para o jovem magro e de olhar melancólico. — Não está na hora de ensaiar, Jean-Pierre?

— Sim, é claro — murmurou o garoto sem tirar os olhos de Charmiane. — Eu descerei com vocês... se a senhora não se incomodar.

Charmiane respondeu com um sorriso, ainda perturbada demais para falar. Por que algumas pessoas arriscavam suas próprias vidas por uma causa? Por que lhe faltava esse idealismo? Jean-Pierre não passava de um adolescente, jovem demais para ser um aristocrata que vivera no exílio e sem o refinamento de uma educação nobre, mas estava ali. Por quê?

— Eu gostaria... que me dissesse por que se envolveu nessa luta para restaurar a monarquia, Jean-Pierre.

— Quero apenas paz, madame. Infelizmente, isso não acontecerá enquanto o Tirano for imperador da França, porque seu exército devora os franceses. Meu pai morreu na batalha de Iena, e meu irmão perdeu a vida quando seu navio naufragou na batalha de Trafalgar. Dois primos nunca voltaram da Espanha e meu melhor amigo também ficou nos campos de Barrosa. Mas o maldito Corso continua a convocar novas vítimas, quer mais homens, mais sangue, mais vidas! Eu fui convocado, mas fugi porque minha mãe não suportaria mais uma perda. Deixei minha aldeia, mas mamãe sabe que voltarei quando Bonaparte for destruído. E eu ajudarei a acabar com esse

monstro!

Os três tinham chegado à escura sala da frente e, para surpresa de Charmiane, Jean-Pierre apanhou o clarim.

— A impressora é muito ruidosa — explicou Domfort percebendo a incompreensão de Charmiane. — Jean-Pierre toca o clarim por horas, até Georges terminar de imprimir o jornal.

— E também pratico para tocar no funeral do Tirano! — acrescentou o garoto.

Já na rua, Charmiane ouviu, comovida, a melodia plangente do clarim.

— Você está muito perturbada, Charmiane. Vou levá-la imediatamente para casa.

— Sim... Não! — Aflita, ela se lembrou da carta de Adam. — Eu preciso passar na farmácia... na praça de Saint-Sulpice. Tenho de comprar... algo para aliviar uma súbita dor de cabeça.

— Compreendo — murmurou Domfort, preocupado. — Eu não devia tê-la forçado a vir...

Charmiane não estava com a menor disposição de conversar. Ficara chocada ao descobrir a atividade de Armand e magoada com a censura dele, mas agora só pensava na carta de Adam, à sua espera na farmácia do sr. Vernis.

O velho soldado demorou para embrulhar o remédio nos fundos da loja e, ao segurar o pacote, Charmiane percebeu que ele embalara também a carta. Incapaz de controlar a impaciência, ela despediu-se de Domfort com uma rispidez quase ofensiva, prometendo que o veria novamente dentro de dois dias. Então, atravessou a sala na ponta dos pés para não acordar tante Sophie e, com um suspiro de alívio, refugiou-se em seu quarto.

“Charmiane,

Eu deveria censurá-la por seu romantismo e por desejar o impossível. Por que me pediu para escrever? Não sabe que é inútil agarrar-se à sensatez e à normalidade quando a loucura tomou conta do mundo? O vento da destruição está varrendo a Europa e, como as folhas sopradas para muito longe, nossas cartas também se perderão ao longo de um caminho tumultuado cheio de obstáculos intransponíveis.

Ontem, eu sonhei que estava diante de meu túmulo, no alto de uma colina sem sol em um país estrangeiro. Acordei em pânico, tremendo como uma criança que desperta de um pesadelo. Não senti medo da morte e sim da trágica certeza de que não veria mais seu rosto perfeito e tão doce. Esse pensamento atormentou-me durante todo o dia, provocando em mim uma tristeza infinita.

Passei o dia ocultando dos outros o meu desespero e ninguém percebeu. As pessoas vêem apenas a máscara que eu apresento ao mundo. E agora, sozinho em minha barraca, ouvindo apenas o silêncio da noite, surpreendo-me ao escrever palavras que meus lábios jamais pronunciariam. Só você saberá que sinto medo e tenho pesadelos. Será que minha alma se liberta porque a

escrita é mais anônima do que a fala? Ou terá sido a sua imagem, tão clara em minha mente, que abriu as portas do cárcere? Os seus olhos refletiam compreensão e doçura...

O grego Paris foi à guerra para conservar sua bela Helena. Sentimentos nobres, pertencentes a outras épocas e que hoje seriam considerados ridículos. Eu parti para a guerra e tenho medo de perdê-la. Sinto um medo ainda maior de pedir-lhe que me espere. A cada dia que passa, fica mais difícil não aceitar a realidade. Todos nós morreremos nesta aventura fatal. Só Deus sabe o que o futuro me reserva. Eu sei apenas que a vida nunca teve valor para mim por sua causa.

Jamais me agarrei com tanto fervor a uma existência que até agora era vazia e sem rumo. Também não tinha sentido com tanta nitidez a mão de Morte pesar sobre meu ombro.

Só me resta pedir-lhe um favor, bela Helena. Pelo seu bem, esqueça-se de mim. Viva a sua vida como se nunca tivéssemos nos encontrado. Pelo amor de Deus, me esqueça!

Adam."

Charmiane não percebeu quando as lágrimas tinham começado a deslizar pelo seu rosto. Agora chorava pelo desespero contido nas palavras de Adam e pela sua ânsia de revê-lo para aliviar tanta dor. Ela perdeu a noção do tempo e só se forçou a controlar o pranto ao perceber que tante Sophie acordara. Guardou a carta junto do leque que Adam lhe dera para lê-la de novo à noite, quando a tia tivesse ido dormir.

A releitura da carta, todas as noites, aliviava a solidão de Charmiane, que se sentia muito perto de Adam enquanto repetia em voz baixa as palavras que já sabia de cor. Infelizmente, teve de esperar mais de uma semana até poder escrever a sua resposta.

Ela sempre mantivera o seu material de escrita na escrivaninha da sala e não poderia levá-lo para o quarto sem despertar a curiosidade da tia, provocando uma avalanche de perguntas indiscretas. Também não confiava em sua capacidade de dissimular as emoções para escrever a carta diante do olhar alerta de tante Sophie.

A oportunidade surgiu quando a tia declarou que estante se sentindo mal e passaria o dia na cama. Tante Sophie alternava períodos de sono profundo, provocado pelo remédio de dormir que ela tomava como se fosse água, com fases de excitação nervosa em que Janine quase enlouquecia para atender as petulantes exigências da doente. Charmiane agradeceu a Deus por ter sido esquecida e poder, finalmente, escrever sua carta.

"Meu querido Adam,

Não me peça para esquecê-lo porque estaria além de minhas forças. Eu vivi em um mundo de trevas do qual só me liberei quando sua carta chegou. O encontro com o gentil sr. Bazaine e o lindo leque que você me enviou ajudaram a aliviar a angústia, mas não foi suficiente. Como eu poderia ter certeza de que os momentos partilhados no jardim das Tulhérias eram tão importantes para você quanto para mim? Então recebi sua carta e reencontrei,

nas entrelinhas, a mesma ternura que me conquistou naquela noite mágica. Infelizmente, também havia tanta dor em suas palavras que sofri por você. Tenho um favor a lhe pedir, querido Adam. Tente lutar contra essa força sombria que mina o seu otimismo e diminui suas forças. Pense no futuro, no nosso futuro.

Teve medo de pedir-me para esperá-lo? Como pode ser tão incrédulo? Dizem que o deserto se cobre de flores quando chegam as chuvas e eu sinto-me árida e à sua espera para florescer.

Não poderei sobreviver se você não continuar escrevendo para mim. Ao ler suas cartas, eu ouço sua voz e preciso de suas palavras, mesmo se transmitirem dor e angústia, para que a esperança continue viva. Não importa o que a vida possa nos reservar, porque eu serei sempre sua. Com todo amor,

Charmiane".

Charmiane passou o mês de julho angustiada, porque não chegavam notícias de Adam. Mas, no começo de agosto, o sr. Vernis entregou-lhe, com um sorriso triunfante, um maço de cartas. O velho veterano de tantas guerras, de rosto marcado e sempre apoiado em uma bengala, não tinha a menor semelhança com Cupido, mas era através dele que dois apaixonados se comunicavam. Impulsivamente, ela beijou a face daquele homem pouco acostumado a manifestações afetivas.

Apesar do calor sufocante, Charmiane correu para o jardim de Luxembourg, por ser o mais próximo de sua casa, e procurou um recanto sombreado onde pudesse se isolar do mundo. Ela leu as cartas sofregamente, mas logo percebeu que Adam recebera apenas algumas das que enviara. Apesar de tante Sophie, conseguira escrever uma por dia e o sr. Vernis já sorria ao vê-la aproximar-se da farmácia com tanta frequência.

As cartas de Adam eram muito longas, com os comentários típicos de um homem inteligente, de um soldado que se orgulhava de seu país. Mas, em alguns parágrafos dispersos, Charmiane sentia sua raiva, sua dor e também humor e uma ternura que talvez nem ele admitisse.

...Recebemos ordens de iniciar a marcha no dia 29 de maio. Dizem que este é o maior exército jamais reunido sob o comando de um único homem. Mais de meio milhão de soldados! Os generais e os marechais vieram com suas mulheres, seus criados particulares, carroças com objetos pessoais, enfim, muita gente que não devia estar aqui. Será que o chef-de-cuisine do marechal Ney, que não passa de um cozinheiro de luxo, saberá empunhar uma arma em vez de uma colher de pau se for necessário defender suas panelas ou... a vida? ...As suas poucas cartas, tão esperadas e bem-vindas, refletem o otimismo da juventude, bela Helena. As manhãs ensolaradas de verão são menos revigorantes do que suas palavras...

...por uma estranha coincidência, eu e meu irmão lutaremos juntos nesta guerra. Os nossos regimentos foram designados para servir no mesmo corpo de cavalaria, o III do general Grouchy. É como estar de volta à escola, quando um vigiava o outro para detectar algum sinal de favoritismo, alguma vantagem desleal. Quem ganhará agora a primeira medalha? ... Tenho ouvido relatórios sucessivos de saques e pilhagem pelos batedores. Não satisfeitos de destruir

as colheitas e arrancar o teto das cabanas para alimentar seus cavalos, roubam todos os objetos de valor menos os crucifixos das igrejas. E ainda não chegamos à fronteira da Rússia! O que os poloneses, nossos aliados, devem estar pensando de nossos soldados selvagens? Após a nossa passagem, a Polônia ficará arrasada... ...Cruzamos o rio Niemen no dia 24 de junho e finalmente entramos na Rússia. As estradas são intransitáveis, os dias muito quentes e as noites geladas. Os homens estão cansados e, quando chove, os cavalos escorregam na lama e perdemos preciosas carroças de mantimentos...

...Hoje eu pensei em Paris. As crianças continuam brincando no jardim de Luxembourg? Ou melhor... as crianças ainda brincam? Você conhece a costa da Bretanha? É um lugar lindo e eu gostaria de ter uma casa na praia, perto do lugar onde nasci e passei minha infância...

...Ainda faltam dois dias para atingirmos Vilna, o nosso primeiro alvo, e já começamos a perder homens de disenteria e desnutrição. Espero que o batalhão de suprimentos recupere o atraso ou não será fácil sobreviver até a chegada deles. Não podemos nem matar a sede! Os russos envenenaram a água, jogando animais mortos nos poços. A situação é trágica e os homens morrem como moscas. Carroças, armas e até canhões são abandonados à beira da estrada e, à sua sombra, se refugiam os moribundos e os que em breve morrerão. A cavalaria perdeu cinco mil cavalos que comeram centeio verde por falta de feno. Como pode se esperar que os soldados lutem com bravura? ...Chegamos a Vilna, que foi capturada sem luta. E como poderia ser diferente? Os russos abandonaram a cidade, levando os estoques das lojas, dos mercados e das casas...

...Hoje eu cavalguei pelos arredores de Vilna para reconhecer o terreno antes de avançarmos. Encontramos uma bonita fazenda que fora abandonada mas não destruída como as outras. Pensei em você, bela Helena. Havia um berço de criança pintado de rosa, talvez de uma menina linda...

...Reiniciamos a marcha em direção a Vitebsk. Os russos continuam a se retirar à medida que avançamos, para evitar, covardemente, a luta. Deixam os campos despojados ou queimados e um soldado que tentava arrancar do solo algumas batatas foi atacado com selvageria pelos camponeses. ...Já não sei mais o que pensar sobre nosso inimigo. Os cossacos, que surgem inesperadamente para confrontos rápidos, são selvagens e lutam até a morte. Os camponeses servos nos olham com medo e ódio quando passamos e depois enviam seus filhos para o Exército imperial a fim de defenderem Deus, a mãe Rússia e o Czar. Durante essa longa marcha em terríveis condições, começo a perder a noção do motivo que nos trouxe até esta terra...

Foi na última carta, de 19 de julho, que Charmiane não conseguiu mais controlar o pranto.

...Atravessamos um pântano, lutando contra a lama, o calor tímido e os insetos. O cheiro sufocante de carne em putrefação espalhava-se pelo ar e os animais mortos dificultavam nossa marcha. Esperávamos encontrar uma aldeia onde pudéssemos descansar e comer antes de reiniciarmos a marcha. Só encontramos ruínas carbonizadas. Os russos tinham chegado antes... O desespero tomou conta dos homens, porque não havia comida nem abrigo,

apenas a desolação. Tentei animá-los, mas nem mesmo eu sentia-me com forças para enfrentar mais uma aldeia destruída. Afastei-me da rua central do vilarejo, chutando os troncos ainda fumegantes e cruzando um bosque de troncos nus e enegrecidos pelo fogo e pela fumaça. Então, sob os restos de uma carroça queimada, vi uma flor, intocada pela destruição. Será que o espírito humano tem a mesma resistência e o poder de recuperação de uma singela margarida? Infelizmente, naquele momento, eu duvidei da capacidade dos seres humanos e confesso, apenas a você, bela Helena, que chorei.

De repente, notei que a flor era amarela... Tinha a mesma cor do vestido que você usava naquela noite nas Tulhérias. Então senti que existia um futuro para mim, algo pelo que valeria a pena lutar e chegar vivo ao fim desta maldita guerra. Eu quero vê-la de novo com um vestido amarelo, Charmiane querida.

Sempre seu Adam".

Charmiane encostou a cabeça no tronco de uma árvore e chorou pelo homem que, em meio à tragédia, via em uma flor o sinal de um futuro melhor. Sim, Adam seria sempre seu, mas até quando continuariam separados por uma guerra brutal?

CAPÍTULO VII

Sons cristalinos mesclaram-se às risadas das crianças que brincavam no jardim de Luxembourg. Eram os sinos de todas as igrejas próximas ao Boulevard Saint-Germain batendo as horas. O tempo se detivera apenas para Charmiane que, com a releitura das cartas de Adam, perdera a noção do mundo ao seu redor.

Tomando novamente consciência da realidade, Charmiane lembrou-se que tante Sophie a encarregara de convidar Armand e o sr. Domfort para jantar com elas naquela noite. Guardando com relutância as cartas, decidiu ir até o modesto quarto do irmão e deixar um recado com o zelador. Ela se esquecera do passar das horas e já não o encontraria mais em casa.

E por que não procurá-lo no jornal? Charmiane não entendera a paixão de Armand pela causa dos realistas, mas agora, após ler as cartas de Adam, sentia raiva de Bonaparte e de tudo que ele representava. Talvez a sua revolta a ajudasse a aceitar, com maior benevolência, o idealismo fanático de seu irmão.

Não foi difícil identificar a casinha da Rue du Paon. Antes mesmo de virar a esquina para entrar na ruela sem saída, ela ouviu o som metálico do clarim tocado por Jean-Pierre. O rapaz enrubesceu ao vê-la abrir a porta da sala e interrompeu seu exercício musical.

— Madame... — murmurou ele, fascinado com a bela dama que enfeitava aquele lugar imundo. — O sr. de Chevrillon ainda não chegou.

— Eu posso esperar. — Mais uma vez Charmiane espantou-se com a pouca idade do rapaz. — Quantos anos você tem, Jean-Pierre?

— Vou fazer dezenove.

— E já tem uma namorada?

— Sim. Ela ficou na minha aldeia e jurou que esperaria por mim. Vamos nos casar quando... tudo terminar.

— Todos nós temos de esperar, Jean-Pierre — suspirou Charmiane, pensando em Adam tão distante. — Posso ir até o escritório de Armand?

— Mas é claro! A irmã do sr. de Chevrillon sempre será bem-vinda.

No andar de cima, Georges reunia em pilhas as folhas que ele acabara de imprimir. Depois de avisar Charmiane que o sr. de Chevrillon e o sr. de Domfort logo chegariam e oferecer-lhe uma cadeira, voltou ao trabalho como se não houvesse mais ninguém na sala.

Curiosa, Charmiane pegou uma das folhas para ler, pela primeira vez, um artigo da Espada de Fogo. Não havia nenhum refinamento de estilo naquele manifesto incendiário que visava criar a impressão de ser um homem do povo escrevendo para convocar seus compatriotas às armas.

“Por quanto tempo mais o oprimido povo da França terá de suportar o Tirano, o maldito Ditador? Por quanto tempo mais deixaremos que ele nos sufoque e nos explore? Nossos pobres filhos vão para a guerra para servir a um homem que não acredita em Deus e despreza os mandamentos divinos. Seus irmãos saqueiam o tesouro francês, que pertence ao povo, e enriquecem pela corrupção, roubando o pão de nossas bocas. Suas irmãs fornicam como animais e comportam-se como a mais vil das prostitutas, enquanto tentamos guardar a castidade de nossas filhas. A falsa nobreza cobre de lama a Santa Igreja e limpa seus excrementos com folhas da Bíblia Sagrada.

Temos de devolver Deus à nossa querida França! Precisamos desobedecer às leis do Tirano, recusar que nossos filhos partam para a guerra e para a morte! Vamos para as ruas exigir a ressurreição de nosso país que está mergulhado nas trevas do mal! "Vive Le Ftoi!" Longa seja a vida de nosso verdadeiro rei!”

Havia cerca de dez folhas nesse mesmo tom inflamado e, mais uma vez, Charmiane surpreendeu-se com a paixão idealista que animava seu irmão e também com a própria incapacidade de compreender essa emoção. A raiva e o envolvimento fanático de Armand por uma causa a assustavam e intrigavam do mesmo modo que a dedicação de Adam ao dever e ao imperador. Ela amava esses dois homens tão diferentes, que lutariam até a morte para defender suas convicções e, subitamente, sentiu muito medo do futuro.

— Que surpresa agradável! — disse Domfort ao deparar com Charmiane.

— Vim para convidar você e Armand para jantarem conosco.

— Será um prazer, Charmiane. Darei o recado a Armand. Ele foi encontrar-se com alguns senadores que prometem doar quinhentos francos para La Voix.

— Senadores? — Ela apontou o papel que estivera lendo. — Por que eles colaborariam para derrubar o governo?

— Alguns apoiam a causa Realista e têm o poder nas mãos. Outros apenas querem estar no lado dos vencedores e fazem um jogo duplo. Não

posso condenar esses oportunistas, porque é muito útil ter amigos nos dois lados.

— Duvido que Armand concorde com você. A julgar pelas palavras dele, o ódio é sua emoção mais forte. Ah! Como eu gostaria que meu irmão tivesse alguém para amar!

— Eu também me preocupo com esse problema. Desculpe-me por entrar num assunto tão indelicado, mas Armand costumava receber mulheres em seu quarto. Atualmente, ele evita todos os laços emotivos e dedica-se à causa com uma devoção quase obsessiva.

Charmiane suspirou angustiada com o rancor que existia no coração de Armand. Se não fosse amenizado por um amor, poderia envenená-lo.

— Temos de distraí-lo, Bertrand. Espero vocês às cinco horas e conto com sua ajuda para convencê-lo a se divertir um pouco. Podemos jogar cartas após o jantar...

Os planos de Charmiane estavam fadados ao fracasso. Armand chegou tarde para jantar e seu mau humor foi aumentando visivelmente. Quando Sophie pediu-lhe com uma voz lamentosa alguns francos para dar a Janine, que ficara até mais tarde a fim de lavar a louça, ele a fitou com ódio e, sem dizer nada, jogou as moedas sobre a mesa.

Ainda disposta a ajudá-lo, Charmiane se ofereceu para levar a camisa dele a uma costureira do bairro que trocaria os punhos e o colarinho por um preço bastante razoável.

— Eu não estou na miséria, cara irmã! Simplesmente não tive tempo de comprar uma camisa nova.

Embora percebesse a irritação de Armand e suas reações agressivas diante do mais insignificante comentário, Domfort tentou animá-lo com uma boa notícia. Contou-lhe que conhecera um secretário do ministro do Interior através do qual eles poderiam entregar um requerimento pedindo a restituição de seus títulos e propriedades.

— Nós nunca recuperaremos nada! — A expressão de Armand refletia a mais completa desesperança. — Nem nossas terras nem os títulos e nem mesmo a honra! Fomos julgados, sentenciados e condenados à extinção! É o fim de tudo...

— Por favor, querido! — Charmiane correu para junto do irmão. — Não se desespere!

— Eu só lhe causo tristezas, não é? — Ele segurou a mão de Charmiane, sem entusiasmo. — Irei embora para que você possa sorrir, querida. Vejo você amanhã, Bertrand...

Antes que alguém pudesse impedi-lo, Armand desapareceu do apartamento. O silêncio pesado que tomou conta da sala após a saída dele foi rompido por uma risada nervosa de tante Sophie.

— Agora seremos só três para jogar.

— Eu sinto muito, mas também preciso ir embora, madame de Viollot. —

Depois de beijar a mão de Sophie ele virou-se para Charmiane. — Você me acompanha até a porta?

Charmiane não poderia negar aquele pedido cortês sem ser indelicada, mas preparou-se para enfrentar uma situação constrangedora para ambos. Domfort insistia em beijá-la e ela sempre evitava que seus lábios se tocassem.

— Ah! Minha doce Charmiane... — murmurou ele, segurando-lhe o queixo com firmeza.

Como aceitar um beijo se a lembrança das palavras de Armand renovara o amor em seu coração? Charmiane virou o rosto e os lábios de Domfort tocaram sua face.

— A sua teimosia só inflama o meu desejo — disse ele, com olhar frio. — Boa noite, madame.

Ao retornar à sala, Charmiane encontrou a tia, que a esperava com uma expressão de expectativa.

— Então? Deixou que ele a beijasse?

— E por que ele desejaria beijar-me, tante Sophie?

— Por Deus, chérie! O pobre homem não tirou os olhos de sua boca a noite toda! Se ele nem tentou é porque você não o está encorajando e acho bom mudar logo de atitude. Não receberá nenhuma proposta de casamento melhor do que a de Domfort.

— Pode ser que sim, titia.

— Certamente esse pretendente "imaginário" não virá de uma família de linhagem tão nobre, minha cara! Quero que você o encoraje até receber um pedido de casamento.

— E se eu não quiser casar-me com ele?

— Se está determinada a causar-me um terrível desapontamento... Não há nada a ser feito! Agora, ajude-me a desabotoar o vestido, sim?

Charmiane foi tratada com frieza e indiferença enquanto ajudava a tia a preparar-se para dormir. Finalmente, ela cedeu à censura silenciosa e aos suspiros exasperados de Sophie.

— Está bem, titia. Eu prometo que pensarei, apenas pensarei em casar-me de novo.

Mas, na solidão de seu quarto, com as cartas de Adam apertadas de encontro ao peito, Charmiane pensou em casar-se com o homem que amava. Madame Bouchard, baronesa Montcalvo...

Então, as imagens de uma outra época de sua vida suplantaram a alegria do momento presente. Casamento... aquela palavra evocava a humilhação e o sofrimento dos anos que vivera ao lado de Henri.

Charmiane tinha apenas dezoito anos e ainda não deixara de ser criança inocente quando Sophie, com um sorriso de orgulhosa satisfação, avisou-a de que as negociações para seu casamento haviam sido concluídas. O marquês de Viollet possuía não só o título e um sobrenome de prestígio, mas também uma

razoável renda proveniente da venda de algumas jóias da família e muitas mais à espera dele na França, tão logo fosse possível voltar à pátria. Tio Eugène ficara extremamente bem impressionado com as referências que recebera sobre o futuro noivo da sobrinha.

Jamais ocorreria a Charmiane se ofender com isso ou desobedecer os tios, porque, entre os aristocratas, todos os casamentos eram decididos desse modo. A aparência do futuro marido não a agradou, mas não ousaria duvidar da escolha feita pelo tio. Henri estava com quarenta e cinco anos, idade suficiente para ser seu pai e, além de alto e corpulento, tinha o olhar frio e a expressão autoritária. Mas tio Eugène nunca aceitaria um homem que não fosse digno da sobrinha, é claro!

Criada desde menina pelos tios que a adoravam, Charmiane chocou-se com a falta de amor e afeição em seu casamento. Logo nas primeiras semanas, ela sentiu-se usada pelo marido que exigia o cumprimento do desagradável dever conjugal com penosa regularidade. Com o passar dos meses, aprendeu a tolerar aquele ato grotesco e a controlar sua revolta quando, ao entrar em casa no fim da tarde, Henri ordenava: "Esta noite, madame". Infelizmente, Henri exigia a perfeição em tudo e Charmiane não demorou a descobrir que o marido jamais se satisfazia. Ele criticava duramente a inexperiência da esposa em dirigir a casa, repetindo sempre que era um nobre acostumado a uma vida de luxo e não se conformaria em viver como um reles plebeu. Embora se sentisse agredida pela aspereza das censuras, ela tentava melhorar e conseguir a aprovação daquele homem impossível de agradar.

Eles estavam casados há oito meses quando Charmiane descobriu que o sexo não era o maior prazer do marido. Numa tarde quente do fim do verão, Henri voltou mais cedo do café onde se encontrava com os outros aristocratas exilados para lamentarem as glórias do passado.

— Esta noite, madame — disse ele sem se dignar a cumprimentá-la.

— Por favor, Henri... foi um dia sufocante e eu estou com muita dor de cabeça.

Charmiane não teve tempo de se preparar. O marido arrastou-a até o sofá e espancou-a como quem bate em uma criança incorrigível. Deitada sobre os joelhos de Henri, ela tentava fugir das mãos que desciam com violência sobre suas nádegas. A punição foi longa e severa, forçando-a a controlar as lágrimas e os gritos de dor até que se esgotasse a fúria de Henri.

— Está noite, madame — ordenou ele, finalmente soltando Charmiane. — E cubra sua nudez antes que a criada entre na sala.

O jantar foi torturante para Charmiane. Ela mal podia sentar-se e, a julgar pela expressão chocada da criada, a humilhante cena daquela tarde não passara despercebida. A noite, o marido usou-a com uma violência inesperada, forçando-a a novas degradações. E, antes de deixá-la repousar, repetiu a punição, alertando-a que não demonstrasse raiva ou frieza durante o ato sexual ou seria novamente espancada.

Na manhã seguinte, Charmiane correu para o apartamento dos tios. Ela

não os via desde que tio Eugène descobrira que Henri o enganara, gabando-se de uma fortuna inexistente. Tante Sophie a recebeu na sala e ouviu atentamente o relato da sobrinha.

— É evidente que seu marido tem todo o direito de puni-la, Charmiane. Você errou ao recusar-se a satisfazer os desejos dele.

— E eu não tenho nenhum direito?

— Você deve cumprir o seu dever de esposa com um sorriso nos lábios. Sempre, Charmiane! Enquanto não aprender a se comportar desta maneira, Henri irá castigá-la e com toda razão.

— Tio Eugène também... a tratava assim?

— Bastou uma vez, chérie. Eu aprendi com muita rapidez a obedecê-lo sem argumentar.

— Pois eu me recuso a ser tão humilhada. Não vou suportar outra surra nem o uso odioso do meu corpo. Quero vir morar de novo com vocês.

— Impossível! — murmurou Sophie, começando a chorar. — Eu tinha decidido não lhe contar nada, mas... agora torna-se impossível. Seu tio Eugène está morrendo. Os médicos o desenganaram, ele não viverá até o fim do ano.

— Oh, tante Sophie...

— Todo o nosso dinheiro acabou e, quando Eugène morrer, eu terei de morar com você e Henri. Vou precisar da proteção e do suporte financeiro do seu marido. Agora entende por que é tão importante agradá-lo? Por Deus, Charmiane! Volte para casa!

A lembrança da humilhante punição e da violência sexual de Henri ainda eram presentes demais para que Charmiane pudesse aceitar o raciocínio da tia.

— Não, eu sinto muito, tante Sophie. Não posso voltar.

— Quer nos destruir com sua teimosia? Já é muito grave que você desobedeça seu marido, mas... a mim, Charmiane? Depois de tudo que fiz por você?

— Por favor, titia... — Charmiane já não controlava as lágrimas. — Você foi a única mãe que eu conheci, preciso de seu apoio, não de sua censura.

— Então, não me decepcione. Cumpra o seu dever que é voltar para casa, para junto de seu marido!

Charmiane voltou para casa, porque não tinha para onde ir. Ela aprendeu a dissimular, a obedecer o marido de cabeça baixa, mas também descobriu que nunca seria realmente submissa. Já não queria mais a aprovação de Henri, apenas evitar novas punições, o que, infelizmente, estava além de seu alcance.

Henri jamais se conformaria de ter perdido tudo, por ser obrigado a viver num pequeno apartamento em Zurique e não no seu magnífico castelo da França. Insatisfeito, precisava descarregar sua fúria em alguém e a vítima ideal era sua bela e inocente esposa. Quando alguma contrariedade agravava

seu perene descontentamento com a vida, procurava pretextos para puni-la e, muitas vezes, não se dignava sequer explicar-lhe o motivo. "Nós estamos precisando jogar paumele hoje à noite", dizia ele, referindo-se a uma brincadeira infantil em que as crianças dão palmadas violentas em seus companheiros de jogo.

Logo Charmiane percebeu que sua obstinação em não chorar e não implorar por perdão aumentava a fúria do marido, que só parava de surrá-la quando a via totalmente subjugada. Ela aprendeu a gritar, a pedir clemência e até a suportar o ardor sexual de Henri, que se renovava após as punições.

Quando ela encontrou Armand no enterro de tio Eugène, sua rebeldia tinha sido sufocada pela violência de Henri e a humilhação impediu-a de tocar nesse assunto com o irmão. Seu dever de esposa era obedecer ao marido, satisfazer todos os seus desejos e aceitar os castigos que, sem dúvida, merecia.

A vinda de tante Sophie para o apartamento do casal agravou a situação e as surras se tornaram mais frequentes. As despesas aumentaram e Henri encontrou um emprego para Charmiane numa pequena editora. Ela passava oito horas fazendo traduções em uma sala abafada e, ao chegar em casa, tinha de tomar as providências para o jantar.

Então, numa noite fria de novembro, após quatro anos de violência e humilhação, ela matou Henri e a arma de seu crime foi a rebeldia e a falta de respeito pela autoridade do marido.

Os três haviam começado a jantar quando Henri afastou bruscamente seu prato, recusando-se a comer a carne comprada por Charmiane. Como sempre, criticou a falta de cuidado da esposa e ela justificou-se dizendo que o aumento de todos os gêneros alimentícios a obrigara a escolher produtos mais baratos.

— Eu vi você vadiando na praça hoje cedo, na hora em que fui para o café. Estava conversando com aquela suíça sem educação que é dona de uma loja de queijos. Se gastasse seu tempo traduzindo e não se dedicando à maledicência com vizinhas nas esquinas, talvez ganhasse dinheiro suficiente para comprar carne de primeira, madame!

— Por favor, não fique tão bravo, Henri... — Charmiane tentou acalmá-lo e evitar uma punição. — Só perdi um minutinho para saber do filho dela que esteve doente. Você tem bom coração, certamente compreende...

— Pelo menos ela tem um filho — interrompeu Henri, num tom de voz ameaçador. — Deu esse presente ao marido.

Charmiane curvou a cabeça e, sabendo que o marido a culpava por não engravidar, tentou desviar o assunto.

— Eu traduzo todas as novelas francesas que chegam à editora e herr Konradt não pode me dar mais trabalho, porque não pretende importar outros livros da França. Se você fizesse um esforço para conseguir...

Antes de terminar a frase, Charmiane arrependeu-se de ter iniciado aquele assunto, mas agora não poderia mais recuar. — Se eu conseguisse o

quê, madame?

— Um... emprego — murmurou ela, desesperada. — Muitos expatriados ensinam francês ou esgrima e...

— Enlouqueceu, madame? — gritou Henri, levantando-se da mesa, rubro de raiva. — Esqueceu-se de que sou um marquês? Não me vendo a esses plebeus imundos!

Diante de uma punição inevitável, Charmiane sentiu que não havia nada a perder e enfrentou o marido como nunca fizera antes.

— Mas vende a sua esposa! Vive às custas do meu trabalho e não sente vergonha! Se você fosse menos preguiçoso poderia trabalhar e então talvez tivéssemos carne de primeira todos os dias!

— Agora percebo que fui benevolente demais com você, madame — berrou Henri, batendo com o punho cerrado sobre a mesa. — Vá imediatamente para o quarto e logo a ensinarei a respeitar seu marido com... um chicote, minha cara esposa!

— Não! Você não ousaria chegar a esse ponto! — Apavorada, Charmiane tentou conseguir o apoio da tia. — Tante Sophie...

— Eu não tenho o direito de interferir — balbuciou Sophie, levantando-se rapidamente da mesa. — Mas acho que você deve pedir desculpas a seu marido, Charmiane...

A tia ainda estava saindo da sala quando Henri agarrou Charmiane pelos cabelos.

— Nenhuma desculpa a salvará de uma surra exemplar, minha cara! Vou cobrir sua pele macia de vergões vermelhos e seu gritos irão...

— Não! — explodiu Charmiane, disposta a lutar. — Você não encostará a mão em mim! Nunca mais, Henri!

— Por Deus! — ele engasgou-se, rubro de cólera. — E lhe darei uma lição da qual jamais se esquecerá, vagabunda!

Charmiane tentava se defender dos golpes de Henri que, descontrolado pelo ódio, a agredia e empurrava para dentro do quarto. Ela lutava pela sobrevivência, certa de que o marido seria capaz de surrá-la até a morte, mas logo percebeu que perderia a batalha.

Henri conseguira jogá-la de bruços sobre a cama, rasgar-lhe a saia e apanhar o chicote que guardava em uma gaveta da cômoda. Quando ele ergueu o braço para dar o primeiro golpe Charmiane levantou-se e, com forças nascidas do desespero, empurrou-o com uma violência inesperada.

Então, Henri deixou cair o chicote e colocou as mãos sobre o peito. Seu rosto refletiu surpresa antes que ele caísse ao chão vitimado por um enfarte.

Embora não conseguisse chorar pela morte do marido, Charmiane culpava-se pelo que acontecera. Se tivesse ouvido os conselhos de Sophie e sido uma esposa obediente, Henri ainda estaria vivo. Mas, do fundo de seu coração, agradecia a Deus por não ter-lhe dado um filho.

Voltando ao presente, Charmiane continuava sem saber se teria coragem de enfrentar um novo casamento. Ela amava Adam, mas seria capaz de suportar a dominação absoluta de um marido ou de obedecê-lo cegamente?

Charmiane só retornou ao jardim de Luxembourg quando as folhas douradas de setembro cobriram as aléias como um espesso tapete. Ela procurou o mesmo banco sob a proteção das árvores, agora de galhos quase nus, para ler um outro maço de cartas enviadas por Adam, mais de doze relatos que retratavam o desespero e o horror da guerra.

O glorioso exército de Napoleão finalmente enfrentara o inimigo em uma rápida escaramuça nas cercanias de Ostrovny. Pela primeira vez, os franceses podiam ver as tropas russas aquarteladas em uma colina próxima e o imperador, com o intuito de impressioná-los com sua força bélica, deu ordens para que todos os batalhões formassem um semicírculo diante dos homens do czar. Na manhã seguinte, travariam, enfim, uma grande batalha!

Ao raiar do dia, a colina estava deserta. Apenas um soldado russo permanecera, adormecido sob uma árvore. O inimigo desaparecera. Mais de oitenta mil homens haviam evaporado em pleno ar, como num passe de mágica.

"...Eu senti uma amargura e uma frustração que quase me levaram ao desespero, Charmiane querida. Avançamos sempre mais para o interior de terras hostis e inóspitas em busca de uma miragem trágica. O imperador não descansará enquanto não travarmos uma batalha decisiva e, enquanto tentamos alcançar os fantasmas russos, nossos homens morrem como moscas em pequenas escaramuças e vitimados por doenças, pela má alimentação. As perdas humanas são ainda maiores do que num duro combate... Fujo da realidade angustiante relembrando suas palavras doces. Você disse que me escreveria diariamente, mas chegam tão poucas cartas suas! Sonhei que estava beijando-a e senti seu corpo em meus braços. Então, você desapareceu e acordei, desesperado. Revejo seus olhos verdes como os prados cobertos pela neblina do amanhecer e seus cabelos negros e perfumados. Como eu gostaria de vê-los soltos!

Nos momentos de maior desesperança, tento imaginar seu corpo nu, coberto apenas pelos fios sedosos roçando levemente os seios, o ventre. Ah, Charmiane! Diga-me se os seus cabelos chegam até abaixo de sua cintura como eu vejo em meus sonhos! Então, o véu negro que acaricia sua pele se transforma em um manto de viúva e molho meu travesseiro com lágrimas de desespero.

...Estamos em Vitebsk há uma semana. Através de nossos espiões, soubemos que uma grande quantidade de tropas russas se dirige para Smolensk e, inexplicavelmente, não recebemos ordens de atacar. Esse período de espera é angustiante, mas precisávamos aguardar a chegada das carroças de suprimentos para que os homens pudessem se alimentar a fim de enfrentar uma batalha. Eu me nutri de felicidade, porque recebi cartas suas, bela Helena! Você tem o poder de transformar o desespero em doçura. Envio-lhe lágrimas amargas e recebo o bálsamo reconfortante de sua ternura que me sustentará por mais algumas semanas...

...Esta noite, escrevo-lhe de Smolensk. Após três dias de luta brutal e selvagem, o inimigo bateu em retirada. Horrorizei-me ao constatar que a carnificina e a morte já não me chocam, que a visão de homens mutilados, sem braços e sem pernas, tornou-se um acontecimento de rotina e provoca apenas minha indiferença. Talvez estejamos aprendendo com o nosso comandante! Antes de desaparecer nas trevas da noite, os malditos russos incendiaram a cidade que se transformou em uma única labareda iluminando a escuridão e o imperador declarou que era uma bela visão! Então descobri que ainda resta em mim uma fagulha de humanidade. Hoje eu chorei por Smolensk. Entramos na cidade com o orgulho de conquistadores, mas não havia ninguém para testemunhar nossa glória. Quando o vento da manhã soprou a fumaça das ruínas ainda fumegantes, a tragédia se revelou com todo o seu horror. Não era possível contar o número de mortos que cobriam as ruas, os canais e as margens do rio. Corpos carbonizados, irreconhecíveis e retorcidos que testemunhavam a terrível agonia da morte pelo fogo. Na catedral, mulheres e crianças se encolhiam ao pé dos altares. Sobreviventes do incêndio, eles nos fitavam com o olhar embaçado de quem acredita que morrerá nas mãos de um inimigo cruel. Criaturas esqueléticas e seminuas, cobertas de queimaduras e ferimentos que choravam em silêncio. Oh, Deus! Fomos nós os responsáveis por esse crime sem perdão? E cometemos essa desumanidade pela glória da França?

Eu rezo para que suas cartas cheguem logo, minha adorada Charmiane. No meio desta guerra brutal e interminável, você é minha única realidade. Suas doces palavras, meu escudo contra o desespero, a luz da esperança em um mundo insano..."

Através das lágrimas, Charmiane via as crianças e suas mães no jardim rodeado pela beleza de Paris e subitamente sentiu-se mais velha, mais experiente e muito mais triste. Onde estava a jovem romântica e inconsequente que se fascinara com o brilho falso do baile no Palácio das Tulhérias?

Insensata e desajuizada, ela entregara o coração e o corpo a um desconhecido, um homem sobre o qual nada sabia. Apaixonara-se por um rosto atraente, por um físico perfeito? Ou teria pressentido, inexplicavelmente, a beleza de sua alma que agora descobria através de cartas comoventes?

Gritos eufóricos desviaram a atenção de Charmiane para o funcionário municipal que colocava um comunicado do imperador nos portões do jardim de Luxembourg. Curiosa, ela reuniu-se à multidão que lia a cópia do relatório enviado por Napoleão ao Ministério em Paris. Após ter lido as cartas de Adam, foi difícil conter a revolta provocada pelas palavras do Imperador:

"Tomamos Smolensk sem perdas humanas"

— Não posso mais prosseguir, coronel Bouchard.

— O que está acontecendo com você, Foullon? Sabe que precisamos chegar ao Kremlin. O imperador está esperando pelo meu relatório!

— O meu ferimento abriu de novo, senhor.

Adam olhou para as mansões que ladeavam a avenida de acesso ao

Kremlin. Todas estavam sendo saqueadas pelos soldados franceses e nas calçadas havia pilhas de móveis, peças de prata e pedras preciosas. O imperador proibira a pilhagem, mas seria impossível controlar milhares de homens à solta em uma cidade abandonada, escolhendo o que mais lhes agradasse como donas-de-casa burguesas fazendo compras.

Ele poderia impedir alguns atos de vandalismo mas não podia censurar os soldados por desejarem uma recompensa após terem sobrevivido a tantos horrores. A batalha de La Moskva, que os russos chamavam de Borodino, fora uma carnificina e, ao entrarem em Moscou, encontraram uma cidade deserta, onde pequenos incêndios surgiam e se multiplicavam misteriosamente.

— No fim da rua há uma casa que não está sendo saqueada. Vamos entrar e você poderá descansar até o anoitecer, Foullon.

— E o relatório, senhor?

— Eu não tenho nada de novo a dizer. O imperador já sabe que os russos desapareceram novamente e que conquistamos uma cidade deserta. A sua vida é mais importante, Foullon.

A casa escolhida por Adam fora milagrosamente poupada pelos soldados. Embora manchas mais claras nas paredes indicassem que os quadros tinham sido roubados, os móveis estavam intactos. Ele conduziu Foullon até um sofá de brocado rosa e forçou-o a se deitar.

— Minhas botas estão enlameadas, senhor!

— A dona desta casa terá problemas bem mais sérios do que manchas de barro no sofá para se preocupar, Foullon. Agora vamos ver o estado de seu ferimento. — Ao abrir a túnica do seu ajudante-de-ordens, Adam assustou-se com a mancha de sangue que encharcara as bandagens. — Acho melhor deixar que o médico refaça esse curativo. Agora descanse. Tão logo anoiteça, nós iremos para o acampamento.

Foullon não demorou mais do que alguns segundos para adormecer, mas Adam, tenso demais, começou a abrir os armários da sala. Por sorte, a casa não fora saqueada e ele encontrou uma garrafa de conhaque e cálices de cristal. Talvez a bebida o ajudasse a esquecer aquela última semana!

Num Impulso, ele retirou da túnica a carta de Charmiane, a única que conseguira salvar quando seu cavalo fora atingido na primeira carga em Borodino. No papel, gasto e manchado por seu suor e pelo sangue do animal, só uma frase permanecera nítida. "Adam adorado. Você é o meu tesouro mais precioso." Palavras vazias escritas por uma jovem romântica que vivia de recordações de uma noite mágica...

Será que Charmiane ainda o chamaria de "adorado" depois de Borodino? Alguém teria condições de imaginar aquele massacre brutal?

Uma batalha selvagem e uma vitória vazia. Os campos de Borodino haviam se coberto de mortos, russos e franceses, ouvia-se o lamento angustiante dos feridos que permaneceram horas sob a chuva gelada de setembro, mas a esperada rendição não ocorrera.

Como sempre, o exército russo se retirara, mas, embora, deixasse livre o

caminho para Moscou, haviam destruído as pontes e queimado todas as aldeias que poderiam fornecer alimento e abrigo para os franceses. Durante uma semana, o glorioso exército de Napoleão se arrastara por estradas lamacentas suportando a fome e o frio.

Então, surgiram no horizonte as cúpulas douradas de Moscou. Seria novamente um triunfo vazio, porque a cidade tinha sido abandonada. O imperador e seu Estado Maior tomaram posse de um Kremlin deserto e silencioso. A nobreza e a burguesia haviam evacuado a cidade há muitos dias.

Frustrado, Adam atirou o cálice contra a lareira e o som do cristal se partindo despertou Foullon.

— Logo anoitecerá — disse Adam, levantando-se. — Acho melhor recomeçarmos a marcha, Foullon. O imperador está à nossa espera.

Quando os dois chegaram ao pátio onde haviam deixado seus cavalos, uma visão aterradora os esperava. O céu azulado do crepúsculo se tingia de rubro, Moscou estava em chamas!

— Canalhas! — berrou Adam, montando rapidamente. — O imperador vai continuar esperando, Foullon! Temos de verificar a segurança do meu batalhão.

O incêndio se alastrava com uma velocidade assustadora. Eles percorriam as ruas, defendendo-se do calor que emanava das mansões devoradas pelo fogo, mas Adam não se detinha. Era preciso chegar até o acampamento nos arredores da cidade.

Por sorte, o bosque que rodeava o acampamento não fora atingido pelas chamas e, depois de entregar Foullon aos cuidados do médico, Adam deu ordens para a abertura de trincheiras para garantir a segurança de todos.

— Mande chamar o major Trainié. Quero que ele vá até o Kremlin para saber se o imperador está em segurança.

— O major capturou alguns prisioneiros, coronel Bouchard. Esperava pelo senhor para decidir o que deve fazer com esses malditos! Dois deles foram apanhados pondo fogo nas casas desta rua.

Enquanto esperava pelo major, Adam olhou para o horizonte que se transformava em um inferno de fogo. Ao longe, via-se a sinistra silhueta do Kremlin recortada contra o céu rubro. Defendida por grossas muralhas, a fortaleza provavelmente resistiria às chamas, mas grossas colunas de fumaça negra erguiam-se ao seu redor, indicando que Moscou seria destruída. Os russos preferiam incendiar sua bela cidade a entregá-la aos franceses.

— O que devo fazer com eles, coronel? — perguntou Trainié, trazendo os prisioneiros. — Pelo que pudemos perceber, os russos abriram as portas de suas prisões antes de fugir e certamente estes dois malditos estavam lá dentro! Encontrei-os colocando mechas com enxofre na porta das casas.

Mesmo a distância, ouviam-se os gritos dos infelizes que haviam ficado presos nas casas em chamas.

— Fuzile-os, Trainié.

CAPITULO VIII

— Por Deus, Bouchard! Não tenho mais forças!

— Aguenta firme, capitão. Nós sobrevivemos a desastres piores, não desista agora!!

Noel tentava abrir caminho entre a multidão que se acotovelava sobre a frágil ponte improvisada a fim de chegar até seu superior. O capitão Luisat fora empurrado para dentro das águas geladas do rio Berezina e logo não conseguiu mais resistir à correnteza.

Antes que Noel pudesse alcançar a lateral da ponte, Luisat juntou-se às centenas de outras vítimas de uma trágica retirada. Ele lutou contra as lágrimas e o desespero. Por que sofrer tanto pela morte de um homem? Quando o exército terminasse de cruzar o rio Berezina, os corpos de soldados, mulheres, crianças e cavalos teriam formado uma ponta sólida pela qual os russos poderiam atravessar sem molhar os pés!

Ainda bem que ele impedira Martine de acompanhá-lo até a Rússia. Noel perdera a conta do número de mulheres e crianças que vira morrer de frio, fome e exaustão ou vítimas dos selvagens cossacos em suas investidas fatais.

A sua frente, um homem com o uniforme dos Chasseurs cambaleava sob o peso de vários enfeites de prata, duas capas de pele e um cálice dourado. Sem dúvida ele roubara aquela peça de alguma igreja de Moscou! O idiota estava arriscando a vida por um tesouro inútil!

Noel sempre preferira o lado aventureiro da guerra, mas, apesar de não entender de estratégia militar, até ele percebera o grande erro cometido pelos generais!

O exército francês permanecera em Moscou depois que o incêndio fora debelado. Esperaram durante cinco semanas pela rendição formal do inimigo, mas o czar, em São Petesburgo, não admitira a derrota. Enquanto aguardavam, a cidade foi totalmente saqueada e logo o ouro custava menos do que um pedaço de pão. Os homens começaram a se alimentar com carne de cavalo e queimar móveis preciosos para se aquecerem. Com a chegada do frio vieram também os ataques dos cossacos que surgiam inesperadamente entre as ruínas dos palácios carbonizados.

No dia 19 de outubro, o exército recebera, finalmente, a ordem de evacuar Moscou. Uma interminável procissão de quase cem quilômetros de comprimento se estendera pelos arredores da cidade. Atrás dos cem mil soldados sobreviventes vinham as carroças com o produto do saque, os criados moscovitas e as prostitutas que tinham sido persuadidas a acompanhar os franceses além de carretas com canhões, todo tipo de armas e munições, doentes, feridos e moribundos.

Coches, landaus, berlindas e vitórias, milhares de carruagens de todos os tipos bloqueavam as estradas. O bloco compacto de seres humanos, veículos, canhões e animais de montaria não teria a rapidez e a mobilidade necessárias para enfrentar uma batalha inesperada e muito menos para deixar um país

gelado antes da chegada do inverno.

A neve começou a cair nos primeiros dias de novembro.

Atormentada por nevascas e ventos gélidos, a enorme procissão de seres humanos lutava também contra a fome. Já não havia comida nem feno para os cavalos, a não ser para as montarias dos oficiais. Os exaustos animais caíam e eram esquartejados para servir de alimento aos homens antes mesmo de seus corpos esqueléticos tocarem o chão.

A noite, os homens se reuniam em torno de fogueiras, agarrando os pedaços mal cozidos de carne de cavalo com mãos azuladas pelo frio. Se sentassem muito perto do fogo, o calor provocaria a gangrena em dedos e narizes queimados pela neve. Se ficassem longe demais, seriam encontrados como estátuas de gelo, com olhos abertos e sem vida.

À medida que o moral do exército foi declinando e a comida chegando ao fim, os feridos começaram a ser deixados para trás e os civis que acompanhavam as tropas abandonados à própria sorte. A beira das estradas erguia-se uma longa fila de cadáveres de Homens, mulheres e cavalos que logo se transformavam em montículos cobertos de neve.

E, para agravar os sofrimentos e as mortes causadas pela inclemência do inverno, vinham os ataques súbitos e selvagens de uma guarnição russa ou das hordas de cossacos. As perdas eram assustadoras, porque os homens gelados, famintos e esgotados não tinham forças para impedir que o inimigo avançasse. Mas todos preferiam morrer lutando a serem capturados. Os camponeses e os cruéis cossacos obrigavam os prisioneiros a caminharem nus pelas planícies cobertas de neve. Quem sobrevivesse ao frio, seria queimado vivo.

A multidão à beira do colapso pôde recuperar parte de suas forças entre as ruínas de Smolensk. Suprimentos e reforços haviam conseguido chegar até essa cidade, vindos dos quartéis da Alemanha e da Polônia. Infelizmente, foi preciso recomençar a longa marcha, porque não era possível se defender dos ataques do inimigo em um campo aberto e sem fortificações.

A palavra "retirada" jamais fora sequer murmurada pelos soldados do glorioso exército de Napoleão, mas agora as tropas haviam perdido o ânimo e admitiam a trágica realidade. Apenas quarenta mil homens partiram de Smolensk. A cavalaria fora reduzida a três mil e a metade deles já não tinha seus cavalos.

Com o passar dos dias, Noel começou a ter alucinações. Os trágicos montículos de gelo à beira da estrada se transformavam em nuvens alvas e ele sentia-se de volta às praias da Bretanha onde passara a infância. A neve batendo em seu rosto era o respingo das ondas do mar, e os lamentos dos feridos eram os gritos agudos das gaivotas. Só não conseguia ver o mar, porque só se avistavam planícies brancas ao seu redor. Então, enquanto tentava encontrar algo verde, lembrava-se dos olhos faiscantes da bela dama das Tulhérias e lutava para continuar vivo.

Finalmente ele chegou às margens do rio Berezína, trinta e cinco dias depois de terem deixado Moscou. Após cinco semanas de horror, as

esperanças renasciam. O gelo sólido lhes permitira atravessar a pé as águas congeladas, as forças russas tinham sido repelidas e uma patrulha de selvagens cossacos fora arrasada pelos franceses. A travessia seria segura e sem os temidos ataques dos inimigos.

Então, o tempo inclemente, que os perseguira durante a longa marcha, traiu-os mais uma vez. Apesar de imperceptível para os homens, houve uma ligeira elevação da temperatura e rompeu-se a camada de gelo que cobria as águas do rio. As armações para travessias tinham sido abandonadas pelo caminho, mas o corpo de engenheiros conseguiu, milagrosamente, improvisar duas pontes, uma para pedestres e outra para os veículos que ainda restavam.

A travessia começara há dois dias. O batalhão de cavalaria do general Grouchy cruzara o rio no início do primeiro dia, mas Noel decidira esperar pelo capitão Luisat e se atrasara. Agora, ele tentava não ser jogado para dentro da água pela multidão que começava a se desesperar.

Subitamente, ele ouviu os apavorantes gritos dos cossacos que avançaram a galope e o som sinistro dos canhões russos que tentavam atingir a ponte. Em pânico, a multidão se atropelava, empurrando os mais fracos para dentro da água e pisoteando os que caíam. Lutando para manter-se em pé, Noel conseguiu, por milagre, chegar até a outra margem.

Homens caíam à sua volta, atingidos pela artilharia dos russos. Ele havia perdido o cavalo pouco antes de alcançar o Berezina e, ao ver um oficial cair morto a seu lado, apoderou-se da montaria que sobrevivera. Ainda restava um longo caminho a ser percorrido, e dificilmente alguém se salvaria, se fosse necessário percorrer milhares de quilômetros a pé, no meio da neve!

Ele reuniu-se aos outros cavaleiros que cerravam fileiras para marchar sobre os inimigos e, milagrosamente, viu-se diante de um rosto pálido como o seu, cujos olhos azuis refletiam a mesma desesperança.

— Meu Deus! Adam!

Noel soluçava de alegria. Ele e Adam tinham sobrevivido à mais arrasadora das guerras e a uma trágica retirada. Eufórico, conduziu o cavalo até mais perto do irmão e sorriu entre as lágrimas.

— Ainda está por aqui, mano? Eu devia ter imaginado que você não morreria facilmente!

Adam o fitou sem alterar a expressão fria e distante.

— Por que se afastou de seu regimento, Brigadier?

A dureza de Adam não afetou Noel. Bastava a felicidade de saber que o irmão sobrevivera a tanto horror.

— Pobre Adam! — zombou ele com um sorriso de compaixão. — É duro ser soldado e não um simples ser humano.

— Por que continuar me recusando, Charmiane? Eu já consegui a permissão de Armand e de sua tia.

— Não vim até aqui para brigar mais uma vez com você, Bertrand! — replicou Charmiane, apanhando suas luvas. — Queria encontrar meu irmão,

porque ele não nos visita desde o Natal.

— Mandei-o para casa, ele precisava urgentemente de descanso. Estamos trabalhando demais, imprimindo o dobro de jornais, porque... — ele não escondia o entusiasmo — nós vamos depor o Tirano, Charmiane! Entraremos para a história e muito em breve! Eu e Armand até já enviamos cartas para a Inglaterra, para o legítimo rei da França. Quando Napoleão cair, Luís se lembrará de nossa lealdade à causa e restaurará nossos títulos. Quero que você seja minha esposa antes desse dia chegar.

— Pelo meu título ou pelo seu, Bertrand? Charmiane admitia que estava sendo cruel. Domfort seria apenas um barão e ela, através de Henri, teria o título de marquesa. Mas sua intenção fora a de magoá-lo, porque já não suportava a insistência de seus pedidos de casamento!

Desde que Bertrand conseguira o apoio de tante Sophie e Armand, ela não tivera mais um minuto de paz. Ouvia constantes acusações de egoísmo do irmão e da tia, que a intimavam diariamente a cumprir seu dever familiar. Charmiane mal ouvia os argumentos, angustiada pela incerteza. Adam ainda estaria vivo?

A última carta que recebera tinha sido escrita em Moscou, nos primeiros dias de outubro. Depois, o inimigo conseguira interromper as comunicações entre o glorioso exército e a França, matando todos os mensageiros que viajavam sem escolta. Charmiane também parara de escrever, mas não se preocupara muito com a sobrevivência de Adam.

Então, na segunda semana de dezembro, Napoleão Bonaparte voltara a Paris, a fim de reafirmar sua posição após uma tentativa de golpe de Estado. O vigésimo nono Boletim do Imperador fora publicado pelo *Le Moniteur* e, pela primeira vez desde o início da guerra contra a Rússia, o povo francês tinha sido informado sobre a verdade da situação.

Fora um relato honesto e aterrorizante... uma história de horror e atos heróicos, de vitórias vazias e derrotas cruéis, de um exército reduzido à fome e à agonia pelo terrível inverno russo. A perda de vidas humanas tinha sido catastrófica, embora o imperador admitisse que havia cerca de cinquenta mil mortos apenas. Entretanto, toda Paris comentava que meio milhão de homens partiram para a guerra e só trinta mil retornariam. A França jamais se recuperaria desse trágico desastre.

Logicamente Armand e Bertrand tinham se regojizado com as notícias devastadoras e publicado inúmeras vezes no *La Voix* os trechos mais trágicos do boletim do imperador. Charmiane mal controlava a angústia. Queria dizer-lhes que um dos soldados cuja morte eles celebravam podia ser o seu amor!

— Pelo seu título, Charmiane? — exclamou Domfort, ofendido. — Sou um homem digno, jamais a cortejaria por interesse. Acha que eu quero a fortuna que você herdou de um outro homem? Acha que não tenho orgulho?

— Por favor, desculpe-me, Bertrand. Estou cansada de ser tão pressionada, peço-lhe que tenha um pouco mais de paciência. — Ela terminou de vestir as luvas e dirigiu-se à porta do escritório. — Quando encontrar Armand, dê-lhe o meu recado, sim? Tante Sophie e eu queremos vê-lo.

— Não vá embora, Charmiane! Se esperar um minuto, eu terminarei de separar as folhas do jornal e a acompanharei até sua casa.

— Não, prefiro ir sozinha, Bertrand. Você está ocupado e eu preciso de solidão para organizar meus pensamentos.

— Eu te amo muito, querida. Espero que consiga pensar em mim com carinho e dar-me a resposta que meu coração anseia por ouvir!

Charmiane nem percebeu o vento gelado que deixava as ruas quase vazias. Tinha de tomar uma decisão! Começava a acreditar que Adam estava morto e ela só estava adiando o momento trágico de enterrar para sempre suas esperanças de viver ao lado do homem que amava!

— Madame de Viollet?

Completamente absorta em seus pensamentos, Charmiane não notara o homem que tinha parado ao seu lado enquanto esperava para atravessar o movimentado parque. Era Charles Bazaine e, como ele não a procurava desde abril, certamente tinha notícias de Adam. Seriam boas ou...

— Está gelada, madame. Posso oferecer-lhe um café?

A gentileza de Bazaine assustou Charmiane. Ela sentia tanto medo que não ousava perguntar-lhe o motivo daquele encontro inesperado.

— Não devia se arriscar em um bairro tão perigoso, madame. A Rue du Paon não é um lugar seguro para mulheres desacompanhadas.

— O senhor me seguiu? — Ela estava furiosa.

— Para a sua segurança, madame.

— Apenas hoje ou tem esse hábito reprovável, sr. Bazaine? Ele ignorou a pergunta de Charmiane e, voltando-se para o garçom, pediu-lhe que trouxesse dois cafés.

— Não quer saber por que eu a procurei?

— Bem... posso adivinhar o motivo — murmurou ela à beira das lágrimas. — É sobre Adam, não? Precisa contar-me que ele... está morto?

— Engana-se, madame. Ele está vivo, graças a Deus! Charmiane já não conteve as lágrimas. Adam estava vivo, o seu amor voltaria da guerra!

— Tem certeza? — insistiu ela. — Não foi... ferido?

— Ele está em excelentes condições de saúde. Talvez um pouco mais magro e exausto e... — Bazaine riu, embaraçado — ...quer um lenço, madame? Sou um pouco velho para bancar o Cupido, mas venho transmitir-lhe um pedido de casamento.

— Oh, meu Deus! Eu não preciso de seu lenço, sr. Bazaine. Estou alegre demais para chorar! Ele quer se casar comigo? E por que não escreveu para mim?

— Como não recebe cartas suas há vários meses, pensou que talvez a senhora já não o amasse ou tivesse desistido de esperá-lo.

— Impossível! Eu o amo mais do que minha própria vida. Por favor, fale-

me sobre Adam! Onde está e...

— No momento, ele se encontra em um acampamento militar junto à fronteira da Alemanha e não sabe por quanto tempo.

— Todos os dias chegam soldados da Rússia e monsieur Le Comte foi encarregado de reorganizá-los em novos regimentos.

— Monsieur Le Comte?

— Ele recebeu essa honra do imperador por sua coragem na batalha de La Moskva.

— Então agora é o Conde Montcalvo?

— Conde de Montcalvo, madame — corrigiu Bazaine com um sorriso orgulhoso. — O imperador o cumulou de honrarias! Além do direito de usar o de honorífico, o título de nobreza agora será hereditário. A senhora será Madame La Contesse de Montcalvo após o casamento, possivelmente seus filhos nascerão em um castelo bastante próximo de Paris, que já foi comprado e está sendo...

— Chega! Não me diga mais nada ou morrerei de alegria, Bazaine. — Charmiane ria e chorava. — Ainda estou feliz demais por saber que ele voltará para mim. Depois pensarei nas outras novidades.

A alegria de Charmiane comoveu Bazaine, que se esforçou para disfarçar a emoção.

— Creio que ficará feliz também pelo sr. Noel. Ele sobreviveu à trágica campanha da Rússia.

— Graças a Deus — disse Charmiane, secando as lágrimas. — Ele é uma pessoa encantadora.

— E também muito corajoso. O sr. Noel... Charmiane já não ouvia os comentários de Bazaine. Adam estava vivo, a amava e a queria ao seu lado pelo resto da vida. Mal podia esperar para sentir os braços fortes rodeando-a novamente, para entregar-se à paixão e ao desejo!

— Preciso ir para casa — decidiu ela, descontrolada. — Quero pensar em Adam, em minha alegria.

— A senhora escreverá para ele?

— É claro! Deixarei uma carta com o sr. Vernis amanhã cedo.

— E eu a informarei sobre os planos dele. Temos de tomar providências sobre o enxoval...

— Agora não, Bazaine. Amanhã... amanhã...

Ela precisava de tempo para saborear a felicidade e pensar em todas as mudanças que transformariam sua vida. Subitamente, começou a rir. Não respondera a Bazaine, não aceitara o pedido de casamento! O pobre homem não estava acostumado a ser o intermediário entre dois apaixonados e também se esquecera de pedir-lhe que se definisse!

Só um detalhe toldava sua alegria: gostaria que Adam tivesse feito o pedido com suas próprias palavras. Ele lhe escrevera cartas tão eloquentes e

perdera a voz no momento mais importante de suas vidas!

Charmiane chegou à porta do apartamento sem perceber que subira as escadas correndo. Não conseguiria disfarçar sua alegria, por isso teria de contar tudo a tante Sophie, mas... como explicaria tantas mentiras? Talvez fosse mais prudente controlar-se pelo menos até o final do jantar? Janine comprara um bolo para a sobremesa e a tia sempre ficava de melhor humor depois de comer.

Abrindo a porta com cuidado, Charmiane olhou à sua volta. Se conseguisse chegar a seu quarto sem que a tia a visse, adiaria...

— Como pôde ser tão falsa? Trair sua família!

A voz da tia rompeu o silêncio e Armand a fitava com ódio, segurando as cartas de Adam nas mãos crispadas.

— Eu não a proibi de ter qualquer contato com esse homem? — gritou Armand, levantando-se do sofá. — Quantas vezes se encontrou com esse maldito?

— Por favor, Armand! — Charmiane estremeceu diante da cólera descontrolada do irmão. — Eu só o vi uma única vez... no baile.

— E estas cartas? Como chegaram até suas mãos?

— Através do secretário do sr. Bouchard — mentiu Charmiane.

— Você enlameou o nome da família! — interveio Sophie ofendida. — Não pensou em sua honra? Desobedeceu ao seu irmão e desgraçou a todos nós!

— Calma, tante Sophie. — Charmiane criou coragem para se defender. — São apenas cartas, portanto, não perdi minha honra nem desgracei a família! Eu amo esse homem.

— E o seu amor é mais importante do que nós? Mein Gott! Você tem de se esquecer da existência desse homem. Ele só deseja o seu mal.

— Ele quer se casar comigo, titia.

— Eu não suportarei essa tragédia! — gritou Sophie jogando-se no sofá. — O que faremos, Armand?

— A minha cabeça está estourando de tanta dor! — gemeu Armand. — Esqueça-se dessa loucura, Charmiane. Como pode pensar em aceitar a proposta desse plebeu sem direito a um título roubado, enquanto Bertrand quer lhe oferecer a proteção de seu nome ilustre?

— Eu já tive a proteção do nome ilustre de Henri. Agora quero ser feliz.

— Você já deveria saber a diferença entre prazer e felicidade, menina! — declarou Sophie num tom professoral. — A única alegria verdadeira é cumprir o seu dever e permanecer fiel à sua família e à sua classe. Um barão do império! Que vergonha!

— Adam agora é conde e não tenho por que sentir vergonha. Ele mereceu, foi condecorado.

— Deixe de agir como uma idiota, Charmiane! — gritou Armand, rubro

de cólera. — Não passou por sua linda cabecinha oca que esse rato da sarjeta a quer por esposa pela honra de casar-se com uma verdadeira aristocrata? Ele não a ama, deseja apenas crescer aos olhos do Tirano que ambiciona casar seus lacaios com mulheres de sangue azul.

— Não é verdade! Adam nunca foi falso nem ambicioso. Ele me ama!

— Não encontrei nenhuma declaração de amor nestas cartas ridículas.

— Oh, Deus! Você não... não ousou ler as minhas cartas, não é?

— Claro que sim! Na verdade, acho que os leitores de *La Voix* ficarão felizes em saber a verdade. Revelarei ao mundo os sofrimentos dos nossos homens nas mãos do Tirano.

— Eu não acredito que você possa ser tão cruel, Armand. — Charmiane voltou-se para a tia. — Por favor, convença-o a não publicar minhas cartas, a aceitar meu casamento com Adam, tante Sophie!

— Armand é o cabeça de nossa família e você deve-lhe a mais completa obediência, Charmiane.

— Ele é muito rico. — Charmiane tentou usar um outro argumento. — Você teria mais conforto, titia. Peço-lhe mais uma vez que me ajude a convencer Armand.

— Se você quer dinheiro, penhore o meu relógio e, se for preciso... o meu precioso anel!!

Curvando a cabeça, Armand tocou a mecha dourada guardada dentro do anel. Quando olhou novamente para Charmiane, ele lutava contra as lágrimas.

— Ela ainda não tinha dezessete anos e sempre acenava para mim de sua janela na prisão de Tours. Nunca soube o seu nome, mas senti sua pureza mesmo à distância. O povo a insultava, gritava obscenidades quando ela saiu na carreta que a levaria à guilhotina. Que crimes uma criança tão inocente poderia ter cometido? E eu não pude salvá-la! Raspavam seus cabelos dourados... — Armand soluçava convulsivamente.

— Subornei um guarda para conseguir esta mecha. Por que não morri também? Sinto vergonha de ainda estar vivo.

— Por favor, não chore, Armand. — Correndo para o irmão, Charmiane o abraçou. — Não se torture...

— Então desista desse homem. Não manche a memória dos que morreram, casando-se com o carrasco.

— Eu amo Adam e sei que ele nunca matou pessoas inocentes. Ele é digno, honrado.....

— E herdou o título que usa? — Armand empurrou a irmã com violência. — Ou é mais um oportunista que se nutre da desgraça alheia? O que acontecerá com esse conde falso quando o Tirano for deposto e um rei legítimo ocupar o trono da França?

— O que acontecerá conosco se o imperador se mantiver no governo, Armand? Adam recebeu esse título por merecimento, tem direito de usá-lo.

— Você está perdida. As idéias imundas desse republicano já envenenaram sua mente.

Inesperadamente, Armand jogou as cartas de Adam no aquecedor de porcelana que ficava no canto da sala. Atônita, Charmiane não teve tempo de impedi-lo, mas o gesto vingativo do irmão revigorou seu espírito de luta que começava a fraquejar.

— Eu não preciso de sua permissão, Armand. E nem da bênção de tante Sophie — declarou ela, disposta a enfrentar os dois. — Vou me casar com Adam, tão logo ele volte a Paris.

Aproximando-se da porta, Armand retirou a chave da fechadura e entregou-a à tia.

— Mantenha Charmiane trancada em casa até ela recuperar o bom senso, Sophie.

— Confie em mim, Armand querido. Trancarei a porta assim que você sair.

— Entenda que é para o seu bem, Charmiane — declarou Armand, dirigindo-se para a porta. — Você sempre foi impulsiva demais. Não conhece esse homem, não sabe nada sobre suas origens. Ele pode ser filho de um camponês ou até um criminoso. Seria loucura casar-se com um desconhecido, concorda?

— Mas... eu o amo muito, Armand!

— E eu amo a minha irmã a ponto de prendê-la em casa para impedir que ela cometa um ato insensato do qual se arrependerá. Tente compreender a minha posição e me perdoar, porque nunca permitirei que se case com um plebeu, com um falso conde de mãos manchadas com o sangue de inocentes.

Mancando, Armand saiu da sala, deixando Charmiane à mercê de uma carcereira tão cruel quanto ele.

CAPITULO IX

Sophie utilizou todas as armas ao seu alcance para forçar a sobrinha à obediência. Armand não voltou a visitá-las e ela passou semanas dedicando-se, minuto a minuto, à ingrata tarefa de convencer Charmiane a encarar seu dever familiar. Intercalava longas horas de silêncio hostil, suspiros exasperados e olhares acusadores com intermináveis monólogos sobre a necessidade de agir com sensatez.

Monsieur de Domfort tinha todas as qualidades possíveis! Era um homem honrado e de excelente educação, pertencia à verdadeira nobreza e esperava apenas pela concordância de Charmiane para marcar a data das núpcias. Bastaria que ela desse a resposta positiva àquele pretendente perfeito e a reclusão forçada terminaria: a libertação só viria através do casamento.

Charmiane também usou todos os recursos de que dispunha para escapar da sua cruel carcereira. Tentou inutilmente convencê-la com argumentos sensatos, com ameaças e até implorou. Diante da obstinação da

tia, recorreu à mentira e ao suborno. Quando Sophie negou-lhe a permissão para ir à igreja, ofereceu um brinco a Janine para que a criada entregasse uma carta ao sr. Vernis.

— Não e não, madame. A senhora não pode casar-se com um reles plebeu. O que eu diria às outras criadas? Que minha patroa aceitou um pretendente de uma classe social muito inferior à dela?

A ansiedade de Charmiane aumentava com o passar dos dias. Não conseguia se comunicar com Bazaine e temia que ele interpretasse seu silêncio como uma recusa. Talvez já estivesse escrevendo a Adam que o pedido de casamento não fora aceito.

No auge do desespero, colocou um bilhete dentro da tradução que Janine iria levar ao sr. Mafflu. Ela implorava-lhe que fosse até a farmácia da Place Saint-Sulpice e dissesse ao sr. Vernis que madame de Viollet estava presa em casa e sem condições de se comunicar com ninguém. No último momento, porém, tante Sophie desconfiou de algo e encontrou a mensagem de Charmiane entre as páginas do manuscrito.

— Eu não merecia ter uma sobrinha falsa e traidora! — lamentou-se Sophie, passando rapidamente de ofendida a furiosa. — Você perdeu mesmo o juízo e a vergonha!

Naquela noite Charmiane custou muito para conciliar o sono. A rejeição da tia a magoava mais do que a humilhação de ser castigada como uma criança desobediente e sem juízo. Sentia-se ao mesmo tempo culpada pelo sofrimento que estava causando à família e ansiosa por comunicar-se com Adam. E já não tinha nem as cartas de seu amor!

Charmiane acordou com o quarto cheio de fumaça. Começava a clarear e na penumbra da madrugada ela viu tante Sophie, de camiseta, ao pé de sua cama.

— Oh, meu Deus! O que faremos, chérie? É um incêndio!

— Aqui no apartamento?

— Não, mas há fumaça por toda parte! Estou apavorada! Oh, meu querido Eugène! Ele sempre foi minha força!

Ao abrir a janela, Charmiane também se assustou. Embora não fosse possível ver o fogo, uma nuvem de fumaça cobria a viela nos fundos do prédio. Agarrando a mão da tia, ela puxou-a em direção à porta do apartamento.

— Vamos imediatamente para as escadas!

— Mein Gott! A chave! Onde eu coloquei a chave da porta?

— Pelo amor de Deus, titia! Não temos tempo a perder! Encontre logo essa chave ou morreremos sufocadas.

Depois de alguns minutos de angústia, em que a desorganizada tia Sophie jogou no chão o conteúdo de todas as gavetas da cômoda, a chave foi encontrada. Charmiane ainda teve de arrastar a tia até as escadas onde os outros moradores do prédio já se acotovelvavam para fugir do incêndio. Por sorte, ela se lembrara de pegar chinelos e casacos ou as duas morreriam de

frio na rua varrida por ventos gelados.

Logo um grupo de curiosos juntou-se aos moradores que tremiam em seus trajes de dormir. Embora a luz difusa da madrugada e a fumaça que vinha da viela impedissem Charmiane de enxergar com nitidez quem a empurrara, ela foi arrastada para longe de tante Sophie e perdeu-a de vista.

— Vamos, madamel Depressa!

No mesmo instante em que ouviu a voz, Charmiane sentiu o peso de um casaco de peles sendo colocado sobre seus ombros. Atônita, viu Bazaine ao seu lado e sentiu que ele a puxava para longe do prédio.

— Rápido, madame.

— Mas... por que...

— Não quer casar-se com monsieur Le Comte?

— Claro que sim! Mas o incêndio...

— Não está havendo incêndio algum, madame. Só uma boa quantidade de fumaça que, infelizmente, se dissipará em segundos. É por isso que precisamos sair daqui agora!

— E os meus livros, os meus vestidos...

— Enviarei alguém para buscá-los ou, se for impossível, compraremos outros. Por favor, decida-se, madame. Acompanha-me ou não?

Charmiane nunca tivera de dar um passo tão difícil. Se partisse, não poderia mais voltar para a sua casa e destruiria para sempre a vida que levara até aquele momento. Perderia os amigos, as lembranças partilhadas e o amor de sua família. Não haveria retorno, mas Bazaine a esperava, oferecendo-lhe um novo caminho, um futuro ao lado de Adam! Como recusar o amor?

— Então, vamos! Quando não recebi nenhuma carta nem consegui encontrá-la, deduzi que só algo grave a impediria de se comunicar comigo, madame. — Bazaine ajudou Charmiane a cobrir o rosto com o capuz do casaco. — Um criado ficará aqui para avisar sua tia que a senhora está bem e... feliz, não é?

— Sim... — murmurou Charmiane, sofrendo com a decisão que fora obrigada a tomar.

Ela foi conduzida por Bazaine à casa de Adam, uma magnífica mansão na fie de St. Louis. Charmiane, que só se lembrava do modesto apartamento em Zurique e nunca estivera nos magníficos castelos que os aristocratas descreviam com tanta melancolia, espantou-se com o luxo daquela casa de três andares à beira do rio Sena.

O esplendor do ambiente inquietou Charmiane. Ela nunca vira móveis tão requintados ou aposentos amplos e com tantos enfeites preciosos, e muito menos uma casa com um jardim interno com fontes e estátuas de mármore! Também não imaginara que a riqueza de Adam fosse tão grande. Havia dezenas de criados, costureiras e representantes de inúmeras lojas à sua espera!

Durante dois dias, Charmiane não teve tempo sequer de pensar no passo que havia dado. Sob a benevolente supervisão de Bazaine, ela escolheu um enxoval digno de uma princesa. De manhã à noite chegavam comerciantes de todos os tipos, oferecendo-lhe o que havia de mais luxuoso e requintado em Paris.

— Estou certo de que o conde já escolheu jóias magníficas para lhe dar, madame. Mas, enquanto espera pela chegada dele, é preciso ter, ao menos, um colar de pérolas. Eu tomei essa iniciativa...

Bazaine tinha realmente previsto todos os detalhes. Charmiane agradeceu o colar de pérolas que ele encomendara, sem saber se devia sentir-se feliz ou não com aquele presente. Todos os dias chegavam cartas de Adam para o seu secretário com instruções minuciosas sobre as reformas e a decoração do castelo de Bonneval, mas ela só recebera dois bilhetes secos e impessoais.

Com o passar do tempo, o ressentimento de Charmiane se avolumava. Adam encontrava tempo para se ocupar com todos os detalhes materiais da nova vida que iniciariam em breve, mas não dedicava nenhum minuto para falar de amor. Aos poucos, ela começou a diminuir o tamanho e depois a frequência de suas cartas.

A situação se agravou quando Bazaine passou a ir diariamente ao castelo de Bonneval que Adam comprara há poucos meses. Ela ficava sozinha em uma casa suntuosa, mas fria, rodeada por criados solícitos, mas desconhecidos, e sentiu-se abandonada por todos. Armand e tante Sophie tinham se recusado a entregar seus objetos de uso pessoal e agora não lhe restava nem a distração do trabalho que fizera para o sr. MafíTu. Nem os passeios ocasionais pela linda íle de Saint Louis aliviavam sua solidão porque lhe provocavam a absurda sensação de estar sendo seguida.

Finalmente, Charmiane não suportou mais o isolamento e enfrentou Bazaine.

— Quero ver a minha família.

— Acha seguro, madame? E se eles tentarem raptá-la, prendendo-a novamente naquele apartamento para evitar que a senhora se case com o conde? Ele ficará furioso se a perder agora.

Charmiane estava quase convencida de que era apenas mais um objeto de luxo na vida de Adam. Ele se preocupava demais com seu castelo, suas terras, sua mansão em Paris e, sem dúvida, a considerava sua propriedade!

— Será que apenas troquei de carcereiro? Eu era prisioneira de minha tia e agora... de Adam?

Embora contrariado, Bazaine não podia recusar o pedido de Charmiane. Ele insistiu, entretanto, que fossem tomadas sérias medidas para garantir a segurança daquele encontro perigoso.

— Tem de ser em um lugar aberto, madame. Não podemos correr nenhum risco.

Finalmente, Bazaine decidiu que o Palais Royal seria o lugar ideal. O

pequeno jardim rodeado por altas arcadas permitiria que ele e Darnaud ficassem de guarda para impedir um eventual rapto, e o encontro foi marcado em um café junto à entrada.

A espera não foi longa. Tante Sophie entrou no café exatamente na hora marcada, seguida por Armand e Bertrand de Domfort. Quando os três se sentaram à mesa, Charmiane arrependeu-se de não ter permitido que Bazaine estivesse presente. Como ela se defenderia sozinha de oponentes tão ameaçadores?

Sophie não perdeu tempo.

— Ingrata! O que tem para nos dizer?

— Só que senti muitas saudades suas, titia. Está passando bem?

— E como seria possível? Tive de devolver a sua tradução, incompleta, ao sr. Mafflu. Ele pagou-me apenas pelas folhas que você havia terminado... uma ninharia! — Sophie examinou o casaco luxuoso da sobrinha. — Mas você não depende de míseros centavos como eu!

— Eu trouxe dinheiro para você, titia. — Charmiane abriu a bolsa. — Não é muito mas poderá comprar um agasalho.

— Nós não queremos nada que pertença ao maldito por quem você abandonou sua família — a voz de Armand estava trêmula de raiva. — O carrasco que será seu futuro marido já voltou a Paris para tomar posse de sua nova propriedade, a noiva de sangue azul?

— Por favor, tente me compreender, Armand. Eu amo Adam como você amou aquela jovem. Sabe...

— Não ouse comparar um anjo de pureza com o animal de mãos manchadas com o sangue de inocentes que escolheu para marido. Traidora!

A expressão angustiada de Armand aumentou os remorsos de Charmiane. Ela ia abraçá-lo quando Domfort a encarou com uma expressão de ódio.

— Ele contou-lhe de quem foi roubado o seu magnífico castelo de Bonneval? A família que o possuía há séculos foi guilhotinada depois de ver a filha mais nova, de apenas doze anos, ser violentada pelos camponeses do vilarejo!

— Por Deus, Domfort! Não o culpe por crimes que foram cometidos por outros.

— Eu não vou mencionar a minha dor, que é infinita, Charmiane. Pegue apenas que olhe para seu irmão e para sua tia! Veja o sofrimento de duas criaturas que foram mortalmente feridas pelo seu egoísmo. Você deveria estar conosco, rezando pela queda do usurpador e pela volta de nosso legítimo rei, mas preferiu nos trair. Desertou sua classe, sua família, os amigos e todos aqueles que morreram, vitimados pela loucura da Revolução. E para que tanto sacrifício? Por uma França melhor? Não; apenas para que a plebe inculta e sem talentos ou direitos pudesse se apossar do poder. Tem coragem de ser cúmplice de tantos crimes, de aceitar um título falso? Será condessa de uma sociedade corrupta e maligna!

— Ladrões! — interveio Sophie, entre colérica e lamentosa. — Criminosos que roubaram para enriquecer à nossa custa!

— Adam não roubou ninguém, tante Sophie.

— Tem certeza? — Armand segurou o pulso da irmã com violência. — Por acaso perguntou-lhe de onde veio tanto dinheiro? O seu precioso Adam contou-lhe de que modo conseguiu sua fortuna?

— Ele recebeu o título por merecimento em... — Charmiane tentou lembrar-se do que Bazaine lhe dissera. — O imperador o sagrou barão há alguns anos.

— Talvez o título não tenha sido roubado, mas o dinheiro... Procurei me informar a esse respeito, porque Sophie e eu nos preocupamos com sua consciência, cara Charmiane. Fui obrigado a fazer as perguntas desagradáveis que você deveria ter feito antes de agir tão desajuizadamente. O seu "nobre" Adam voltou da campanha da Itália com uma fortuna em diamantes. Milhões e milhões de francos em pedras raras e preciosas! Ninguém sabe onde está guardado esse tesouro, porém, sempre que surge um bom negócio, ele vende alguns brilhantes. A bela casa na lie de St. Louis custou apenas 25 mil francos há cinco anos e Bonneval também foi uma pechincha. Depois que a Revolução confiscou essa propriedade ninguém ocupou as terras ou o castelo. Seu futuro marido só precisou pagar os impostos atrasados para se apossar de tudo.

— E agora você! viverá nesse ambiente de luxo! — exclamou Sophie, revoltada. — Conseguirá se esquecer de que está rodeada pelos fantasmas dos mártires?

A violência das acusações forçou Bazaine a defender Adam.

— Se ele comprou legalmente...

— E também comprou os diamantes que trouxe da Itália? Ou será que invadiu uma casa de família e matou velhos e crianças, como um criminoso sanguinário? É um dinheiro manchado de sangue.

— Chega! Não diga mais nada! — Descontrolada, Charmiane começou a chorar. — Já não aguento ouvir essas barbaridades.

— Basta afastar-se do caminho da perdição, Charmiane. Volte para a sua família, venha conosco, agora!

Curvando a cabeça, Charmiane cobriu o rosto com as mãos. Ela não podia voltar, porque já não era a mesma. Tinha se entregado a Adam, descoberto o amor que aquele homem guardava em seu coração e queria lhe oferecer. Como abandonar o futuro ao lado dele?

— Não, Armand. Já tomei minha decisão.

— Então, os Chevrillon a renegam. Você não é mais parte de nossa família, Adeus...

Quando Charmiane viu Armand afastar-se, mancando, ao lado de tante Sophie, curvada para fugir do frio, recomeçou a chorar. Ela sacrificara tudo o que possuía e destruíra sua família pelo amor de um homem!

— Vamos para casa, madame — murmurou Bazaine, tocando-lhe

delicadamente o braço. — Eles jamais compreenderão. Vestiram luto eterno pela memória da França que amaram e perderam para sempre.

— Não há nada que eu possa fazer por eles?

— Se quiser, pode ajudá-los a superar os problemas financeiros, mandar mensalmente algumas centenas de francos para sua tia, mas... é só.

— E Adam concordará em gastar tanto?

— Tenho certeza de que aprovará a minha decisão. O conde permite que eu tome conta de todos os negócios livremente. Mas o que me preocupa agora é o seu estado de espírito, madame. Precisarei passar a maior parte do tempo em Bonneval e creio que a senhora se sentirá melhor se me acompanhar.

Bonneval ficava a poucas horas de Paris, próximo à legendária floresta de Chantilly. Uma aléia ladeada por árvores frondosas levava até o pátio de entrada do magnífico castelo no mais requintado estilo francês. Depois de atravessar um imenso jardim que certamente era uma cópia do de Versalhes, com inúmeras fontes, estátuas de mármore e quiosques românticos, chegava-se ao pátio principal, diante da imponente fachada central.

A enorme quantidade de operários dentro e fora do castelo atestava o perfeccionismo de Bazaine, que não poupava dinheiro ou trabalho para terminar as reformas e a decoração antes da chegada de seu patrão.

— Os apartamentos do conde já estão prontos, madame. Espero que a senhora goste da decoração.

Na verdade, Charmiane detestava o estilo romano que estava tão na moda e fora usado na suíte de Adam. O pequeno escritório, a sala para receber visitas, o banheiro e o quarto tentavam reproduzir o esplendor da Roma Imperial, mas o excesso de opulência destruía a harmonia dos cômodos. Paredes recobertas de veludo vermelho, móveis dourados e de linhas pesadas, mesas com tampo de mármore e sobrecarregadas de enfeites em bronze e prata. Todos os espaços livres haviam sido ocupados por poltronas, divãs e canapés estofados de cetim criando um ambiente sufocante e pouco acolhedor.

Disfarçando um sorriso, Charmiane imaginou a expressão chocada de Bazaine ao ver a simplicidade dos móveis que ela escolheria para sua suíte.

— Gostaria de ver os seus apartamentos, madame? Basta atravessar o corredor, mas ainda não foram terminados.

Infelizmente, já não havia nada que Charmiane pudesse fazer! Nem em seu quarto ela teria liberdade de tomar as decisões?

A mesma decoração de fausto opressivo dos apartamentos de Adam fora repetida nos aposentos de Charmiane, mas em outras cores. Os tons vermelhos e dourados tinham sido substituídos por verdes e prateados. Ao lado da ampla cama de mogno esculpido viam-se duas colunas de mármore encimadas por esfinges de prata. Eram verdes e os tapetes, o papel de parede e as cortinas, de veludo.

— Espero que tenha gostado, madame. Escolhi esse tom de verde, porque o conde mencionou repetidamente a cor de seus olhos. Lembrei-me disso quando comprei o leque.

Charmiane sentiu vontade de chorar. Pouco a pouco perdia todas as ilusões e logo só restaria a lembrança de uma noite mágica no jardim das Tulhérias e das cartas de um amor distante.

Bazaine não notou a perturbação de Charmiane, tal a sua ansiedade em mostrar-lhe os esplendores do castelo. Havia um enorme salão de baile, outro para recepções e dois para banquetes, além das salas de jantar, de música, de jogos e saletinhas íntimas.

Sem dúvida, Bonneval poderia receber um rei, mas Charmiane não se sentia em sua própria casa. Orientado pelas cartas de Adam, Bazaine tomava todas as decisões sem consultá-la, dirigindo os operários e os criados com uma disciplina militar. Acostumada a ser servida por Janine, que já trabalhara em outras casas de aristocratas, ela se ressentia com a falta de encanto e elegância da casa e dos empregados.

— Eles cumprem ordens, madame. Se me dizer o que deseja, transmitirei o recado.

Como explicar que as criadas eram um pouco insolentes, um pouco descuidadas e um pouco negligentes? Talvez fosse ela que não pertencesse a essa nova sociedade, sem requinte ou graça. Felizmente, Adam logo chegaria e, com seu amor, afastaria as dúvidas e um medo crescente do futuro!

Enquanto o esperava, Charmiane recomeçou a cavalgar. O castelo assemelhava-se a uma colmeia laboriosa e, sentindo-se inútil e deslocada, ela retomou um hábito que fora interrompido há muitos anos. Tinha aprendido a montar durante a infância, quando tio Eugéne ainda não se preocupava em economizar, certo de que logo retornaria à França e à vida luxuosa de antes da Revolução.

Em uma tarde no início de fevereiro, Charmiane voltou para casa, como sempre pouco antes do anoitecer, e encontrou Bazaine à sua espera com um sorriso satisfeito.

— Chegou uma carta do conde para a senhora, madame. A alegria de Charmiane durou muito pouco. Ela esperava uma carta em que Adam lhe falasse de seus sentimentos e recebeu uma mensagem seca como a que se envia a um parente distante ou um conhecido com quem não se tem ligações afetivas.

Adam estava finalmente de volta, pois fora encarregado pelo imperador de conduzir os prisioneiros russos a Paris. Depois, teria permissão para tirar uma longa licença e aproveitaria para casar-se nesse período de folga. Já avisara Bazaine para entrar em contato com o padre e marcar o casamento para o dia vinte e seis de fevereiro. Ele estava com pressa, já esperara muito e não queria perder tempo com um noivado formal ou uma corte prolongada!

— Só no fim do mês — suspirou Charmiane, dobrando a carta. — Tomou todas as providências, Bazaine?

— Sim, madame. O padre da aldeia concordou em celebrar o casamento na capela de Bonneval. Quer que eu envie convites para a sua família?

— Eu mesma os enviarei, mas, infelizmente, sei que não posso contar

com eles. — Charmiane nunca se sentira tão só. — Você já foi casado?

— Por muito pouco tempo, madame. Eu era advogado em um vilarejo pacato e sonhava com uma vida de aventuras. Quando entrei para o Exército, minha esposa me abandonou.

— E não se casou de novo?

— Eu prefiro os desafios do meu trabalho. O amor é muito volátil, impossível de ser controlado. Sem dúvida, tenho a visão do militar, mas...

— Mas também é a opinião do coronel Bouchard?

— Posso falar apenas por mim, madame.

Lutando contra uma angustiante sensação de abandono, Charmiane refugiou-se em seu escritório, a fim de escrever uma carta a Adam.

Você não imagina o quanto me entristeci ao saber que só o verei no fim do mês, amor. Para não chorar de saudade, pensarei apenas no momento de sua chegada e nos beijos que trocaremos. Então, finalmente em seus braços, poderei pronunciar as palavras que há tanto tempo sonho em lhe dizer: Eu te amo, Adam.

Charmiane parou de escrever, transtornada pelas dúvidas. Adam nunca lhe dissera que a amava! E, nos poucos momentos que haviam compartilhado, ele também não demonstrara ternura ou afeto.

Ela já não se lembrava com tanta nitidez do encanto daquela noite mágica no Jardim das Tulherias. O herói de seus sonhos não passava de um amante apressado, ansioso por se satisfazer no corpo de uma mulher que se oferecera para lhe dar prazer. O leque, escolhido por Bazaine, talvez tivesse sido apenas um pagamento por alguns minutos de sexo casual.

Não! Ela não podia acreditar que abandonara tudo por uma miragem! Precisava lembrar-se das cartas, das palavras emocionantes que lhe haviam revelado o verdadeiro Adam!

Infelizmente as cartas tinham se transformado em cinzas e ela mal se lembrava das palavras que a haviam encantado. Não lhe restara nada, nem amigos, nem família, nem a certeza do amor. Entregara sua vida a um desconhecido autoritário, que enriquecera rapidamente e, orgulhoso de suas propriedades, realizaria mais uma ambição: uma esposa aristocrata. Esse homem não queria perder tempo cortejando uma mulher, por isso escolhera a jovem fácil que se oferecera sem pedir nada em troca.

Charmiane rasgou a carta que escrevera e jogou os pedaços de papel na lareira. Talvez fosse a depressão que a levava a duvidar do amor de Adam. Nunca analisara sua situação com tanta frieza e esperava sinceramente estar enganada em sua avaliação. Só o tempo lhe diria se errara, mas, enquanto não tivesse certeza, não confessaria que o amava.

Uma semana depois, Charmiane estava admirando a bela vista que se descortinava da janela de seu quarto, quando viu Adam galopando em direção ao castelo. O sol batia no rosto que ela vira tantas vezes em seu sonhos e iluminava a mecha dourada caindo sobre a testa.

Subitamente, todas as dúvidas desapareceram. Ela amava aquele homem. Abandonara tudo para ficar ao seu lado.

Charmiane não pretendia mais esperar e, correndo para a porta, chegou ao pátio no instante em que Adam desmontava do cavalo. Jogando-se nos braços dele, ergueu o rosto para ser beijada. O beijo foi mais terno do que ardente e, apesar de desapontada, Charmiane tentou transmitir seu amor num sorriso. Agora eles teriam tempo para se conhecer, para partilhar seus segredos e aprender a amar.

— Céus! Você é linda demais! Eu já não acreditava que fosse possível existir tanta beleza!

À volta deles, os cavaleriços corriam, tentando acalmar o cavalo de Adam que relinchava e escoiceava. Os criados apareceram nas janelas e logo Bazaine chegou ao pátio de entrada com um sorriso nos lábios.

— Que surpresa agradável! Eu não o esperava tão cedo, monsieur Noel!

CAPITULO X

Noel?

Charmiane permanecia imóvel, tentando recuperar o autocontrole. Ela não beijara Adam, não se jogara nos braços do homem que amava. Como pudera se enganar, mais uma vez?

— Exatamente, bela dama. Pena que Bazaine impediu-me de roubar outro beijo seu. — Ele abraçou o secretário de Adam. — Como está, mon vieux?

— Melhor agora que o vejo são e salvo, monsieur Noel. Escapou ileso de mais uma guerra.

— Graças a Deus! Tive muita sorte, Bazaine.

— Noel? — repetiu Charmiane, ainda inconformada com seu engano. — Como Bazaine o reconheceu?

— Ah, ele jamais se esqueceria do parceiro para quem perde todos os jogos e todo o dinheiro! Além disso, bastaria olhar para o meu uniforme, bela dama. Sou apenas um cabo e não tenho as dragonas douradas nem as medalhas de meu irmão, o coronel Bouchard.

— Por favor, vamos para a sala de visitas — interveio Bazaine. — Está muito frio aqui fora e pedirei à criada que nos sirva um chá.

— Deus me livre, Bazaine! Eu só tomarei chá quando estiver à beira da morte e, enquanto espero, prefiro conhaque.

Depois que os dois se acomodaram diante da lareira da saleta, Bazaine serviu uma generosa dose de conhaque a Noel e sentou-se diante dele.

— Esteve com monsieur Le Comte?

— Parei para vê-lo antes de ir para Strasbourg.

Charmiane ainda não conseguira tirar os olhos de Noel, enrubescendo

sempre que ele a fitava com um sorriso malicioso nos lábios.

— E... tinha, algum motivo especial para ir até Strasbourg? — perguntou ela, para disfarçar o embaraço.

— Eu pensei que tivesse um motivo para ficar um longo tempo por lá. Mas depois de suportar a minha companhia durante uma semana, o motivo, que era muito bonito, me abandonou. Por Deus, Charmiane! — Ele deu uma gargalhada alegre. — Você vai ficar vermelha mais uma vez?

— Pedirei que preparem os seus aposentos e um banho. — interrompeu Bazaine, com uma expressão severa. — Quantos dias pretende ficar em Bonneval?

— Eu e Adam nos casaremos dia vinte e seis, Noel.

— Eu sei. — Ele sorriu com ternura para Charmiane. — Adam me contou.

— Por que não fica para o casamento, monsieur Noel? Tenho certeza de que o conde se alegraria com a sua presença.

— Estou voltando a ser civil, Bazaine. Deixei o Exército e pretendo alugar uma casa na Bretanha, bem perto do mar. Logicamente, nem penso em escolher um lugar luxuoso como Bonneval porque me falta o talento de Adam para multiplicar o dinheiro. Pena que ele ainda não tenha voltado.

— Eu tenho a permissão de monsieur de Montcalvo para resolver o que for preciso.

— Você é mesmo esnobe, Bazaine! Aposto que dá mais importância do que Adam a esse ridículo dei — zombou Noel, bem humorado. — E também é muito curioso, mas, já que tem a permissão de Adam, pode me fornecer algumas centenas de francos. Ele me deve um favor...

— Eu pagarei, mas só com uma condição. Não use esse dinheiro para jogar comigo. — Bazaine piscou maliciosamente. — Não quero deixá-lo sem um centavo.

Charmiane não disfarçou seu espanto. Bazaine nunca brincava com ninguém! Certamente Noel possuía o dom de criar um ambiente descontraído ao seu redor!

À noite, durante o jantar, ela percebeu que não se enganara. Noel não parava de sorrir e de brincar com os criados que serviam à mesa. Quando se retiraram para a saleta a fim de tomar café e licores, ele provocou as jovens criadas, que enrubesciam de prazer com as brincadeiras daquele homem sedutor.

— Você é incorrigível, Noel — comentou Charmiane depois que as criadas saíram da sala. — Elas vão ficar apaixonadas pelo irmão de monsieur Le Comte.

— Você descobriu meu poder de sedução no instante em que nos encontramos. E também não resistiu ao meu encanto!

— Pensei que você fosse Adam — defendeu-se Charmiane, perturbada. — Não sabia que ele tinha um irmão.

— Mas depois soube, bela dama! — Ele suspirou de modo teatral. — Pela primeira vez na vida, Adam foi mais rápido do que eu e perdi a mulher mais linda do mundo para o meu próprio irmão!

Aquele comentário preocupou Charmiane. Ela realmente o achava muito atraente e sentia que estava traindo Adam. Não podia permitir que Noel a tratasse com galanteria, porque seriam cunhados e, como provavelmente o veria muitas vezes sem a presença do marido, criar-se-ia uma situação bastante perigosa! Precisava tratá-lo como uma irmã, interessada mas impessoal.

— Ficamos felizes ao saber que você estava são e salvo, Noel. A campanha da Rússia deve ter sido muito penosa.

— Penosa? — Noel quase derrubou a xícara de café. — Foi um inferno!

— Você fica igualzinho a Adam quando franze a testa.

— Desculpe a minha reação de raiva, Charmiane. Eu ainda não consigo pensar sobre a Rússia sem lembrar todas as tragédias dessa maldita guerra.

— Eu sei. Adam me escreveu...

— Você ficou... contente de receber cartas de Adam?

A emoção impediu Charmiane de responder. A simples lembrança das palavras que haviam lhe revelado a beleza da alma de Adam provocava-lhe lágrimas.

— Mon Dieu! Adam tem mesmo toda a sorte do mundo! — murmurou Noel, aproximando-se de Charmiane. — Vamos tomar mais um café?

Depois de servir Noel, Charmiane levantou-se do sofá e foi até a janela.

— Por que não fica até o dia do casamento, Noel? — perguntou ela sem fitá-lo. — Adam gostaria e eu também.

— Não posso. — Noel se colocou ao lado de Charmiane. — Ficaria com mais ciúmes do meu irmão.

— Que tolice! Você é muito brincalhão.

— Infelizmente, não se trata de uma brincadeira.

— Então não diga mais nada, por favor.

— Por que não? — ele a fitava com um olhar perturbador, mas ao vê-la enrubescer começou a rir. — Afinal, nós dois sabemos que sou o mais simpático dos irmãos, não é? Não ficaria bem se deixasse Adam à sombra de meu encanto fulgurante. O noivo deve ser o centro de todas as atenções, bela dama!

Noel partiu de Bonneval três dias depois, despedindo-se de Charmiane no jardim onde a encontrara.

— Adeus, bela dama. Tem mesmo certeza de que não quer abandonar Adam e casar-se comigo?

— E o que todas as criadas diriam se você não tentasse mais conquistá-las?

— Eu falei em casamento, não em abstinência total!

— Você tem coragem de pensar em adultério antes mesmo de se casar?

— Lógico! Um homem precisa de muitas mulheres para alegrar a vida. — A expressão descontraindo desapareceu do rosto de Noel. — Meu Deus! Você é linda demais!

Antes que Charmiane pudesse impedi-lo, Noel a tomou nos braços. Desta, vez o beijo foi possessivo e ardente, revelando uma afeição que a deixou transtornada.

— Adam tem mesmo toda a sorte do mundo...

Noel desapareceu entre as árvores, deixando com Charmiane a lembrança de três dias de alegria descontraindo, jogos de cartas e cavalgadas no campo. Ela sentiria falta daquele companheiro, enquanto continuava a longa espera por Adam..

Charmiane olhou para o céu e estremeceu. Apesar das nuvens negras e do vento gelado, ela esperava que não nevasse novamente. Estavam no dia vinte e cinco de fevereiro e Adam ainda não voltara. Se as estradas ficassem intransitáveis... o noivo não chegaria em tempo para o casamento!

Ela esporeou o cavalo, cruzando a galope o bosque que circundava Bonneval e sentiu os primeiros flocos de neve tocarem seu rosto. Um manto branco cobria os jardins do castelo e, inexplicavelmente não havia ninguém no pátio de entrada à sua espera. Então, Charmiane viu os cavaleiros reunidos junto a uma carruagem desconhecida.

Só podia ser Adam! Aflita, ela correu para as cocheiras. O uniforme verde-escuro com dragonas douradas pertencia a um oficial, portanto... só podia ser Adam!

Então Charmiane parou, tentando entender o que estava acontecendo.

Paterne, um dos cavaleiros contratados por Bazaine, estava caído aos pés de Adam. Com o rosto ferido e a camisa rasgada, ele tentava erguer-se, mas ninguém se movia para ajudá-lo. Teria havido algum acidente com um dos cavalos? Por que os outros permaneciam imóveis como estátuas, apesar da neve que caía sem cessar?

Antes que ela pudesse se aproximar mais dos dois homens. Adam ergueu Paterne e o esmurrou com violência. O grito do cavaleiro não abafou o som de ossos que se partiam.

— Adam! Por Deus, pare! Adam...

Ao ouvir a voz de Charmiane, Adam virou-se e seu rosto refletia uma fúria devastadora.

— Que diabos está fazendo aqui? Vá embora!

— Mas... você não pode... Paterne...

— Eu já lhe disse para ir embora — a voz, agora baixa, era ainda mais ameaçadora. — Vá me esperar dentro de casa. Este assunto não é da sua conta.

Apavorada, Charmiane correu para o castelo. Ela só queria refugiar-se em seu quarto, mas sentiu medo de contrariar Adam. Sempre soubera que ele era um homem duro, de temperamento forte, e acostumado a sobreviver em campos de batalha. Agora percebia um lado de violência incontida, uma cólera arrasadora que a assustava. Podia até imaginá-lo arrastando-a para fora do quarto pelos cabelos!

A neve acumulada em suas roupas começava a derreter, ensopando o tapete da biblioteca onde ela esperava por Adam. Mas não tinha tempo de se trocar. Charmiane chamou a criada para pedir-lhe que servisse café e, depois, preparou-se para enfrentar aquele homem apavorante. Se ao menos conseguisse controlar o pânico!

Quando ele entrou na biblioteca, enrolando um lenço na mão machucada, Charmiane estremeceu. Adam segurou-a com violência pelo pulso e sua expressão continuava a refletir uma cólera fria e ameaçadora.

— Não admito que contestem minhas ordens na frente de subordinados! Entendeu o que eu disse?

— Sim, é claro, mas... por que castigou Paterne?

— Não costumo explicar minhas ações a ninguém, mas... ele é um canalha! Você não precisa saber mais nada.

— Mesmo assim, a punição foi severa demais...

— Pretende contestar minhas decisões também quando estamos a sós, madame?

— Por favor, solte o meu braço — pediu Charmiane, lutando contra as lágrimas. — O meu... casaco está ensopado.

Sob o pretexto de tirar o casaco molhado, Charmiane afastou-se de Adam e foi até a lareira. Ela imaginara um reencontro romântico, um momento de renovada magia que seria o prelúdio de seu casamento de amor. Entretanto, aquele homem não era o mesmo com quem sonhara durante dez longos meses.

— Sinto muito pela cena que você presenciou — murmurou Adam, tomando-a nos braços. — A minha volta ao lar devia ter sido mais... agradável.

Charmiane queria fugir daquele abraço, mas estava praticamente encostada à lareira. A presença física de Adam a intimidava e seu maior desejo era fugir daquele contato perturbador. Entretanto, tinha de dar-lhe mais uma chance, porque, sem dúvida, a cena nas cocheiras alterara seu julgamento.

— Por que não me escreveu mais depois da Rússia, Adam?

— Eu escrevi...

— Mas... eram cartas diferentes...

— Que diabos! Você pediu que eu lhe enviasse cartas e eu escrevi. — Ele começava a se impacientar. — O que mais queria?

Subitamente, ela sentiu que perdera algo muito precioso. Adam abrira o coração naquelas cartas e se arrependera. Todas haviam sido destruídas, e o

homem que as escrevera já não existia mais!

- Você ainda as tem, Charmiane?
- Não, Armand... queimou todas as cartas.
- Não importa. Eram apenas palavras vazias.
- Mas tão doces.
- Palavras são uma perda de tempo.

Adam tentou recuperar o tempo perdido com um beijo ávido. Charmiane sentiu a aspereza da barba raspando seu rosto, o cheiro forte de bebida nos lábios que se apossavam dos seus e, sem perceber sua própria reação, repeliu um contato em que não havia ternura nem amor.

Quando Adam a soltou e foi servir-se de mais conhaque, Charmiane pôde observá-lo mais friamente. Ele estava muito mais magro e com uma expressão tensa. Aquele homem duro e rude não podia ser o mesmo que lhe escrevera cartas tão comoventes!

- Terminou o exame? — Ele serviu-se novamente de conhaque.
- Francamente, Adam! Eu não...
- Não perca tempo com negativas ridículas! Você me examinou da cabeça aos pés e ficou desapontada.
- Não é verdade.
- Pois eu não estou — prosseguiu Adam, com a voz rouca de desejo. — Continua... perfeita.

Charmiane tentou disfarçar sua decepção. Adam voltara apenas porque queria possuí-la? Ele só se interessava por seu corpo?

— Aliás, nada mudou. O seu rosto continua a ser um livro aberto que revela todos os seus pensamentos. Meu Deus! Você sentiu repulsa, não desapontamento! Não é essa a verdade, Charmiane?

— É preciso tempo para nos conhecermos melhor, Adam. Não nos vemos há quase um ano e...

— Eu não tenho tempo! Quero a vida que consegui com sangue e lágrimas e quero agora! Quero uma esposa amorosa e quero filhos! É capaz de aceitar a minha urgência ou vai dizer que foi tudo um trágico engano e fugir correndo para a sua família?

— Por Deus, Adam! Tente me compreender.

— O padre virá amanhã e você precisa ter certeza do passo que está para dar. Ficará comigo sabendo quem sou eu e o que quero da vida! — Com um gesto brusco, Adam atirou o copo de conhaque de encontro à grade da lareira. — E nunca mais me olhe desse modo!

Apavorada, Charmiane sentiu o impulso incontrollável de fugir da presença de Adam. Ela voltaria para casa, porque não podia casar-se com um desconhecido! Antes, porém, o enfrentaria!

— O senhor é...

— Com licença? — Bazaine entrara na biblioteca com uma pasta nas mãos. — Trouxe algumas cartas que precisam de sua assinatura, monsieur Le Comte.

— Mais tarde — resmungou Adam sem tirar os olhos de Charmiane. — Vá embora, Bazaine.

— Suas malas já foram levadas para o apartamento e o banho está pronto.

— Vá para o inferno, Bazaine! Ficou surdo?

— Eu não tenho um olho, mas ouço muito bem. A sua viagem foi excessivamente longa e exaustiva, senhor. As vezes, uma retirada estratégica é mais efetiva... — Bazaine sorriu. — Vai tomar seu banho agora?

Com esforço, Adam conseguiu desviar os olhos de Charmiane, e, inesperadamente, beijou-lhe a mão.

— Dormir... eu preciso realmente descansar depois dessa viagem infernal. Talvez nós dois possamos fingir que estamos nos encontrando na hora do jantar.

Vendo-o afastar-se, Charmiane sentiu o impulso de chamá-lo e dizer que tudo estava terminado. Engolindo o orgulho, pediria a tante Sophie que a aceitasse de volta, desculpar-se-ia com Armand e talvez conseguisse até aceitar Domfort.

Então, admitiu que aquele reencontro fora difícil também para Adam. Ele voltara da excitação da guerra para a vida pacata de um proprietário rural, em uma casa onde nunca vivera, ao lado de uma mulher que pouco conhecia. Bazaine tinha sido mais sábio e mais prudente do que eles dois e os interrompera no momento exato!

Se Charmiane não olhasse para a mão machucada de Adam, acreditaria estar jantando com o homem que a encantara na noite do baile. Ele trocara o uniforme enlameado por uma casaca bem cortada, fizera a barba e conseguira até recuperar o sorriso tímido, mas fascinante.

Enquanto a ajudavam a vestir-se para o jantar, as criadas tinham repetido a Charmiane a sua visão dos acontecimentos daquela tarde. Paterne fora expulso do castelo e tivera de voltar imediatamente para sua aldeia apesar de seus ferimentos e da forte nevasca. Ninguém sabia por que motivo ele fora surrado com tanta violência, mas todos concordavam que o irmão do encantador sr. Noel era um homem perigoso.

Logo Charmiane começou a preocupar-se com um outro problema. Adam estava bebendo demais!

— O que achou de Bonneval, Charmiane?

— É uma região muito bonita. — Ela só esperava que Adam não pedisse sua opinião sobre a decoração.

— Ainda bem que gostou. Comprei-o para você, para lembrá-la dos velhos tempos.

— Eu vivi na Suíça desde os quatro anos de idade... — Charmiane sorriu

docemente. — Não me lembro dos “Velhos tempos”.

— Mas deve ter uma memória hereditária, comum a todos os aristocratas — prosseguiu Adam, sarcástico. — Achei que Bonneval era um castelo digno de uma condessa... que seria marquesa se pessoas da plebe, como eu, não tivessem roubado os seus direitos de nascença. Não é assim que seu irmão se refere a nós, os novos-ricos, os lacaios do Usurpador?

Antes que Charmiane pudesse responder, a sopa foi servida. Ela pretendia desviar o assunto falando sobre detalhes referentes a Bonneval, mas Adam só respondia com monossílabos secos, fitando-a como se tivesse uma meta a atingir.

— Bazaine contou-me que você foi a uma casa na Rue de Paon — disse Adam, finalmente rompendo o silêncio. — E várias vezes. Depois de observar esse lugar, ele teve a impressão de que há algo suspeito acontecendo por lá. É verdade?

— Claro que não — afirmou Charmiane, enrubescendo. — Conheço algumas pessoas dessa casa, é só isso.

— E entre elas está seu irmão.

A chegada dos criados interrompeu aquela conversa inquietante e deu tempo para que Charmiane tentasse inventar uma desculpa.

— Não importa — continuou Adam sem esperar que ela se explicasse. — Eu proíbo... eu gostaria que você não voltasse a esse lugar, Charmiane. E sua tia? Está contente com a quantia que lhe enviamos?

— Não sei. Ela não responde às minhas cartas.

— O que não a impede de receber o dinheiro, não é? Os aristocratas têm um conceito de honra incompreensível para nós, pobres plebeus.

— Sophie é uma mulher desamparada e infeliz. Não julgue todos pelo comportamento de uma pobre velha.

— Ou de um irmão que também usufrui o dinheiro enviado pela irmã traidora.

— Não, Armand jamais usaria o seu dinheiro — negou Charmiane com veemência. — Ele é um idealista e continua pobre até hoje. Nunca se dobrou, como outros aristocratas que aceitaram cargos no novo governo para recuperar seus títulos e adulam...

— Homens inescrupulosos como eu? Não era isso que você ia dizer?

— Por favor! Precisamos conversar sobre política? Eu sempre detestei esse assunto e só o mencionei para justificar meu irmão. — Ela ergueu o queixo, desafiante. — Não fale de Armand com esse tom de voz insultuoso.

— Então... que tal conversarmos sobre o meu irmão?

— Não há nada que falar — disse Charmiane, percebendo que reagira com uma rapidez excessiva, despertando as suspeitas de Adam. — Ele veio visitar você e, como não o encontrou, partiu em seguida.

— E foi recebido com um beijo... apaixonado, segundo me disseram.

— Adam, querido — murmurou Charmiane, tentando acalmá-lo. — Pensei que fosse você.

— Realmente? E quem pensou que eu era quando fez tudo para fugir do meu beijo?

— Eu estava nervosa demais. Vi você batendo em Paterne e fiquei... por Deus! Tem de ser tão cruel comigo, Adam? Vai recomeçar uma discussão que só magoará a ambos?

— Não ouse chorar! — explodiu Adam ao perceber que Charmiane perdia o controle. — Não tolero mulheres que usam lágrimas como uma arma para dobrar os homens a seus caprichos!

Incapaz de suportar as agressões constantes de Adam, Charmiane saiu correndo da sala de jantar, disposta a refugiar-se em seu quarto, mas ele alcançou-a no meio da escada.

— Deixe-me em paz! — Charmiane afastou Adam, que tentava abraçá-la. — Eu não estava querendo comovê-lo com minhas lágrimas. Solte-me!

— Eu sou um grande idiota — murmurou Adam, acariciando o rosto pálido de Charmiane. — Devia ter-lhe dado o presente de casamento assim que cheguei em vez de insultá-la com meus comentários grosseiros. Talvez ainda seja possível reparar todos os erros se você aceitar meu gesto de reconciliação.

Charmiane não conteve uma exclamação de incredulidade ao abrir a caixa que Adam lhe entregara. Sobre o veludo preto, fulguravam os brilhantes maiores e mais alvos que ela já vira. Doze pedras enormes, presas entre si por uma elaborada armação de platina no centro, um pendente oval de brilho azulado.

— Oh. Adam! É o colar mais lindo do mundo. Ajude-me a colocá-lo.

Percebendo a falta de habilidade de Adam ao colocar-lhe o colar, Charmiane arrependeu-se de tê-lo julgado tão mal. Ele era um soldado acostumado a conviver com homens duros e faltava-lhe o desembaraço de um cortesão galante. Se ela se lembrasse sempre desse detalhe, evitaria muitas brigas e discussões. E se o tratasse com carinho, recuperaria o príncipe encantado de seus sonhos!

— Espero que meu beijo de agradecimento apague a má impressão do de boas-vindas — murmurou Charmiane, tomando a iniciativa. — Vou beijá-lo como se você estivesse chegando neste momento, querido.

No instante em que suas bocas se tocaram, o mundo voltou a ser um lugar encantado. Como nuvens, desfeitas pela brisa cálida da primavera, desapareceram as dúvidas, os rancores e a amargura dos longos meses de separação. Adam a beijava com tanta doçura que Charmiane entreabriu os lábios, permitindo-lhe uma carícia mais ousada.

— Você não sabe quantas vezes eu sonhei com este momento, Charmiane.

Envolvida por uma onda de desejo, Charmiane só percebeu que Adam abrira a frente de seu vestido quando sentiu a mão dele tocar-lhe o seio.

— Não! Adam... por favor. — Afastando-o, ela procurou fechar o vestido.
— Os criados...

— Desculpe-me. Eu esqueci-me completamente que estávamos no vestíbulo. Vamos para o meu quarto.

— Não... não para o seu quarto.

— Então para onde? — Sem controlar a impaciência, Adam tentou abrir novamente o vestido de Charmiane. — Prefere o seu?

— Nós não vamos a lugar algum, Adam. Ainda não estamos casados e prefiro esperar até ser sua esposa. Essa urgência é... imoral.

A expressão de Adam se transformou, o desejo deu lugar à irritação e à impaciência.

— Não pensou em sua moral nos jardins das Tulhérias, madame. Ou só a sua urgência é permissível?

As palavras ofensivas de Adam apenas aumentaram a vergonha que Charmiane sentia ao lembrar-se de seu comportamento naquela noite. Arrependia-se de ter se comportado com a leviandade de uma mulher sem princípios, que se entregava a qualquer desconhecido sobre a relva de um jardim público! Agora a humilhação era muito mais intensa do que na manhã após o baile; desfeita a magia, restara apenas a crueza da satisfação física.

— Espero que sua... reticência seja passageira, madame. Talvez uma crise de nervos típica de uma noiva às vésperas do casamento e superada na noite de núpcias.

Apesar da expressão controlada de Adam, Charmiane teve a impressão de que ele se magoara com sua rejeição e tentou reconfortá-lo.

— Eu não fecharei a porta de meu quarto nem a do meu coração a você depois que estivermos casados, querido.

A observação de Charmiane teve o efeito oposto ao que ela previra.

— Se alguma vez pensar nessa atitude de desafio... — ele a segurou com violência pelo braço — irá se arrepender profundamente, madame. Até amanhã.

O dia amanheceu ensolarado, mas um espesso manto de neve continuava a cobrir os campos ao redor de Bonneval. Charmiane identificou-se com o sol pálido e sem forças que tentava, inutilmente, vencer o inverno implacável. Na manhã de seu casamento, ela já se sentia derrotada pela frieza rude de Adam. Ele fora com Bazaine inspecionar sua nova propriedade e, a cada instante, uma das criadas vinha queixar-se dos desmandos do novo senhor do castelo.

Antes de sair, o conde de Montcalvo tinha ido de quarto em quarto e de salão em salão, examinando cada canto, fazendo perguntas e exigências absurdas. Ninguém conseguia saber quando ele estava satisfeito, mas todos sentiam imediatamente os efeitos de seu descontentamento. Durante a inspeção do castelo, que durara horas, várias criadas pediram, em lágrimas, para serem dispensadas do serviço e o valete ofereceu o primo para substituí-

lo, porque não se julgava em condições de suportar aquele trabalho exaustivo.

— Ele pensa que o dinheiro lhe dá o direito de tratar as pessoas como se fossem lixo! — reclamava Yvonne, a criada de quarto que Bazaine escolhera para Charmiane. — Mas por favor, não diga isso ao conde, madame.

— Se acha que ele não devia ouvir esse comentário, seria melhor ter se calado, Yvonne.

Charmiane perdia, constantemente, a paciência com os comentários pouco respeitosos de Yvonne. Janine jamais agiria com insolência mesmo se odiasse os patrões.

— É... eu sei que devia ter ficado de boca fechada, mas não aguentei, madame! É tão difícil acreditar que dois irmãos, com o rosto igualzinho, possam ser tão diferentes. Um é anjo e o outro... um verdadeiro monstro!

— Yvonne!

— Sinto muito, eu não estou mentindo, madame. Só o sr. Bazaine consegue reconhecer e suportar os dois. Não sei como!

— Ele os conhece há muito tempo, Yvonne. Agora, chega de conversa fiada. Preciso começar a me preparar para a cerimônia.

Na época em que encomendara seu vestido de casamento, Charmiane ainda se sentia feliz recordando a noite do baile. Agora arrependia-se de não ter se decidido por gaze branca, como convém a uma noiva, em vez do amarelo-ouro, destinado a lembrar Adam dos momentos mágicos que haviam partilhado. Mas ela escolhera a cor e escolhera o noivo, portanto, só lhe restava assumir a culpa e aceitar seu futuro! Charmiane dispensara o véu tradicional, porque não poderia pedir a tante Sophie a preciosa mantilha de renda que todas as mulheres da família Chevrillon tinham usado para se casar. Além disso, seria um casamento campestre e ela escolhera um modelo com delicados e esvoaçantes babados que combinavam melhor com uma coroa de flores naturais.

Subitamente, ela percebeu que o colar de brilhantes era pesado demais para a leveza do vestido. A quem teriam pertencido aqueles brilhantes enormes? Uma matrona italiana de cabelos ruivos e colo opulento estaria usando aquela jóia quando sua casa foi invadida por soldados inimigos? Chocada com as imagens criadas por sua imaginação fértil, Charmiane forçou-se a afastar aqueles pensamentos mórbidos. Era o dia de seu casamento!

Yvonne terminara de prender as flores entre os cachos de Charmiane quando Bazaine entrou no quarto.

— A senhora parece ura raio de sol com esse vestido, madame, O conde já está à sua espera na capela com a nobreza da região que foi convidada para o casamento. Terá a oportunidade de conhecer todos os seus vizinhos hoje... condessa. — Ele lhe ofereceu o braço. — Podemos ir?

— Minha tia... não veio, não é?

— Sinto muito, madame. Só os convidados do conde compareceram.

— Foi o que imaginei. — Charmiane tentou sorrir. — As estradas estão

cobertas de neve... intransitáveis!

Quando Charmiane viu Adam junto ao altar, sentiu-se ainda mais solitária. Ela não conhecia aquele homem em uniforme de gala, coberto de medalhas e com o sabre cerimonial faiscando à luz das velas. Ela ia casar-se com um estranho e já não podia recuar. Cortara os laços familiares, perdera os amigos e abandonara o mundo de sua infância e juventude. Agora teria de encontrar algo no marido taciturno e de poucas palavras a quem se uniria pelo resto da vida, para preencher o vazio deixado pela vida que perdera.

A cerimônia foi muito rápida e impessoal. Mal o padre cumprimentou os noivos, Bazaine convidou-os a passarem para o salão de recepções onde seria servido o jantar. Infelizmente essa refeição foi muito longa e tediosa!

Ao comprar Bonneval, Adam passara a ser o nobre de mais alto grau de nobreza da região. A aristocracia local era formada por alguns barões e diversos funcionários do governo que, a julgar pelos trajes deselegantes e por sua falta de polidez, tinham obtido seus postos e fortunas muito recentemente.

Todos se desfaziam em cortesias canhestras diante do conde e da condessa de Montcalvo!

Logo Charmiane descobriu que seria ainda mais penoso suportar a companhia das mulheres. Elas não se acanhavam de tocar o tecido do seu vestido, perguntar o preço do metro da gaze e a loja em que fora comprada. Inconscientes das gafes cometidas, convidaram-se para um chá, ao qual compareceriam acompanhadas por suas costureiras e aproveitariam, então, essa ocasião para copiar alguns vestidos da condessa, que refletiam o estilo parisiense, tão apreciado na província.

Só agora Charmiane compreendia o que Armand tentara lhe dizer. Ela não pertencia ao mundo novo que subira ao poder com Bonaparte! Jamais encontraria uma amiga entre aquelas mulheres ricas mas sem refinamento e incapazes de sustentar uma conversa com a graça de tante Sophie ou qualquer das aristocratas que viviam no Faubourg Saint-Germain.

Adam também estava pouco à vontade. Suas respostas lacônicas intimidavam os convidados que logo evitaram dirigir-se a ele. Preferiam conversar com seus vizinhos de mesa a enfrentar aquele homem de olhar frio e expressão severa.

Por várias vezes Charmiane sentiu que ele a fitava e, ao encará-lo, encontrou o mesmo olhar intenso da noite do baile. A ingênua romântica que vira a magia da paixão onde só havia a volúpia dos sentidos tinha desaparecido. Agora reconhecia, sem disfarces, a avidez e a urgência de um amante impaciente.

Finalmente Adam não suportou mais o tédio ou talvez a longa espera para que se consumasse o casamento.

— Fui informado por Bazaine que a nevasca está recomeçando — disse ele ao padre, mas seu comentário era dirigido a todos os convidados. — Dentro de meia hora as estradas ficarão intransitáveis. Posso lhe oferecer um quarto, mas disse-me que precisava voltar para casa a fim de preparar o sermão de amanhã, não é verdade?

Os convidados não precisaram de um segundo aviso e se levantaram todos ao mesmo tempo. A impaciência de Adam enquanto se despedia deles desapareceu por completo quando ficou a sós com Charmiane.

— Tenho de terminar alguns relatórios ainda esta noite, madame — disse ele sem disfarçar o embaraço. — Depois irei... procurá-la em seu quarto.

Charmiane apressou as criadas de quarto que a ajudavam a se despir, a fim de estar sozinha quando Adam chegasse. Deixara os cabelos soltos como ele pedira em uma das cartas e escolhera uma singela camisola de algodão bordado que acentuava suas curvas e sugeria ao mesmo tempo pureza e sensualidade.

Se a atração entre eles se baseava na integração perfeita de seus corpos, uma noite de núpcias apaixonada seria um bom começo e talvez através do sexo conseguissem criar um relacionamento sólido. Charmiane queria agradá-lo, queria amar o marido, queria um casamento feliz!

Mas os minutos se passavam sem que Adam viesse procurá-la. Já não se ouvia nenhum ruído dos criados e, certa de que não encontraria ninguém ainda circulando pela casa, Charmiane decidiu ir à procura do marido. Certamente ele sentia-se inseguro, talvez com medo de ser rejeitado, e era hora de desfazer as dúvidas a esse respeito.

Ao se aproximar da biblioteca, Charmiane ouviu vozes encolerizadas que discutiam. Os dois criados à porta estavam pálidos e tentaram bloquear a entrada dela no aposento.

— O conde proibiu... não podemos deixá-la entrar, madame. — O som de móveis caindo ao chão foi seguido por um grito de dor. Charmiane reconheceu a voz, tão querida e familiar, e sentiu um terror incontrollável. Então reinou um silêncio ainda mais apavorante.

— Saiam da minha frente! — gritou Charmiane, à beira da histeria e, empurrando-os, entrou na biblioteca.

Ela jamais esqueceria aquela cena trágica! Entre os papéis espalhados e móveis caídos, estava Bertrand de Domfort segurando seu irmão nos braços. Armand fora ferido mortalmente e Adam ainda segurava a espada manchada de sangue.

— Oh, meu Deus! — gritou Charmiane, ajoelhando-se ao lado do irmão. — Fale comigo, Armand!

— Eu sinto muito, Charmiane — murmurou Bertrand, com lágrimas nos olhos. — Tentei impedi-lo, disse-lhe que era uma loucura vir até aqui.

Com muito esforço, Armand conseguiu alcançar a mão de Charmiane.

— Tudo acabou, minha querida irmãzinha.

— Não! — Soluçando, ela olhou para Adam. — Você é um assassino! Não vai, ao menos, chamar um médico?

— Ele não chegará a tempo — murmurou Adam com uma expressão ausente. — Está nevando muito...

— Carrasco do Tirano! — gritou Domfort, descontrolado. — Ele não deu

nenhuma chance para que Armand se defendesse, Charmiane! Atacou um pobre aleijado com fúria assassina. Mas seu irmão lutou com coragem, como o aristocrata que sempre foi.

Armand começou a tossir e sua respiração se alterou. Reunindo suas últimas forças, ele retirou o ariel de sinete e o entregou à irmã.

— Você sabe... o significado...

— Eu nunca mais tirarei esse anel do meu dedo, Armand. Juro que o usarei pelo resto de minha vida. Olhe! Já o coloquei...

Mas Armand já não podia ver. Com um suspiro, ele fechou os olhos para o mundo que só lhe causara sofrimento. Desesperada, Charmiane olhou para o anel manchado de sangue e, levantando-se do chão, correu para Adam, que fitava o fogo da lareira, de costas para os três.

— Olhe para mim! Olhe para mim, assassino!

— Se me ouvir, eu...

— Ouvir o quê? Que matou um aleijado sem condições de se defender?
— Ela arrancou a aliança e jogou-a no rosto de Adam. — O mundo inteiro precisava saber que a sua esposa o amaldiçoará para sempre! Que deseja a sua morte pelo crime cometido contra uma criatura indefesa!

Completamente descontrolada, Charmiane correu para as portas de vidro que se abriam para o jardim. Não conseguia olhar para o corpo de Armand por nem mais um segundo, ver o rosto sempre tão triste contorcido pela dor da agonia. Tinha de sair daquela sala!

Com um grito de desespero e revolta, ela empurrou as portas e cruzou o terraço coberto de neve em direção ao jardim. Ouviu a voz de Adam, sentiu o vento gelado tocar sua pele através da camisola de fino algodão, mas não podia parar. Seus pés afundaram na neve e o frio que envolvia seu corpo finalmente chegou até seu coração.

Subitamente Adam surgiu entre a neve muito alva. Charmiane ergueu os braços para o céu que a cobria com lágrimas de gelo e desmaiou no instante em que as mãos manchadas com o sangue de seu irmão a tocaram.

CAPÍTULO XI

Três dias se passaram antes que Charmiane pudesse erguer a cabeça do travesseiro e uma semana até que ela aceitasse a companhia de Bazaine para ir ao funeral do irmão. A vida de Armand, que perdera tão cedo o brilho e a esperança, terminava num cemitério modesto na Rue Saint-Jacques, longe das terras de Chevrillon, sem pompa, sem coroas de flores e sem amigos. Tante Sophie soluçava, amparada por Bertrand de Domfort, lamentando o desamparo e a solidão que a cercariam pelo resto de seus dias. A família deixava de existir com a morte do sobrinho. Ela não tinha mais ninguém.

Charmiane ansiava por retornar ao abençoado isolamento de seu quarto. Então, ela soube, através de Bazaine, que Adam fora à mansão de Paris na manhã seguinte à morte de Armand e só retornaria a Bonneval quando a

esposa se recuperasse do choque.

— Você devia ter dito... assassínio, Bazaine.

— Eu não estava naquela sala, madame. Nem a senhora. Tenho certeza de que o conde também lamenta essa morte desnecessária para a qual deve haver uma explicação.

— Ele sabe que não quero vê-lo nunca mais?

— Não tenho idéia, madame. Reconheço que não será fácil, mas... aconselho-a a esquecer esse trágico acidente e recomeçar a viver.

— Acha que ele me concederá o divórcio?

— Madamel A senhora casou-se na igreja!

— O Usurpador também! E ele divorciou-se de Josephine, quando não quis mais sua esposa plebéia!

— A vida pessoal do imperador é um caso único, madame. Não se iluda pensando que a senhora tem os mesmos recursos.

— Por quê? — insistiu Charmiane, inconformada.

— Porque... o conde já me deu instruções a esse respeito. Ele não aceitará a possibilidade de um divórcio e as leis do império apoiam seu direito de decisão.

Charmiane sentiu que as portas de sua prisão se fechavam para sempre. O severo código napoleônico só permitia o divórcio quando o marido exigia esse direito. Ela continuaria casada com um homem que odiava! Comparado a Adam, Henri era quase benevolente!

— Posso saber que direitos eu tenho?

— A senhora não é urna prisioneira, madame — disse Bazaine, ofendido. — Tem toda a liberdade dentro do castelo, não precisa permanecer só em seus apartamentos.

— E Paris?

— A mansão na lie de Saint-Louis poderá ser usada quando o conde não estiver lá.

— Eu dispenso esse privilégio. Quero apenas... — Charmiane lutou contra as lágrimas — visitar minha tia. Se ela me perdoar, algum dia.

— Mas é claro, madamel Escolheremos uma acompanhante...

— Não! Detesto ser vigiada como uma criminosa!

— Bem, veremos o que o conde decidirá a esse respeito, madame. A senhora tem mais alguma dúvida que eu possa esclarecer?

— Dinheiro! Adam deu-lhe ordens a esse respeito?

— A senhora receberá cinquenta mil francos por ano para gastar com vestuário e mais dez mil para pequenas despesas. A manutenção da casa continuará sob a minha responsabilidade, portanto não terá nenhum encargo. Ah, a mesada de madame de Chevrillon será mantida.

— Em dobro, Bazaine. Agora tante Sophie não receberá mais ajuda de Armand.

O desespero voltou a tomar conta de Charmiane. Como suportaria viver ao lado do homem que matara seu irmão? Se Adam não lhe concedia o divórcio, ela também lhe recusaria o direito de partilhar sua cama!

— Você disse que eu tenho toda a liberdade em Bonneval, não foi? — Ela encarou Bazaine com um olhar desafiante. — Então, quero mudar-me de um apartamento que não escolhi e me desagrada profundamente. Prefiro ficar em uma outra ala do castelo, num dos quartos de hóspedes.

— A senhora tem noção de gravidade do passo que está dando?

— Sem a menor dúvida. Espero que meu carcereiro respeite o meu direito à liberdade!

Charmiane dedicou-se obsessivamente a seus dois objetivos: mudar para longe dos aposentos do marido e conseguir o perdão da tia. A transferência de quarto foi completada em um único dia, mas passaram-se semanas até que tante Sophie aceitasse a reconciliação com a sobrinha.

Adam ainda não retornara a Bonneval, porque o imperador exigira sua presença em Saint-Cloud para as discussões dos planos de uma nova ofensiva francesa. Charmiane aproveitou a ausência do marido para convencer Bazaine e dar-lhe permissão para visitar a tia. Um mês após a morte de Armand, ela voltou a Paris, acompanhada apenas por Darnaud.

— Há um bistrô no fim da rua, Darnaud. Vá tomar um café enquanto fico em casa de minha tia.

— Não posso, madame. Tenho ordens...

— Não pretendo fugir das garras do sr. Bazaine. Espere-me na porta do prédio às cinco horas.

Sem dar atenção aos protestos de Darnaud, Charmiane subiu a escada privativa dos apartamentos do primeiro andar. Ela sentiu-se feliz por poder oferecer à tia um ambiente à altura da posição social do passado.

— Entre, condessa. — Janine não escondia o orgulho de sua nova situação. — Madame de Chevrillon a espera na saleta íntima.

Charmiane surpreendeu-se por achar graça da atitude esnobe de Janine. Afinal, a garota tinha por que se orgulhar da ampla sala, dos tapetes Aubusson e das belas porcelanas de Sèvres sobre os móveis dourados. O ambiente refletia o refinamento da aristocracia e, sem dúvida, o poder do dinheiro. Um menino, com libré de cetim e peruca empoada, servia chá aos convidados de tante Sophie.

— Como está, chérie? — Sophie recebeu a sobrinha com um suspiro e algumas lágrimas, — Eu ainda não posso suportar a dor. Não consigo dormir nem comer...

— Eu também não, Sophie. — Charmiane desviou o olhar do rosto corado da tia. — Fiquei contente quando soube que você pôde se mudar para este apartamento. É três vezes maior do que o do quarto andar e está muito

bem decorado.

— Infelizmente não se compara com o ambiente em que vivi toda a minha vida. — Sophie preferia não lembrar o exílio na Suíça. — Só pude comprar móveis usados, tudo de segunda mão.

— O dinheiro não está sendo suficiente? — perguntou Charmiane, invadida pelo sentimento de culpa.

— A ninharia de oito mil francos por mês? É vergonhoso! Armand sempre dizia que essa soma era ofensiva. Os soldados que recebem a Legião de Honra ganham dez mil francos por mês do governo! Ele soube que o "carrasco" com quem você se uniu foi agraciado com essa distinção de valor duvidoso!

— Já pedi para aumentarem sua mesada, Sophie.

— Bem, se assim você alivia o peso da sua consciência...

— Por favor, Sophie. — Ela tentou desviar o assunto. — Não conheço todos os seus convidados. Não vai me apresentar?

A melhoria financeira de Sophie fizera expandir muito seu círculo de amigos. Ela sempre evitara os aristocratas que tinham continuado ricos após a Revolução, porque não poderia retribuir-lhes os convites. Agora, alguns dos mais célebres sobrenomes da nobreza estavam reunidos naquela sala.

Entretanto, não havia nenhuma diferença entre os aristocratas orgulhosos e sem um tostão como Armand e os ricos que haviam conseguido recuperar seus títulos e fortunas adulando o Usurpador. Todos nutriam um desprezo profundo pela nova classe que subira ao poder e demonstravam seu desdém em comentários venenosos, ironias ferinas que mostravam que eles davam mais valor ao berço que ao dinheiro.

Charmiane notava os olhares das mulheres avaliando o preço de seu vestido, que certamente poucas poderiam comprar, e sentia-se uma traidora. Os homens a tratavam de condessa sem disfarçar o sorriso de escárnio e depois viravam as costas à criatura que insultara a verdadeira aristocracia casando-se com um novo-rico plebeu!

Quando Bertrand de Domfort entrou na sala, Charmiane suspirou de alívio e felicidade por ver um rosto amigo. Ele beijou-lhe a mão carinhosamente, cumprimentou-a por sua beleza e elegância, mas, quando os dois se sentaram junto à janela, sua expressão se transformou numa máscara de ódio.

— Então? Sente-se feliz ao lado do assassino com quem se casou?

— Por favor, Bertrand! Você também vai me hostilizar? Estou desesperada, triste e isolada de todos a quem amo, mas... o que posso fazer?

— Desculpe-me, querida. Eu devia ter imaginado! Entretanto, continuo sofrendo porque a perdi, e para um homem... Oh, Deus! Ainda bem que você não foi obrigada a assistir àquele massacre! Armand se arrastando pela sala, ensanguentado e sem forças... Ele nunca seria um adversário à altura daquele carrasco impiedoso mesmo se não fosse aleijado!

Descontrolada, Charmiane jogou-se nos braços de Bertrand. Chorava

pela morte do irmão e talvez também por ter perdido aquele homem bom e compreensivo que a confortava naquele momento. Agira com a insensatez de uma adolescente romântica e casara-se com um monstro, destruindo a chance de ser feliz ao lado de um verdadeiro aristocrata.

— Você tem de levar adiante a missão de meu irmão, Bertrand. Como vai o jornal?

— Lutando pela sobrevivência. Será difícil prosseguir agora que se calou a voz da Espada de Fogo.

— Eu posso dar-lhe só duzentos francos por mês sem despertar suspeitas. — Ela sorriu com amargura. — Os lacaios do Tirano aprendem com ele a ser repressivos e autoritários. Como está Jean-Pierre?

— Sempre perguntando pela linda irmã do pobre sr, de Chevrillon. Acho que ele está apaixonado por você e, como todos nós, não se conforma com a morte de Armand.

— Não aumente o meu desespero, Bertrand. Sei que sou a única culpada pela morte dele. Se tivesse o mesmo idealismo que Armand na restauração da monarquia, esperaria para me casar com um verdadeiro aristocrata, mas...

— Então se redima, Charmiane! — Os olhos sempre tristes ganharam um brilho fanático. — Seja a nova voz da Espada de Fogo! Você sabe escrever, use seu talento para ajudar a França a se reerguer.

— Não! Eu não poderia...

— Por quê? Tem medo de ser acusada de traição e perder a vida por uma causa-nobre? Ou falta-lhe coragem para desafiar o assassino imundo com quem se casou?

O ódio de Bertrand foi a última gota. Charmiane nunca se sentira tão só na vida, tão sem forças para enfrentar a hostilidade do mundo. Sem despedir-se de ninguém, nem mesmo de tante Sophie, ela saiu correndo do apartamento.

Charmiane não saberia dizer por quantas horas caminhou até notar que se afastara muito do Boulevard Saint-Germain. Transtornada pelas palavras de Bertrand, ela tentara encontrar coragem para ocupar o lugar de Armand e descobrir que nem mesmo a crueldade de Adam despertara em seu peito a paixão necessária para dedicar-se de corpo e alma a uma causa. Concentrada em sua luta íntima, perdera a noção do tempo e da direção de seus passos que a haviam levado a um bairro desconhecido.

Ela apavorou-se ao tomar consciência de que se perdera nas ruas de Paris! Estava em uma parte muito antiga da cidade, com casas decrepitas, lixo espalhado pelas calçadas onde mendigos estendiam as mãos para os transeuntes, prostitutas ofereciam seus préstimos e homens de aparência ameaçadora a fitavam com olhares cobiçosos. Charmiane só criou coragem de pedir informações porque encontrou um velho soldado ajudando uma senhora a cruzar a rua enlameada.

Charmiane já estava entrando na viela que a levaria de volta às margens do Sena quando viu dois garotos empenhados numa luta brutal. Um grupo de

curiosos se reunira em torno dos dois, encorajando o mais forte deles a bater no outro.

— Vá, Antoine! Acabe logo com ele!

— Força! Arranque as asas do Besouro!

O garoto que os homens chamavam de Antoine era alto e tinha um sorriso bobo em seu rosto brutal. Com uma corrente nas mãos, ele procurava atingir um menino, frágil e magro, que tentava desviar os golpes, aparando-os com o cabo de uma enxada.

Horrorizada, Charmiane viu que o menino já fora atingido na testa e só não desistira daquela luta desigual por teimosia. Sem pensar nas consequências de sua impulsividade, ela empurrou os curiosos e colocou-se no meio dos dois garotos.

— Pare! — gritou ela para Antoine. — É covardia bater num garoto menor do que você e desarmado!

Só quando Antoine ergueu o braço para girar a corrente Charmiane deu-se conta de que poderia ser agredida. Mas já não havia tempo para arrepender-se nem para desviar-se de um possível golpe, portanto teria de lutar também por si própria.

— Largue essa corrente e deixe o garoto em paz!

— Dê o fora daqui, vagabunda! — gritou um marinheiro, fazendo um gesto obscuro. — Está querendo apanhar também?

— O meu cocheiro já foi chamar a polícia! — disse ela, rezando para que ninguém notasse seu pânico. — Vocês todos vão para a prisão!

As palavras de Charmiane provocaram uma debandada geral e até o garoto que chamavam de Besouro teria fugido se ela não o segurasse pelo braço.

— Espere! Vou levá-lo até seus pais. Onde mora? Depois de um longo silêncio, o garoto apontou uma fresta entre dois prédios quase em ruínas.

— Ali? E a sua família? Não tem pais? — Diante do silêncio do menino, Charmiane assustou-se. — Deus! Você é mudo?

O garoto afastou a gola do casaco esfarrapado e mostrou-lhe uma enorme cicatriz em seu pescoço magro. Então, através de gestos, ele revelou a Charmiane que perdera a voz após ter levado um coice no pescoço e seu pai o abandonara em Paris há muito tempo. Já completara dez anos, era órfão desde os sete e sobrevivia através do roubo.

Aquela história trágica comoveu Charmiane, que decidiu dar uma oportunidade ao garoto. Iria levá-lo para Bonneval, ensinando-o a ler e escrever e, no futuro, ele poderia trabalhar no castelo.

— Vou chamá-lo de Prosper, para que você prospere como o seu nome!

Já eram quase seis horas quando Charmiane chegou à Rue de La Planche. Darnaud estava desesperado, mas acalmou-se rapidamente quando ela o elogiou por sua lealdade e comunicou-lhe que colocaria o garoto sob a

supervisão dele e essa nova responsabilidade significava um aumento de salário. Prosper teria uma profissão, uma casa e a chance única de escapar do mundo sórdido em que vivera.

Charmiane terminara de jantar quando ouviu a voz de Adam no vestíbulo. Com o passar dos dias o seu ódio crescera mas agora o pânico suplantava as outras emoções. O homem que entrou no salão estava descontrolado pela fúria e os criados recuaram, apavorados.

— Já soube de sua aventura em Paris — explodiu Adam, rubro de cólera.
— Perdeu o juízo, madame?

— Seja bem-vindo ao lar, senhor meu marido. — Charmiane defendeu-se com um sarcasmo ofensivo. — Por acaso estou proibida de visitar minha tia?

— E por acaso ela mora num bairro sinistro? Eu pensei em despedir Darnaud por sua imbecilidade, mas talvez o mais lógico seja prendê-la em casa para evitar que cometa novas loucuras, madame.

— Seu quarto já está pronto, senhor — interrompeu Bazaine, com uma voz conciliatória. — Quer jantar agora?

— Quero apenas falar com minha esposa a sós! Eu jantarei mais tarde... no apartamento dela!

Um silêncio pesado tomou conta da sala. Ninguém informara Adam que sua esposa estava agora em uma outra ala do castelo. Charmiane sentiu ódio de Bazaine por não ter evitado uma cena constrangedora.

— O que está acontecendo? — perguntou Adam ao notar o mal-estar generalizado. — Bazaine??

— Madame mudou-se para uma suíte na ala Leste, senhor. — Bazaine entrou direto no assunto. — Não julguei importante avisá-lo antes...

— Fora! — berrou Adam, empalidecendo. — Todos vocês, menos... ela!

Os criados e Bazaine desapareceram da sala com uma rapidez excepcional e Charmiane pediu que Deus lhe desse forças para enfrentar o homem que matara seu irmão.

— Venha cá!

— Eu não sou um de seus soldados, senhor. — Apesar da resposta desafiante, ela aproximou-se de Adam.

— Por que saiu de seu quarto, madame?

— Eu lhe disse que jamais trancaria a porta para você. Essa mudança foi o único modo que encontrei para demonstrar os meus sentimentos.

— Eu sou seu marido. — Adam tentava, sem sucesso, controlar a raiva.
— Tenho direitos e posso exigí-los.

— Também pode me amarrar na cama... se realmente quiser exigir seus direitos.

— Está insinuando que me desafiará?

Charmiane procurou ganhar tempo na esperança de encontrar a resposta

certa. Se lhe dissesse que o desafiaria, provavelmente seria tratada como Paterne! Mas, se negasse, ele a forçaria a participar de um ato degradante. Fora fácil submeter-se aos desejos de Henri, que queria apenas usar o seu corpo sem exigir sua participação. Entretanto, pressentia que Adam não suportaria uma esposa fria e passiva. E sua cólera seria ainda maior.

Mas ainda restava uma arma. Charmiane notara, desde o primeiro encontro, que Adam não compreendia a alma feminina. Se permanecesse em silêncio, talvez ele a deixasse em paz!

Adam agiu exatamente como Charmiane esperava. Após alguns segundos de perplexidade, ele desistiu da luta e, aproximando-se da mesa, serviu-se de vinho.

— Pretende continuar nesse outro quarto? — perguntou ele, desorientado. — Até quando?

— Para sempre. Suas mãos estão manchadas pelo sangue do meu irmão.

— Temos de conversar sobre isso mais cedo ou mais tarde...

— Não pretendo falar sobre o assassinio de Armand. Adam empalideceu, assustado com a violência dela.

— Não, Charmiane... eu preciso falar.

— Você nega que matou um aleijado sem condições de se defender, de um adversário muito mais hábil? Nega que enterrou a sua espada no peito dele?

— Não — murmurou Adam, num fio de voz. — Fique à vontade em sua nova suíte, madame. Eu a deixarei em paz.

Charmiane sabia que a luta com Adam ainda não terminara. Tinha se recusado a cumprir seu dever de esposa e tentava convencer-se de que a morte de Armand justificava a sua atitude. Entretanto, não acreditava que o período de paz fosse durar muito tempo!

Sua única alegria era Prosper. A devoção e o amor que brilhavam nos olhos do garoto a comoviam e Charmiane passava os dias ensinando-o a ler ou apenas contando-lhe histórias. Ela raramente saía dos seus apartamentos para não encontrar o marido, não tinha coragem de visitar a tia e encontrar Bertrand ou outros aristocratas que a hostilizavam, portanto só podia oferecer seu amor ao garotinho meigo que encontrara em plena rua.

Então, Adam descobriu que ela tocava piano. Charmiane fora obrigada a suportar a presença do marido durante o jantar, mas o silêncio apressava o fim daquela refeição penosa. Agora, tinha de passar horas no salão de música cumprindo um ritual ridículo.

Adam não prestava a menor atenção à música e, aparentemente, todos os assuntos importantes tinham de ser solucionados naquelas duas horas. Bazaine chegava com cartas que precisavam ser assinadas, o chefe das cavaliças vinha para discutir a compra de novos cavalos, o criado de quarto não ousava esperar para saber que casaca iria servir de modelo para o alfaiate. Ele tomava as decisões também por Charmiane, como se estivesse sozinho na sala. E sempre havia uma garrafa de conhaque à mão!

Numa tarde no início de abril, Charmiane sentou-se ao piano, preparando-se para suportar duas longas horas de angústia. Adam já estava em Bonneval há três semanas e ela não sabia por quanto tempo mais controlaria suas emoções. A raiva e o medo cresciam a cada dia que passava.

— Vire as páginas um pouco mais depressa, Prosper — pediu ela, afagando os cachos loiros do garotinho que permanecia em pé ao lado do piano.

— Você mima demais esse menino.

— Ele é uma criança encantadora.

— Que logo se transformará num homem com acesso livre ao seu quarto... e a sua cama.

O comentário foi tão venenoso e a expressão de Adam revelava tanta fúria que Charmiane sentiu medo pelo garoto.

— Pode ir, Prosper. Já não preciso de você hoje.

— Não saia daqui, garoto — a voz de Adam tinha um tom ameaçador. — Sua senhora fica muito mais agradável quando você está presente.

— Por favor, Adam...

— Ainda não lhe contei a má notícia — prosseguiu ele, ignorando o apelo nos olhos de Charmiane. — Meu querido irmão vinha nos visitar mas foi inesperadamente chamado de volta ao seu regimento. Eu estava ansioso por ver se você o receberia calorosamente.

— Sem a menor dúvida! — Charmiane fechou o piano bruscamente. — Noel não é um assassino! Não é um novo-rico, com um título falso, que tem modos de carroceiro mas se julga um aristocrata!

— Ah! Vamos ter uma discussão sobre classes sociais no estilo de Armand, madame "marquesa sem título"?

— Pois eu dispenso a nobreza artificial do império como todos os aristocratas. Nós temos sangue azul nas veias, herdamos de nossos antepassados o direito a um título legítimo!

— O sangue que correu das cabeças decepadas pela guilhotina era bem vermelho, madame. Esse mundo de privilégios de nascença está tão morto quanto os reis que exploraram os pobres durante séculos. Quando você e seus pares aprenderão a viver no presente?

— Carrasco assassino! — Charmiane já não controlava as lágrimas. — Algum dia...

— Algum dia você será novamente uma marquesa?—Adam deu uma gargalhada sarcástica. — Também me esqueci de lhe dar uma outra notícia, madame! Pedi a Bazaine que investigasse a situação das propriedades de seu defunto marido!

— Oh, meu Deus... você preocupou-se com isso?

Subitamente, Charmiane percebeu que julgara mal o marido. Apesar de odiá-lo, teria ao menos de agradecer essa consideração.

— A fortuna dos Viollet a excita, madame? Antes de se entusiasmar muito com essa idéia, lembre-se de que agora tem outro marido e, por lei, tudo me pertenceria. Mas isso não é importante, porque a família Troche ficará com tudo.

— Tudo? Então Bazaine não encontrou nenhum documento?

— Pelo contrário, madame. Existe uma prova concreta. O castelo e as terras pertenciam a Henri de Viollet, mas eu decidi que os Troche tinham direito a elas. Principalmente a filha!

— Você... decidiu? — Charmiane estava à beira da histeria. — O que você pode fazer contra provas concretas?

— Eu as destruí...

Charmiane perdeu a cabeça. Ela considerava a herança de Henri uma recompensa pelos anos de violência e humilhação nas mãos do marido e aquele homem a privara de tudo!

— Com que direito? Como se arrogou o direito de destruir o que me pertencia? Você nasceu na sarjeta! É um mercenário sórdido que vende seu trabalho criminoso para viver como um nobre impostor. Não aprendeu nem mesmo a mais rudimentar das regras de educação... não se levanta quando há uma dama em pé na sala!

Adam ergueu-se num salto e aproximou-se de Charmiane. Subitamente, ela caiu em si e admitiu que ofendera mortalmente o marido e merecia ser castigada.

— Saia daqui, moleque! — gritou Adam, empurrando com brutalidade o menino que se colocara entre ele e Charmiane.

Só depois que Prosper saiu da sala, a pedido de Charmiane, Adam voltou a aproximar-se da esposa.

— Não se sente bem por saber que seu marido mata seres humanos para ganhar a vida, madame?

— Não é isso... — murmurou Charmiane, em pânico. — Eu não o culpo...

— Espero que não, porque você sente-se à vontade para gastar a fortuna de seu marido assassino. A diferença entre a minha classe e a sua é que vocês fingem que o dinheiro não é importante. São hipócritas!

— E o que é importante para você? O meu sangue azul? Armand dizia que você se casou comigo pelo prestígio de ter uma esposa aristocrática. Eu acho que foi para me rebaixar ao seu nível!

— Engana-se, madame — murmurou Adam subitamente suave. — Eu a desposi para mostrar que sou melhor do que você. Foi um tributo à memória de um pobre escrivão que passou a vida sendo tratado como escória por um aristocrata sem honra.

Uma batida na porta obrigou Adam a se calar. Foi Yvonne que entrou na sala, com a habitual insolência.

— Não me disse que vestido eu devo preparar para o jantar desta noite,

madame.

Charmiane ainda estava chocada demais com as palavras de Adam para pensar em banalidades. Ele se casara para se desferrar dos aristocratas e, para completar a vingança doentia, matara o irmão da esposa! Agora, todas as peças se encaixavam. O amante brutal do jardim das Tulhérias, o homem cruel que surrara Paterne, o assassino de Armand e o carcereiro que a atormentava há três semanas completavam o retrato de um monstro. Mas... e as cartas comoventes?

— Então, madame? — perguntou Yvonne, impaciente.

— Que vestido vai usar?

— O de veludo verde.

— Não — contradisse Adam, imperiosamente. — Prepare o amarelo, aquele que madame usou no casamento.

— Pois não, senhor conde. E devo retirar o colar de brilhantes para ser usado também?

A fúria de Charmiane cresceu ao ver o sorriso desdenhoso de Yvonne diante de sua humilhação. Ela esperou até que a criada saísse da sala para enfrentar Adam.

— Não tenho direito sequer à escolha dos meus vestidos? Irá me controlar em tudo?

— Eu tenho um motivo válido, madame. Esta é minha última noite em Bonneval. O imperador partirá no dia quinze para a Alemanha e voltarei à guerra, para dedicar-me ao trabalho que a senhora considera desprezível e criminoso. — Adam sorriu ironicamente. — É um prazer notar o brilho de seus olhos após três semanas de fúria. Agora, vá embora correndo ou me lembrarei de todas as suas palavras venenosas. Talvez eu não consiga refrear o impulso de...

Adam calou-se para tomar, de um único gole, o conhaque em seu cálice. A garrafa estava vazia...

CAPITULO XII

A luz das velas não disfarçava a tensão no rosto de Adam nem a palidez de Charmiane. Os dois tentavam manter uma aparência de tranquilidade, mas seus gestos bruscos revelavam o nervosismo mútuo.

— Haverá luta na Alemanha?

— Sem dúvida, madame. Os russos cruzaram o rio Elba e ocuparam Dresden. A Prússia declarou guerra à França, mas a Áustria decidiu manter-se neutra. Entre nossos inimigos e aliados que se retiram, ficamos sozinhos.

— O que você faria se fosse o imperador?

— Aceitaria qualquer tratado de paz. — Adam suspirou, fitando Charmiane fixamente. — Eu preciso de paz...

Desde o início do jantar, Charmiane sentiu-se inquieta com a estranha

atitude do marido. Adam a presenteara com magníficos brincos de esmeraldas circundados por brilhantes, pedira-lhe com toda a gentileza que ela os colocasse e se desdobrara em inesperados elogios.

— Você vive da guerra mas precisa de paz?

— Só quando a batalha é inútil.

— Não prefere uma rendição temporária ou uma retirada estratégica?

— Um soldado deseja ser respeitado até pelo inimigo. Charmiane começara a falar sobre a guerra apenas para que Adam se interessasse pelo assunto e não continuasse a elogiá-la. Agora sentia que ele não falava mais sobre manobras militares e sim sobre a situação entre eles.

— Qualquer trégua seria bem-vinda. — Adam suspirou novamente. — Você devia vestir-se sempre de amarelo. Essa cor combina muito com sua pele...

— Eu devia estar usando preto ou cinza. Amarelo é uma cor que combina apenas com pessoas felizes.

Adam controlou a irritação e, depois de encher mais uma vez o copo com vinho, voltou a encarar a esposa.

— Quer que eu lhe envie cartas da Alemanha?

— Eu não as lerei. Envie, como sempre, suas ordens através de Bazaine.

— Eu perdi as suas cartas em uma das batalhas. Sinto muito, Charmiane.

Surpresa com a ternura inesperada na voz de Adam, Charmiane reagiu com inesperada violência.

— Por que se aborrecer com tão pouco? Eram apenas palavras vazias como você mesmo disse, uma perda de tempo!

— Não continue, Charmiane. Eu quero passar esta noite com... minha esposa. Vou partir amanhã e...

— Mas é evidente! Como pude ser tão cega? Os elogios, o presente... não passavam de suborno!

— Até minhas gentilezas despertam suspeitas?

— Não, meu caro! Só os seus motivos. — Subitamente, Charmiane sentiu-se sem forças para continuar aquela luta. — Por favor, Adam. Conceda-me o divórcio!

— Não.

— Por quê?

— Porque não podemos falar sobre a morte de seu irmão. Cobrindo o rosto, Charmiane chorou mais uma vez por Armand. Quando a mágoa se amenizaria? Quando conseguiria pensar no irmão sem sofrer?

— Pare! — Adam tentava, com muito esforço, manter o controle de sua raiva. — Sabe que eu não tolero...

— Vai me proibir até de chorar? Eu tenho o direito à minha dor!

Adam levantou-se da mesa. Com um gesto brusco, jogou ao chão os pratos e os copos que estavam na frente de Charmiane.

— Ele era apenas um homem! Uma única vida contra milhares de outros que morreram na Rússia. E eu matei centenas, com a espada, com a baioneta e com minhas próprias mãos! Que diferença faz um defunto a mais?

— Meu Deus! — exclamou Charmiane, horrorizada com as palavras de Adam. — Você não tem alma nem coração!

— Eu sempre soube disso e você foi muito tola em não perceber. Mas certamente notou que o meu desejo físico supera essas deficiências, não? Quero a minha esposa esta noite! Vá para o quarto e me espere... sem trancar a porta, madamel

— Não!

Charmiane surpreendeu-se com sua inesperada coragem, mas não previu a violência da reação de Adam. Segurando-a pelo pulso, ele a ergueu à força da cadeira.

— Não me provoque, madame.— disse ele entre os dentes cerrados. — Sou perfeitamente capaz de possuí-la em cima desta mesa na frente de todos os criados. Eu pertencço à escória da sociedade, lembra-se? Não tenho a sensibilidade apurada dos aristocratas, não hesitarei em submetê-la a essa degradação. Agora escolha a arena onde nos enfrentaremos. Será em seu quarto ou... aqui mesmo?

— Eu o esperarei no quarto...

Tentando manter a dignidade, Charmiane passou entre os criados que haviam recuado, apavorados com a cena. Mas, na manhã seguinte, todos iriam se divertir com a sua degradação.

Yvonne a esperava no quarto, mas enquanto ela lhe escovava os cabelos, Charmiane desviou os olhos do espelho. Não queria ver o rosto de uma mulher escravizada pela necessidade de cumprir seu dever conjugal a ponto de se submeter a um homem brutal e sem escrúpulos. Ou veria apenas terror e desespero?

— Pode ir para seu quarto, Yvonne. Não precisarei mais de você esta noite.

A insolente criada olhou para a ampla cama de casal e sorriu maliciosamente. Todos os criados comentavam, que o conde jamais havia partilhado a cama da esposa, nem mesmo na noite de núpcias. Agora Yvonne teria o privilégio de contar a todos que a altiva condessa iria descobrir se o marido era ou não um monstro!

Embora tivesse se preparado para o pior, Charmiane se apavorou quando Adam entrou na saleta. Era evidente que ele continuava bebendo e em seu olhar havia raiva além de desejo intenso. Nada poderia salvá-la da brutalidade daquele homem que pretendia possuí-la a qualquer custo..

— Pensei que estivesse me esperando na cama, mulher.

— Precisa me humilhar, tratando-me como uma prostituta barata?

— Barata? — Adam deu uma gargalhada cínica. — Você tem alguma noção do preço das prostitutas que ficam nos arredores do jardim das Tulhérias? Não enrubesça, porque não estou mentindo! Até os garotos de Paris sabem que esse é o lugar onde são encontradas as mulheres mais baratas da cidade. Basta pagar sete francos para usufruir duas horas de prazer físico durante as quais o homem se sentirá viril e potente!

Adam interrompeu-se para trancar a porta do quarto e depois aproximou-se de Charmiane com um sorriso ameaçador.

— Se esse homem quiser repetir a experiência, só precisará de outros sete francos e terá mais uma noite de sexo satisfatório. Essas mulheres vendem seus corpos por uma quantia irrisória e por isso são chamadas de prostitutas. Você sabe quanto custou o seu vestido de noiva, mas ignora o número de russos que matei para conseguir essa fortuna.

— E os brilhantes? — explodiu Charmiane, enfurecida com a comparação de Adam. — Quantos matou para consegui-los, assassino?

— Só um velho. — Adam não perdeu a calma. — Meu caminho está semeado de corpos e todos morreram para aumentar o seu prazer, para que você possa comer bem, usar belos vestidos e sustentar uma tia parasita. Perderam a vida para que você sinta-se à vontade para me desprezar, odiar e ofender. Você é uma prostituta muito cara, madame. Eu queria apenas uma esposa...

— Esposa? — gritou Charmiane, descontrolada. — Você queria um enfeite precioso para adornar o seu castelo! Pagou pelo direito de...

— Chega! — resmungou ele, segurando-a pelos ombros com violência. — Eu realmente paguei um preço muito alto para ter o direito de usar o seu corpo. Agora quero ver o que comprei... tire a camisola.

— A... aqui? Na saleta?

— Não hesitarei em rasgá-la, madame! Afinal, paguei também por esse pedaço de pano inútil.

— Eu nunca fui tão humilhada em toda a minha vida! — Charmiane ainda tentava salvar seu amor-próprio. — Não sou uma mercadoria...

— Você é apenas um corpo que deve dar prazer a quem o comprou e eu pretendo usá-la até satisfazer os meus desejos de... filho da sarjeta. Portanto... tire logo essa maldita camisola!

Com as mãos trêmulas, Charmiane soltou as fitas que prendiam a camisola e deixou-a cair a seus pés. Controlando-se para não chorar diante de Adam, ela o viu apanhar um castiçal e aproximar-se, iluminando-a com a luz intensa das velas. Suportou o olhar carregado de desejo que devassava os segredos mais íntimos de seu corpo.

Adam soltou a longa trança que ela enrolara no alto da cabeça, tocou o pescoço esguio, os seios rijos e então as mãos foram tão rudes quanto o olhar e ele forçou Charmiane a suportar a invasão de seu corpo.

— Agora beije-me... — murmurou ele, apertando-a em seus braços.

De olhos fechados, Charmiane não reagiu à insistência da boca de Adam. Ela sentiu a língua forçar a entrada entre seus lábios firmemente cerrados, a pressão das mãos em suas costas, e seu ódio crescia.

— Seja sensata, Charmiane. — Ele a empurrou e, segurando-a com mais suavidade, tentou sorrir. — Eu não quero uma mulher cheia de ódio que se recusa a olhar para mim. Preciso de uma esposa antes de ir para a guerra, uma amante...

— Uma amante?

Subitamente, o ódio que se acumulava há semanas veio à tona. Toda a dor pela morte de Armand, o remorso pela traição das tradições dos Chevrillon e por ter renegado a própria família se cristalizaram num grito de fúria. Charmiane esqueceu-se da vergonha de sua nudez, da loucura que cometia desafiando um homem violento e perdeu a capacidade de raciocinar ou de sentir medo.

— Amante de um assassino sem escrúpulos? Desde o momento em que nos conhecemos, provoquei a dor de Armand. Comecei a destruí-lo na noite daquele maldito baile, quando fiquei ao lado de um desconhecido e abandonei um irmão. Eu não sabia mentir, mas aprendi por sua causa e nunca mais disse a verdade à minha tia. Cortei os laços que me uniam à família, perdi os amigos, sacrifiquei minha vida para unir-me a um homem e... qual foi a minha recompensa? Você matou o meu irmão, um aleijado que vivia amargurado pelos insultos de seus amigos, os lacaios do Usurpador. E agora quer que eu seja sua amante?

Olhando à sua volta, Charmiane avistou uma tesoura sobre a escrivaninha e, antes que Adam percebesse sua intenção, agarrou-a para usá-la como uma arma.

— Deus do céu! Você é tão louca quanto seu irmão! Largue essa tesoura!

Adam desviou-se em tempo e agarrou o braço de Charmiane. Os dois permaneceram imóveis por uma fração de segundo e ela, sabendo que não tinha forças para resistir por muito tempo, sentiu ainda mais ódio.

— Além de criminoso, você é um covarde. Como consegue dormir sabendo que suas mãos estão sujas de sangue?

Finalmente, Adam também perdeu o controle e, sem medir as forças, jogou Charmiane sobre o tapete. Então, ajoelhou-se ao lado dela e arrancou-lhe a arma das mãos

— Você queria brincar com essa tesoura, não é? Pois eu acho uma ótima ideia cortar a sua trança.

Horrorizada, Charmiane percebeu que ambos tinham perdido completamente o controle. Adam bebera demais e por sorte não ferira seu pescoço ao cortar a trança, mas, se continuasse a provocá-lo com tanta insensatez, a noite poderia se transformar num trágico pesadelo.

— Por favor, Adam... eu reconheço que...

Era tarde demais. A fúria de Adam se transformara em frieza e seu rosto refletia a crueldade do homem que quase matara Paterné e assassinara Armand. Com um sorriso feroz, Adam encostou a tesoura nos cabelos de Charmiane já cortados à altura dos ombros.

— Pelo amor de Deus, Adam. Diga o que quer e eu...

— Vá para a cama, prostituta de luxo! Cumpra a sua parte do contrato de compra e venda!

A noite se transformou num pesadelo para Charmiane. Aquele homem que brutalizava seu corpo, forçando-a a suportar a humilhação de um domínio pela força era o mesmo que a possuía num jardim sob o luar. Naquela noite, a urgência da paixão mascarara a volúpia fria, o desejo desenfreado. Agora a ilusão se desfizera por completo e restava apenas um marido mais violento do que Henri, um carrasco de apetites vorazes que não hesitaria em destruí-la para satisfazer seus desejos.

As achas da lareira tinham se transformado em brasas quando o desejo de Adam se extinguiu.

— Agora você... vai deixar-me dormir em paz? — murmurou Charmiane, com um suspiro de alívio. — Vai voltar para o seu quarto, não é?

— Não. A noite ainda não terminou e talvez eu sinta o desejo de possuir a prostituta que me custou tão caro antes de partir.

Charmiane foi obrigada a suportar o corpo sólido de Adam de encontro ao seu e a mão que, prendendo seus cabelos, a impedia de se mover. Ela dormiu muito pouco e, quando acordou, Adam estava de pé ao lado de sua cama.

— Ontem eu estava bêbado demais para apreciar a sua beleza. Se eu tivesse mais tempo para treiná-la, você faria uma fortuna como prostituta. Se controlasse sua propensão às lágrimas, é claro!

Sentada na cama, Charmiane tocou os cabelos cortados e relembrou a degradação que sofrera nas mãos de Adam.

— Você nunca mais me verá chorar.

— Talvez eu nunca mais a veja, madame. Talvez uma bala prussiana realize seu maior desejo, a viuvez!

— Eu rezarei para que Deus me conceda essa graça.

— E só nos encontraremos de novo no céu.

— Você tem um lugar à sua espera no inferno, entre bêbados degenerados e criminosos. — Ela o encarou, desafiante. — Todos os diamantes do mundo não o transformarão num verdadeiro conde. Todos os diamantes do mundo não o transformaram num homem de verdade.

Adam lutou durante alguns segundos para controlar o ódio, mas a última ofensa fora imperdoável. Cego pela raiva, ele estapeou Charmiane.

— Será uma viúva muito rica, não se esqueça! Nenhuma prostituta ganharia tanto por uma única noite e certamente seria muito mais satisfatória.

Então, Adam saiu do quarto e Prosper, que dormira junto à porta da saleta, entrou correndo. Charmiane abraçou o garotinho e finalmente chorou pela morte de todas as suas ilusões.

Na manhã seguinte, Charmiane descobriu que aquela noite de horror produzira um fruto inesperado. A violência acendera em seu peito a mesma paixão que inspirava Armand e tantos outros aristocratas. Agora compreendia o idealismo que os impelia a arriscarem suas vidas, como o jovem e inocente Jean-Pierre tocando melodias românticas para abafar o som da traição. E ela também entendia finalmente que só um ódio profundo alimentava essa chama! Adam lhe dera esse presente!

Ela suportou os olhares curiosos de Yvonne que, apesar da insolência, não ousou fazer nenhum comentário sobre o novo penteado exigido pela patroa. Os cabelos voltariam a crescer, mas o que se destruíra naquela noite de violência não teria recuperação. Perdera a longa e sedosa trança, o orgulho, a última gota de afeição por um homem insensível e a esperança de salvar um casamento desastroso. A única recompensa fora a paixão necessária para dedicar-se a uma causa!

Charmiane voltou a Paris para encontrar Bertrand de Domfort. Ela o esperou no Café Frascati, o único lugar que permitia a entrada de mulheres desacompanhadas, ansiosa por comunicar-lhe sua decisão.

Bertrand não demorou a chegar, pois Darnaud o encontrara em seu quarto e o conduziu ao café onde Charmiane o aguardava. Seu rosto sempre melancólico iluminou-se ao vê-la.

— Foi uma surpresa maravilhosa, Charmiane. — Bertrand beijou-lhe as mãos. — Tinha de encontrá-la para pedir-lhe desculpas, querida. Eu e Sophie reconhecemos que a tratamos com uma indesculpável frieza e talvez a devolução de seu leque ajude a nos redimir. Sabemos que é precioso para você...

— Não tem o menor valor para mim! — Charmiane empurrou o leque que Bertrand lhe entregara. — Dê a alguma de suas namoradas.

— Não há ninguém em minha vida a não ser você, querida. Será a única para sempre.

— Oh, Bertrand! Por que não me casei com você?

— Talvez algum dia nós possamos realizar esse sonho lindo, Charmiane. Seu marido é um soldado e o Tirano está atirando seus homens aos inimigos. Nenhum dos dois viverá para sempre e então construiremos nossa vida num mundo melhor.

— Eu acredito em você, Bertrand, e quero ajudá-lo a atingir esse objetivo. — Ela colocou os brincos de esmeraldas e brilhantes sobre a mesa. — Venda-os para sustentar La Voix.

— Meu Deus! Tem certeza, Charmiane? — Ele beijou-lhe novamente as mãos. — E... A Espada de Fogo? Essa voz se ouvirá novamente através do seu talento?

— Não... não tenho coragem nem talento, Bertrand. Você encontrará

alguém melhor do que eu.

Charmiane parou de falar. Georges tinha entrado no café e aproximava-se da mesa deles com uma expressão de desespero no rosto gordo.

— Domfort! — disse ele, como se fosse romper num pranto convulsivo. — Estamos liquidados! Os soldados vieram e... destruíram tudo. As prensas, os papéis... prenderam Gastone...

— Maldição! E Jean-Pierre?

— Morto... os miseráveis o mataram!

Jean-Pierre, o garoto ingênuo que deixara em sua aldeia uma namorada, também jovem, a sua espera, para construírem uma vida de amor, não mais voltaria à terra natal.

— Como isso pôde acontecer? — perguntou Charmiane, chorando pelo idealista que morrera em defesa de uma causa.

— Não sei... — murmurou Georges, sentando-se à mesa. Os soldados não sabiam o nome de ninguém e acho que não vieram atrás de mim ou de Domfort. Só tinham o endereço.

— Miseráveis! — explodiu Bertrand, enfurecido. — Como descobriram nosso esconderijo?

Charmiane curvou a cabeça para não revelar suas emoções. Só alguém vingativo e cruel poderia deixar-lhe esse trágico presente de despedida! A maldade de Adam era ilimitada!

— Nós recomeçaremos! — ela afirmou, com os olhos brilhando de raiva. — Pode encontrar uma nova casa para imprimir o jornal, Bertrand?

— Sim, mas... é melhor que eu procure fora de Paris. Será mais seguro.

— As minhas jóias serão suficientes para comprar tudo?

— Acho que sim.

— Ótimo! Eu esperarei uma comunicação sua. Quando La Voix se reerguer das cinzas, a Espada de Fogo falará de novo para destruir o Usurpador e seus cúmplices sórdidos!

— Quando vamos atacar, coronel Bouchard? Já estamos ouvindo os canhões atirarem há duas horas!

— Paciência, Rousselot. Logo você passará pelo seu batismo de fogo.

Ao olhar para o ajudante-de-ordens, um jovem imberbe e pálido de medo, Adam sentiu ainda mais a falta de Foullon. Seu fiel ordenança, ferido em Borodino, não sobrevivera ao horror da retirada através da Rússia. Naquele trágico inverno de 1812, também se perdera nas estepes geladas o glorioso exército de Napoleão.

Adam cavalgou até o pequeno bosque onde estava seu regimento e o desânimo aumentou. Napoleão mobilizara a Guarda Nacional, chamara os veteranos que haviam se desligado do Exército após a campanha da Rússia, como Noel, os inválidos ainda sem condições de segurar uma arma e recrutara jovens quase em idade escolar.

O espírito que tinha transformado o glorioso exército em uma força imbatível desaparecera. Já não existia mais o orgulho de batalhar, a esperança da glória e o desejo de vencer que animavam os homens no início da campanha da Rússia. Havia restado apenas velhos inválidos, veteranos cansados da luta e crianças sem treinamento.

Do alto da colina, avistava-se a cidade de Lutzen. Se fosse tomada nessa manhã, o próximo objetivo seria Leipzig, logo adiante, e depois Dresden. O imperador, como sempre, queria apenas mais algumas vitórias decisivas. Uma bateria de oitenta canhões disparava há horas e, quando cessasse o fogo, a cavalaria avançaria sobre o inimigo.

Então, os canhões silenciaram e Adam deu a ordem tão esperada por Rousselot. O regimento desceu a colina, com as bandeiras tricolores desfraldadas ao vento, até a planície onde a batalha seria travada.

Um toque de clarim, os tambores e os sabres cintilaram ao sol. O chão tremia sob as patas dos cavalos que avançavam a galope e gritos de encorajamento ou de dor ecoavam nos intervalos dos tiros de canhão que haviam recomeçado. Entre os cavaleiros que se lançavam à carga, Adam reconheceu Noel. Por uma fração de segundo, sentiu as esperanças renascerem. Nunca lutara tão perto do irmão, só podia ser um bom sinal. Então, o pressentimento funesto voltou a apertar-lhe o coração. Nenhum dos dois sobreviveria ao horror da guerra?

Envolto por uma nuvem de fumaça e poeira, Noel caiu. Adam abafou um grito de desespero, mas sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto. Não havia tempo para chorar o irmão, só para continuar lutando e chegar ao fim da batalha, vivo ou morto como seus sonhos previam. Ele fez um sinal para os seus homens e avançou para as linhas inimigas.

Sempre fora um soldado. Aprendera apenas a matar e a sobreviver. Seu verdadeiro lugar era no campo de batalha onde a morte é uma companheira constante que, a qualquer momento, pode sair vencedora de um combate corpo-a-corpo. A batalha foi árdua. Adam abria caminho entre os sabres inimigos, gritando para encorajar seus homens. Rousselot foi um dos primeiros a tombar na planície já coberta de mortos. Subitamente, Adam sentiu o impacto de uma bala. Num minuto, estava liderando a carga e no outro, jogado de encontro à relva encharcada de sangue. Ele tentou se erguer e foi atingido novamente. O combate continuava ao seu redor, mas uma dor brutal o paralisava, prendia seu corpo num abraço fatal. A sua mente porém continuava lúcida, talvez para poder despedir-se da vida.

Então, era assim que tudo terminava? Com o corpo despedaçado e sem forças, coberto com o próprio sangue e o de tantos derrotados pela morte? Oh, Deus! Como ele gostaria de ter deixado um filho para levar adiante o seu nome, a única homenagem que podia oferecer a seu pai. E já não haveria mais tempo!

Se ao menos Noel sobrevivesse a essa batalha final. Então, o seu irmão teria os filhos que ele esperara demais para ver nascer. Também perdera anos preciosos procurando uma mulher doce, de olhos verdes. Charmiane, uma criança linda e muito frágil. Por que não escolhera uma mulher sem ilusões,

como ele? Agora era tarde demais também para arrependimentos.

Adam fechou os olhos, sentindo a vida abandonar seu corpo. Em silêncio, ele pediu a Deus que o perdoasse de tantos pecados e não lhe recusasse Seu amor.

Ao longe, entre a poeira e a fumaça, estava a coluna em seus sonhos. Sombria porque a luz fugia do mundo, baixava a noite de sua alma. Ali ele seria enterrado, longe de sua terra e de tudo que um dia amara.

Era a morte chegando. Esperada e bem-vinda.

CAPITULO XIII

Só uma cotovia cantaria tão melodiosamente 'para anunciar a chegada da primavera. Orientando-se pelo trinado cristalino, Charmiane avistou o pássaro em um pinheiro na orla do bosque. Embora fosse apenas maio, o sol da tarde estava muito quente e seria um prazer abrigar-se à sombra fresca das árvores em um recanto ainda não explorado da extensa floresta de Bonneval.

Entre as árvores frondosas, ela viu uma das cabanas de madeira que tinham sido construídas a toda volta da floresta. No passado, Bonneval pertencera à verdadeira nobreza da França, cujo esporte predileto era a caça. Costumavam descansar ou fugir da chuva em confortáveis pavilhões. Só que aquele abrigo estava quase em ruínas e, entre os arbustos próximos, havia um cavalo em péssimas condições.

A julgar pela aparência lamentável, o animal galopara sem cessar e por muito tempo! Certamente, o homem que o deixara nesse estado estava dentro da cabana, talvez tão esgotado quanto sua montaria. Impulsiva como sempre, Charmiane entrou e, tarde demais, percebeu sua imprudência.

Embora a escuridão fosse total, ela pressentiu a proximidade de uma presença humana e, antes que pudesse fugir ou gritar, uma mão a segurou pelo tornozelo.

— Ajude-me...

A voz, rouca e muito fraca, soava familiarmente aos ouvidos de Charmiane.

— Oh, meu Deus! Adam? É você?

As roupas rasgadas estavam sujas de lama e manchadas de sangue. A barba não fora feita há dias e olheiras violáceas acentuavam o brilho febril dos olhos azuis.

— O que houve? — Charmiane ajoelhou-se no chão de terra, horrorizada com o estado dele. — Como chegou até aqui?

— É mesmo você? Será que estou sonhando ou já morri e um anjo veio me ajudar? — Ele tocou o rosto de Charmiane com as mãos sujas de sangue. — Você é linda demais... A mais bela dama...

As palavras, murmuradas com inesperada ternura, alertaram Charmiane.

Só então ela notou o uniforme verde-escuro, sem nenhum detalhe em dourado. Uma das mangas fora arrancada para permitir a passagem do braço, grotescamente deformado pelo inchaço, mas na outra não havia a insígnia de oficial. Mas nada era tão revelador quanto a ternura do olhar, e o sorriso que, apesar de todo o sofrimento, transmitia afeição e carinho.

— Noel! Você é Noel!

— E não estou mesmo sonhando? — murmurou ele, fechando os olhos.
— Toda a sorte do mundo... a minha...

— Meu Deus! Noel! Como chegou até aqui? E de onde veio? — Charmiane tocou-o e sentiu que ele ardia em febre. — Sem dúvida estava num hospital.

— Lutzen... nós acabamos com eles, vencemos. Os médicos iam amputar meu braço, não deixei. Queria ver você "inteiro" antes de morrer. Quase consegui. Mas caí do cavalo, há dois dias, e quebrei de novo o maldito osso.

Agora Charmiane percebia que as manchas escuras na camisa eram de sangue e não de lama como julgara à primeira vista.

— Linda demais... pelo menos vou morrer ao lado de uma bela...

— Você não vai morrer! Irei buscar ajuda e o levaremos para casa, Noel. Voltarei o mais depressa possível.

— Espere. — Ele a segurou pelo braço. — Se não voltar... em tempo, eu... só preciso de um beijo para ir embora deste mundo sem nenhuma tristeza.

— Ah, Noel... eu não deixarei que você vá. Segurando entre as mãos o rosto pálido de Noel, Charmiane tentou transmitir-lhe, através de um beijo terno, o desejo de se manter vivo e de esperar pela volta dela.

Charmiane galopou até o castelo e correu à procura de Bazaine, para que juntos pudessem salvar a vida de Noel.

— Pobre monsieur Noel. Se os médicos decidiram amputar, a fratura deve ter sido muito grave. E depois ele caiu, não foi? — Bazaine franziu a testa, preocupado. — Acho melhor enviar alguém até Mortefontaine, que é a cidade menos distante, a fim de encontrar um médico mais competente. Lutzen... será que o conde também participou dessa batalha? Os primeiros relatórios começam a chegar e houve um número tão assustador de baixas que...

— Pelo amor de Deus, Bazaine! — interrompeu Charmiane, irritada com a menção a Adam. — Será que não pode deixar seus comentários sobre essa maldita guerra para uma outra ocasião? Agora temos de salvar Noel!

Bazaine não perdeu mais nem um segundo. Com eficiência militar, enviou um mensageiro até a cidade com instruções de encontrar o médico e conduzi-lo no menor espaço de tempo possível até Bonneval e ficou no castelo para supervisionar a preparação do quarto de Noel e de uma mesa de cirurgia na saleta dos apartamentos.

Charmiane voltou em uma carroça à cabana onde deixara Noel. Ele

estava quase inconsciente quando os dois cavaleiros o colocaram sobre a maca, mas, ao chegar a Bonneval, conseguiu sorrir para Bazaine, que o esperava com uma expressão de ansiedade no rosto sempre impassível.

— Com todos os demônios, Bazaine. O meu irmão ainda não o botou no olho da rua?

Bazaine não disfarçou a sua surpresa diante daquela brincadeira.

— O conde ficaria completamente perdido sem a minha ajuda, monsieur Noel. E eu sou tão eficiente que o aconselho a guardar suas forças para sobreviver, em vez de gastá-las em brincadeiras.

Charmiane só não estranhou a ternura na voz e na expressão de Bazaine, porque já constataria que a simpatia de Noel suavizava até aquele velho veterano desprovido de senso de humor.

Noel fora levado para um dos apartamentos da ala leste, em frente ao de Charmiane. Depois de colocar um avental sobre o vestido de algodão, ela entrou na saleta onde fora armada a mesa de cirurgia improvisada e sentiu um violento mal-estar ao ver que Bazaine já retirara as ataduras.

Além do braço quebrado, Noel fora atingido por um tiro logo acima dos quadris e um corte no peito, provavelmente provocado por um sabre. Os ferimentos tinham começado a infeccionar após a longa marcha da Alemanha até Bonneval sem nenhuma troca de curativos.

— Foi uma fratura simples na primeira vez em que quebrou o braço, monsieur Noel?— perguntou Bazaine enquanto molhava as ataduras.

— Não. A bala esfacelou o osso e depois, quando eu caí... eu dormi na sela.

— O que eu posso fazer? — Charmiane sentia-se inútil e queria ajudar. — Quando foi a última vez que você comeu, Noel?

— Há dois dias. No início da viagem de volta eu parava nos acampamentos militares do caminho, mas, depois que tornei a quebrar o braço... tive medo que quisessem amputá-lo e eu já não me sentia com forças para impedir... — Ele olhou à sua volta com uma expressão de pânico.

— Bazaine! Não deixe os malditos médicos...

— Não se preocupe com nada. Seu braço está inchado demais, seria impossível amputá-lo agora.

— Então você precisa se alimentar! — continuou Charmiane, preocupada. — Vou pedir a um dos criados...

— Não! — ordenou Bazaine com rispidez.

— Mas ele está com fome! — explodiu Charmiane, enfurecida com a atitude dura de Bazaine.

— Confie na experiência de um velho militar, Charmiane. Ele sabe o que está fazendo. É melhor que eu fique de estômago vazio, porque a dor provoca náuseas... só preciso beber, estou com muita sede... é a febre.

Instruída por Bazaine, Charmiane colocou um pano úmido sobre os

lábios ressequidos de Noel para aliviar a sensação de sede e depois começou a limpar as partes do corpo que não haviam sido feridas.

— Eu nunca fui tão bem tratado em toda a minha vida! Apesar da dor, ele sorriu maliciosamente ao perceber o embaraço de Charmiane diante de seu corpo nu.

— Que tolice, Noel! Se você tivesse ficado no hospital, receberia os mesmos cuidados!

— É evidente que você nunca chegou perto de um hospital militar. Não há camas suficientes, nem médicos, remédios ou comida. Os assistentes não têm treinamento nem boa vontade, porque são escolhidos para esse trabalho os homens que se recusaram a lutar. — Noel tocou o ferimento nos quadris. — Quase me mataram para tirar esta bala. Se eu estivesse com os dois braços em perfeitas condições, estrangularia o maldito que me tratou!

Nitidamente exausto, Noel fechou os olhos segundos antes de o médico entrar no quarto. O doutor Hebert, um velho de rosto corado e cabelos brancos, não perdeu tempo para começar o delicado trabalho de remover o tecido morto em torno dos ferimentos.

— O que eu devo fazer, Bazaine?

— Distrair o doente, madame. Eu ajudarei o médico, pois tenho uma certa experiência nesse tipo de emergência. Vai ser uma tarde muito longa...

Quando o doutor Hebert iniciou a limpeza do ferimento de sabre, Noel começou a se agitar. Alertada por um olhar de Bazaine, Charmiane aproximou-se mais da mesa.

— A viagem da Alemanha até Bonneval durou quantos dias, Noel? — perguntou ela, disposta a distraí-lo.

— Cinco dias... ou talvez seis. Perdi a conta...

— Você devia ter parado para descansar. Esgotou suas forças nessa viagem insensata!

— Eu pensei que meu fim estivesse próximo e queria morrer em casa.
— Ele procurou as mãos de Charmiane e apertou-a com uma força inesperada.
— Lembro-me tão bem daquela noite... no baile.

— Foi a primeira vez que me chamou de bela dama.

— A mais linda de todas... Basta fechar os olhos e eu a vejo, do outro lado do salão... linda demais...

— E o que eu estou fazendo?

— Dançando com um outro homem... e me fazendo sofrer, porque eu a queria em meus braços...

Perturbada com o olhar perturbador de Noel, Charmiane virou a cabeça. Então, percebeu pela expressão de Bazaine e do médico que o momento mais difícil tinha chegado. O doutor Hebert apalpava o braço quebrado com preocupação.

— O osso foi mal colocado e o braço está tão torto que não consigo

encontrar o batimento do pulso. Por sorte, o inchaço impediu que ele se soltasse e também não existem ainda sinais de uma infecção. — O médico olhou para os dois criados que haviam permanecido na sala. — Vou precisar de ajuda... alguém terá de segurá-lo.

— Não é necessário — resmungou Noel.

— Eu segurarei os seus ombros, monsieur Noel — murmurou Bazaine, com suavidade. — É o suficiente.

— Façam como quiserem — declarou o médico. — Se você tiver sorte perderá a consciência, rapaz!

O médico começou o doloroso processo para recolocar o osso na posição certa. Com uma mão no ombro de Noel e outra no cotovelo, ele puxava o braço com uma força brutal, girando-o de um lado para o outro. O silêncio na saleta era rompido apenas pelo som sinistro dos ossos que estalavam.

Num intervalo em que o médico interrompeu o trabalho para recuperar as energias, Charmiane enxugou o suor que escorria pelo rosto de Noel.

— Logo tudo estará terminado, Noel. — Charmiane comoveu-se ao perceber que ele virou o rosto para esconder as lágrimas de dor. — Não se envergonhe de chorar, querido. Há um limite para o sofrimento, até mesmo para o mais corajoso dos homens.

Os olhos de Noel refletiam uma gratidão infinita, mas ele não teve tempo de responder. O doutor Hebert puxava novamente seu braço e a luta brutal recomeçara. Finalmente, depois de mais alguns minutos de tortura, o médico se declarou satisfeito.

— Agora está tudo no lugar certo! — exclamou Hebert, com o rosto molhado de suor. — Já posso enfaixar o braço.

Noel não se movia. A dor e a febre tinham esgotado suas forças e ele começou a delirar.

— Preciso chegar... Bonneval...

Ele tocou o rosto de Charmiane com os dedos trêmulos.

— Se eu morrer...

— Não fale assim, querido Noel.

— Se eu morrer... a sua lembrança irá comigo... bela dama. Eu a quis só para mim no instante em que a vi... nas escadas do palácio, linda...

— Fique quieto, monsieur Noel. — Bazaine apertou o ombro dele com firmeza. — Poupe suas forças. Precisarás delas para jogar comigo e não perder.

Finalmente, Noel perdeu os sentidos e Bazaine, mais tranquilo, pediu a Charmiane que os deixasse para que pudessem acomodar o doente em seu quarto. Todos precisavam descansar, mas ele ficaria de vigília até a manhã seguinte.

Charmiane retirou-se para seu quarto, mas, embora exausta, não conseguiu adormecer por muitas horas. A atitude de Noel a intrigava! Quando o encontrara no baile e durante a visita a Bonneval na véspera de seu

casamento, percebera o interesse dele e não se preocupara muito.

Todas as atitudes de Noel refletiam despreocupação e até uma certa irresponsabilidade, como se ele mesmo não desse muita importância às próprias emoções. Entretanto, o homem que a fitara com um olhar de intensa paixão tinha revelado, por alguns momentos, os seus sentimentos mais intensos.

Talvez a febre o tivesse libertado de um rígido autocontrole, alterando seu comportamento sempre tão descontraído. Noel segurara sua mão e a fitara como um homem apaixonado! As palavras e os gestos haviam revelado emoções que criariam uma situação muito difícil entre os dois, quando ele se recuperasse.

Charmiane se comovera com a ternura e a paixão reveladas por Noel, mas teria de considerá-la fruto do delírio febril. Ele era irmão do seu marido! Só esperava que o sofrimento e a dor daquela tarde o impedissem de lembrar suas declarações de amor.

Pouco antes de adormecer, ela pediu a Deus que a ajudasse a resistir. Aquele homem era capaz de amar e em sua vida vazia só havia ódio.

A febre, muito alta, se prolongou por três dias. Durante os delírios febris, Noel gritava, se debatia e tentava impedir que Charmiane e Bazaine trocassem seus curativos. Os dois se revezavam, à noite, para evitar que ele se machucasse ou caísse da cama durante seus períodos de intensa agitação.

Charmiane só percebeu a própria exaustão quando, na manhã do terceiro dia, acordou muito mais tarde do que de costume. Ela chamou por Yvonne, aflita para tomar seu café e ir até o quarto de Noel, mas a garota, sempre lenta, demorou demais para chegar.

Yvonne trouxe a bandeja do café, cantando baixinho.

— O sr. Bouchard já acordou e sem um pinga de febre, madame.

— Oh, que maravilha! — exclamou Charmiane, aliviada.

— E ele está bem-disposto?

— Acho que sim. Até beliscou a bochecha de Suzanne. A expressão enciumada de Yvonne quase provocou as gargalhadas de Charmiane. — E não beliscou a sua?

— Não, mas disse que eu sou muito bonitinha, e não fez nenhum elogio para Antoinette!

— Mon Dieu! Vocês todas foram ao quarto do sr. Noel? E só para levar o café da manhã? Pegue logo o meu vestido, Yvonne. Preciso acabar logo com esse movimento em torno do doente ou o pobre homem terá uma recaída.

Dez minutos mais tarde, Charmiane entrou no quarto de Noel e surpreendeu-se ao encontrá-lo já sentado na cama e rodeado por todas as criadas jovens de Bonneval.

— Vamos! Vocês não têm nada importante para fazer? — Depois que todas saíram do quarto, Charmiane voltou-se para Noel. — Com efeito! Você devia se envergonhar! Quase morreu em consequência de seus ferimentos,

passou três dias e noites delirando de febre e...

— E nada mudou. Continuo adorando as mulheres!

— Você nunca criará juízo? — Ela colocou a mão na testa de Noel. — Realmente a febre passou! Como está se sentindo?

— Exausto e com muita sede, mas tenho certeza de que, se eu tomar um banho, fizer a barba e almoçar, me sentirei muito melhor.

— Mandarei servir o seu almoço mais cedo, mas o banho e a barba ficarão para amanhã.

— O que acha de mandar aquela loirinha, chamada Suzanne, para ajudar-me no banho? Ela é a mais bonita de todas.

— Terá de se contentar com a ajuda menos graciosa mas muito mais eficiente de um dos criados de quarto.

— Que decepção! E a barba também?

— Eu farei sua barba.

— Graças a Deus! Você costumava fazer a barba de meu irmão?

— Não! — Charmiane perdeu a alegria e a espontaneidade à menção de Adam. — Só do meu primeiro marido.

— Desculpe-me, bela dama. Esse assunto não é da minha conta. — Então ele viu as manchas roxas no braço de Charmiane. — Como você se machucou?

— Não é nada grave. Você se debatia muito quando delirava...

— Nem mesmo a inconsciência justifica a minha falta de delicadeza. — Noel beijou levemente a pele acetinada que suas mãos haviam marcado. — Só posso prometer-lhe que essa violência não se repetirá.

Charmiane saiu rapidamente do quarto para fugir do olhar perturbador de Noel. Era evidente que o delírio da febre não o impedira de recordar suas palavras indiscretas e, para evitar novos momentos constrangedores, levou Prosper para servir-lhe de companhia quando foi barbeá-lo na manhã seguinte.

— Pensei que você não viesse! — disse ele com um sorriso feliz. — Então não se esqueceu de mim?

— É claro que não! — Charmiane voltou-se para Prosper com um sorriso encorajador. — Coloque a bacia de água bem perto da cama, por favor.

— O que há com o garoto? — perguntou Noel ao perceber que Prosper relutava em aproximar-se dele.

— Prosper é mudo.

— Isso não explica sua expressão estranha.

— Bem... ele tem pavor de Adam. Se for possível, não fique zangado na frente do pobrezinho.

Noel resmungou baixinho, mas conseguiu sorrir para Prosper.

— Coloque a toalha em volta do meu pescoço, garoto.

— Se for possível, também não dê ordens ríspidas. Bastam as que somos obrigados a obedecer quando Adam está em casa!

— Ah! A minha bela dama não é tão dócil quanto parece! Tem espírito de luta!

Charmiane deu uma risada amarga, lembrando-se da jovem apavorada que se humilhava para obedecer às ordens e aos desejos brutais de Adam. Enquanto ensaboava o rosto de Noel, analisava aquele rosto másculo que emanava uma altivez fascinante, idêntica à do irmão. Embora a semelhança entre eles fosse perfeita, havia uma sutil e vital diferença. Os traços eram mais suaves, o olhar refletia uma comovente vulnerabilidade e a boca era a de um homem jovem e, além de sensual, com capacidade de amar.

— Você disse que costumava barbear seu primeiro marido. Fale-me sobre ele, Charmiane.

— Não há nada a dizer. Meu marido era muito mais velho do que eu e morreu antes de completarmos cinco anos de casamento. É só.

— E você o amava?

— Francamente, Noel! exclamou Charmiane parando de barbeá-lo. — É uma pergunta indelicada, mas se quer mesmo saber... eu amava Henri.

— Você ainda não aprendeu a mentir, bela dama.

— E que diferença faz se eu o amava ou não? — Charmiane deu uma risada amarga. — O coração é um péssimo juiz.

— Seus dois casamentos foram... erros de julgamento? Conte algumas "mentiras" sobre seu segundo marido, bela dama.

— Ah! O meu marido lacônico... o que eu teria para dizer de um homem que não fala?

— Adam sempre foi muito calado. O silêncio dele a aborrece?

— Muito. Sinto-me ainda mais em desvantagem, porque ele sempre sabe o que estou pensando e eu não consigo adivinhar os pensamentos dele.

— Então não sabe por que ele se casou com você?

— Por que os homens casam? Para ter filhos e perpetuar seu nome, por ambição e para se sentirem mais importantes do que são.

— Meu Deus! — exclamou Noel, espantado. — Acha que Adam a escolheu porque você tem sangue azul e ele não?

— Foi o que ele disse.

— Não acredito! Meu irmão nunca foi ambicioso. Talvez ele estivesse com raiva e falou o que não sentia.

— E talvez quisesse uma esposa aristocrata. O sr. imperador também usou essa tática para ganhar mais poder.

— Bonaparte precisava iniciar uma dinastia — a voz de Noel soou inesperadamente ríspida. — Duvido que Adam seja tão pretensioso a ponto de almejar esse tipo de reconhecimento da sociedade. Também, não acredito que

a imperatriz superestime a esse ponto a própria importância.

Charmiane reconheceu que merecera a censura de Noel por sua atitude esnobe. Entretanto, não queria que ele a julgasse culpada pelos desentendimentos de seu casamento e tentou defender-se.

— Os homens se casam porque é muito lisonjeiro ser o senhor absoluto de seu reino, onde sempre terão uma serva leal e submissa.

— Charmiane! — Ele não disfarçava seu choque. — É assim que você vê o seu marido?

— E por acaso não é verdade? O amo e senhor que exige obediência cega de sua dócil esposa?

— Se você realmente acreditava que essa era a verdade, por que se casou com Adam?

— Eu não quero falar sobre esse assunto, Noel. — Charmiane lutava contra as lágrimas.

— Desculpe-me, bela dama. — Ele voltou a sorrir despreocupadamente. — Eu sou curioso demais, mas juro que não perguntarei mais nada até você terminar de me barbear. Já lhe disse que nunca fui tão bem tratado em toda a minha vida?

O bom humor de Noel restaurou a serenidade de Charmiane. Ela não queria brigar com aquele companheiro terno e afetuoso que poderia ocupar o lugar de Armand em seu coração.

— Agora durma um pouco, Noel — disse ela quando terminou de barbeá-lo. — Precisa descansar.

— Tenho certeza de que nenhum de seus maridos a merecia — murmurou ele, segurando-lhe o braço. — Algum dia, talvez, você me conte a verdade.

Charmiane saiu do quarto, preocupada com a atitude de Noel. Ele certamente almejava um lugar em seu coração, mas não era o de irmão!

Noel recuperava as forças com uma rapidez surpreendente. Ele passava horas apertando uma bola de borracha para recuperar a musculatura do braço e só parava porque a dor e a exaustão o impediam de prosseguir. Os outros dois ferimentos estavam quase cicatrizados e, quando Charmiane ia trocar os curativos, encontrava-o rindo com as criadas jovens que encontravam os pretextos mais absurdos para permanecerem no quarto.

Maio chegava ao fim sem que recebessem notícias de Adam. Bazaine soubera que as batalhas na Alemanha continuavam muito duras, mas acreditava cegamente na sobrevivência do conde. Charmiane evitava pensar no assunto, convencida de que a ausência de cartas era um péssimo sinal. Então sentia remorsos, porque em seu íntimo tinha certeza de que o marido morreria.

Numa tarde em que ela arrumava os vasos de flores no salão de música, surpreendeu-se com a inesperada chegada de Noel, vestido e barbeado.

— Meu Deus! Você devia estar na cama! E quem o vestiu? Por que...

— Calma, bela dama. Ajude-me a sentar e depois eu responderei suas perguntas.

Charmiane o conduziu até uma das poltronas da sala e ficou diante dele com uma expressão de censura.

— Então?

— Eu estava com saudade e, como você não foi ao meu quarto, vim à sua procura. Pedi ao meu criado de quarto que me trouxesse roupas de Adam.

— O seu criado de quarto?

— Fouche trabalha para Adam, eu sei! Mas ele estava desocupado e requisitei seus serviços.

Nitidamente irritada, Charmiane voltou à arrumação das flores, virando-se de costas para Noel.

— O que eu fiz agora? — murmurou ele, perplexo. — Por favor, Charmiane! Se me considera seu amigo, diga qual foi o meu erro.

— Você é um hóspede nesta casa. — Ela finalmente virou-se para encarar Noel. — Um hóspede muito querido, mas não lhe cabe o direito de tomar decisões como se fosse o dono da casa. Devia ter falado comigo.

— Desculpe-me, mas... nem pensei que você se magoaria com a minha atitude.

— Sou perfeitamente capaz de tomar minhas próprias decisões — continuou ela sem entender por que estava tão enfurecida.

— Você decidia tudo quando Adam estava em casa? Subitamente, Charmiane compreendeu o motivo de sua inexplicável raiva. Noel a privara da migalha de autoridade que lhe fora concedida naquela casa.

— Adam é meu marido e devo obedecê-lo sempre.

— Mas é claro! Você mesma disse que os maridos são senhores absolutos do lar.

— Você não compreende, porque nunca foi casado. A esposa tem o dever de obediência submissa ao marido. Tante Sophie sempre insistiu que se deve cumprir ordens com um sorriso nos lábios.

— Deus do céu! Assim o casamento se assemelha à prisão perpétua! Você obedecia Henri com um "sorriso nos lábios"?

— Eu não ousava contrariá-lo.

Tão logo falou, Charmiane arrependeu-se de seu censurável desabafo. Não fora uma boa esposa para Henri, a quem só se curvava por medo, pois seu coração continuara a se rebelar contra a submissão forçada.

— Não pode ser possível! — Ele a fitava com incredulidade. — Seu marido... batia em você?

— Você nunca compreenderá — balbuciou Charmiane tentando amenizar a verdade. — Henri era muito mais velho e sabia o que era melhor para uma esposa jovem demais e ainda rebelde. Eu não tinha o direito de contestar suas

ordens.

— Com os diabos! Esse homem era um déspota. Ninguém tem o direito de oprimir outro ser humano!

Charmiane o encarou boquiaberta. A ideia de Noel era revolucionária demais!

— Mas o meu dever de esposa...

— Você também tinha um dever para consigo mesma!

Subitamente, o passado voltou com muita nitidez na mente de Charmiane, só que agora sob nova forma. Uma luz repentina iluminava as atitudes de Henri, transformando as cenas que ela repensava por milhares de vezes. Henri era um déspota! Fraco e incapaz de se impor por qualidades que despertassem respeito ou admiração, ele a dominava pela força!

— Sim, suponho que ele fosse apenas um tirano mesquinho! — Charmiane sentia-se livre de um passado opressor. — Eu era jovem demais para compreender, mas, mesmo assim, não chorei quando ele morreu!!

— Aparentemente, ele não dominou sua rebeldia.

— Sufocou-a por algum tempo. Hoje percebo que o perdoei após sua morte!

— E Adam? Você conseguirá perdoá-lo?

— Jamais! Amaldiçoarei seu nome para sempre.

— Mas, Charmiane...

— Você sabe que ele assassinou meu irmão?

— Bazaine contou-me o que aconteceu. Talvez não tenha sido como você pensa.

— Pretende defendê-lo? — desafiou Charmiane.

— Depende de você.

— Então desista. Eu sempre verei Adam como um monstro sem coração e não apenas porque o considero o assassino de Armand. — Charmiane lembrou-se daquela noite de violência e da morte brutal de Jean-Pierre. — Ele é um homem cruel e vingativo, a quem jamais chegarei a conhecer intimamente e muito menos poderei amar!

Ao erguer a cabeça, Charmiane viu a expressão magoada de Noel e, arrependida, ajoelhou-se diante dele.

— Perdoe-me, por favor! Eu não queria ofender você por causa de Adam. Não importa o que ele tenha feito, ele é seu irmão e merece o seu amor.

— Um irmão querido e, acima de tudo, um grande amigo.

— Amigo? Eu não acredito!

— É verdade. — Noel recostou-se na cadeira e fechou os olhos. — Nós passamos uma infância feliz nas praias da Bretanha. Nadávamos juntos, fugíamos da escola e frequentemente trocávamos de lugar para dividir as

punições do professor. Existe um elo especial entre irmãos gêmeos. É algo que não precisa ser discutido, apenas sentido...

Charmiane afastou-se de Noel e, virando-se de costas para ele a fim de esconder seu rosto excessivamente expressivo, fez a pergunta cuja resposta tanto temia ouvir!

— Acha que Adam está vivo?

— Eu saberia se ele estivesse morto. — Noel deu um sorriso amargo. — Sempre soubemos quando desejávamos a mesma mulher... como aconteceu...

A chegada de Yvonne evitou um momento de perigosa intimidade e Charmiane suspirou, aliviada por não ter de ouvir uma confidência de Noel.

— Antoinette disse que a senhora reclamou do estado de suas roupas de seda, madame. — Yvonne não disfarçava a raiva — O que há de errado?

— Eu repeti várias vezes que todas as peças de seda devem ser enviadas para uma lavadeira em Neully, a quem conheço há anos.

— Mas a lavadeira de Bonneval é muito boa — insistiu Yvonne. — Ela não pode ser tratada...

— Por favor, Yvonne! Eu enviava minhas roupas a Neully mesmo quando morava em Paris e quero manter esse hábito.

Após alguma insistência de Charmiane, Yvonne resignou-se a cumprir as ordens da patroa e saiu da sala, sorrindo para Noel.

— Essa garota só veio procurar-me porque queria vê-lo, Noel — disse Charmiane, desanimada. — Ela simplesmente ignora o que lhe peço, faz comentários impertinentes sobre todos e... Por que estou aborrecendo-o com problemas particulares? Você precisa descansar! Eu o ajudarei a voltar para o quarto.

— Por favor... toque um pouco de piano para mim antes de levar-me de volta para a prisão!

Charmiane tocou apenas uma música e depois, fechando o piano, insistiu que Noel fosse descansar. Ela ajudou-o a se erguer da cadeira e não pôde evitar que o braço musculoso se apoiasse em seu ombro. O percurso até o quarto demorou uma eternidade e ela suspirou aliviada quando escapou da perturbação provocada pelo corpo másculo muito próximo do seu.

— Bela dama... — murmurou ele, quando Charmiane cobriu-o com o cobertor. — Linda demais e... de Adam! Você sempre tocava piano para o meu irmão?

— Um exercício inútil, porque ele nem sequer prestava atenção nas músicas.

— Impossível! Como você pode saber se ele ouvia ou não? Apesar de ser irmão de Adam, Charmiane o via como um aliado. Ele a compreendia e tentava ajudá-la a viver!

— Havia sempre uma procissão de criados entrando e saindo da sala enquanto eu tocava. Adam decidia todos os problemas e dúvidas durante as

horas que passávamos nesta sala e ele não se importava de recebê-los. Tomava até as minhas decisões!

— Com os diabos! Talvez Adam nem tenha percebido sua indesculpável atitude. Por que não o alertou?

— Você enlouqueceu?

— Eu não compreendo você, Charmiane! Não gostava que Adam tomasse decisões por você, nem de tocar piano para ele. É evidente que também não se sente feliz com a sua criada de quarto. O que mais a desagrada em Bonneval? O castelo? Os quartos? A mobília?

Apesar de sentir-se magoada com a repreensão de Noel, Charmiane o considerava um amigo a quem se deve dar explicações.

— Bonneval foi decorado por Bazaine, que nunca me pediu nenhum palpite. Não me sinto em minha própria casa.

— Pobre Charmiane! Vive em uma casa que não lhe pertence, casada com um marido a quem não conhece! — Ele beijou-lhe a mão com um sorriso malicioso nos lábios. — Quando eu sarar, nós fugiremos juntos!

— Nunca sei quando você está brincando comigo, Noel! — Enrubescendo, Charmiane afastou-se dele.

— Tenho uma idéia melhor! Se Adam morrer, eu ficarei aqui mesmo, ocupando o lugar dele. Ninguém consegue nos distinguir, portanto não notarão a diferença!

— Oh, você é mesmo incorrigível! — Charmiane deu uma gargalhada alegre. — Como uma mísera bala de um fuzil prussiano conseguiu atingir a sua invulnerável simpatia?

— Você devia rir com mais frequência, bela dama. O seu rosto se transforma, seus olhos brilham como estrelas e...

Noel a fitava sem disfarçar o desejo e Charmiane sentiu um medo intenso do futuro. Teria forças para resistir àquele homem sedutor?

— Acho melhor você ir logo embora ou não conseguirei dormir. Seus lábios são tentadores demais e não resistirei ao desejo de beijá-la... muitas vezes, bela dama.

CAPITULO XIV

Noel já estava em Bonneval há quase um mês e, com o retorno do bem-estar físico, aumentava a sua atração. Charmiane evitava situações que pudessem permitir intimidades perigosas, mas, mesmo na frente dos criados ou de Bazaine, ele a elogiava com excessiva frequência.

Os dois costumavam jogar xadrez todas as tardes e Charmiane tinha pedido aos criados que colocassem a mesa no terraço, sob o pretexto de que assim ela poderia atender quem a procurasse.

Bazaine foi o primeiro a interromper o jogo nesse dia.

— Com licença, madame. — Ele não disfarçava a preocupação. — O

chefe das cavalaria disse-me que a senhora pediu a carruagem para amanhã.

— É verdade. Estou com vontade de passear e as aldeias dos arredores são encantadoras.

— Mas é muito perigoso, madame. Não pode sair sozinha, sem um acompanhante! Peço-lhe que reconsidere sua decisão.

A autoridade indiscutível da voz de Bazaine desanimou Charmiane. Ela tentara encontrar um modo de ir a Paris para ver Bertrand de Domfort sem que ninguém a acompanhasse. Sentia-se inquieta enviando os artigos para *La Voix* dentro das cartas de tante Sophie e precisava acabar com aquela proibição de sair sozinha para entregá-las pessoalmente.

— Eu pretendia levar Prosper comigo.

— Não, madame. Ele é apenas uma criança.

Noel acompanhava a cena com atenção e Charmiane notou um brilho de desaprovação em seu olhar interessado.

Afinal, ela era a senhora de Bonneval e certamente tinha o direito de tomar suas decisões.

— Quero que se mantenha uma carruagem sempre pronta para ser usada por mim, Bazaine.

— Tenho uma idéia melhor, bela dama! Por que não compra uma nova que será só sua? O meu irmão é um homem muito rico e não sentirá falta de uns míseros francos!

— É uma sugestão maravilhosa, Noel! Cinzenta... Eu adoraria ter uma carruagem cinzenta com cavalos da mesma cor!

— Eu a ajudarei a comprá-los... — Ele virou-se para Bazaine com expressão maliciosa. — Madame de Montcalvo precisa de uma nova carruagem, e nós escolheremos juntos...

— Com efeito, monsieur Noel! — esbravejou Bazaine. — O senhor pode até gastar o dinheiro de seu irmão com sua costumeira irresponsabilidade ou encorajar madame a imitá-lo. Mas eu sou responsável também por sua saúde e não admito que se esgote, percorrendo as aldeias em busca de bons cavalos! Ainda está convalescente!

— Você é decididamente um tirano, Bazaine!

— O senhor é que está agindo como um tirano, monsieur Noel. Todos têm de ceder aos seus caprichos mesmo quando consideram um absurdo a sua falta de responsabilidade em relação à saúde. Não quer repousar, deixa as criadas ocuparem sua atenção o tempo todo e... nem se lembra de que quase morreu!

Boquiaberto, Noel ouviu a severa reprimenda de Bazaine até que, recuperando-se do susto, caiu na gargalhada.

— Deus do céu! Você não é apenas um terrível tirano, Bazaine. Tem vocação para carcereiro!

Bazaine curvou-se respeitosamente, mas seria impossível disfarçar a expressão de vitória em seu rosto sempre sério.

— Eu posso pedir que os cavalos sejam trazidos até as nossas cocheiras, monsieur. Assim, madame os escolherá sem sair de casa e o senhor não desperdiçará suas forças!

Depois que Bazaine os deixou, Noel segurou a mão de Charmiane, erguendo-a como num sinal de vitória.

— Parabéns! Sinto orgulho de você, minha bela cunhada. Desafiou o velho Bazaine com galhardia!

— Está zombando de mim novamente. Noel! Nunca sei quando você fala a sério ou não!

Então Charmiane notou o olhar aprovador de Noel e sentiu-se inesperadamente feliz. No baile das Tulhérias, tivera a impressão de que ele disfarçava as emoções mais profundas atrás de uma máscara de alegre descontração, como se quisesse ocultar do mundo uma excessiva sensibilidade. Agora o conhecia melhor e estava quase certa de que existia um homem afetuoso mas sério sob o exterior de conquistador galante e irresponsável.

Na manhã seguinte, Charmiane confirmou sua certeza ao encontrar Fouche saindo do quarto de Noel. Apesar de contrariado, o criado acabou confessando que costumava passar as noites ao lado do doente.

— Mas por quê? Ele já está quase bom!

— O sr. Bouchard tem muitos pesadelos — informou Fouche com relutância. — E, como se recusa a ser amarrado na cama, eu durmo ao seu lado para evitar que ele se machuque.

— E esses pesadelos são muito frequentes? — perguntou Charmiane, preocupada.

— Bem... acho que acontecem todas as noites, madame. Ele nem sempre se lembra do sonho quando acorda, mas eu vejo seu sofrimento durante o sono.

Inexplicavelmente, era o terno Noel que tinha um sono atormentado e não Adam, com sua crueldade e uma fúria destrutiva, que sonhava com as consequências trágicas de seus atos. Como dois irmãos podiam ser tão diferentes, um sensível e o outro desumano?

Um raio de luar acordou Charmiane. Ela deixara as janelas do quarto abertas apesar das recriminações de Yvonne, que considerava o ar da noite um inimigo fatal. A lua caminhara no céu até infiltrar-se através das cortinas e a claridade bater em seus olhos. Agora ela estava completamente desperta, ouvindo o canto melodioso de um rouxinol, e sentia uma incontável vontade de ir até os jardins. E por que não? Quem poderia proibir a senhora de Bonneval de passear durante a noite?

Subitamente, um grito humano rompeu o silêncio. Charmiane não teve dúvidas de que era Noel e, vestindo o penhoar, correu para o apartamento dele. A saleta estava vazia e, na ausência de Fouche, ela tentaria acalmá-lo.

Noel se debatia na cama, coberto de suor e murmurando palavras incompreensíveis. Com medo que ele machucasse o braço enfaixado, Charmiane sentou-se na cama. Colocando os braços sobre o peito nu e musculoso, forçou-o a acordar.

— Calma, Noel! Você está tendo um pesadelo.

Assustado, ele empurrou as mãos de Charmiane e sentou-se na cama, ofegante e com os olhos cheios de lágrimas. Então, afastou o cabelo da testa com um gesto que refletia tanta angústia que Charmiane sentiu o coração se apertar em seu peito.

— O que houve, Noel? Fale comigo!

— Não se preocupe... é apenas um sonho — murmurou ele, tentando controlar-se. — Volte para a cama.

— Fale comigo sobre esse pesadelo que o atormenta. É sempre o mesmo?

— Por favor, não pense mais nisso e vá dormir.

— É importante falar sobre o sonho, Noel.

Diante da insistência de Charmiane, ele recostou-se no travesseiro e desistiu da luta.

— Oh, Deus... como eu gostaria que fosse apenas um sonho! É o mais puro horror...

— Fale, Noel! Você precisa desabafar!

— Eu estou sempre de volta à maldita Rússia. — Ele a fitou, tomado pelo desespero. — Só depois de cruzarmos o rio Berezina soubemos que a temperatura tinha atingido mais de trinta e cinco graus abaixo de zero! É para esse inferno que eu volto quando fecho os olhos para dormir. Mas vai passar... sempre passa.

Charmiane pressentiu que ele fugia do assunto, porque tinha medo até de falar sobre a tragédia presenciada na guerra.

— Conte-me tudo, Noel. O que aconteceu.

— Por Deus, Charmiane! Eu não posso...

— Por favor... fale, querido.

— Todos estão famintos, com frio e procurando se aquecer... de qualquer forma. Um pobre infeliz, coberto de trapos, como todos nós, aproximou-se do fogo, rindo e chorando. — Noel não controlou um soluço de desespero. — Ele queimou-se e... não posso mais continuar, Charmiane.

— Você precisa abrir seu coração e se livrar dessas imagens trágicas. Eu lhe imploro que continue.

— O desespero provoca a loucura dos homens. O pobre coitado que se jogou ao fogo foi... devorado por seus companheiros. Eu tentei impedir, mas era um contra muitos. Então ofereci o pedaço de carne de cavalo que tinha nas mãos ao mais próximo de mim. Ele agarrou a comida, mas caiu morto antes de levá-la à boca. Envergonho-me de dizer que quebrei seus dedos gelados

para arrancar aquela migalha de comida.

— Oh, Noel querido...

Ele não controlava mais o pranto e soluçava como uma criança.

— Todos caíram sobre o corpo desse homem também e só deixaram os ossos. Oh, Deus! Nunca imaginei que pudesse existir tanto horror! E eu também me tornei desumano como eles, mataria quem se arriscasse a pôr as mãos no meu pedaço de carne de cavalo. Jesus! Foi para isso que morreste na cruz? Para que os seres humanos se transformassem em feras brutais?

Chorando, Charmiane envolveu Noel com seus braços. Sentia o corpo dele tremer com soluços convulsivos, como se, ao falar do sonho, toda a tragédia se concretizasse em lágrimas de desespero.

O luar já não iluminava o quarto quando Noel finalmente acalmou-se e adormeceu nos braços de Charmiane. Ela permaneceu por muito tempo olhando o rosto daquele homem que não podia dormir sem reviver o horror de toda uma guerra brutal. Só lhe restava rezar, para que agora ele encontrasse a paz.

No dia seguinte, um homem diferente reuniu-se a Charmiane para tomar o café da manhã. Desaparecera a alegria contagiante mas superficial. A irreverência e a descontração não passavam, como imaginara, de uma máscara. Agora Noel sentia-se à vontade ao seu lado e não precisava mais assumir a personalidade descontraída que mostrava ao mundo.

Talvez as circunstâncias o tivessem obrigado a fugir. Adam sempre fora o irmão sério e responsável e Noel precisara criar uma personalidade diferente. Só lhe restara se transformar num homem quase leviano em suas atitudes de encarar a vida. Mas Charmiane vira ruir a barreira que ele erguera ao seu redor e descobrira uma sensibilidade aguda e uma ternura tão dignas de admiração quanto seus sorrisos alegres.

Entretanto, parte da seriedade de Noel devia-se ao constrangimento. Ele estava diante da mulher que o tomara nos braços como uma criança indefesa e ainda não se sentia à vontade por ter revelado seus pensamentos mais secretos a um outro ser humano. Durante alguns minutos, a conversa foi banal e sem referências à noite anterior. Nem a presença insinuante de Suzanne despertou um sorriso no homem que demonstrara ser incapaz de resistir à beleza de uma jovem.

Quando Suzanne saiu da sala, nitidamente ofendida porque monsieur Noel nem notara seu decote generoso, Noel fitou Charmiane com uma expressão de espanto.

— O que eu devo fazer agora? Chamá-la de volta e beliscar-lhe o rosto?

— Se você não tentar, todas as criadas vão pensar que você teve uma recaída.

Noel fitou Charmiane com um olhar de intensa gratidão. Aparentemente, ele se convencera de que o afastamento e a frieza não passavam de uma reação de orgulho ferido por ter-se mostrado fraco diante de uma mulher e estava decidido a superar essa reação imatura.

— Muito obrigado, Charmiane — murmurou ele, segurando-lhe a mão. — Pela noite passada.

— Sinto-me feliz por ter podido ajudá-lo, querido. — Charmiane já não hesitava em tratá-lo com carinho. — O seu coração não aguentaria tanta dor por mais tempo. Era preciso aliviar o sofrimento.

— Eu vivi sufocado pelo horror — disse ele com um olhar distante. — Pensei que fosse morrer de angústia ou enlouquecer, mas... continuei vivo.

— Jogando xadrez sem se concentrar e beliscando as criadas! — Charmiane brincara para evitar que Noel mergulhasse novamente em seu mundo de angústia e ele a fitou, aliviado com o comentário que afastara as sombras do passado.

— Tem razão! Eu sou realmente irresponsável!

— E sabe fazer algo mais sério?

— Sem dúvida, bela dama! Adoro beijá-la e acho que não resistirei mais à tentação!

— Ah! Está voltando ao normal, monsieur Noel! Eu reconheço o conquistador...

— Que está envelhecendo a cada minuto e sem o bálsamo de seus beijos! — Ele sorriu ao ver que Charmiane enrubescera e, subitamente, sua expressão ficou novamente séria. — Você é uma mulher que compartilha sua força e seu amor, Charmiane. Eu gostaria de ser o homem... esqueça! Quem enxuga o seu pranto, bela dama?

— O meu travesseiro acolheu um oceano de lágrimas.

— E por quem você chora?

— Por Armand...

Antes mesmo de falar, Charmiane admitiu que não estava sendo sincera. Só agora percebia que Armand era na verdade um desconhecido. Quando ela e Sophie haviam retornado a Paris reencontrara um homem que vira no máximo dez vezes em toda sua vida e por períodos muito breves, visitas rápidas e frias! Tinha chorado a morte de sua idéia de irmão e não de alguém com quem partilhara a infância.

Não. Quando Armand fora morto pela mão de Adam, as suas lágrimas não pranteavam apenas o irmão. Naquela noite morrera também a sua ilusão e um sonho ainda em botão. A flor que começara a se entreabrir num jardim coberto de luar, crescendo nos dias de solidão e de saudade, se alimentara com cartas comoventes, rabiscadas à luz de velas sobre uma precária mesa entre batalhas e sofrimentos. Então a dura realidade destruíra essa fantasia, o homem duro e sem coração com quem se casara dera o golpe de misericórdia em um sentimento frágil que nunca floresceria.

— Você está pensando em Adam.

— Não seja tolo, Noel. Como poderia saber?

— Os seus olhos refletem amargura quando você pensa em meu irmão.

Ou quando fala sobre ele, com palavras duras e destrutivas. Adam realmente merece tanto ódio?

— Ele destruiu a minha capacidade de amar.

— Pobre Charmiane...

Noei tocou com ternura o rosto pálido de Charmiane e ela estremeceu ao sentir a doce carícia. Não conseguia resistir à ternura daqueles dedos tão meigos, iguais aos de Adam, e no entanto totalmente diferentes. Seria tão fácil amar aquele homem fascinante!

Mas Charmiane já possuía pouco e recusava-se a perder também a honra. Precisava manter o auto-respeito e para não se desprezar no futuro lutaria contra o desejo de descobrir a doçura da paixão nos braços de Noel. Ela levantou-se rapidamente da mesa e rezou para que sua voz não revelasse o quanto sofria naquele momento de renúncia ao amor.

— Eu preciso encontrar Prosper, meu querido cunhado. Temos muito o que fazer ainda de manhã e talvez eu nem volte na hora do almoço. Nós dois comeremos no jardim das rosas... são as últimas flores da primavera e logo não restará nenhuma... Vejo-o mais tarde?

Sem esperar pela resposta, Charmiane fugiu de Noel, de uma perigosa e fascinante masculinidade e de sua própria fraqueza.

Charmiane encontrou em Prosper um escudo protetor contra o irresistível fascínio de Noel. Mantinha o garoto ao seu lado durante o dia todo. Ele não se afastava nem durante as refeições, sempre atento aos menores desejos de sua senhora. O importante era impedir um momento de perigoso isolamento.

Noel percebeu desde o primeiro dia a verdadeira intenção de Charmiane. Sempre que se aproximava para procurá-la, o garoto chegava antes, e com o tempo ele passou a se afastar e a falar menos.

Charmiane notava a tristeza no rosto que se agravava em sua mente, mas resistia à dor de estar magoando Noel. Ela lutava para defender sua virtude, para não trair os juramentos que pronunciara diante de um padre e tinha medo de perder essa difícil batalha. Precisava mantê-la à distância ou o desejo que a impedia de dormir venceria sua honestidade.

E já não havia mais a possibilidade de acreditar que ele era apenas um conquistador, incapaz de sentimentos genuínos. Noel a desejava com igual intensidade e, enquanto as jovens e atraentes criadas o rodeavam com risos e atitudes insinuantes, ele não afastava os olhos muito azuis de Charmiane, revelando que a queria com ardor, que a paixão precisava ser consumada.

Charmiane só pensava na alegre descontração dos primeiros dias em que tinham convivido com tanta facilidade e tentava descobrir um modo de recuperar aquele ambiente de divertimento inocente. O íntimo desabafo das lágrimas de Noel e seu carinho ao reconfortá-lo haviam destruído o elo de amizade para criar o do desejo.

Finalmente, ela criou coragem e abordou-o enquanto tomavam café. Noel estava de cenho franzido e praguejou baixinho quando Prosper correu para acender seu cigarro.

— Você está cada dia mais parecido com Adam.

— Está me insultando, Charmiane?

— Não... por favor, não me entenda mal, Noel. Eu apenas quis dizer que sentia falta de meu alegre companheiro. O que acha de jogarmos uma partida de xadrez?

— Com Prosper movendo as peças para evitar que nossos dedos se toquem? — Ao perceber que Charmiane empalidecera, ele prosseguiu com mais suavidade. — Eu gostaria de andar a cavalo...

— Por Deus, Noel! — interrompeu Charmiane, aflita. — É muito cedo para cavalgar! Talvez... por que não saímos em minha nova carruagem?

— Com Prosper, é claro!

— Poderíamos levar um lanche e ele me ajudaria a carregar a cesta. Você ainda não deve...

— É claro, é claro! — resmungou Noel saindo da sala precipitadamente.

Mas a brisa fresca e o sol que iluminava o céu aveludado afastaram o mau humor de Noel. Charmiane não conseguia desviar os olhos do rosto novamente bronzeado, da mecha dourada sempre rebelde e caída sobre a testa dele, e quase se esqueceu de que aquela felicidade era proibida.

Eles comeram morangos com creme à sombra das árvores frondosas, reencontrando a inocência e a alegria que o desejo havia suplantado. Naquele doce interlúdio, Charmiane abandonou a luta contra o fascínio de Noel e, na presença de Prosper, que a impedia de ceder à paixão, olhava para o homem a quem não podia amar.

Então Noel a convidou para subir até o alto da colina. O vento aumentara e Charmiane precisava segurar seu delicado chapéu de abas largas para impedi-lo de voar. Antes que ela pudesse evitar, uma mão firme o arrancou de sua cabeça e atirou-o para longe.

— Noel! Por que... não, Prosper! Espere...

— Não... deixe-o ir, Charmiane. — Noel a puxou para a sombra protetora de um carvalho centenário e a tomou nos braços. — Quero apenas alguns minutos a sós com você.

— Por favor, solte-me. Você não pode...

— Transforme em palavras o sentimento que eu leio em seus olhos, Charmiane. Diga-me que quer ser beijada...

— Não é verdade! — mentiu ela, à beira das lágrimas. — Seja sensato, é uma loucura...

— Então beije-me primeiro e depois negue o seu próprio desejo, amor.

Incapaz de continuar resistindo, Charmiane ergueu o rosto, oferecendo os lábios a Noel. Aquele beijo significava uma rendição impossível e, no instante em que suas bocas se tocassem, ela teria perdido a luta contra a paixão.

Então, Prosper a puxou pela saia e Charmiane, recuperando a lucidez,

fugiu para a carruagem, seguida pelo garoto. Quando Noel os alcançou, de cenho franzido, ela já havia controlado suas emoções tumultuadas. Durante o caminho de volta, procurou as palavras certas para transmitir-lhe que era a esposa de Adam e embora ambos fossem sofrer, jamais trairia o marido.

— Preciso falar com você, Noel — disse ela quando pararam a carruagem.

— Sem Prosper? Mas que milagre!

— O sarcasmo não nos ajudará a resolver esse problema, Noel! — declarou ela, decidida. — Vamos até a biblioteca, por favor.

Charmiane odiava aquela sala onde vira seu irmão morrer. Escolhera aquele lugar penoso para conversarem a sós, porque ali a presença de Adam era muito forte e lembraria a ambos que ela não era livre, que pertencia ao irmão de Noel!

— Por favor, tente me compreender, Noel. O que aconteceu há pouco... na colina... não pode se repetir nunca mais.

— Então devemos sufocar nossas paixões, Charmiane?

— Que paixões? — Ela deu uma gargalhada nervosa. — Trata-se de uma atração física, de um descontrole temporário de nossas emoções, mais nada. Se não entender a gravidade da situação e insistir... terei de pedir-lhe para... ir embora, Noel.

Ele a fitou por alguns instantes e, ao ler a determinação no rosto de Charmiane, recolocou a máscara de alegre indiferença que encobria seus verdadeiros sentimentos.

— Não seja tão cruel, bela dama. Não tem piedade de um soldado ferido no campo de batalha? Nem mesmo vai me conceder um beijo?

Com um aceno negativo de cabeça, Charmiane tentou, evitar que as lágrimas deslizassem em seu rosto. Ela não conseguia recuperar a alegria e a descontração com a rapidez de Noel. Sentia-se angustiada demais diante de um amor impossível.

— Só um, dama dos meus sonhos — continuou ele com a voz rouca de desejo. — Até o bravo Paris tinha permissão para sonhar com sua bela Helena e eu...

Charmiane não conteve uma exclamação de surpresa e seus olhos refletiam o pânico.

— Oh, meu Deus! — Ela não conseguia se manter em pé e procurou apoiar-se na cadeira mais próxima. — Não é possível.

— O que houve? Por que...

— Você disse... bela Helena... exatamente como... Antes mesmo de terminar a frase, Charmiane viu que Noel enrubescera e seu coração quase parou. Era terrível demais para ser verdade!

— É apenas um modo de falar! Qualquer pessoa...

— Não! Eu era a bela Helena de Adam! — O olhar de Charmiane

implorava pela verdade. — Agora você pronunciou as palavras dele e... por Deus, Noel! Foi você quem escreveu as cartas?

— Céus! — resmungou ele, transtornado. — A situação está ficando complicada demais!

— Foi você, Noel? Por favor, não minta.

— Sim... — murmurou ele, baixando a cabeça.

— E assinou o nome de Adam? — Charmiane não percebeu que as lágrimas escorriam em seu rosto.

— Não... eu... entenda, Charmiane. — Incapaz de continuar se defendendo, ele desistiu da luta. — Sim, eu assinei as cartas.

— E... Adam sabia?

— É claro. — Ele tentou segurar o braço de Charmiane, que recuou, com uma expressão de horror no rosto lívido.

— Malditos! Vocês dois! Como puderam brincar tão cruelmente com meus sentimentos?

— Pare de falar e ouça-me, Charmiane — gritou ele, descontrolado. — Adam a ama e...

— Adam me ama? Será que você não me entende? Eu me apaixonei pelo homem que escreveu aquelas cartas.

— Não é verdade. Você se apaixonou pelo homem que conheceu no Jardim das Tulhérias.

A crueldade daquela farsa tinha descontrolado Charmiane a tal ponto que ela começava a duvidar de sua sanidade mental.

— No jardim? E o que você sabe sobre isso? Foi Adam ou você que...

— Foi Adam que você seguiu até o jardim, foi com Adam que você se casou e é Adam que a ama!

— Nada disso é verdade. Aquela noite no jardim não passou de uma grande mentira, uma alucinação, um sonho irreal! Adam era um desconhecido que fingiu, durante algumas horas, ser alguém que jamais seria. Meu marido é um monstro sem coração, e espero que Deus me perdoe, porque rezo todas as noites pedindo pela morte dele!

— Pelo amor de Deus, Charmiane. Não seja implacável, ele a ama.

— E eu amava o homem que escreveu aquelas cartas. Foi com esse homem que pensei estar me casando. Como permitiu que eu continuasse a acreditar nessa mentira, Noel? Sabendo que você era o responsável... Oh, só pode ter sido uma brincadeira! Um jogo cruel entre irmãos gêmeos!

— Não, Charmiane. Não era um jogo nem uma brincadeira.

— Você esteve aqui em Bonneval pouco antes do casamento e disse que Adam lhe devia dinheiro por um favor. Ele pagou-lhe para escrever aquelas cartas? Qual é o preço para conquistar uma tola romântica com palavras bonitas? Ou será que é divertido cortejar a noiva do irmão?

— Eu comprei alguns cavalos para Adam e ele devia-me esse favor! — Ele tentou novamente segurar o braço de Charmiane. — E... pelo menos acredite na minha sinceridade, tudo o que escrevi naquelas cartas era verdade!

— Então você foi ainda mais cruel! Como pôde permanecer calado e deixar que eu me casasse com o homem errado?

Com um grito de desespero, Charmiane fugiu da biblioteca. Cega pelas lágrimas, esbarrou em Bazaine e subiu correndo as escadas. O travesseiro seria mais uma vez o único a testemunhar seu sofrimento e a recolher as lágrimas sem nada dizer...

CAPITULO XV

Ele não tomou conhecimento da entrada de Bazaine na biblioteca. Por que se descuidara tanto? Estivera tão perto de beijar Charmiane e quando seus lábios se tocassem, desapareceria o último obstáculo. Depois de se amarem, já não importaria saber quem realmente escrevera as malditas cartas.

— Está com aparência de cansado, monsieur. — Bazaine decidiu romper o silêncio. — E melhor descansar um pouco antes do jantar.

Ele continuou com o olhar fixo na estante, calado e com uma expressão de extremo desalento. Bazaine terminou de arrumar os papéis sobre a escrivaninha e entregou-lhe a caneta.

— Sei que o assunto não é da minha conta, mas... até quando pretende continuar esta farsa, senhor? Não poderá prolongar por muito tempo sua licença sem evitar uma justificativa ao imperador, principalmente agora que foi promovido a general. Por favor, assine estes papéis, monsieur Le Comte.

— Mais tarde.

— Pelo amor de Deus! Conte tudo a ela, senhor!

— Contar-lhe o quê? Que eu sou o monstro com quem ela se casou? O bêbado que trouxe loucura e violência a esta casa, que matou seu irmão e depois... — Ele deu uma risada amarga. — Achei que você estava gostando muito dessa situação, Bazaine. O seu comportamento foi exemplar durante os dez anos que trabalhou comigo, mas, nas últimas semanas, desrespeitou todas as minhas ordens.

— Espero que tenha sido uma experiência produtiva, monsieur! — Bazaine não continha o riso. — Sempre é bom aprender a respeitar a opinião alheia!

— Eu era tão arrogante assim?

— Talvez um pouco orgulhoso de sua própria importância... E compreensível, porque atingiu um posto muito alto ainda jovem e...

— E nunca aprendi a viver, só a ser um bom soldado. Não tive tempo nem vontade.

— Está aprendendo agora, senhor?

— Mais do que eu poderia imaginar. Gostaria tanto de ter a flexibilidade de Noel!

— Saiu-se melhor do que eu previa, senhor. Todas as criadas estão apaixonadas pelo "encantador Noel"!

— A minha esposa também! Ela se amargura e sofre, porque acredita estar amando o encantador irmão de seu marido e o verdadeiro autor das cartas que conquistaram seu coração. Transformei-me em meu próprio rival. Sou Adam ou Noel?

Ele se envolvera tanto naquela farsa que já não sabia quem realmente era. Tinha sido agradável assumir a personalidade despreocupada do irmão e passar um mês sendo mimado em vez de tomar decisões e assumir responsabilidades, mas nunca seria Noel. E, graças a Deus, também deixara de ser o homem à beira da loucura que retornara da Rússia com a alma destruída pelo horror e continuara a reviver todas as atrocidades em seus pesadelos.

Só o álcool afastava o medo de fechar os olhos para dormir. Só o estupor provocado por grandes quantidades de conhaque afastava os apavorantes pesadelos. Ele começara a beber num quartel às margens do rio Elba, quando foi obrigado a encarar uma realidade que o revoltava. Dia após dia, vira a chegada dos remanescentes do glorioso exército, mais mortos do que vivos. Era preciso recuperá-los, dar-lhes uniformes limpos, enviá-los para um novo regimento e para a honra de morrer por uma causa em que ele já não acreditava.

Então, viera para Bonneval. Nasquelas semanas difíceis, o álcool, o sofrimento e o ódio tinham determinado seu comportamento. Transtornado pela fúria e pela embriaguez, ele perdera o controle de seus atos e o alvo mais atingido tinha sido Charmiane.

Quando tentava lembrar-se dela nesse período, via apenas uma criatura pálida e submissa, cuja humildade diante de suas agressões apenas aumentava seu ódio. Criou-se um círculo vicioso perverso: a fúria gerava medo e o medo alimentava a fúria.

Noel também colaborara, involuntariamente, para acelerar o domínio da violência. Os criados, dispostos a se vingarem dos maus tratos sofridos, tinham contado com venenosa malícia todos os detalhes da visita de seu irmão. Embora tentasse não sentir ciúmes, só conseguia pensar no beijo apaixonado que Noel e Charmiane teriam trocado e seu ódio se voltava contra Charmiane.

A primeira consequência irremediável de sua violência desenfreada havia sido a morte de Armand. Ele bebera demais para não pensar na noiva que demonstrava abertamente o medo e uma incontrolável repulsa por seus beijos, por isso não conseguia lembrar-se dos detalhes daquela noite. Continuava acreditando que tudo não passara de um trágico acidente, mas talvez tivesse assassinado o rapaz porque seu instinto de soldado o impelira a matar.

E então, na última noite em Bonneval, ele cometera a ofensa sem perdão. Tinha passado dez longos meses desejando Charmiane, queria sentir o calor de seu corpo e de sua ternura, antes de partir. Sonhava em gerar um

filho para morrer em paz. Só encontrara ódio nos olhos que um dia o haviam fitado com amor e a frustração roubara-lhe os últimos vestígios de decência. Incapaz de conter a selvageria de seus atos, conseguiria a submissão através da força. Violentar um corpo e aniquilar a dignidade e a honra eram crimes mais graves do que a morte de Armand!

— O senhor devia ter evitado esse mal-entendido — insistiu Bazaine, preocupado com as consequências daquela farsa perigosa. — Impedido que ela o confundisse com Noel.

— Eu precisava de um uniforme e peguei o de um soldado morto. Não era nem mesmo o do regimento de Noel. Mas ela pensou...

— E o senhor tinha o dever de esclarecer esse engano.

Era impossível explicar, até mesmo a Bazaine. Ele voltara para casa porque ia morrer. Os médicos só lhe garantiam uma mínima chance de sobrevivência se o braço fosse amputado. Então fugira. Precisava enfrentar o ódio de Charmiane e implorar-lhe o perdão. Então, por um capricho benfazejo do destino, fora confundido com Noel e o olhar de repulsa transmitira ternura e preocupação.

Alguém o culparia por desejar usufruir a doçura daqueles olhos verdes nos últimos minutos de sua vida? Tinha sido expulso do aconchego do lar e, inesperadamente, encontrara as portas abertas, a lareira acesa e um sorriso que aquecia sua alma. Alguém o desculparia por relutar em dizer a verdade, por agarrar-se a uma felicidade passageira? Bazaine poderia contar-lhe a verdade depois que ele morresse.

Seu velho secretário o reconheceria imediatamente, mas guardara o segredo, permanecendo ao lado de sua cama para evitar que ele revelasse a verdade durante as crises de febre e delírio. Depois de sua rápida recuperação, a despeito do pessimismo do médico, pediu a Bazaine que lhe desse um pouco mais de tempo para usufruir o carinho de Charmiane.

Ele sentira-se tão mais livre sendo, pelo menos por um breve período, o Noel sem responsabilidades ou preocupações! Pudera deixar de lado os pesados deveres e obrigações de Adam e agir como um adolescente apaixonado. Nunca aprendera nem se interessara em lisonjear as mulheres, mas, tentando imaginar o que seu irmão diria, elogiara Charmiane e vira seus olhos se iluminarem de felicidade.

Talvez o maior benefício de ser "Noel" tivesse sido a descoberta de que ele também possuía um lado alegre e terno. Cometera tantas violências e fora chamado tantas vezes de desumano por Charmiane que começara a se transformar em uma criatura sem coração. Agora sabia que o horror da guerra não o destruíra por completo.

Não tinha sido fácil dormir sem o abençoado torpor da embriaguez. O pânico começava bem antes de fechar os olhos, pois já esperava o horror dos pesadelos que o atormentariam. Quando ele acordava, banhado em suor e ainda vendo corpos congelados de seus companheiros mortos na Rússia, era difícil resistir ao consolo fácil de uma garrafa de conhaque. Então lembrava-se de que a bebida poderia trazer de volta o Adam incapaz de controlar a

violência ou, se essa criatura já não existisse em seu íntimo, levá-lo a revelar a verdade a Charmiane num momento de descuido.

— Estes papéis precisam ser enviados ainda hoje, senhor. — Bazaine colocou a caneta nas mãos de Adam e não se afastou da escrivainha até que ele terminasse de assiná-los.

— Fouche comentou que seu sono está bem mais tranquilo.

— É verdade, Bazaine. Quase não tenho acordado durante a noite.

— Estou preocupado com Fouche. Ele desconfia de algo. O senhor teve um ou dois pesadelos na primavera.

— Conte a verdade, mas peça-lhe para guardar segredo, Bazaine. Eu estou retornando muito lentamente ao mundo das pessoas normais.

Só agora percebia que estivera à beira da loucura. Demorara demais a acreditar que após tantos anos nos campos de batalha pudesse ser afetado pela tragédia da guerra, por isso não se preocupara com os primeiros pesadelos, com as súbitas crises de pânico, suores frios e tremores convulsivos. Entretanto, a mórbida certeza de que morreria em um combate muito próximo começara a atormentá-lo antes mesmo do baile no Palácio das Tulherias. E teria certamente passado o resto de seus dias no hospício de Charenton se Charmiane não o ajudasse.

No início, tinham sido as cartas. Ele jamais conseguira falar de seus temores a ninguém, nem mesmo a uma discreta prostituta que o ouviria graciosamente por alguns francos a mais. Então descobrira, naquele jardim encantado, que Charmiane aliviaria seu sofrimento. Abrira o coração colocando em palavras toda a sua angústia, nutrira-se do amor que ela colocava nas mensagens que enviava e... sobrevivera à campanha da Rússia.

E Charmiane continuara a oferecer-lhe a mão para ajudá-lo a sair de um mundo de desespero e loucura. Desde a noite em que o forçara a falar sobre seus pesadelos e o acolhera nos braços como quem consola uma criança frágil, ele começara a dormir melhor. Frequentemente, ao acordar, conseguia ouvir o canto dos pássaros, aspirar o perfume do verão e sentir que a vida podia ser doce.

Agora começava a descobrir a verdadeira mulher por quem se apaixonara, à primeira vista, naquele baile encantado. Amara Charmiane apesar de julgá-la uma jovem ingênua demais, dependente da própria família e sem forças para enfrentar a realidade. Ao voltar da Rússia, encontrara uma noiva amedrontada que se submetera a seu despotismo. E por que não? Ela se sujeitara à violência do primeiro marido, porque acreditava ser esse o seu dever. E ele lhe dera ordens, com a rispidez de um comandante de tropas indisciplinadas e a roubara de sua recém-conquistada independência.

Ele se surpreendera com a vivacidade e a competência de Charmiane, que talvez ainda não reconhecesse sua própria força. Como Noel, ele podia dar-lhe espaço para exercitar a liberdade de tomar decisões. A noiva-criança com quem se casara era na verdade uma mulher de temperamento complexo e fascinante.

E enquanto aprendia a conhecer a esposa, também descobria muito sobre si mesmo. Nunca soubera realmente agradar uma mulher, pois apenas se limitara às frases banais mas necessárias para ter uma em sua cama. Todas as vezes que Charmiane condenava as atitudes brutais do marido e Noel ousava dizer as palavras existentes no íntimo, mas jamais pronunciadas por timidez ou indiferença, ele crescia como ser humano.

Agora, tinha chegado um momento de decisão. Charmiane se apaixonara por ele, mas sofria por acreditar que amava o irmão do marido. Antes mesmo de seu lamentável descuido a respeito da autoria das cartas, esse amor proibido tirava-lhe a alegria de viver. Entretanto, se a verdade fosse revelada, ela o odiaria muito mais. À morte de Armand e àquela noite de violência se acrescentaria mais um crime: a traição!

Não! Ele ainda não se conformava em perder a felicidade de conviver harmoniosamente com a esposa. Talvez, quando o amor entre os dois tivesse criado raízes, fosse mais fácil revelar a verdade. Talvez ela perdoasse o homem que amava, mas nunca perdoaria o marido que continuava a odiar.

— Recebi uma outra mensagem de monsieur Noel — disse Bazaine. — Ele comprou alguns cavalos que já foram enviados para sua casa em Paris, senhor.

— E ele está bem?

— Voltou a seu regimento na Alemanha mas ficou infeliz com sua promoção a tenente. Pediu-me que eu entrasse em contato com alguns amigos e tentasse rebaixá-lo novamente a cabo.

— O meu despreocupado e irresponsável irmão não mudou nada. Vi-o cair em Lutzen e julguei-o morto, mas você me disse que ele não sofreu nem um arranhão! Os deuses sempre o amaram! — Ele deu uma risada amarga. — E a esposa de Adam ama o falso Noel!

— Prefere que eu lhe conte a verdade, senhor?

— Nem pense nisso, Bazaine. Quero conquistar minha esposa antes desse dia e talvez...

— Ela acabará descobrindo, mais cedo ou mais tarde. Continuo achando uma loucura insistir nessa farsa! Mas... é o senhor quem decide!

Adam não respondeu a Bazaine, convencido de que controlaria a situação. Seria "Noel" apenas por mais algum tempo e depois revelaria a verdade a Charmiane. Prometeu a si mesmo que o faria muito em breve!

A tempestade chegou com uma violência inesperada para o suave mês de junho. Parada à janela, Charmiane sentiu que a cólera da natureza simbolizava a censura divina. Ela amava Noel, mas, sem saber se Adam estava vivo ou morto, jamais poderia se apaixonar por homem algum e sua traição se tornava mais grave, porque se tratava do irmão de seu marido!

Como não desconfiara antes que Noel havia escrito as cartas? Nessas últimas semanas, eles se comunicavam através de olhares, sem a ajuda artificial das palavras, e ela devia ter desconfiado que aquele homem tocara sua alma há muito tempo! E não conseguia odiá-lo por essa duplicidade. Agora

que o conhecia melhor e descobrira o quanto era generoso, também compreendia esse ato de desprendimento, destinado a ajudar o irmão.

Noel sempre afirmara que o irmão não sabia sequer conversar com as mulheres. Provavelmente também soubera que ela se entregara a Adam no jardim das Tulhérias e, para completar a conquista de uma jovem impulsiva mas romântica por um homem duro e incapaz de pensamentos nobres, se prontificara a escrever as cartas. Então, se esquecera de que estava apenas fazendo um favor e abria seu coração, revelando a beleza de sua alma.

Charmiane jantara no quarto para fugir de Noel, mas continuava acordada, pensando na atitude que deveria tomar. Como ignorar sua própria paixão ou o desejo dele que aumentava o brilho daqueles irresistíveis olhos azuis? Não podiam ceder a um amor que o marcaria com o estigma de Caim. Seduzir a amante do irmão fora uma leviandade, mas roubar-lhe a esposa seria um pecado sem perdão.

Noel teria de ir embora de Bonneval!

Subitamente, entre os trovões, ecoou um som ainda mais alto. Segundos depois, Charmiane ouviu vozes e passos no corredor que ligava seu apartamento à ala central do castelo. Vestindo um penhoar, ela correu para as escadas e viu que vários criados se dirigiam para a sala de música. Ia segui-los quando Bazaine e Noel pararam ao seu lado.

— O que aconteceu?

— Um dos pinheiros do parque caiu, madame — respondeu Bazaine. — Alguns galhos atingiram a sala de música, mas não houve danos irremediáveis. Tomarei as providências necessárias amanhã cedo.

Charmiane devia ter voltado imediatamente para o quarto, mas sentia que Noel a fitava e ela também não conseguia manter os olhos afastados do peito musculoso e mal coberto pelo roupão colocado às pressas. Então Bazaine deu ordens para que os criados fossem dormir e se retirou. O silêncio voltou a reinar no castelo e só a luz das velas iluminava a noite que os cercava.

— Eu a acompanharei até seu quarto, Charmiane.

— Não! É desnecessário e...

— Esqueceu-se de que o meu quarto também fica na mesma direção?

Retirando o candelabro das mãos de Charmiane, Noel iluminou o corredor. Ela nunca sentira antes com tanta intensidade o poder que emanava daquele corpo másculo e a envolvia em uma teia de sedução.

Quando Noel lhe devolveu o candelabro, à porta do quarto, seus dedos se roçaram levemente e Charmiane recuou, assustada com a resposta de seu corpo àquele toque tão breve. Colocando as velas sobre a lareira, virou-se para ele.

Noel continuava parado à porta e, mesmo na penumbra, Charmiane viu o desejo brilhar nos olhos azuis que a aqueciam com seu ardor, e a sensualidade nos lábios que ela queria beijar. As mechas prateadas pelo sol luziam agora à luz das velas, e... seria tão fácil tocá-las!

— Não é justo! — gemeu Charmiane, desesperada.

— Você não sabia? A vida nunca é justa!

O tom de voz, muito brusco, magoou Charmiane, que não conteve o pranto. Então, Noel fechou a porta e tomou-a nos braços.

— Ah, meu amor... por que continuar lutando contra a paixão? Eu te amo, Charmiane. Sempre e para sempre.

O beijo transformou as palavras em realidade. Uma carícia doce e muito terna que silenciou as dúvidas, transportando-os para longe dos limites daquele quarto. Charmiane sentia a força da paixão nas mãos que acariciavam seu corpo, na boca que se apossava da sua com ardor e não pôde mais duvidar do amor de Noel.

Ele a tocava com a hesitação de um amante muito jovem e que teme ser rejeitado. As mãos ainda não ousavam afastar o fino algodão da camisola para tocar-lhe a pele. Desaparecera o sedutor experiente que conquistara todas as mulheres que desejou. Agora era um adolescente tímido que deslizava os dedos trêmulos pelo corpo também trêmulo de paixão.

— Eu também te amo, Noel.

As palavras de Charmiane soaram como uma libertação, Noel a despiu com gestos lentos, saboreando cada segundo de um prelúdio inebriante. Naquela noite, ele era o único homem no mundo e descobriria o amor nos braços da única mulher.

Dois corpos nus que não continham mais a ânsia de se fundirem na paixão. As bocas se buscavam com doçura, as línguas se tocavam, e os beijos abafavam os suspiros de volúpia. As mãos de Noel, ainda hesitantes, encontraram os seus seios e, numa carícia sensual, deslizou os dedos sobre a pele sedosa com a leveza de plumas que queimavam como chamas ardentes.

— Eu quero vê-la, Charmiane — murmurou Noel, deixando que as velas iluminassem seus corpos. — Quero ver seus olhos refletirem volúpia e paixão.

O tempo lhes pertencia. A sensualidade potente de Noel se traduzia em gestos lentos que despertavam a paixão ardente de Charmiane. Ele a amou sem pressa como se relutasse em transformar o desejo contido por tantos dias, semanas e meses num ato de volúpia arrasadora, mas breve.

Charmiane nunca fora conduzida à paixão com carícias sensuais, não sentira o desejo de um homem arrastá-la para um mundo de prazeres desconhecidos. Seu corpo se dobrara à brutal indiferença de Henri, que preferia puni-la a tocá-la com ardor, e fora invadido pela violência de Adam, que a usara para satisfazer uma volúpia selvagem. Só nos braços de Noel ela descobriu a intensidade do prazer.

Noel se maravilhou com as respostas ávidas de uma mulher sedenta de amor e com os movimentos ondulantes de um corpo sem consciência de sua sedução, que pedia mais e mais carícias. Ele foi tomado por uma emoção única ao mergulhar no calor daquele corpo feminino para conduzi-lo ao delírio.

A luz rosada das chamas na lareira iluminou seus corpos entrelaçados e o crepitar do fogo, que fora sobrepujado pelos gemidos de prazer, voltou a ser

o único som no silêncio do quarto. Nenhum dos dois queria romper a magia de um momento único, mas a voz murmurante de Noel soou como um hino ao prazer nos ouvidos de Charmiane.

— O amor nunca foi tão doce nem tão perfeito, querida.

— Eu não sabia... — Com os olhos brilhando de lágrimas contidas, Charmiane acariciou o rosto de Noel. — Você me revelou o mistério do prazer, amor. Henri jamais despertou nenhuma emoção em mim...

— E Adam?

Iludida pelo tom de voz amargo, Charmiane acreditou que Noel estivesse com ciúmes. Além disso, ainda não esquecera a humilhação e a selvageria daquela noite de violência. A sua resposta refletia revolta pelo que sofrera e reafirmava seu amor por Noel.

— Adam? Jamais!

— Mas... eu pensei que... no jardim das Tulherias... Então ela não se enganara! Adam contara tudo ao irmão!

— Fui apenas uma prostituta para Adam! Ele mesmo afirmou que existem centenas de mulheres nas proximidades desse jardim, e por muito pouco se entregam a qualquer homem... como eu sinto náuseas ao lembrar de suas mãos sobre o meu corpo. O meu ódio...

— É mesmo infinito, Charmiane? Jamais o perdoará? Não há nada que ele possa fazer para...

— Acha que ele pode me devolver o irmão? E também a minha honra, meu amor-próprio, minha auto-estima? Eu continuarei a odiar o homem que me privou de tudo isso e jamais o perderei. Quando Henri morreu, enterrei com ele os meus ressentimentos. Se souber que Adam perdeu a vida em alguma batalha na Alemanha, ficarei feliz mas não esquecerei nada!

— Por Deus, Charmiane! Ele terá apenas o seu ódio? Pelo resto da vida?

— Não acredito que Adam se importe com isso. Ele nem sabe que eu o odeio.

— Acho que sabe e sofre. — Ele apertou firmemente as mãos de Charmiane. — Eu não posso defendê-lo, porque seus atos foram imperdoáveis, mas... todos os homens cruzam, em algum momento da vida, a linha entre a normalidade e a loucura.

— Eu não aceito essa desculpa. — Charmiane sentou-se na cama, inquieta com a expressão de raiva no rosto de Noel.

— Só alguém muito jovem seria tão implacável. Se não consegue perdoá-lo, pelo menos não fale mal dele.

— Por quê?

— Porque eu sou... — ele hesitou por alguns segundos e então, encolhendo os ombros num gesto de resignação, prosseguiu: — sou irmão dele e sofro também a força do seu ódio.

Subitamente, Charmiane sentiu raiva de Noel. Tinha direito de odiar

Adam e muitos motivos para isso.

— Se respeita tanto o seu precioso irmão, por que seduziu a esposa dele?

Ele deu uma gargalhada estranha, onde se mesclavam amargura, desespero e dor. Charmiane pressentiu que ultrapassara os limites de um mundo desconhecido, o elo místico entre irmãos gêmeos, e estremeceu diante de sua falta de percepção.

— Eu sinto muito, Noel. Vamos esquecer tudo o que foi dito e nos amarmos como antes...

Eles dormiram abraçados naquela noite e em todas as que se seguiram. A felicidade de Charmiane crescia e ela convenceu-se de que o pecado cometido em nome de um amor tão intenso seria perdoado. Não permitiria que remorsos a impedissem de se entregar à paixão.

Mas a culpa não podia ser esquecida e nem mesmo abafada durante todo o verão que se oferecia para dois apaixonados. Os dias estavam quentes e eles se amavam à sombra das árvores, sobre a relva macia e nos recantos protegidos do imenso jardim do castelo. Nas noites cálidas, esperavam pelo silêncio da casa e redescobriam novas dimensões do prazer entre os lençóis de cetim que brilhavam à luz das velas.

E quanto maior a felicidade de Charmiane, mais difícil era aplacar sua consciência. Estava desrespeitando todos os concertos de moral, cometendo um pecado pela lei de Deus e um crime pela dos homens. Vivia atormentada pelo medo de que os criados descobrissem o relacionamento entre ela e Noel. Se alguém desconfiasse, certamente contaria tudo a Adam e esse homem, incapaz de controlar seus instintos brutais, poderia até matar o próprio irmão.

Mas havia mais um problema, talvez o mais entristecedor, para sombrear a felicidade de Charmiane. Aparentemente, Noel não fora afetado pelo mesmo sentimento de culpa que a atormentava. O adultério provocava-lhe apenas indiferença e essa irresponsabilidade o diminuía como homem e o aniquilava como irmão.

Na verdade, ele ficava mais inconsequente e ousado com o passar dos dias. Segurava a mão de Charmiane sob a mesa enquanto os criados serviam o jantar e tocava-lhe os cabelos durante os concertos de piano. Até que, uma noite, puxou-a para dentro da biblioteca a fim de beijá-la e Bazaine estava sentado à escrivaninha.

— Eu irei ao seu encontro no terraço dentro de poucos minutos, Noel — disse Charmiane depois de empurrá-lo. — Preciso falar com Bazaine.

Ela não conseguiu encarar o velho secretário de Adam e assim não viu o sorriso malicioso rapidamente disfarçado.

— Gostaria que você esquecesse essa cena, Bazaine. Foi um beijo amigável... fraternal, na verdade. Seria muito desagradável se o conde soubesse e desconfiasse de intenções inexistentes. Concorde comigo?

— Sem dúvida alguma, madame. Eu não vi nada.

Aquele incidente perturbou Charmiane mais do que ela poderia imaginar.

A noite, quando Noel a tomou nos braços, não conseguiu, como sempre, esquecer-se da culpa para entregar-se ao amor.

— O mundo fica tão distante quando estamos juntos. Como você consegue realizar esse milagre, querida?

Sufocando um soluço, Charmiane soltou-se dos braços de Noel. — Só você foi beneficiado por esse milagre...

— O que está acontecendo, Charmiane?

— Eu olho para o seu rosto e vejo o dele, é o mesmo rosto! Henri transformou meu primeiro casamento num inferno, mas eu nunca o traí! Tento me convencer de que Adam já não vive e sou livre para amar você, livre para me entregar ao irmão do meu marido e não sentir remorsos. Então, admito que estou enganando a mim mesma...

Ele aproximou-se de Charmiane, que permanecia imóvel diante da janela do quarto.

— Você quer que eu vá embora de Bonneval?

— Logo os criados começarão a comentar e depois contarão tudo a Adam... com malícia venenosa!

— E você se importaria se Adam soubesse...

— Da minha traição? Da minha infidelidade?

— Responda a minha pergunta, Charmiane — a voz dele refletia uma urgência inexplicável. — Ainda sente algo por Adam, apesar de todos os crimes dele?

— Não! Se ele estivesse morto, eu só me sentiria feliz, muito feliz! Entretanto, eu traí a minha honra, fui infiel aos juramentos que fiz diante de Deus.

— E se Adam realmente estivesse morto e você fosse livre para me amar?

— Ainda assim me sentiria culpada, a minha consciência continuaria intranquiila.

— E se ele estiver vivo... você teria coragem de me seguir mesmo sem a bênção da igreja ou proteção das leis?

Charmiane virou-se para Noel, chocada com a pergunta. Se ele aprendera a conhecê-la naquelas semanas de completa comunhão física e espiritual, devia saber a resposta.

— Por favor, responda, Charmiane! Como será a sua vida, se meu irmão não tiver morrido?

— Terei de me resignar a ser sua esposa. Só peço que Deus me ajude a enfrentar esse calvário!

— E o amor?

— Continuarei amando você, Noel. Para sempre.

— Até se descobrir que não sou perfeito e talvez tenha tantos defeitos

quanto Adam?

— Isso é impossível!

— Se Adam voltar... — hesitante, ele tentava tomar uma decisão difícil — ...e lhe pedir perdão, tratar você com o respeito que merece e mostrar-lhe o lado mais suave de seu temperamento? Conseguiria viver em paz e talvez... amá-lo?

— Nunca o amarei, mas, se Adam me tratar com respeito e afeição, acho que poderemos viver em harmonia.

— E então o amor surgiria! — exclamou ele.

— Noel! Por que você quer tanto que eu ame Adam?

— Porque a sua consciência jamais deixaria de atormentá-la. Você não consegue amar plenamente, sentindo-se culpada. Se der uma chance a Adam, talvez o ame e seja feliz.

— Oh, meu Deus! — soluçou Charmiane, desesperada. — Como você pode ser tão nobre?

— Sou apenas covarde, amor — murmurou ele, tomando-a novamente nos braços. — Eu partirei amanhã e não escreverei cartas nem tentarei vê-la de novo.

Eles nunca tinham se amado com tanta intensidade. Era a celebração de um amor e uma despedida final.

— Tem tudo do que precisa, monsieur?

— Não posso sair carregado de malas ou pensarão que estou roubando meu irmão, o conde! — Adam vestiu o casaco que Fouche lhe estendia. — Passarei uma semana em minha casa de Paris para encomendar novos uniformes e...

— Por favor, monsieur Le Comte! Leve-me com o senhor!

— Não posso, Fouche. Fique com Bazaine para impedir que alguém descubra o meu segredo. Estou indo para um lugar de que você não gostaria.

— Reuni seus papéis, monsieur — Bazaine entregou uma pasta a Adam. — O que pretende fazer agora?

— Devo apresentar-me ao marechal Berthier em Dresden no dia 15 de julho. Se o armistício perdurar...

O sorriso otimista de Adam era uma tentativa vã de disfarçar a angústia e Bazaine sabia demais para acreditar numa possível paz.

Após as batalhas de Lutzen e Bautzen, vitórias que haviam custado vidas demais, fora declarada uma trégua. O imperador e Metternich, o embaixador austríaco, ainda continuavam discutindo os termos da paz. A França teria de devolver Lorraine e alguns outros territórios ocupados ou então a Áustria se uniria à Rússia e à Prússia contra os franceses.

Adam recebera cartas de vários oficiais que formavam o Estado-Maior do imperador e todos eles, inclusive Berthier, tinham implorado a Napoleão que aceitasse os termos de Metternich. Mas ele insistia, como durante toda a sua

carreira militar, em vencer apenas mais uma batalha decisiva para que os inimigos fossem mais condescendentes em relação ao tratado de paz. Uma vitória obtida com um exército de crianças sem treino?

O armistício era um erro que o jovem general Bonaparte jamais teria cometido. Ou ele provocaria essa batalha decisiva ou aceitaria a paz pois a trégua estava permitindo que a Áustria se preparasse para a guerra. Rumores ainda mais inquietantes começavam a se espalhar pela França: o comandante inglês Wellington teria vencido Joseph Bonaparte — irmão de Napoleão e rei da Espanha — e agora queria conquistar o solo francês!

— Quando acha que vai voltar, monsieur?

— Não tenho idéia, Bazaine. Talvez meses...

— E madame de Montcalvo?

— Ela prefere que eu nunca retorne a Bonneval... Os jovens têm um código de honra muito rígido, são implacáveis!

Adam pensou no rigor de Charmiane, que dividia seus sentimentos apenas em amor e ódio. Ele não era mais capaz de ter emoções tão definidas. Sentia-se feliz, porque sua esposa não se entregara ao adultério como tantas outras mulheres que traíam os maridos com a consciência tranquila. Ao mesmo tempo, culpava-se por tê-la seduzido sem honestidade, assumindo a personalidade de Noel.

Mas, sem o saber, Charmiane lhe pagara na mesma moeda, destruindo a noite mágica e os momentos de paixão que haviam partilhado no jardim das Tulhérias. Seus sentimentos estavam confusos e sentia-se ofendido em sua masculinidade, enquanto percebia a ironia amarga de todo o seu problema. Ela o odiava tanto que reinterpreta o nascimento de um amor e o transformara em um ato de fria sexualidade.

— Por que não lhe conta tudo antes de partir, monsieur?

— Não posso, Bazaine. A dor pela morte do irmão ainda é muito recente. Armand morreu há quatro meses e ela não se recuperou da dor. Um Adam mais sensível retornará ao lar, então...

— Ainda acho que deveria contar tudo!

— Provavelmente tem razão, mas não posso! E quero que você prometa não dizer nada, Bazaine. Só se eu morrer.

— Peço-lhe desculpas, senhor, mas... é um covarde.

— Pensa que eu não sei, velho amigo? Falta-me coragem, mas tenho a sua lealdade. Jure, Bazaine!

Ele disse adeus a Charmiane no terraço, diante de todos os criados e de Prosper que, nos últimos dias, o seguira como um cãozinho devotado ao dono. Foi uma despedida formal, sem beijos ou promessas, mas ele decidira evitar um sofrimento maior para Charmiane.

— Não fique tão triste, querida — murmurou ele, ao notar as lágrimas brilhando nos olhos verdes que amava. — Se eu sobreviver a esta guerra, prometo-lhe uma vida de felicidade. Mas, se eu não voltar... lembre-se apenas

de nosso amor. Nada mais importa.

CAPITULO XVI

A casa comprada por Bertrand de Domfort com o dinheiro dos brincos de esmeraldas ficava perto de Pontoise e à mesma distância de Bonneval e de Paris. Durante o verão e o outono, Charmiane mentira a Bazaine, dizendo que ia visitar tante Sophie e, depois de afastar-se do castelo, dirigia-se para oeste.

— Eu não o entendo, Bertrand! O dinheiro que eu lhe trago nunca é suficiente. Não posso pedir mais a Bazaine sem explicações embaraçosas. — Charmiane andava pela saleta da casa, tremendo de frio. — Será que você não pode pôr mais lenha nessa lareira?

— Está perdendo a coragem, Charmiane? — Ele chutou raivosamente as achas junto à lareira. — Você já me perguntou dezenas de vezes por que as prensas pararam, mas nunca perdeu seu precioso tempo para pensar no motivo! É preciso comprar papel, tinta, aquecer esta casa miserável e, enquanto eu e Georges nos esforçamos para não desperdiçar nenhum centavo, você vive como uma rainha!

— E os outros aristocratas? Não pode conseguir que eles também contribuam?

— Antes do Natal? — Ele deu uma gargalhada cínica. — A França está arruinada graças ao maldito Tirano e suas guerras infernais. Nem todos têm um marido que roubou milhões em diamantes, minha cara! Como pode se queixar?

— Estou apenas dizendo que é difícil...

— Por que não dá essa desculpa esfarrapada a seu irmão assassinado por um monstro sanguinário? Ou o infeliz Gaston, marcado com um ferro em brasa e deportado para a Guiana? — Ele olhou para o clarim suspenso sobre a lareira. — Ou ao pobre Jean-Pierre?

— Por que guarda esse instrumento? Eu fico tão angustiada quando me lembro daquele garoto!

— Desculpe-me, querida. Estou sendo cruel com você sem pensar em seu estado!

Bertrand colocou o braço sobre os ombros de Charmiane para conduzi-la até o sofá.

— Esqueça o passado, minha adorada. Lembre-se apenas do que poderemos fazer para salvar a França do Tirano. Pense em seu filho que vai nascer e terá o direito à sua herança legítima, os títulos de Chevrillon e de Viollet.

— Tentarei conseguir mais dinheiro com Bazaine — ela suspirou, arrependida por ter censurado Bertrand. — Enquanto isso, terminarei o próximo artigo da Espada de Fogo. Se não puder vir pessoalmente entregá-lo, colocarei em uma das cartas de tante Sophie ainda antes do Natal.

Charmiane parou de falar quando Prosper entrou na sala e, com sua

mímica expressiva, apressou-a a partir. A tarde de dezembro esfriara muito e nuvens carregadas cobriam o céu. Vestindo a capa de peles, ela despediu-se de Bertrand sem mencionar que provavelmente não voltaria àquela casa antes de o bebê nascer. Também não visitaria Sophie, porque, nos últimos meses, Paris perdera seu encanto.

Durante todo o verão, a situação política se agravara. Napoleão tinha recusado o tratado de paz oferecido pela Áustria e o imperador Francisco José declarara guerra à França. A batalha de Dresden no fim de agosto fora a última vitória do exército de Bonaparte. Em Leipzig, no início de outubro, os aliados derrotaram os franceses e as províncias de Holanda, do Norte da Itália e Confederação do Reno declararam sua independência.

Napoleão conduziu os remanescentes de seu glorioso exército de volta à pátria em novembro. A França estava exaurida. Mesmo assim o imperador convocara o Corpo Legislativo, o Senado e o Conselho de Estado, pedindo novos sacrifícios ao país. Ele queria um exército de trezentos mil homens e, segundo os frequentadores do salão tante Sophie, o Tirano não conseguiria nem cinquenta mil. Aquele monstro perdera quase um milhão de soldados em apenas quinze meses. Quem teria coragem de se alistar?

Paris se transformara em um circo fúnebre. A Marselhesa, que fora proibida durante tantos anos, era novamente tocada para despertar o fervor patriótico dos franceses que dançavam nas ruas em festas oferecidas pelo imperador. No Palácio das Tulherias, porém, o ambiente assemelhava-se ao de um velório.

Bazaine soubera, através de seus amigos influentes, que Mettemich voltara a oferecer a paz em novembro. A França teria de voltar a seus limites naturais entre o Reno, os Alpes e os Pirineus, mas Napoleão hesitara e a oferta fora retirada. A notícia se espalhara por Paris e as manifestações contra o recrutamento e impostos para pagar os custos de uma trágica guerra aumentavam dia a dia. O imperador ainda era ovacionado quando cruzava a cidade, mas já se ouviam muitos que ousavam gritar pelo "legítimo" Luís XVIII e pedir o fim da tirania do Usurpador. A restauração da monarquia, o sonho dos aristocratas do Antigo Regime, estava mais próxima do que nunca.

Charmiane sentia-se orgulhosa por ter participado, através de seus apelos no *La Voix* de uma luta justa, mas, frequentemente, se preocupava com a sua situação.

— O que acontecerá conosco se o imperador for destronado, Prosper?

Ela já não acreditava que Prosper pudesse entendê-la. Há muito tempo, tinha desistido das aulas que dava ao garoto, porque os resultados eram desanimadores. Entretanto, gostava de falar com ele e vê-lo sorrir com devoção.

— Continuarei sendo a condessa de Montcalvo ou recuperarei meu título de Marquesa de Viollet? Ou quem sabe serei apenas madame Bouchard. — Ela deu uma gargalhada. — Mas a que Bouchard chamarei de marido, Prosper?

O rosto do garoto refletiu um medo incontável e Charmiane segurou-lhe a mão para tranquilizá-lo.

— Eu também gosto de um e detesto o outro, como você, mas ainda não me livre de meu marido!

Bazaine a informara que Adam fora promovido a general dos Dragões Imperiais e, por ser parte do Estado-Maior do marechal Berthier, não participara de nenhuma batalha durante o outono e o inverno. As últimas notícias que ele enviara a seu secretário tinham vindo da Alemanha.

— Talvez eu force meu marido a conceder-me o divórcio para que eu possa casar-me com seu irmão. Você gostaria muito disso, Prosper, mas não sei se Noel ficaria feliz!

Também através de Bazaine, Charmiane ficara sabendo que seu amor estava vivo e fora promovido a tenente. Tinha chorado de alegria ao saber que ele sobrevivera à terrível batalha de Leipzig. Então, uma epidemia de tifo se alastrara entre os soldados, matando milhares de homens, mas o encantador Noel novamente se salvara. Uma jovem alsaciana o levava para a própria casa, tirando-o de um hospital sujo onde a doença reclamava vítimas diárias.

Charmiane tentou não sentir ciúmes. Ela não tinha nenhum direito ao amor de Noel. A despedida fora definitiva e se encerrara um lindo momento de sua vida. Ele jamais saberia que lhe dera o mais precioso dos presentes, um filho!

Que explicações daria a Adam se ele voltasse inesperadamente? Pelos seus cálculos, o bebê nasceria em março, portanto não poderia ser um fruto daquela noite de violência. Mas todos em Bonneval acreditavam que madame de Mont-calvo estivesse no início do nono mês de gravidez e não pouco antes do sétimo. Se o seu marido só retornasse a Bonneval após o nascimento da criança, seria possível enganá-lo. Confessaria a verdade a Bazaine e lhe pediria que alterasse a data do nascimento para preservar a amizade entre os dois irmãos.

As mentiras se acumulavam e Charmiane tentava abafar a voz de sua consciência. Também lutava contra a dor de ter perdido seu único amor. Ela pedira que Noel fosse embora de Bonneval porque não lhe restava outra saída. Adam jamais lhe concederia o divórcio, mas, se um milagre acontecesse, não sabia se poderia refazer a sua vida.

Tinha se apaixonado por um homem que amava acima de tudo a liberdade. Por um breve espaço de tempo, Noel lhe permitira entrever seu lado responsável sempre oculto sob uma máscara de alegre inconsequência, mas a distância a ajudara a compreendê-lo melhor. Ele não era o tipo de homem que se conforma às restrições do casamento nem mesmo por amor a um filho.

Após muitas noites em claro, Charmiane concluiu que era melhor continuar casada com Adam. Talvez algum dia, apesar de seu ódio, conseguisse suportá-lo e viver em paz com o marido para dar um lar feliz ao filho. Afinal, aquela criança teria nas veias o sangue de um Bouchard!

Toda a confiança de Charmiane em suas resoluções desapareceu no instante em que chegou a Bonneval. Uma imponente carruagem estava parada no pátio principal, rodeada por cavalos com selas militares. O senhor do castelo voltara ao lar!

Charmiane viu o pânico de Prosper e sentiu como ele o desejo de fugir e esconder-se em seu quarto. Infelizmente, ela podia dispensar o garoto dessa obrigação penosa, mas seria obrigada a enfrentar o seu dever!

Adam estava parado nos primeiros degraus da ampla escadaria, resplandecente em seu novo uniforme de general. As medalhas e os galões dourados sobressaíam sobre o tecido azul-escuro e o esplendor do marido aumentou o medo de Charmiane. Como ele podia ser tão parecido e tão diferente de Noel? O rosto duro a lembrava da ternura do homem que amava e nunca mais veria!

Na verdade, Adam estava sorrindo e, por uma fração de segundo, Charmiane não sentiu mais medo. Então notou que ele olhava para a sua barriga já perfeitamente visível e estremeceu. Aquele homem não tinha a ternura de Noel, não controlava a cólera nem a violência e não era o pai de seu filho!

— Seja bem-vindo ao lar, Adam — murmurou Charmiane, forçando-se a agir com cortesia. — Poderia ter me avisado que iria voltar para casa.

O sorriso morreu nos lábios de Adam.

— Peço-lhe desculpas por meu indesculpável esquecimento, madame. Fui designado para o Estado-Maior do general Moncey em Paris. Então senti vontade de passar as festas de fim de ano em casa e espero que a minha decisão não lhe cause nenhum problema. — Ele apontou para o jovem oficial que se postara ao seu lado. — Permita-me apresentá-la ao tenente Aulard, o meu ajudante-de-ordens. Eu gostaria que ele permanecesse em Bonneval por um dia ou dois. Será possível?

— Mas é claro! — respondeu Charmiane, surpresa com a atitude obsequiosa de Adam. — É um prazer recebê-lo, tenente. Imagino que meu marido já tenha pedido para prepararem seus aposentos, por isso o verei novamente na hora do jantar... às seis em ponto.

Na verdade, Charmiane sentia-se aliviada com a presença do jovem Aulard, certa de que uma terceira pessoa à mesa do jantar diminuiria a tensão. Quem sabe Adam se portaria como um ser humano normal?

— Prosper? — Ela chamou o garoto, percebendo o terror com que fitava Adam. — Não...

— Mande-o embora, madame — interrompeu Adam contrariado. — Detesto que me olhem como se eu fosse um monstro.

— Vá pedir a Antoinette que prepare meu vestido de veludo verde, Prosper querido.

— Antoinette? — Adam não disfarçou a expressão de surpresa. — Pensei que Bâzaïne tivesse designado Yvonne para ser sua criada de quarto.

— Eu a despedi há meses — respondeu Charmiane, sem demonstrar seu medo. — Ela era insolente demais e não sabia acatar uma ordem sem discutir.

Inexplicavelmente, Adam divertiu-se com a atitude da esposa e sorriu, satisfeito.

— Está vendo, tenente? Tenho uma esposa muito decidida e independente. Que outras decisões tomou durante minha ausência, madame?

— Tenho certeza de que já sabe de todos os detalhes — respondeu ela, com amargura. — O seu espião Bazaine não lhe conta tudo o que acontece nesta casa?

— Nem tudo. — Ele olhou novamente para a barriga de Charmiane e sorriu, encantado. — Bazaine mencionou uma carruagem nova com cavalos combinando e a reforma de seus aposentos.

Charmiane engoliu em seco. Ela fora excessivamente extravagante e perdulária, mas tivera seus motivos. Depois da partida de Noel, os quartos na ala leste tinham ficado melancólicos demais, cheios de lembranças tristes. A sua gravidez impediria que Adam exigisse seus direitos conjugais, portanto não haveria perigo de retornar aos seus aposentos mais amplos, em frente aos do marido.

Depois de uma semana, Charmiane já não suportava a decoração opressiva nem os tons gritantes do verde escolhido por Bazaine. Ela levava meses e gastara uma verdadeira fortuna para reformar a suíte e decorá-la de acordo com o seu estilo refinado, mas valera a pena. Agora tinha chegado a hora de pagar o preço de sua extravagância!

— Eu sempre detestei a decoração de meus aposentos e... Bazaine não tem culpa, é claro. Ele não poderia adivinhar qual era o meu estilo e deu-me toda a liberdade para reformar e redecorar o ambiente onde passo a maior parte dos meus dias.

— Não há necessidade de justificar-se, madame. O importante é que agora tudo esteja a seu gosto.

Sem dúvida, Adam estava disposto a tratá-la com cortesia, mas Charmiane decidiu refugiar-se em seus aposentos enquanto ele demonstrava boa vontade. Só Deus saberia quando aquele homem sem controle se cansaria de fingir-se de bem-educado! Com toda a rapidez que seu corpo pesado permitia, ela fugiu para o quarto.

O tenente Aulard foi o único que se divertiu durante o jantar. Ele estava há muito tempo em um acampamento militar e não escondia sua felicidade por encontrar-se em um ambiente refinado e comer bem. Nem sequer notou a tensão entre Charmiane e Adam.

Ela mal conseguia disfarçar a hostilidade em relação ao marido, embora Adam estivesse se esforçando ao máximo para ser gentil e manter a conversa animada. Introduzia novos tópicos quando um assunto perdia o interesse e, apesar de artificial, um sorriso bem-humorado permaneceu em seus lábios durante o início da refeição.

Infelizmente, ela sabia que o marido apenas se mostrava cortês, porque sua gravidez o alegrava e não considerava válidos esses esforços interesseiros. Como Adam reagiria se descobrisse que o filho era de Noel? O sentimento de culpa aumentava a rispidez de Charmiane, que respondia com secura e irritação às perguntas.

— Você fica muito bem de verde, Charmiane. — Ele a fitava com uma expressão de curiosidade. — Por que não está usando os brincos que lhe dei? Não combinam?

A hesitação de Charmiane durou apenas uma fração de segundo. Ela se preparara durante muito tempo para aquela mentira!

— Não sei onde os guardei. — Ela sorriu para Aulard. — Quer que lhe sirvam mais vinho, tenente?

— Não sabe? — resmungou Adam, tenso.

— Eu não estava muito bem na noite em que você me deu os brincos. — Criando coragem, ela o fitou com um olhar de inocência. — Talvez tenha até jogado fora! Você se lembra daquela noite?

Adam empalideceu e ela não disfarçou um sorriso de triunfo ao vê-lo lutar para controlar a raiva.

— Então terei de dar-lhe um outro par.

— Não acha que sou a mais afortunada das esposas, tenente Aulard? — Ela sorriu faceira para o jovem. — Meu marido oferece-me jóias com uma generosidade rara! Sinto-me adulada como uma cortesã da corte de Luís XV, que recebe brilhantes sem par por seus favores.

Charmiane riu, sem desviar os olhos de Aulard, mas, quando o jovem tenente se distraiu, olhou para o marido. Para sua surpresa, Adam não revelava nem mesmo raiva em sua expressão controlada. Subitamente percebeu que poderia provocá-lo à vontade sem nenhum perigo. Ele não pretendia aterrorizá-la para redimir-se pelo comportamento reprovável do passado ou porque seu ajudante-de-ordens estava presente? A certeza de que ficaria impune provocou-lhe uma inebriante sensação de poder e, com sorriso de falsa alegria, ofendeu-o com observações sempre mais venenosas.

Aparentemente derrotado pelos comentários ferinos de Charmiane, Adam desistiu de conversar e permaneceu calado até o final do jantar. Mas quando se retiraram para o salão de música para tomarem os licores e o café, ele ainda tentou mais uma vez.

— Não gostaria de passar alguns dias em Paris, Charmiane? Ouvi dizer que a ópera está excepcionalmente boa nesta temporada de inverno.

— Pelo amor de Deus, não me peça isso! No momento, Paris me deprime demais, está insuportável! Sinto-me mal entre tantos... — Ela moderou sua agressividade para não fazer um papel antipático diante de Aulard, mas Adam a compreenderia. — ...tantos novos aristocratas tremendo de medo de perder suas posições de destaque caso Bonaparte seja realmente deposto.

Em vez de enfrentá-la, Adam tentou desviar o assunto.

— Por falar em Paris... soube que tem ido até lá sem nenhuma escolta.

— Sempre na companhia de Prosper.

— Ele é apenas uma criança.

— E eu vou apenas à casa de tante Sophie. Procuo evitar os bairros

perigosos como você... pediu. — Certa de que a presença de Aulard conteria a violência de Adam, ela decidiu desafiá-lo abertamente. — Tem alguma objeção às visitas familiares?

— Só acho pouco prudente, em vista de seu estado.

— Que absurdo! O bebê ainda demorará me... semanas até nascer! — Ela virou o rosto para esconder o rubor provocado por um descuido quase fatal e o sentimento de culpa aumentou sua agressividade. — Talvez queira me fornecer uma escolta militar, general.

— Espero, sinceramente, que a situação não chegue a esse ponto.

— Então continuarei a passear sozinha! Charmiane sentia-se a vencedora de uma árdua batalha, mas, quando Aulard se retirou, ela não conseguiu fugir para o quarto. Estava começando a subir as escadas quando Adam a segurou pelo braço.

— Sente-se feliz destilando tanto veneno, Charmiane? Adam a fitava sem raiva e a semelhança entre ele e Noel naquele momento descontrolou Charmiane.

— E você? Sente-se feliz sabendo que é um assassino, um tirano e um animal que deseja apenas satisfazer sua luxúria?

— Oh, meu Deus! — Ele suspirou, desanimado. — É uma batalha sem esperança de vitória.

— Então estou dispensada, general Bouchárd?

— Maldita teimosia! — Adam tomou-a nos braços.

Ela estremeceu ao perceber o desejo no olhar de Adam. Entretanto, seu marido também estava inseguro, talvez com medo de uma reação histérica de sua parte e hesitava em beijá-la.

Os dois se fitaram em silêncio por alguns segundos e então Adam a afastou, finalmente derrotado. Charmiane não perdeu tempo em subir as escadas e correr para a segurança de seu quarto. Só então percebeu que o tremor de suas mãos e a estranha sensação de perigo excitante não tinham sido provocadas pelo medo. Era desejo e, embora fosse penoso admitir, queria que ele a tivesse beijado!

Com a partida de Aulard, logo após o Natal, Adam transformou-se novamente no homem retraído e de poucas palavras que Charmiane conhecia tão bem. Ela passava os dias à espera de uma inevitável explosão, principalmente quando Antoinette contou-lhe que os criados não tinham perdido tempo em relatar os detalhes da prolongada estadia de Noel em Bonneval.

— Qual foi a reação do conde quando soube, Antoinette?

— Nada boa, madame. Especialmente quando lhe disseram que a senhora o tratou com muito... calor.

— Oh, meu Deus! E como... ele reagiu a esses comentários maldosos? — perguntou Charmiane, à beira do pânico.

— Ele ficou muito bravo e defendeu sua honra, madame. Proibiu que se fizessem insinuações ofensivas a seu respeito.

A reação de Adam só aumentava o sentimento de culpa de Charmiane. Se ao menos ele a enfrentasse com a verdade! Seria mais fácil suportar sua raiva do que a acusação silenciosa.

O frio aumentava muito e, como Prosper ficou doente, Charmiane passava os dias em seu apartamento, tentando terminar o artigo que prometera a Bertrand. Como trabalhar com Adam em casa? Só agora avaliava a liberdade em que vivera enquanto ele estivera ausente.

Adam já não era o mesmo homem violento e de cólera fácil que a aterrorizara na primavera. Estava muito mais gentil e quase terno, mas, mesmo assim, Charmiane se surpreendera obedecendo-o com a costumeira submissão. Ela esperava, como quando fora casada com Henri, pelo momento em que o marido perderia a paciência e usaria seu corpo para desabafar sua fúria. Sem dúvida alguma essa benevolência incomum não passava de uma fase que logo chegaria ao fim. Afinal, já conhecia o monstro que se escondia sob a aparência disciplinada e fria!

— Pode me receber esta manhã, Charmiane? Assustada, ela viu Adam parado à porta da saleta e, com um gesto rápido guardou o artigo da Espada de Fogo, ainda incompleto, em uma pasta de couro que ficava sempre sobre uma escrivaninha.

— É claro... entre.

— Eu queria ver a nova decoração de sua suíte. Adam parou no meio da saleta que não guardava nenhum vestígio do estilo anterior. Charmiane usara vários tons de azul para transformar seus aposentos em um ambiente romântico e aconchegante. Paredes e cortinas mais claras contrastavam com o teto, recoberto por um drapeado de seda que evocava o exotismo de uma tenda oriental. O sofá fora colocado em um nicho em frente à lareira e o tapete, branco com desenho de delicados miosótis, cobria todo o chão.

No quarto se repetia o mesmo requinte do estilo leve com móveis em branco e dourado e apenas a cortina que rodeava o amplo leito tinha bordados. O motivo escolhido havia sido a flor de lis, o lírio estilizado que simbolizava a monarquia dos Bourbon.

— Está lindo e cumprimento-a por seu extremo bom gosto — disse Adam quando retornaram à saleta. — Só tenho dúvidas quanto à sua escolha das flores de lis...

— É o símbolo da minha França! Pensou que tivesse se casado com uma republicana e não uma monarquista?

— Tive esperanças de que minha esposa fosse simplesmente realista.— Respirando fundo, Adam mudou de assunto para evitar uma discussão inútil. — Está escrevendo para sua tia? Pergunte-lhe se precisa de mais dinheiro.

— Minha... tia? Em pânico, Charmiane desviou os olhos da folha de papel que aparecia entre as dobras da pasta. — É... é claro... perguntarei.

A perturbação de Charmiane alertou Adam que, com um gesto rápido,

retirou o papel da pasta.

— Não! Não pode...

— Por acaso está falando mal de seu marido para sua tia?

Ignorando os protestos de Charmiane, Adam leu o artigo que ela escrevera. Com muito esforço, ele controlou a fúria e, de punhos cerrados e olhos faiscantes de raiva, devolveu-lhe o papel incriminador.

— Você escreveu essa imundície?

— S-sim... — murmurou ela, descontrolada pelo pânico.

— A Espada de Fogo? Toda Paris comenta o tom vitriólico desse escritor que trabalha para um jornal subversivo! E é você?

— Depois de Armand, eu... — A lembrança do idealismo do irmão renovou seu desejo de luta. — Ele era a Espada de Fogo antes de ser assassinado pelo monstro com quem me casei.

— Deus do céu! Você perdeu completamente o juízo. — Tirando o papel das mãos de Charmiane, ele leu em voz alta, — O déspota que usurpou o trono da França condena as jovens de nossas famílias a se tornarem prostitutas para conseguir um pedaço de pão. Não posso acreditar que você tenha escrito essas palavras chocantes! É... é uma loucura, você não podia...

— Por que não? Quanto antes a corja que rodeia o Usurpador for afastada, melhor será a vida na França! Todos viverão mais felizes!

— Felizes? E por acaso você sabe como se vivia no Antigo Regime? Tem alguma informação real ou se baseia nas idéias românticas, mas falsas, que sua família lhe transmitiu? Era uma sociedade corrupta onde só os nobres podiam comer! Além disso, já se passaram vinte anos e, mesmo que fosse possível voltar atrás, a França não aceitaria o retorno das antigas e injustas instituições.

— Você não aceitaria, é claro! As suas palavras refletem apenas a defesa de seus interesses particulares! Afinal, perderá tudo, até o último centavo roubado de pobres inocentes, quando a legítima monarquia for restaurada. Mas nós, os verdadeiros aristocratas, poderemos viver em paz, recuperar o nosso lugar na sociedade.

— Meu Deus! Os parasitas do Faubourg Saint-Germain conseguiram envenenar você com suas idéias distorcidas! Por acaso, esqueceu-se de que agora é madame de Montcalvo e pertence à classe que quer destruir?

— Eu tenho sangue azul, meu caro conde de opereta! Adam lutava desesperadamente para não perder o controle diante das ofensas de Charmiane.

— Por quê? O que a levou a cometer essa loucura?

— Por causa de Armand e do amor que ele perdeu para os malditos revolucionários. — Charmiane tocou o anel que pertencera ao irmão. — Talvez seja um tributo que os vivos devem oferecer aos mortos.

— Eu sempre me esqueço de que você é jovem e inocente demais! —

suspirou Adam, inconformado. — Quando começou a escrever esses artigos? Depois da morte de Armand?

— Não... comecei após sua partida em abril.

— Compreendo. — Ele deu uma risada amarga. — Então não foi a morte de seu irmão que provocou essa atitude de represália e sim a violação de seu corpo por um marido que só pensava no próprio prazer. É assim que as mulheres reagem? E quem a ajudou a assumir o papel de vingadora da monarquia? Aquele canalha de cabelos brancos que se dizia amigo de Armand?

— Bertrand de Domfort sabe respeitar o valor dos sentimentos nobres! Foi sempre um amigo leal, um aliado e... — Ela hesitou, mas disposta a enfrentar Adam, não escondeu mais nada. — E também o meu colaborador!

— Agora entendo seus misteriosos passeios de carruagem só com Prosper! É claro que você aproveitava a falta de um acompanhante responsável para visitar seus cúmplices! Em Paris, acertei?

— Não. Bertrand tem uma casa no campo.

— E comprou-a com que dinheiro? Pelo que sei, Domfort não tem um centavo, apesar de ser muito hábil para conquistar as pessoas certas! Você o ajudou? — Segurando o pulso de Charmiane, ele a fitou friamente. — Com os diabos! Estou perdendo a paciência! Ajudou-o ou não?

— Sim! Dei-lhe muito dinheiro, e também os brincos de esmeraldas! — Ela sorriu venenosamente. — E agora? Vai me espancar ou... forçar-me a suportar a mesma violência a que já me submeteu neste quarto?

Adam afastou-se. Exasperado, tentou convencê-la com argumentos racionais.

— Será que você ainda não entendeu? Existe uma diferença muito grande entre fazer comentários perigosos no salão de sua tia e publicar artigos que serão considerados traição ao imperador.

— Está com medo que o escândalo arruine sua brilhante carreira militar, general Bouchard?

— Pelo amor de Deus, não seja tão idiota, Charmiane! O imperador tem espiões por toda parte para fiscalizar a venda de papel e tinta e assim evitar qualquer publicação subversiva clandestina. Se descobrissem suas atividades, você poderia ter sido fuzilada! Ainda acha que esse problema é apenas uma mesquinha briga conjugal?

O tom de voz de Adam, tratando-a como se não passasse de uma criança incapaz de raciocínio, enfureceu Charmiane. Seu marido era um homem egoísta que só pensava em seus próprios interesses enquanto ela se dedicava a uma causa, lutava por um ideal!

— Você jamais compreenderá a nobreza do idealismo!

— E não tenho a menor intenção de compreender! Como você se recusa até mesmo a ouvir argumentos sensatos, serei obrigado a lhe dar ordens...

— Como a um de seus soldados?

— Não! Como a uma criança teimosa e sem juízo. Foi você quem pediu esse tipo de tratamento, não se esqueça disso! Agradeça a Deus pelo seu estado, madame. Não sei se eu resistiria à necessidade de dar-lhe umas boas palmadas se não estivesse grávida. Mas vamos ao que interessa... proíbo-a de manter qualquer contato com aquele canalha de cabelos brancos a não ser no salão de sua tia. Também não deve dar-lhe nem mais um centavo. Esqueça a Espada de Fogo, pare de escrever seus artigos e destrua todos os papéis que possam fornecer evidências concretas sobre sua participação em um jornal subversivo.

— Devo também permanecer prisioneira em meu quarto? Ou concedo-me o direito de passear apenas dentro dos limites de Bonneval?

— Tem toda a liberdade para ir a qualquer lugar, madame. Mas lembre-se apenas de comportar-se com sensatez. Acho que agora entendeu o sentido dessa palavra, não?

Sem esperar por uma resposta, Adam saiu, batendo a porta. Também enfurecida, Charmiane jogou uma estatueta preciosa na parede, sentindo-se mais calma ao vê-la despedaçar-se de encontro à parede. Ele reduzira seu idealismo a uma rebeldia infantil, como se a morte de Armand e a violação de seu corpo fossem atos de menor importância. Mas Noel a ensinara a se defender, a pensar no dever que tinha para consigo mesma!

Charmiane chamou pela criada, mas já estava pronta para sair quando Antoinette entrou no quarto.

— Peça para prepararem minha carruagem, Antoinette, Depois....

— Mas Prosper está doente, madame. Ele não poderá acompanhá-la como sempre.

— Eu vou sair sozinha! — explodiu Charmiane, nervosa demais para perder tempo em discussões desnecessárias. — Sei que Prosper não poderá sair, em especial num dia tão frio, mas sou perfeitamente capaz de dirigir a carruagem sem a ajuda dele. Apresse-se, Antoinette!

Assim que a criada saiu do quarto, Charmiane correu para o armário e retirou a caixa de marfim e ébano onde guardava suas jóias. Retirando o colar de brilhante, ela colocou-o sobre a escrivaninha e, com a faca de abrir cartas, forçou os encaixes de platina até soltar uma das pedras.

Com um sorriso triunfante, preparou-se para sair do castelo sem que Adam a visse. A oratória inflamada da Espada de Fogo não seria mais ouvida, porque a sua voz fora emudecida por uma força contra a qual não poderia lutar. Entretanto, a bandeira seria levada por outros idealistas, e a causa do Bem triunfaria... com sua ajuda!

Bertrand de Domfort preparava-se para almoçar quando Charmiane chegou. Como ela não comera nada antes de sair às pressas de Bonneval, aceitou o convite para partilhar uma refeição improvisada e tardia. Ao sentar-se à mesa, colocou o magnífico brilhante sobre a toalha.

— Charmiane! Você é a criatura mais generosa que existe na face da terra. Armand lhe agradece por esse gesto de desprendimento!

— Gostaria de fazer muito mais pela nossa causa, Bertrand. Direi a Adam que um dos brilhantes soltou-se do colar e eu o perdi.

Charmiane estava envolvida demais em seus próprios problemas para notar o brilho de ganância nos olhos de Bertrand. Como o avisaria que não podia mais continuar colaborando no jornal? Sentia vergonha de dizer que não ousava desafiar Adam e escrever o artigo da Espada de Fogo!

No final da refeição, Charmiane levantou-se da mesa e foi até a sala onde ficava a impressora. Há vários meses Bertrand não lhe pedia mais artigos e, se visse qual deles iria ser publicado, teria uma oportunidade de abordar aquele assunto delicado. Então, ao abrir a porta, não conteve uma exclamação de surpresa.

— Céus! Onde estão as prensas, Bertrand?

— Eu as vendi — respondeu ele, sem perder a calma. — Porque a situação estava ficando muito perigosa. Além disso, se o Tirano cair, como prevemos, teremos assuntos mais importantes para decidir. Disse isso a Georges há meses!

— Meses? — Ela lembrou-se de que há muito tempo não ouvia o barulho das prensas. — Quando parou de imprimir o jornal?

— Em outubro.

— Mas... você continuou me pedindo dinheiro. — Charmiane revoltou-se. — Tenho lhe entregado quantias enormes todas as semanas!

— E eu as empreguei para restabelecer a posição adequada a um Domfort. Quando o legítimo monarca subir ao trono, quero ocupar o meu lugar de direito e será mais fácil recuperar meu título se eu possuir alguma propriedade.

— Eu não acredito! Entreguei-lhe uma verdadeira fortuna! Quando Bertrand sorriu, Charmiane lembrou-se de que custara muito a simpatizar com ele, pressentindo sempre algo sinistro atrás da máscara de melancólica cortesia.

— Realmente, tenho de agradecer a sua generosidade. Você me ajudou a comprar uma bela casa em Paris e a mobiliá-la com muito requinte.

— Você me usou! Foi ganância e não idealismo que motivou seus pedidos de dinheiro!

— Sempre soube que eu era um homem ambicioso, minha cara. Por que não cuidar também de meus próprios interesses? La Voix cumpriu sua parte, fornecendo-me fundos e contatos preciosos com a aristocracia do Faubourg Saint-Germain.

Completamente descontrolada, Charmiane sentou-se em uma das cadeiras da sala. Tudo estava ficando muito claro em sua mente!

— Você queria casar-se comigo. Eu também tinha uma parte a cumprir em suas ambições? Era o título de Henri?

— Eu a desejei desde que a vi. O título e as terras de seu marido seriam um benefício suplementar.

— E por que não procurou uma outra mulher com bastante dinheiro depois que me casei com Adam??

— Ele é um soldado. A guerra acabaria transformando você em uma viúva muito, muito rica!

— Maldito! — Charmiane não continha a fúria. — Devolva-me o brilhante! Agora!

— Acho que não atenderei ao seu gracioso pedido, minha cara. Gostaria que seu marido soubesse de suas atividades?

— Está desperdiçando seu fôlego, canalha! Ele já sabe de tudo.

— Ah! O mundo ainda ignora a realidade! Posso espalhar em Paris que a esposa do general Bouchard escrevia para um jornal clandestino e é uma traidora!

— Eu me arriscarei. — Levantando-se da cadeira, Charmiane começou a vestir o casaco. — Não há nada que ligue a minha pessoa à Espada de Fogo. Você não tem provas.

— E você não vai sair daqui! — gritou ele, empurrando-a de volta à cadeira. — Quero o resto do colar!

— Não seja idiota!

— Pois eu acho que o idiota do seu marido me entregará qualquer jóia para ter a preciosa esposa de volta! Ele é um homem de honra e esse tipo é fácil de enganar.

Subitamente, Charmiane percebeu a gravidade de sua situação. — Meu Deus! Você vai me matar, não é? Tão logo receba o colar? — Diante da confirmação de Bertrand, ela cobriu o rosto com as mãos. — Como pude ser tão cega? Você me usou e talvez também o pobre Armand...

— Seu irmão era um fraco — disse Bertrand com uma expressão de desprezo. — Ele foi ficando cada dia mais difícil de suportar! Eu precisava fornecer-lhe mercúrio para reanimar seu corpo podre e impedir que sua insensatez arruinasse o meu trabalho.

— Mas... você era amigo de Armand!

— Até que ele perdesse a utilidade para mim! Eu conheci você, não precisava mais de Armand.

— Deus me ajude — murmurou Charmiane, paralisada pelo horror. — Você não tem consciência nem moral. E pode me dizer por que vendeu sua alma ao diabo?

— Para assumir o meu lugar de Domfort! — Os olhos de Bertrand refletiam uma crueldade infinita. — Todos os malditos me negaram esse direito, mas agora o nome será meu! E o título também! Como deveria ter sido sempre, se Deus fosse realmente justo.

— O nome? — exclamou Charmiane, perplexa. — Mas você é um Domfort! Armand contou-me várias vezes a história de sua família. Todos foram guilhotinados menos você...

— Eu não passava de um bastardo. O filho de uma criada que, por piedade, foi criado com o herdeiro dos Domfort. Sempre desprezado, sempre humilhado. Só me tornei igual a eles quando me levaram, junto com a família, para a Conciergerie. Todos fomos condenados e eu os vi partir da prisão exultando de alegria.

— Mas você escapou da condenação?

— Fiquei amigo de um carcereiro que perdeu os meus papéis quando lhe prometi metade das jóias enterradas por meu pai antes de ser preso pelos revolucionários. Saí da Conciergerie com os cabelos completamente brancos e as pessoas me chamaram de Bertrand, embora dissessem que o sofrimento marcara muito o meu rosto. Então pedi a renovação de meus documentos como Bertrand de Domfort. Ninguém, nem mesmo quem tinha convivido com meu irmão, jamais desconfiou do embuste. E nunca o farão! O dinheiro e o disfarce mais perfeito de todos e, com a fortuna que obterei através da venda de seu magnífico colar, abrirei todas as portas e recuperarei meu título de barão!

— Você é monstruoso! Eu vou...

Antes que Charmiane terminasse de falar, Bertrand forçou-a a sentar-se e amarrou-lhe firmemente os braços atrás do espaldar da cadeira. Então, vestiu seu sobretudo e sorriu para ela com uma maldade que lhe provocou calafrios.

— Vou até Paris, minha querida Charmiane. Preciso vender o seu brilhante e encontrar um intermediário que irá abordar o seu marido para receber o colar.

— E depois voltará para me matar, não é?! — Ela tentou atingi-lo com os pés. — Covarde!

— Não imediatamente — murmurou Bertrand com um sorriso de volúpia. — Prometi a mim mesmo que, algum dia, eu a possuiria, e sou um homem muito paciente. Esperei vinte anos para recuperar o nome que me pertence por direito e dois para satisfazer meus desejos em seu corpo, minha bela aristocrata. Posso aguardar mais duas ou três horas. Voltarei só à noite... aproveite para pensar em tudo o que farei quando a tiver, finalmente, às minhas ordens!

CAPÍTULO XVII

parado à janela da biblioteca, Adam observava as nuvens escuras cobrindo o céu, certo de que haveria uma forte nevasca ainda naquela noite. Ele só esperava que as estradas não ficassem bloqueadas porque precisava urgentemente ir a Paris. Tinha de descobrir tudo o que fosse possível sobre o jornal *La Voix*. Guiada por um falso idealismo, Charmiane colocara em perigo a própria vida e a do filho.

O seu filho. Uma criança concebida no ódio, em uma noite de violência. Era compreensível que Charmiane não tivesse revelado nada a ninguém, nem mesmo a "Noel", embora certamente não mais ignorasse seu estado. Bazaine

também não lhe contara a novidade em suas cartas minuciosas sob o pretexto de que a notícia o deixaria preocupado, pois ambos sabiam os riscos de uma gravidez indesejada e infeliz.

E ele provocara novamente a infelicidade de Charmiane, apesar de ter jurado a si mesmo que a trataria com ternura. Dera-lhe ordens autoritárias, aumentara o medo e o ódio que ainda não haviam desaparecido e até ameaçara puni-la como o brutal Henri!

Mas a culpa não era apenas sua! Quando assumira a personalidade de "Noel", Charmiane o enfrentara, defendendo os próprios pontos de vista sem recuar. Por que, como sua esposa, ela se limitava à obediência servil ou à rebeldia irracional de uma criança? Ele compreendia aquele idealismo juvenil, ainda que mal orientado, mas perdera o controle diante das agressões e do ódio.

— Quer que o jantar seja servido, senhor?

A entrada do criado trouxe Adam de volta à realidade. Em breve, ele e Charmiane se sentariam à mesa do jantar e precisaria se preparar para esse encontro.

— Peça a Antoinette que venha falar comigo.

Como seria bom se Noel estivesse ao seu lado para aconselhá-lo! Ele se alistara com apenas dezessete anos e foi privado dos suaves contatos femininos, não aprendera a conviver nem a compreender as mulheres. Suas experiências amorosas se limitavam a encontros furtivos com garotas do vilarejo, a centenas de prostitutas sem nome e algumas esposas ousadas que aproveitavam a ausência dos maridos para aliviar seu tédio conjugal com um jovem soldado. O amor nunca existira em seus relacionamentos e não sabia demonstrar suas emoções mais íntimas. Algum dia conseguiria contar a verdade a Charmiane?

— Queria falar comigo, senhor?

— Sim, Antoinette. — Ele mal disfarçava o constrangimento. — A condessa passou uma tarde... agradável?

— Mas... pensei que o senhor soubesse. Madame saiu.

— Agora?

— Saiu pouco antes do meio-dia. Foi em sua carruagem, mas não levou Prosper como sempre, e, não sei...

— Com os diabos! — Adam logo pressentiu que Charmiane tivesse ido ao encontro de Domfort apesar de sua proibição. — Que teimosia irresponsável! Onde ela costuma ir quando sai em sua carruagem?

— A condessa sempre diz que vai a Paris, senhor. Só que... — Antoinette hesitou, mas, controlando o medo, arriscou-se a prosseguir — Madame deixou o colar de brilhantes sobre a escrivaninha e... acho que o senhor precisa saber. Notei a falta de uma das pedras e tenho certeza absoluta de que a jóia estava em perfeitas condições quando a guardei na caixa ontem à noite.

Adam praguejou baixinho. Já não restavam dúvidas de que Charmiane

fora ao encontro de Domfort para dar-lhe o brilhante. E quem, além dela, sabia onde ficava a casa daquele canalha?

Prosper! Sem perder um segundo, Adam correu para o alojamento dos criados e encontrou-o enrolado em um cobertor diante da lareira. O garoto empalideceu de medo, mas ele não tinha tempo para tranquilizá-lo.

— Ouça-me com atenção, garoto. — Ele tentou falar com suavidade. — Sei que tem medo de mim, mas gosta de sua senhora e de meu irmão Noel...

Adam não se conformava com aquela situação absurda! Seria obrigado a perder tempo, implorando a amizade de um garoto que o seguira como uma sombra, porque não sabia quem ele era!

— Por favor, ajude-me! A sua senhora saiu de carruagem. — Prosper o fitava com uma expressão de espanto. — Exatamente, garoto. Ela saiu sozinha e penso que foi visitar o sr. de Domfort, mas não deveria se afastar de casa desacompanhada em seu estado. Compreende o que quero dizer?

Diante do aceno afirmativo de Prosper, Adam prosseguiu:

— Preciso que me aponte num mapa o lugar onde fica essa casa.

Ao notar a expressão desconsolada do garoto, Adam quase entrou em pânico.

— Meu Deus! Esqueci-me de que você não sabe ler! Bem... então teremos de procurar uma outra solução. Coloque roupas bem quentes e venha comigo para indicar-me o caminho! Eu o espero nas cocheiras!

A tarde chegava ao fim quando Prosper finalmente foi ao encontro de Adam, sorrindo e com um papel na mão. O garoto desenhara, com rabiscos toscos, algo semelhante a uma ponte.

Após inúmeras tentativas frustradas, Adam já estava prestes a perder a paciência e as esperanças.

— O nome é semelhante a ponte? Pode ser Pontievre ou... Pontoise! E claro! Essa aldeia fica a poucos quilômetros daqui! — Adam colocou o garoto sobre a sela. — Vamos, Prosper! Você jamais se esquecerá deste passeio!

Embora tivesse prometido a si mesmo que não perderia a calma, a raiva de Adam foi crescendo. Imaginava Charmiane rindo ao contar para Domfort o seu gesto de desafio e sentia vontade de dar-lhe uma boa surra. Aquela irresponsável recusava-se a compreender que cometera um ato de traição ao governo e, por falta de juízo, poderia ser condenada à morte!

Então Prosper puxou-o pelo braço e apontou uma casa, rodeada por pinheiros e... completamente às escuras! A raiva deu lugar a um pânico descontrolado quando o garoto, que descera sozinho do cavalo, mostrou-lhe a carruagem de Charmiane. Os dois entraram e então ele a viu. Pálida, com uma expressão de medo e amarrada a uma cadeira!

— Graças a Deus! — murmurou Adam, esquecendo-se de que ela agira com total irresponsabilidade. — Graças a Deus, você está bem, Charmiane!

Charmiane não queria pensar nem no frio cortante nem na inexplicável dor nas costas que começara a perturbá-la no fim daquela tarde de angústia.

Ainda se passariam mais de duas horas até que ela chegasse ao conforto e à proteção de Bonneval.

Tinham começado a voltar há cerca de meia hora e Adam, dirigindo a carruagem, mantinha um silêncio inquietante. Charmiane se surpreendera com a ternura dele ao desamarrá-la e depois carregá-la para fora daquela casa. Ficara ainda mais surpresa com a suavidade da censura.

— Se fosse um pouquinho mais ajuizada, não teria passado por esta situação desagradável.

Charmiane também não esperara que Adam tivesse uma reação tão branda ao saber da traição de Domfort.

— Ele que fique com o diamante e com seu título de barão. Só posso sentir pena de um homem que é capaz de tantas traições só para pertencer à aristocracia. Além disso, se eu denunciar o roubo, estarei implicando você, Charmiane.

— Então... — ela mal podia acreditar na inesperada generosidade de Adam. — Não vai matá-lo?

— Para quê? Eu só criaria mais um mártir pelo qual você passaria o resto da vida chorando.

O comentário de Adam levava Charmiane a pensar na morte do irmão e nas estranhas palavras de Bertrand. Agora finalmente criara coragem de romper o silêncio e fazer a pergunta que a atormentava.

— Por que uma pessoa toma mercúrio, Adam?

— Para a sífilis. Sabe o que é?

— Sim, é claro. E... o mercúrio é um remédio eficaz?

— Não existe cura para essa doença. O mercúrio ajuda se não for tomado em excesso.

— Nesse caso o que acontece?

— A cura se torna pior do que a doença. Vi muitos soldados com os terríveis efeitos de uma intoxicação por mercúrio. Os sintomas são dores de cabeça incessantes, tremores, crises súbitas de raiva ou lágrimas incontroláveis. Homens adultos choram como crianças por motivos banais, tremem durante horas a fio, falam constantemente da própria morte; é uma espécie de loucura que vai, aos poucos, tomando conta dos infelizes. Como pode perceber, é um remédio perigoso demais.

Angustiada, Charmiane lembrou-se das estranhas atitudes de seu irmão nos últimos meses antes de sua morte. Não havia dúvidas de que Armand chorava muito e por motivos insignificantes, queixava-se de dores de cabeça, de tremores nas mãos e tinha raivas súbitas e inexplicáveis. Mas estaria começando a enlouquecer? Era triste demais para ser verdade!

Subitamente, a carruagem inclinou-se, quase derrubando Charmiane e Prosper do banco. Adam desceu para verificar o que acontecera e, quando retornou, seu rosto refletia preocupação.

— A roda da frente quebrou. Acho melhor prosseguirmos a cavalo. Você irá com Prosper no meu, Charmiane. Eu não preciso de sela.

Charmiane hesitou antes de responder. Já dera trabalho demais a Adam, mas...

— Não posso. Estou com muito frio e... — Ela colocou as mãos sobre a barriga. — Comecei a sentir uma dor estranha.

— Devem ser as dores do parto.

— Impossível! É cedo demais...

Se ela estivesse realmente entrando em trabalho de parto, o bebê não sobreviveria. Ainda não completara sete meses de gravidez mas teria de manter esse segredo. Não poderia dividir sua angústia com Adam!

Ele não perdera tempo em procurar auxílio pelas redondezas e dez minutos depois retornou com boas notícias.

— Encontrei a cabana de um lenhador perto daqui. Ele concordou em levar Prosper em meu cavalo até Bonneval e avisará Bazaine sobre nosso acidente. Pedi que nos enviem um coche para você terminar a viagem confortavelmente.

Charmiane já não controlava os tremores e a dor aumentara demais para ser o efeito das horas que ficara amarrada na cadeira — E se eles não voltarem em tempo?

— É por isso que estou ficando com você, Charmiane. As meninas que acompanham o exército quase sempre escolhem o final das batalhas para terem seus filhos. Como os médicos estão ocupados com os feridos, eu já trouxe muitas crianças ao mundo.

Adam carregou Charmiane até a cabana escondida entre as árvores e acomodou-a no leito rústico no canto do único aposento. Depois de dar instruções e algumas moedas de ouro para o lenhador, esperou que ele saísse com Prosper, e acendeu a lareira.

— Como está se sentindo?

— Talvez seja apenas uma indisposição causada por má alimentação e...

— E talvez não. — Ele colocou as mãos sobre a barriga de Charmiane e sorriu. — E melhor preparar-se para ter seu filho, mamãe.

Charmiane lutou contra o impulso de revelar a verdade a Adam. Ela se sentiria muito mais reconfortada se aquele homem calmo também soubesse que o bebê era prematuro e a ajudasse a superar a angústia.

— Adam... eu...

— Não tenha medo, Charmiane, Prosper e o lenhador deverão chegar em Bonneval por volta da meia-noite, portanto o coche virá nos buscar em tempo. Você estará confortavelmente instalada em sua cama bem antes deste pequeno Bouchard nascer.

Mas o tempo passava e as dores pioraram. O vento aumentara de intensidade, ecoando dentro da cabana de pedra com um uivo sinistro.

Charmiane estava exausta mas não conseguia dormir embora Adam massageasse suas costas e procurasse acalmá-la. A meia-noite, a nevasca começou e os dois souberam que o coche não chegaria em tempo.

— Fale comigo, Adam — murmurou ela, apavorada com um parto prematuro em uma cabana isolada. — Ajuda a passar o tempo.

— Sobre o que você quer conversar?

— Como... Armand morreu?

— Eu gostaria de poder contar-lhe, mas... — Ele desviou o olhar, amargurado. — Não consigo lembrar-me daquela noite com muita nitidez. Tinha bebido muito.

— Como em todas as outras noites!

— Você nunca me perdoará, Charmiane? — Adam a fitou com um olhar esperançoso. — Não... posso ver a resposta em seu rosto. Mas de nada adiantará discutirmos esse assunto justamente agora, não é? Quanto à morte de seu irmão, só posso contar-lhe o que me lembro. Ele veio brigar comigo. Decidiu que o dinheiro enviado a sua tia ofendia o orgulho dos Chevrillon.

— Mas Armand devia estar contente por Sophie!

Então Charmiane relembrou as atitudes irracionais do irmão e sua crescente amargura contra os nobres do novo império que haviam lhe roubado uma vida de privilégios, um amor de juventude e sua posição de destaque na sociedade.

— Sempre achei que Domfort tinha algo a ver com o estado de espírito de Armand. Ele incitava seu irmão a brigar comigo enquanto eu tentava acalmá-lo. Pedi-lhe para esquecer tudo, por sua causa, Charmiane.

Adam parou por alguns segundos, esforçando-se para lembrar os detalhes.

— Não sei como tudo começou, mas de repente, estávamos ambos com as espadas desembainhadas. Eu recuava, batendo de encontro aos móveis, tentando evitar um duelo. Armand avançava, praguejando contra mim. Quanto a Domfort... não posso lhe dizer se ficou preocupado ou muito satisfeito.

Agora Charmiane reconhecia que não percebera a ganância perigosa de Bertrand e cometera graves erros de avaliação.

— Qualquer desenlace deixaria Bertrand satisfeito. Ele usou a morte de Armand para me atormentar e assim conseguir que eu me sentisse culpada e lhe desse mais dinheiro. Se Armand matasse você, eu seria uma viúva muito rica e, possivelmente a futura madame de Domfort. Oh, Deus! Como pude ser tão cega tão idiota?

— Não se torture, Charmiane. — Adam sentou-se ao lado dela e tomou-a carinhosamente nos braços. — Esqueça tudo.

Com a cabeça encostada no peito de Adam, Charmiane chorou por alguns minutos, até que uma dor mais violenta obrigou-a a curvar o corpo. Quando o espasmo passou, ela voltou a sorrir para o marido.

— Sinto muito, mas não consigo lembrar se matei Armand. Tentei evitar que ele me atingisse... talvez tenha sido um acidente. Se ao menos eu não estivesse tão embriagado!

— Você acha que foi um acidente, Adam?

— Não sei! — Adam estava angustiado. — Tenho certeza de que não queria matá-lo, mas desembainhei minha espada, lutei com Armand. Foi um confronto desigual, porque, além de mais fraco, seu irmão não controlava as emoções. Ele devia ter ido embora... e talvez ainda estivesse vivo.

— Ou talvez estivesse... louco... — murmurou Charmiane, recomeçando a chorar. — Bertrand contou-me que Armand tomava grandes doses de mercúrio.

Charmiane tocou o rosto de Adam num pedido de desculpas. Embora seu marido tivesse cometido muitos erros, merecia mais compreensão.

— Eu sinto muito, Adam. Fui... — Ela interrompeu-se, sentindo um líquido morno escorrer entre as pernas. — Oh, meu Deus!

— Agora tudo irá mais depressa, Charmiane.

Já não havia mais intervalo entre as dores, sempre mais fortes. Charmiane ouvia a voz de Adam pedindo-lhe que ajudasse o parto e fizesse força para expelir o bebê. Ela perdeu a noção de tudo, a não ser das reações de seu corpo, que seguia um processo sem retorno.

— Faça um pouco mais de força, Charmiane. O bebê está nascendo!

Então, a voz excitada de Adam se transformou num murmúrio angustiado. Erguendo a cabeça, Charmiane olhou para o rosto que sorria até poucos minutos atrás e agora estava pálido e transtornado. Ela fechou os olhos para não ver o filho que acabara de nascer.

— Ele... está morto, não é?

Em silêncio, Adam cobriu o pequeno corpinho com uma toalha e, quando voltou a falar, sua voz fria e autoritária era a do general Bouchard e não do homem afetuoso que reconfortara Charmiane durante o parto.

— Não há nada a ser feito, e eu o enterrarei quando a nevasca amainar. Agora precisamos cuidar de você.

Exausta demais até para sofrer, Charmiane deixou que Adam cuidasse dela. Não sentia dor nem tristeza e nem mesmo remorsos por saber que ele choraria pela morte do filho de Noel.

A dor e o frio acordaram Charmiane. O corpo se contraía, voltando ao normal, e ela não pôde continuar dormindo. Então notou a porta entreaberta e a sala vazia. O vento estaca gelado e ela levantou-se com dificuldade, para fechar a porta. Apoiando-se no batente, viu que o dia já raiara.

A neve parara de cair, mas o céu continuava coberto de nuvens escuras. Em uma colina próxima à cabana, Adam terminava de cobrir a pequena sepultura do bebê. Subitamente, ele jogou a enxada de encontro a um pinheiro e seus soluços desesperados ecoaram no silêncio da manhã.

Charmiane começou a tremer convulsivamente sentindo a força do sofrimento e da raiva de Adam. Ele sabia! Então lembrou-se de que, nos últimos momentos do parto, gritara o nome de Noel. Seu marido já ajudara muitas outras mães e não se enganaria com o tamanho de um bebê. Com certeza, tinha feito as contas e descobrira que aquela criança não podia ser sua!

A raiva de Adam trazia de volta o sofrimento e o amor daquela noite de humilhação e violência mas o desespero dele angustiava Charmiane. Desta vez ela era culpada e não podia esquecer-se de seu pecado. Seria fácil esquecer as dores físicas do parto, mas continuaria, pelo resto da sua vida, sofrendo por ter enganado o marido.

— Oh, meu Deus — murmurou ela, desesperada. — O que fizemos, Noel? Que crime cometemos em nome do amor!

Então ele virou-se e a viu parada à porta. Sua expressão revelava uma dor tão intensa que Charmiane sentiu o chão fugir sob seus pés. Nada do que Adam tivesse feito era tão grave quanto a sua infidelidade. Mesmo sendo um marido colérico e violento, não merecia uma esposa adúltera e um irmão sem escrúpulos de traí-lo!

Tudo girou em torno de Charmiane e ela mergulhou no mundo das trevas e do esquecimento.

— Seus papéis, madamel

O soldado, muito jovem, batia os pés sobre a neve para afastar o frio enquanto Charmiane procurava os documentos na bolsa.

— Que horror! Desde quando as portas de Paris estão sendo guardadas pelo exército?

— Há mais de três semanas, madame. É a guerra...

Charmiane assustou-se. Ninguém ignorava que os inimigos da França tinham cruzado o Reno em dezembro e já estavam em solo francês. Entretanto, Napoleão partira de Paris há uma semana, no dia 25 de janeiro, com um novo exército e deixara o povo tranquilo quanto à segurança da cidade.

— Paris está em perigo?

— Não, enquanto a Guarda Nacional defender as portas de nossa cidade. Seus papéis estão em ordem, pode entrar em Paris!

Charmiane logo se esqueceu dos problemas causados por uma guerra interminável e pensou na tia. Ela não a via há muito tempo, iria visitá-la em seu novo apartamento. Agora casada, Sophie, condessa de Auvergne, recebia, pela primeira vez, em seu salão na Rue de Varenne.

Essa visita preocupava Charmiane. Sophie lhe escrevera uma carta extremamente insensível após a morte do bebê. Não só culpava a sobrinha por falta de cuidado durante a gravidez, mas também insinuara que seria ótimo se ela perdesse também o marido e pudesse casar-se, pela terceira vez, com alguém mais digno, com um verdadeiro aristocrata.

Na verdade, Charmiane sentia que já perdera o segundo marido. Os dois estavam cada dia mais distantes e, nas raras ocasiões em que se encontravam, desentendiam-se a respeito de tudo. Ela não conseguia abafar a voz de sua consciência e a presença do marido renovava o sentimento de culpa; assim, preferia evitá-lo. Aquele homem precisava de alegria e animação para afastar a tristeza pela morte do filho.

Pela primeira vez na vida, Charmiane podia receber convidados em sua própria casa. Ela abriu as portas de Bonneval à aristocracia local e, infelizmente, continuou a achar os convidados tão entediantes quanto no jantar de seu casamento. Mas, ao menos, o movimento a impedia de pensar no bebê que Adam enterrara em uma colina coberta de neve há menos de um mês. Ela falava demais, ria demais e nada afastava a tristeza nem secava as lágrimas que molhavam seu travesseiro todas as noites.

Adam se enfurecia com a sua necessidade de distrair-se oferecendo festas frívolas e pouco adequadas a um país prestes a ser invadido. Ele chegara inesperadamente em Bonneval por mais de uma vez e a encontrara rodeada por convidados que consumiam inacreditáveis quantidades de champanhe. Com uma expressão de desgosto no rosto sempre sério, seu marido se refugiava na biblioteca, de onde saía apenas quando a tranquilidade voltava a reinar. Charmiane tentava convencer-se de que esse constante mau humor devia-se à gravidade da guerra, mas, no fundo, admitia sua culpa. Ela era uma esposa infiel que tivera um filho... o filho de seu irmão!

— Estamos na Rue de Varenne, madame. — Daraud abria a porta da carruagem. — Virei buscar a senhora às quatro da tarde, como me pediu.

O novo marido de tante Sophie era um dos muitos aristocratas do Antigo Regime que conseguiram se infiltrar na nova sociedade do império e, além de recuperar o título, conseguira um alto posto administrativo. Charmiane o conheceu ainda na Rue de La Planche, mas surpreendeu-se com o luxo do apartamento do conde de Auvergne. A tia estava radiante entre pinturas clássicas, estátuas preciosas e porcelanas antigas.

Depois de cumprimentar Sophie e seu novo marido, Charmiane circulou entre os convidados e em menos de dez minutos sentiu-se profundamente desanimada. Por não ter nunca frequentado a sociedade, não notara o tédio e a arrogância indolente daqueles aristocratas. Eles não eram diferentes dos plebeus que Armand tanto desprezara, e ela recebia em Bonneval. Pelo menos, essa "nova" sociedade conseguira seus títulos por merecimento e trabalho!

Quando a conversa se voltou para a política, ela começou a sentir raiva. Realmente arriscava a sua vida para defender esses parasitas? Eles tinham fugido da França com suas fortunas sem se preocupar com os reis que haviam ficado nas mãos dos revolucionários. Agora continuavam a se manter longe de qualquer perigo e, enquanto esperavam pela queda de Napoleão, deixavam que homens como Adam morressem para defendê-los!

— Monsieur de Talleyrand disse que o fim está próximo — declarou Sophie, com um sorriso de satisfação.

— É verdade — acrescentou um gordo marquês que não tirava os olhos de uma jovem criada de cabelos loiros. — Os simpatizantes dos Bourbon

começaram a se manifestar nas províncias e monsieur de Talleyrand já mandou essa notícia ao nosso rei no exílio.

— Viva Luís XVIII — murmurou um outro homem com a mesma expressão de indolência arrogante. — Agora só precisamos esperar que as forças aliadas cheguem para libertar Paris do exército do Usurpador. Ah! Monsieur Le Baron. Venha comemorar conosco.

Tensa, Charmiane acompanhou a entrada de Domfort no salão. Ele conseguira recuperar o título e, a julgar por sua expressão complacente, não temia ser denunciado por roubo!

— Charmiane querida! — murmurou ele, com um sorriso amável. — Você está linda, como sempre! Eu fico feliz por vê-la na casa de sua tia, pois queria dar-lhe condolências por sua trágica perda.

Ela olhou para o homem que pretendia matá-la, cuja frieza brutal provocara a morte de seu filho, e não conteve a raiva.

— Bastardo! — sussurrou ela para que ninguém mais a ouvisse. — A sua hipocrisia me revolta! O meu marido é mais generoso do que eu porque o deixou viver. Como eu gostaria de matá-lo...

— Acho melhor guardar as energias para defender a sua própria vida, madame... de Montcalvo. Casou-se com um plebeu sem direito ao título que usa quando podia ter o meu ou o de Henri.

Sophie ouviu apenas a última frase pronunciada por Domfort e aproximou-se com uma expressão belicosa.

— Não entendo por que você não reclamou o título e as propriedades de Henri, Charmiane. É um crime permitir que os Troche continuem ricos! Eu conheci aquele criado servil e também a filha dele... uma criatura sem moral!

Charmiane lembrou-se de que Adam lhe falara sobre a família Troche. Ele dissera que mereciam ficar com o dinheiro de Henri, em especial, a filha!

— Conheceu-a tão bem assim, tante Sophie?

— Lógico que não, Charmiane chérie! Mas Eugène jogava cartas com Henri antes da Revolução e presenciou cenas horríveis. Essa criatura imoral desgraçou sua família e teve um filho bastardo. Como se não bastasse a vergonha, a criança nasceu deformada e a infeliz disse que o pai era Henri! Nosso pobre amigo foi obrigado a expulsá-la de suas terras, porque ela vivia pedindo-lhe dinheiro!

— Mas... é uma desumanidade!

— Enlouqueceu, Charmiane? Henri mostrou-se extremamente bondoso ao limitar o castigo à simples expulsão de suas terras! Ele podia tê-la enviado para a prisão por calúnia ou condenar essa prostituta a ser chicoteada na praça da aldeia. Os aristocratas sempre mantiveram o privilégio de representar a Lei em suas propriedades.

Charmiane só não foi embora imediatamente porque Darnaud não viria buscá-la antes das quatro horas e não queria ir para a casa de íle de Saint-Louis, onde poderia encontrar o marido. Mas começou a compreender Adam e

admitiu que ele não errara em deixar a fortuna de Henri com a família Troche nem em considerar o Antigo Regime imoral e corrupto.

Ela ouvira apenas um lado da história, a lenda de uma vida de encanto e lazer que os deuses haviam oferecido apenas a alguns privilegiados. Agora reconhecia que alguém pagava com trabalho e sangue pelo ócio dos aristocratas. Pessoas como Adam, Noel e Troche gastavam suas forças para que egoístas e parasitas pudessem sobreviver!

Quando Charmiane finalmente entrou na carruagem para retornar a Bonneval, chorou a perda de mais uma ilusão. Sophie não passava de uma mulher interesseira e superficial, Bertrand demonstrara ser inescrupuloso e cruel. Até seu pobre irmão fora um homem amargo e deformado pelo ódio e pela doença. Por romantismo ou talvez ingenuidade, ficara cega à realidade e criara heróis onde existiam apenas seres humanos sem moral.

Só Deus era justo e punira seu adultério, tirando-lhe o filho concebido num amor pecaminoso!

Charmiane também via Adam com outros olhos. Tinha inúmeras qualidades e quanto mais o conhecia intimamente, mais cresciam suas dúvidas sobre a morte de Armand. Fora precipitada ao julgá-lo, recusara-se sequer a admitir a possibilidade de que ele estivesse certo em suas atitudes. Infelizmente, era tarde para arrepender-se!

Ela o traía e Adam jamais a perdoaria! Além disso, ainda amava Noel, sonhara com aquele verão idílico quando descobrira o homem que lhe escrevera cartas comoventes e era um amante apaixonado. Como poderia viver com o marido depois de ter saboreado uma paixão inigualável?

Tomando uma decisão súbita, Charmiane bateu no teto para chamar Darnaud.

— Já passamos a porta de La Villete?

— Não, madame. Ainda estamos em Montmartre.

— Então pare na igreja mais próxima, por favor. Eu preciso rezar.

A igreja estava deserta, mas Adam queria ficar a sós com Deus e seus pensamentos. Saía de casa com roupas civis, para evitar que mulheres desesperadas lhe perguntassem quando o inimigo entraria em Paris, e caminhara para longe do centro em busca do isolamento.

Ele encostou a cabeça no pilar de pedra às suas costas, esgotado demais até para se ajoelhar. O trabalho não terminava nunca. Reuniões, mensagens de urgência, inspeção de tropas e sempre a luta incessante para multiplicar suprimentos insuficientes e recrutar soldados inexistentes. Mas ao menos a exaustão terminara definitivamente com seus terríveis pesadelos. Não lhe restavam energias nem para sonhar.

O aniversário dele e de Noel seria na próxima semana e também não tivera tempo nem coragem para escrever uma carta que refletiria seu desalento. No dia 11 de fevereiro fariam trinta e um anos e só Deus sabia se um dos dois sobreviveria àquela maldita guerra para completar mais um ano de vida.

— Deus te proteja, irmão — murmurou ele finalmente se ajoelhando. — Que a sua vida seja longa.

Noel viera a Paris de licença e eles haviam jantado juntos. Um encontro como tantos outros ou o adeus final? Os dois tinham lembrado os dias despreocupados da infância, as aventuras da adolescência e lutado para não demonstrar uma emoção que ambos preferiam guardar em seus íntimos. Onde estaria seu irmão? Noel partira para a Alemanha junto com o exército reunido pelo imperador para enfrentar o inimigo. Um bando de soldados com uniformes gastos, onde se misturavam veteranos aleijados, guardas florestais e jovens recrutas amedrontados e sem treinamento. Mas, ao menos, ele iria lutar sob o comando de oficiais brilhantes e de Bonaparte, que ainda era o mais brilhante estrategista da Europa.

E ele teria de ficar em Paris! Recebera ordens para comandar a Guarda Nacional e orientar a fortificação e a defesa da cidade e dos arredores caso o inimigo varasse as fronteiras francesas. Seu comandante seria Joseph Bonaparte, que acabara de perder o trono da Espanha e não tinha o gênio militar de seu irmão, o imperador. Esse homem ineficiente e preguiçoso fora derrotado facilmente por Wellington e Napoleão o encarregara de defender a França!

Adam reconhecia a competência de seu superior imediato, o marechal Moncey, mas faltavam-lhes soldados. Tinham apenas um punhado de garotos que mal sabiam empunhar uma arma, enquanto, diariamente, se fuzilavam veteranos desertores.

O imperador previa o fim muito próximo. Ele se despedira dos oficiais da Guarda Nacional no pátio do Palácio das Tulherias sem notar que a neve caía sem cessar. Adam se chocara com desespero do homem que conquistara a Europa e já não conseguia mais falar em esperança de glória ou em patriotismo. A guerra arrasara a França e o último golpe seria dado quando os inimigos tomassem Paris.

E não havia ninguém para aconselhar Napoleão, para convencê-lo a aceitar a oferta de paz mesmo se fosse um acordo humilhante que seria pelo bem da França. O jovem militar republicano criara um império e fora cercado por cortesões, que afastaram os fiéis e honestos conselheiros, e concordavam com tudo, enquanto pensavam apenas em salvar suas vidas.

Há muito tempo Adam já não lutava mais pelo imperador, pela França ou por uma causa. Seu idealismo morrera nas estepes geladas da Rússia. Ele era um soldado, tinha o dever de continuar lutando, mas sentia-se tão cansado, tão sem forças.

Estava exausto até para sofrer e lamentar a morte do filho. Ainda lembrava a angústia que sentira ao enterrar o fruto de um grande amor e não urna criança gerada numa noite de ódio e violência. Charmiane nem sequer suspeitava que ele soubesse a verdade sobre o filho de "Noel". E por que a sua esposa se preocuparia com esse detalhe tão banal se não chorara a perda do bebê?

A indiferença de Charmiane o ferira muito mais do que a morte de um filho ainda pequeno demais para enfrentar o mundo. Nunca a vira tão bela ou

tão alegre, participando de festas constantes e distribuindo sorrisos sedutores como se o mundo não estivesse ruindo ao redor deles.

Ele cobriu o rosto com as mãos e sentiu as lágrimas escorrerem entre seus dedos. Precisava tanto de Charmiane. Precisava tanto de um amor generoso e espontâneo, sem amargura e ódio, mentiras e duplicidades! Infelizmente, como sempre em sua vida, já não havia mais tempo. Nem para explicações, nem para conquistá-la como Adam, nem para gerar mais um filho antes de a noite chegar. O crepúsculo já descera sobre a França e só restava agora tempo para chorar.

Com a cabeça encostada nos braços cruzados, ele chorou por tudo o que perdera e pelo que jamais teria.

— Noel? — A voz era muito suave, — É você, Noel? Ele virou-se e viu Charmiane, parada à porta da igreja, com um sorriso amoroso nos lábios e os olhos cheios de lágrimas. Ele queria dizer-lhe que era Adam e a amava mais do que a própria vida. Mas faltava-lhe coragem e talvez fosse a última vez que poderia tê-la nos braços. — Sou eu, amor. O seu Noel...

Ele caminhou para a mulher que lhe abria os braços e saíram juntos da igreja no alto de uma colina de onde se via ao longe o brilho fugaz de Paris.

CAPÍTULO XVIII

Eles se beijaram no pórtico da igreja. Um beijo de reencontro, de desejo incontrolável, de intensa felicidade. Estava muito frio para conversarem na rua e seria perigoso demais irem à mansão de Adam em Paris, mas os dois não tinham coragem de romper aquele contato e desprezar o presente que o destino lhes oferecera.

— Onde poderemos ficar juntos por alguns minutos, Charmiane?

— Há uma taverna do outro lado da praça... Charmiane dispensou Darnaud pedindo-lhe que a esperasse na casa de rue de Saint-Louis e foi de mãos dadas com Noel até a pequena taverna ainda vazia. Os dois passaram os primeiros minutos em silêncio apenas se olhando com paixão.

— Pensei que nunca mais veria seus olhos me fitando com amor, Charmiane.

— Eu... eu perdi o bebê, Noel.

— Eu sei, querida.

— Oh, Noel! Era o seu filho.

Ele desviou o olhar, tentando disfarçar a emoção.

— Eu sei, Charmiane.

— Mas não sabe o quanto eu precisava de você. Preciso de seus braços me reconfortando, de seu amor para amenizar meu sofrimento, de seu carinho...

— E eu estou aqui, amor. — Ele beijou ternamente as mãos de Charmiane. — Esqueça a tristeza e sorria para mim. Também preciso ouvir

você dizer que me ama.

— Não importa o que possa acontecer com nossas vidas, Noel. Eu sempre o amarei.

Incapaz de controlar o desejo de tomar Charmiane nos braços, ele chamou o dono da taverna.

— Tem algum quarto livre?

— Por favor, Noel! — murmurou Charmiane, baixinho.

— Eu não poderia...

Como trair novamente os juramentos feitos diante de Deus? Ou será que agora ela também não queria trair o marido? Não podia enganar Adam, o homem que a tratara com uma infinita ternura naquela noite triste na cabana do lenhador. Só essa atitude afetuosa e reconfortante exigia que ela ao menos o respeitasse! — Por favor, Charmiane.

O desejo intenso nos olhos de Noel tirou as forças de Charmiane. Ela não podia ignorar a ânsia desesperada daquele olhar e talvez fosse a última vez que se encontrassem. Como resistir?

Charmiane o seguiu até o quartinho escuro no sótão da taverna. Eles se despiram sem se olhar, com a timidez de amantes que se encontram pela primeira vez, mas, quando Noel a tocou, a paixão renasceu com a mesma intensidade. O ardor de um verão de sonho voltou a envolvê-los e a arrastá-los para um êxtase arrebatador.

— Oh, Charmiane... você sempre me salva no momento em que estou prestes a desistir de tudo. Quando penso que perdi as forças e a esperança, você surge em meu caminho me oferecendo amor e me devolvendo a fé no futuro. — Ele fechou os olhos, criando coragem para dar um passo difícil — Mas... tenho algo muito importante para lhe dizer.

Ela sentou-se na cama e olhou para o homem que representava todos os seus sonhos de amor e sorriu. O rosto, embora pálido de fadiga, continuava a fasciná-la por seus traços perfeitos e uma masculinidade potente. Com sensualidade inconsciente, deslizou os dedos pelo peito musculoso e seu sorriso se ampliou quando o viu abrir os olhos.

— A vida tem sido muito triste, só com assuntos sérios e preocupantes, amor. Eu quero o meu Noel sorridente e despreocupado daquele verão de sonho. Lembra-se como os dias eram ensolarados e felizes? Leve-me de volta para o mundo mágico em que vivemos por tão pouco tempo, amor.

— Mas é muito importante, Charmiane.

— Então deixe para mais tarde. Agora quero ser de novo jovem e amada, querido.

Ele também não resistia ao desejo de amá-la e desta vez sem pressa, sem pensar no amanhã que chegaria trazendo sofrimento e talvez até a morte. Charmiane vibrou de paixão nos braços do único homem que poderia fazê-la feliz e sentiu os olhos se encherem de lágrimas quando o viu adormecer em seus braços.

Anoitecera. Só a luz do lampião da rua clareava a penumbra do pequeno quarto sobre a taverna. Então a voz alegre de alguém que se preparava para descobrir os prazeres da noite ecoou no silêncio da praça.

Charmiane entrou em pânico ao perceber que o tempo passara com tanta rapidez. Ela enlouquecera, perdera a noção do perigo. Darnaud a esperava na mansão de Adam, talvez seu marido não fosse passar a noite no quartel e também estivesse em casa! Jamais conseguiria mentir e, mesmo que tentasse, seu rosto revelaria o prazer daquela tarde, junto com a culpa e a angústia!

Soltando-se dos braços de Noel, Charmiane vestiu-se rapidamente, sem acender as velas do quarto para não despertá-lo. Não podia passar toda a noite ao lado dele. Não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Iria pedir-lhe que abandonasse Adam e ainda não criara coragem para dar esse passo.

— Adeus, meu amor.

Correndo para a rua ela procurou uma carruagem de aluguel, e, enquanto se dirigia para casa, rezava para não encontrar Adam. Se tivesse sorte, chegaria ainda nessa mesma noite a Bonneval e então precisaria encontrar um modo de viver com sua consciência.

Por que não conseguia resistir a Noel? Jamais lhe recusaria seu amor, mas agora sabia que não queria ferir Adam, porque sentia afeto pelo marido, apesar de todo o sofrimento!

A primavera finalmente chegou, depois de um inverno longo e severo. Enfraquecida pela gravidez e pelo parto, Charmiane não suportou o frio com a mesma intensidade de sempre e passou quase todo o mês de março resfriada e sem forças para sair da cama.

Mas agora o sol brilhava no céu muito azul, a saúde de Charmiane retornara e ela deveria estar feliz. Mas Bazaine a informara que Noel voltara para o campo de batalha e Adam a esperava em Paris.

A julgar pelo recado que recebera, Charmiane já podia imaginar o estado de espírito do marido. Na verdade, havia sido uma nota breve, uma ordem autoritária, escrita pelo ajudante-de-ordens de Adam, o tenente Aulard.

Madame de Montcalvo deve vir imediatamente a Paris pois o general Bouchard tem um assunto de extrema importância para discutir com a senhora.

Era importante que ela viajasse de coche e não de carruagem e na companhia de Darnaud, não apenas de Prosper, recomendara Adam.

Agora Charmiane começava a se arrepender por ter desobedecido, por pura rebeldia, a ordem do marido. Na hora de deixar Bonneval, o sol estava brilhando. Ela iria passar apenas algumas horas em Paris e, como não saía do castelo há quase dois meses, a carruagem seria o veículo ideal. Por que viajar num coche fechado e sufocante? Certamente até seu marido, sempre tão sério, entenderia seu desejo de aproveitar um dia tão lindo!

Enquanto se afastavam de Bonneval, ela começou a pensar no motivo daquela ordem imperiosa e estremeceu. O "assunto de extrema importância"

só poderia ser a sua infidelidade! Se Bazaine soubera que Noel havia voltado dos campos de batalha, talvez os dois irmãos tivessem se encontrado em Paris. Talvez Adam não ignorasse nem mesmo o encontro em Montmartre!

Ela até conseguia ver a cena. Despreocupado, Noel deixara escapar uma palavra reveladora, Adam se enfurecera e, depois de brigar com o irmão, decidira esclarecer o assunto com a esposa! Seu marido devia estar furioso e, sem dúvida, perderia o controle quando a visse chegar de carruagem.

A primeira surpresa de Charmiane ao se aproximar de Paris foi a quantidade excessiva de coches que deixavam a cidade em direção ao interior, cheias de mulheres, crianças e bagagens. Ela só não entrou em pânico porque logo percebeu que todos viajavam sem urgência. Provavelmente, os burgueses ricos estavam enviando as famílias para suas casas de campo apenas por precaução.

Então, todos os veículos foram detidos junto à porta de La Villete para dar passagem a um comboio de soldados franceses feridos que se dirigia para os hospitais de Paris. Sobre o feno sujo das carroças estavam os mutilados e moribundos e a pé, ao lado da estrada, seguiam os que ainda podiam andar. Com o coração apertado pelo desespero, Charmiane procurava e rezava para não encontrar o rosto amado naquela procissão trágica.

Só agora via com seus próprios olhos o horror da guerra. As cartas de Adam, ou melhor, de Noel, tinham lhe revelado as tragédias da batalha, mas existia uma enorme diferença entre palavras comoventes e aquela visão de horror.

Durante fevereiro e março, Napoleão obtivera vitórias importantes contra um inimigo numericamente muito superior, liderando cargas rápidas contra o exército que reunia as forças da Rússia, da Áustria e da Prússia. Em cinco dias apenas, ele venceu as batalhas de Champaubert, Montmi-rail, Château-Thierry e Vanchamps. Depois disso, enviou oito mil prisioneiros a Paris que foram expostos ao povo enquanto os canhões dos Invalides celebravam a glória do imperador. A imperatriz Marie-Louise, regente na ausência do marido, exibira as bandeiras dos que haviam sido derrotados e foi aclamada por uma multidão de franceses leais. Então era essa a glória? Um bando de soldados quase sem forças, feridos e com os uniformes esfarrapados não podia estar lutando a mesma guerra que o imperador!

A longa procissão de infelizes finalmente ultrapassou a porta de La Vilette e Charmiane pôde prosseguir. A tensão que ela esquecera diante da tragédia dos soldados daquela guerra infeliz voltou a inquietá-la no instante em que entrou no pátio da mansão da lie de Saint-Louis.

— Bom dia, condessa! — exclamou madame Fleuve, a governanta, recebendo-a com um sorriso. — Trouxe muita bagagem? Devo preparar seus aposentos?

— Muito obrigada, mas ainda não sei por quanto tempo ficarei em Paris. Talvez volte hoje mesmo...

Entregando o casaco à governanta, Charmiane correu para a biblioteca pois fora informada que Adam a esperava. Tremendo de ansiedade e medo, ela

entrou na sala.

Então viu que Adam a fitava sem raiva e suspirou aliviada. Ele tinha uma aparência cansada, não assustadora!

— Por favor, venha sentar-se ao meu lado, Charmiane. — Ele a conduziu até o sofá com um sorriso inesperadamente suave. - Sinto muito ter pedido que viesse a Paris em dias tão difíceis, mas não posso afastar-me e... precisamos resolver alguns problemas muito sérios... antes que seja tarde demais.

Charmiane pressentiu que iria ser perdoada por sua traição e sentiu-se ainda mais angustiada. Adam a tratara mal, mas ela retribuía na mesma moeda. Perdoara até a mentira sobre as cartas porque se lembrava de que ele mencionara o quanto desejava uma esposa e um filho. Como censurá-lo se, no auge do desespero, usara o irmão para ajudá-lo a conquistar uma noiva? Como condená-lo se ambos haviam feito um julgamento errado, escolhendo companheiros incompatíveis? Também não podia culpá-lo porque ela se apaixonara por outro homem!

— Tarde demais? A situação é tão grave assim?

— O imperador deu ordens para que fortificássemos Paris, mas, certamente, o rei Joseph irá cometer erro atrás de erro. Até agora não foram feitas nem trincheiras nem barricadas e metade dos soldados da Guarda Nacional só tem lanças para defender a cidade. É uma tarefa irrealizável e poderemos morrer tentando uma defesa heróica. Foi por isso que decidi esclarecer os problemas ainda existentes entre nós.

Erguendo-se do sofá, Charmiane começou a andar pela sala, sem condições de ocultar seu nervosismo. Ela não queria discutir aquele assunto! Não teria coragem para suportar a dor em seus olhos quando lhe contasse tudo sobre Noel. Adam nunca mencionara a noite em que o bebê nascera, guardara as suspeitas para si mesmo. Por que falar agora? — Não há nada a esclarecer, Adam. — Ela apressou-se a entrar no assunto, rezando para que aquela conversa penosa chegasse ao fim. — Você explicou-me o que aconteceu com Armand. Eu compreendo e... o perdoo de todo o coração. Quanto àquela noite terrível... tenho certeza de que muitos homens agiram pior quando estavam bêbados e foram desculpados.

— Não foi por isso que a chamei, Charmiane. Sinto-me muito feliz com o seu perdão, mas...

— Você não me chamou — interrompeu eia, com desnecessária rispidez. — Ordenou-me que viesse!

— Não tive tempo de escrever a nota e...

— Era um assunto extremamente importante e não pôde perder sequer um minuto?

— Com os diabos, Charmiane! Será que você...

Uma batida à porta interrompeu o desabafo de Adam. Era Aulard, que tinha vindo buscar a correspondência.

— O correio está esperando por suas cartas, general. Se não assiná-las agora não chegarão esta noite às mãos do marechal Marmont. — Ele virou-se

para Charmiane. — O chefe das cavalaria quer saber se deve desatrear sua carruagem, madame.

— Não será necessário. Acho que vou até o Palais-Royal para fazer algumas compras.

Quando Aulard se retirou, Charmiane viu a expressão severa de Adam e arrependeu-se de ter aberto a boca.

— Vai fazer compras?

— Sinto muito. Eu não pensei antes de falar.

— Não importa! Estou mais preocupado com um outro problema. Você veio de carruagem?

— Por que não? Está um lindo dia!

— Mas eu deixei bem claro que deveria usar um coche fechado. — Ele não perdeu a suavidade mesmo ao censurá-la. — As estradas estão muito perigosas neste período. A guerra não respeita leis.

Adam estava certo e Charmiane arrependia-se de ter sido tola e deliberadamente rebelde. Entretanto a suavidade do marido apenas aumentava a raiva que sentia de si mesma.

— Eu tomo as minhas próprias decisões... a não ser que tenha decidido dar-me ordens como no passado, general Bouchard!

— Por que insiste nessa atitude vingativa, Charmiane? Usa as palavras como se fossem punhais afiados! Seremos sempre inimigos prontos a se enfrentar numa arena? Você disse que me perdoava pela morte de Armand. De que me adianta o seu perdão se jamais se dirigirá a mim nem ao menos com gentileza?

A dor nos olhos de Adam revelava um intenso sofrimento. Charmiane se protegera das agressões dele, atacando-o com palavras venenosas, mas só agora percebia que sua maneira de tratá-lo o feria talvez mais do que o adultério! Essa certeza aumentava sua culpa e também sua agressividade.

— Diga logo o que quer, Adam. Se está tão preocupado com minha segurança, acabe logo com essa conversa para que eu possa retornar a Bonneval antes do anoitecer.

— Você é a criatura mais exasperante que já conheci, Charmiane!

Adam a fitou por alguns segundos e seus olhos muito azuis tinham um brilho perigoso. Com um gesto inesperado, ele tomou Charmiane nos braços e beijou-a com o calor da paixão, exigindo uma resposta igualmente ardorosa.

Sem forças para resistir, Charmiane reencontrou os lábios ávidos de seu amante no jardim das Tulhérias. Como pudera esquecer que numa noite tão distante ele a beijara com a mesma volúpia, que esse homem tinha o poder de despertar seu desejo e deixá-la trêmula e ansiosa por uma entrega mais completa?

— Adam... — murmurou ela, empurrando-o. — Eu preciso... As batidas à porta eram insistentes demais para ser ignoradas.

— Sinto muito, general — disse Aulard sem entrar na biblioteca. — O major está esperando ordens para organizar batalhões.

Respirando fundo, Adam abotoou a túnica do uniforme e passou rapidamente a mão pelos cabelos.

— Espere por mim, madame. Vamos resolver o nosso problema dentro de poucos minutos, mas de uma vez por todas!

Charmiane sentiu-se extremamente aliviada com a saída de Adam. Precisava ficar sozinha para ordenar seus pensamentos tumultuados e acalmar seu coração sobressaltado. Seria possível amar dois homens ao mesmo tempo? Noel por sua ternura e Adam por sua força? Ela estava agindo como uma mulher imoral!

Talvez não amasse Noel e tivesse se sentido atraída porque Adam a tratara mal e ela o julgara um monstro sem tentar conhecê-lo melhor. Então chegara um irmão mais sensível, que não a amedrontava e conquistara seu coração. Sensível ou apenas tranquilo porque não fora desafiado nem agredido com palavras de ódio? Sua própria duplicidade a arrastava a um dilema cruel e vergonhoso.

— Oh, meu Deus! — murmurou ela, angustiada. — Qual deles eu realmente amo?

Atormentada pela culpa, Charmiane começou a andar pela biblioteca e parou junto à escrivaninha de Adam. Sem prestar atenção em nada, arrumou os papéis em pilhas e, subitamente, seu coração quase parou. Uma das cartas era de Noel! E ela não reconhecera a letra?

Caro Adam,

Eu cansei de lhe dizer que não me agradava ser tenente, não foi? Pois continuo achando que é uma loucura comandar as cargas do meu pelotão e viver dando ordens! Como você sobrevive tanto tempo a essa tortura? Até a minha legendária sorte se evaporou e garanto-lhe que foi por culpa de minha promoção. Com todos os problemas possíveis, Paris deve ser um paraíso perto de Champagne! O tempo piorou a situação já difícil. Não parou de chover, as estradas ficaram um mar de lama e nós dormíamos ao ar livre e quase morrendo de frio. Essa região é decididamente pouco hospitaleira para pobres soldados. Ou talvez eu já não seja mais tão jovem como quando suportei a droga do inverno russo! Vencemos a batalha de Craonne no dia 9 de março. O velho Bonaparte ainda é um grande estrategista e eu ganhei uma medalha que trocaria imediatamente por uma boa omelete se houvesse galinhas bem dispostas nessa droga de lugar. Lutamos em Laon, com muita falta de sorte, sob o comando do marechal Marmont. O homem é bom, mas só existe um "Corso" diabólico! Enfim, não adianta chorar, porque estamos mesmo perdidos e terei de passar o resto da guerra juntando os pedaços do meu corpo maltratado! Talvez na Bretanha eu consiga até recuperar a juventude. Estou em uma velha igreja nos arredores de Saint-Gobain, a oeste de Laon. Quem escreve esta carta é uma doce e linda freirinha que enrubesce cada vez que digo "droga". Eu adoro vê-la corada, porque fica ainda mais bonita. Quando me responder, conte se ela colocou todos os nomes feios que eu disse, mano! Agora que consegui deixá-la completamente embaraçada, vamos aos assuntos

sérios. Espero que esteja bem de saúde, mano Adam. Pensei muito em você no dia de nosso aniversário e senti saudade dos tempos em que celebrávamos juntos essa data, mas... a vida nunca foi justa, certo? Eu teria escrito nesse dia, mas estava matando dragões... prussianos. Deus te proteja, mano

Noel"

Charmiane tremia tanto que a carta caiu de suas mãos. Noel ferido! Ele precisava de seu amor, mas... e Adam? Seu estranho marido talvez também a amasse. A decisão teria de ser muito rápida ou não haveria tempo de escolher o caminho certo. Sem hesitar mais, ela pegou a caneta.

Adam,

Por favor, me perdoe. Não posso viver com você enquanto meu coração não estiver em paz. Tive de partir. Se eu voltar, será porque descobri a resposta que procuro e porque quero ser realmente a esposa que você merece. Charmiane.

Por três dias, Charmiane e Prosper se revezaram para dirigir a carruagem. Ela estava exausta de cruzar estradas que as carroças de munições, os cavalos e colunas de soldados tinham praticamente destruído. Entretanto, faltavam agora apenas alguns quilômetros até Saint-Gobain e... Noel!

A viagem teria sido muito pior se ela não estivesse com mais dinheiro do que de costume, porque, realmente, pensara em fazer compras em Paris. Depois de ficar nas estalagens do caminho, ainda seria possível comprar um vestido em Saint-Gobain, mas só após encontrar a igreja onde Noel fora alojado. Antes mesmo de chegar ao vilarejo, ela viu as torres altas e muito antigas, recortadas no céu azul. Seu coração batia descompassado quando desceu no pátio de pedras gastas e uma freira idosa e de expressão solene veio ao seu encontro.

— Desculpe-me, madame. Se veio até esta igreja para rezar, terá de usar a capela. Nós transformamos a nave maior em hospital.

— Não, eu... — Charmiane hesitou, descontente por ter de mentir. — Vim ver o irmão de meu marido.

— E quem é ele, madame?

— Brigadier Bouchard. Não, ele agora é tenente. Tenente Noel Bouchard.

— Ah! O seu cunhado tenta conquistar todas as mulheres do mundo. — A freira riu alegremente. — Até as noviças não escapam dele! A irmã Claire enrubesce dezenas de vezes ao dia, porque ele diz que precisa beijá-la.

— Ele está... gravemente ferido?

— Todos estão, madame. Ou então teriam sido levados a Paris nas ambulâncias. Mas o seu cunhado...

A freira fitava Charmiane com um olhar de curiosidade, como se soubesse que a relação entre eles não se limitava a um laço de parentesco.

— Bem, ele se recupera com uma facilidade incrível. Os médicos se surpreenderam com a rapidez da cicatrização do ferimento da cabeça. A

perna...

Charmiane estava à beira das lágrimas e mal percebia os feridos colocados em macas na nave central da igreja. Então, ela o viu. Ajoelhando-se ao lado da cama, olhou com amor para o homem que cobrira o rosto com o braço antes de adormecer. A perna fora enfaixada e também a cabeça, mas a boca que ela tanto amava se comprimia num risco de dor e o coração se apertou em seu peito.

— Céus — murmurou ele, afastando o braço do rosto. — Os deuses enviaram um anjo para chorar a minha sorte?

Não! Não podia ser verdade! Ela conhecia bem demais aquela voz, aqueles olhos, a boca sensual, e no entanto não estava diante do homem que amara num verão de sonho!

CAPÍTULO XIX

— Mas você é a linda esposa de Adam? Ou será que ainda estou sonhando?

— Você não é Noel!

Aquele desconhecido não era o pai de seu filho, o amante terno e ardente dos dias de sol, riso e felicidade!

— Quem é você?

— Confesso que estou em péssimas condições graças a um sabre russo e uma bela prussiana, bela dama. Mas juro que continuo sendo Noel Bouchard.

— Eu cuidei de você depois que foi ferido em Lutzen e... não o reconheço. Por acaso mudou tanto assim ou a minha memória me enganou?

— Não fui ferido em Lutzen, bela dama. Mas Adam... — Os olhos dele brilharam maliciosamente. — Com os diabos! Será que meu irmão voltou a ser criança?

Charmiane continuava chocada demais para raciocinar com lucidez.

— Nós nos encontramos em Paris... em fevereiro.

— E eu saí de Paris no início de janeiro. Sinto muito lhe dizer que nós só nos vimos três vezes, charmosa Charmiane.

— Três vezes? Mas é impossível!

— A primeira foi no baile quando afirmei, com toda razão, que você era a mais linda mulher presente no Palácio das Tulhérias. Encontrei-a depois em Bonneval, nas vésperas de seu casamento com Adam e jamais me esquecerei que me recebeu com um beijo. E agora vejo-a surgir ao meu lado como um anjo de bondade. Se esteve outras vezes com "Noel", só posso concluir que meu irmão reviveu nossa brincadeira de infância.

— Eu não entendo. Que brincadeira é essa?

— Uma troca de identidades que, em geral, provinha de grandes apuros. Adam era um aluno muito melhor que eu e frequentemente fazia os exames

em meu lugar...

— Está dizendo que Adam fingiu ser você? Não posso acreditar! Durante aquele verão depois de Lutzen? — Subitamente Charmiane perdeu o controle. — Os ferimentos! Por que está me enganando, Noel?

— Veja com seus próprios olhos, bela dama.

Noel abriu a camisa e não havia cicatriz alguma em seu peito. Charmiane empalideceu e as lágrimas começaram a deslizar em seu rosto.

— Agora acredita em mim? Eu lhe disse que não fui ferido em Lutzen. Entretanto, soube por Bazaine que Adam quase morreu após essa batalha. Onde você esteve cuidando dele?

— Em Bonneval. Ele disse que era Noel...

— É uma surpresa saber que meu sombrio irmão passou tanto tempo sendo o alegre "Noel"! E com a própria esposa? Espero, pelo bem de minha reputação, que ele tenha sido encantador!

— Mas Adam não seria capaz de fingir tão bem!

— Não lhe disse que nós costumávamos trocar de identidade com frequência quando éramos crianças? Conseguíamos imitar os gestos e as expressões do outro com perfeição e era muito divertido para nós dois. Eu podia ficar bravo e perder a paciência quando tinha vontade. Ninguém esperava que Adam estivesse sempre rindo e de bom humor. Mas ele assumia desde menino todas as responsabilidades e sentia-se aliviado por escapar de seus deveres. Logicamente, essa brincadeira só funcionava quando a pessoa não nos conhecia muito bem!

— E por que ele assumiria a sua identidade... comigo?

— Ah! Só você pode responder a essa pergunta, bela dama. Charmiane não conseguia acreditar que o homem terno e sensível daquele verão pudesse ser Adam!

— Mas foi você quem escreveu as cartas, não?

— Nem uma única linha! Por que eu escreveria se Adam é perfeitamente capaz de se comunicar? — Então ele viu a expressão transtornada de Charmiane. — Sinto muito desapontá-la, querida. O meu irmão comportou-se como um canalha? Ninguém compreenderia a sua dor. Naquele momento, Charmiane perdera tudo. Deixava de existir o Noel de um verão de sonho e o Adam que ela começava a conhecer, respeitar e talvez algum dia viesse a amar. Restara apenas o gosto amargo de uma decepção, só um homem falso e capaz de enganá-la tantas vezes!

— Mas por quê? — gritou Charmiane, desesperada.

— Você é a única pessoa que pode saber o motivo.

Naquele momento, Charmiane sofria demais com a traição de Adam para acreditar que ela tivesse algo a ver com aquela farsa monstruosa. Então, ao notar a palidez e a magreza de Noel, censurou-se por estar sendo egoísta, preocupando-se apenas com seus próprios problemas.

— Meu Deus! Você não pode mais ficar nesta igreja úmida, dormindo sobre palha úmida. Deixe-me levá-lo para Bonneval, Noel.

— Eu já teria fugido daqui há muito tempo se as freiras não insistissem em que não posso viajar enquanto minha cabeça estiver doendo tanto. Se quiser ser um anjo de bondade, traga-me algo decente para comer, Charmiane. Aparentemente, só sobraram nabos na despensa do convento e, embora estas santas mulheres representem Deus na terra, é evidente que Ele não tem chefs-de-cuisine para orientar seu rebanho.

Apesar da angústia, Charmiane sorriu ao verificar que as diferenças entre os dois irmãos não se limitavam a sutis nuances fisionômicas. Ela se encantara com o verdadeiro Noel desde que o vira, sempre sorrindo e brincando mesmo se estivesse triste ou, como agora, com dores intensas.

Entretanto ela amava o outro "Noel" por sua alegria, mas, acima de tudo, por sua capacidade de revelar seus sentimentos mais íntimos e demonstrar ternura sem se envergonhar. Entretanto, esse homem não existia, era apenas um papel desempenhado por Adam para seduzir a esposa que se negava a cumprir o dever conjugal!

— Se você não pode viajar, eu o levarei até uma hospedaria da região. Será mais fácil recuperar as forças num quarto confortável e com boa alimentação.

Depois de muita insistência, Charmiane obteve a permissão das freiras para transportar Noel até a estalagem que tinha encontrado a poucos quilômetros da igreja. Ele não poderia nem mesmo sentar-se antes que sua visão clareasse e as dores de cabeça passassem.

A pequena hospedaria encontrada por Charmiane ficava um pouco distante do vilarejo de Saint-Gobain e talvez por isso tivesse passado despercebida pelos soldados que haviam cruzado aquela região. As camas eram macias, os quartos claros e arejados e a comida farta e nutritiva. Noel recuperava rapidamente as forças, encantando a todos com seu humor irreverente. Com sua mímica expressiva, Prosper revelou que gostava ainda mais deste "Noel"!

Eles já estavam na hospedaria há três dias quando a cabeça de Noel parou de latejar.

— Estou de novo em perfeitas condições! — anunciou ele na manhã do quarto dia, recebendo Charmiane sentado na cama. — Posso até ir a um baile!

— Então pedirei a Prosper que procure um par de muletas para você. — Ela refez o curativo da perna de Noel com rapidez e eficiência. — Mas nada de bailes por enquanto!

— Você é uma enfermeira perfeita, Charmiane. — Ele hesitou, criando coragem para prosseguir. — Adam sabe de seu paradeiro?

— Não.

— Então escreva-lhe uma carta contando onde está.

— Não.

— Eu percebi que seu casamento não foi feliz, Charmiane. Nas poucas vezes em que encontrei meu irmão, ele recusou-se a falar nesse assunto. Mas Bazaine escreveu-me contando que houve um trágico acidente com seu irmão.

— Adam o matou... num duelo.

— Agora entendo por que ele quis ser "Noel" para você e não Adam. Odeia-o tanto assim, Charmiane?

— Sim... não... já não sei mais — murmurou ela, angustiada com sua incapacidade de raciocinar.

— O seu rosto, como sempre, revela sentimentos que talvez você ainda ignore, bela dama. E o choro que eu tenho ouvido todas as noites vindo de seu quarto também é um sinal inconfundível. Acho que ama o meu irmão, Charmiane.

— Como poderia amá-lo? Nem sei quem ele é!

— Quem sempre foi, querida cunhada. Um homem íntegro, corajoso e certamente menos simpático do que eu, mas... muito poucos o são!

— Fale-me sobre Adam. Ele é um desconhecido para mim.

— Talvez você o conheça bem mais do que supõe, Charmiane. Nós somos muito diferentes, mas isso não é novidade. Ele teve sucesso no Exército e eu com as mulheres.

— E vocês sentem ciúmes um do outro?

— Adam deve ter sentido muita inveja de meu sucesso com as "belas damas". — Noel tocou a mão de Charmiane como um velho amigo. — Na verdade, sempre existiu uma amizade profunda entre nós. Não sinto ciúmes e sim admiração pela brilhante carreira militar do meu irmão. Eu enlouqueceria com tantas responsabilidades e, durante uma época, achei que ele não estava sendo afetado.

— O que quer dizer com isso, Noel?

— Nunca o vi tão sombrio como na primavera de 1812. Meu irmão sempre foi sério e de poucas palavras, mas sabia rir. Naquele ano... nós nos encontramos várias vezes durante a campanha da Rússia e percebi que ele já não resistiria por muito tempo à tensão e ao desgaste. A medida que a situação se agravava, Adam ficava mais enfurecido, mais descontrolado.

— Até que eu julgasse ter me casado com um louco. Charmiane relembrou a chegada de Adam em Bonneval e os dias que se seguiram.

— E talvez você não estivesse enganada. A loucura da guerra acaba por afetar a sanidade mental até dos soldados mais firmes. Então o revi em janeiro deste ano e fiquei feliz por encontrá-lo novamente seguro e tranquilo. Adam sempre foi um homem pouco expansivo mas tive a impressão de que ele havia se livrado da angústia e da amargura.

Aos poucos, Charmiane via surgir o retrato de um homem com os defeitos e qualidades de todos os seres humanos. A jovem romântica do jardim das Tulhérias criara um deus que a esposa amargurada derrubara do pedestal e acusara de monstro. Adam era bom, terno e por ser

excessivamente sensível só conseguia revelar suas verdadeiras emoções através de cartas ou quando se escondia atrás da máscara de "Noel". E essa imagem não combinava com a ganância de um soldado que matava para enriquecer!

— Como Adam ficou tão rico?

— O meu pobre irmão jamais se sentiu à vontade com sua imensa fortuna. Ele era jovem demais, tinha apenas dezenove anos e foi a primeira e, possivelmente a única vez, que desobedeceu a uma ordem. Naquela época, os aristocratas ainda não podiam cruzar as fronteiras da França sem serem presos, mas Adam ficou com pena de um velho marquês cujo nome estava na lista dos proscritos. Desrespeitando a lei, levou-o até a segurança da Itália, mas o pobre homem morreu ao chegar e deixou a carruagem a seu salvador.

— Oh! Os diamantes!

— Exatamente. Estavam sob os bancos da carruagem. Adam não tocou nessa fortuna durante muitos anos. Colocou anúncios nos jornais pedindo que os parentes desse marquês entrassem em contato com ele, mas não houve resposta. A consciência católica de meu irmão não lhe permitia usufruir luxos pelos quais não trabalhou para merecer.

— É impossível calar a voz de nossa própria consciência... — Charmiane lembrou-se de ter obedecido Sophie, Henri e até mesmo Adam só porque se sentia culpada de alguma falha insignificante.

— Eu sinto muito mas não saberia dizer. Sou completamente surdo a essa vozinha incômoda!

— Apesar de sua irreverência, gosto muito de você, Noel.

— Mas ama Adam.

Charmiane ainda não conseguira organizar seus pensamentos e muito menos suas emoções. A farsa de Adam fora desonesta e não faltara tempo nem muitas ocasiões para que ele explicasse os motivos de sua falsidade e lhe pedisse desculpas por essa atitude condenável. Ao menos ela se sentiria menos atormentada pela culpa e não podia perdoá-lo por ter se mantido em silêncio.

— Não sei se o amo, Noel.

— Se o respeita, escreva-lhe uma carta contando que está comigo. Eu a amo loucamente mas a cederei a meu irmão... sofrendo muito, é claro.

— Você continua a zombar de mim.

— Eu poderia ter me apaixonado por você naquele baile. Já roubei uma ou outra mulher de Adam, mas não sou um crápula capaz de seduzir a esposa do irmão. Então surgiu alguém... pensei muito nela enquanto minha cabeça doía como se fosse explodir e achei que iria morrer muito em breve.

— Era a garota alsaciana que o levou para casa durante a epidemia de tifo?

— Com os diabos! Aquele intrometido do Bazaine contou-lhe todos os meus segredos? — Noel deu uma risada melancólica. — Não, não pensei nessa

garota bondosa mas tola que passou muito rapidamente em minha vida. Pensei muito na mulher que queria acompanhar-me até a Rússia. Eu não a levei comigo e certamente salvei sua vida impedindo-a de ir, mas ela não me recebeu bem quando voltei.

— Ah! Então é a garota de Strasbourg!

— Exatamente. Reencontrei-a e passamos duas semanas brigando até que ela fugiu com meu amigo Hautecouer, um hussardo valente e incapaz de resistir aos encantos de uma mulher bonita.

— E ainda está com ele?

— Não. Hautecouer foi morto em Leipzig e ela... — Os olhos de Noel refletiam melancolia e anseio. — Não sei para onde Martine possa ter ido. Talvez eu a procure em sua aldeia quando puder usar as muletas.

— Você a ama, Noel?

— Amor? — Ele a fitou surpreso com aquela pergunta direta. — Eu nunca me apaixonei de verdade, Charmiane. Entretanto, Martine foi a única mulher que não me entediou profundamente após cinco dias de convivência. Talvez eu esteja com inveja de meu irmão por ter uma esposa tão linda e sinta vontade de me casar também. É, só pode ser isso! Ainda não gastei meu soldo de tenente e irei procurá-la em sua aldeia, que fica bem perto daqui. Ela deixou a família em Ferté-Milon.

— É uma atitude completamente irracional, Noel! — exclamou Charmiane sorrindo. — Você não está em condições de viajar sozinho. Eu o levarei até essa aldeia em minha carruagem. Mas, se não encontrar a sua Martine...

— Paz! — pediu ele, erguendo a mão. — Se ela não estiver lá, prometo que deixarei você me levar para Bonneval, onde poderei me restabelecer por completo sob seus cuidados.

— Ótimo! Eu o obrigarei a cumprir essa promessa!

Na manhã seguinte, antes de seguir viagem para Ferté-Milon, Charmiane escreveu para Adam. Como nada poderia ser resolvido a distância, disse apenas que iria visitar uma amiga e retornaria a Paris nos primeiros dias de abril. Preferiu não mencionar que estava com Noel a fim de desmascarar a farsa quando tivesse condições de ver a expressão do marido e, ainda em dúvida quanto aos seus sentimentos, assinou a carta sem enviar seu amor.

Eles chegaram a Ferté-Milon ao anoitecer e logo depois de se alojarem na única estalagem da aldeia, Noel começou a sua procura.

— O nome dela é Martine Rollin — disse ele ao dono da hospedaria. — Conhece a família?

— Eu nunca ouvi falar dessa Martine, mas sei quem são as duas irmãs Rollin. Elas moram perto do rio, fazem cestas e não se misturam com o povo da aldeia. — O proprietário da hospedaria bateu amigavelmente nas costas de Noel. — Você é do batalhão dos Chasseur, rapaz? Conheceu Jean Prunières? Ele era meu primo e morreu em Vitebsk.

— Não, sinto muito. — Noel não disfarçava a impaciência. — Fale mais

sobre essas duas irmãs, por favor.

— São muito estranhas... e feias demais, rapaz.

— E não há nenhuma outra?

— Bem... uma delas tinha uma filha. Era bonita e voltou para casa por pouco tempo. Foi logo embora... com um homem, é claro.

— Como era ela?

— Um mulherão de peitos grandes. — Ele olhou envergonhado para Charmiane. — Desculpe-me, madame! A moça era bonita e de cabelos cor de cobre.

Noel virou rapidamente o rosto, mas Charmiane percebeu a expressão de desapontamento.

— Noel... — Ela tocou-lhe o braço. — Por que não...

— Vá descansar, bela dama. E, por favor, não fique com esse ar de tristeza em seu rosto bonito. Eu não costumo chorar pelo que não posso ter.

Na manhã seguinte, Charmiane surpreendeu-se ao descobrir que Noel acordara ainda mais cedo e já estava no pátio da estalagem. Pela janela, viu-o despedir-se de uma jovem de cabelos loiros e pele luminosa que o fitava com um olhar apaixonado. Ele a beijou com ardor antes de ajudá-la a subir em uma carruagem sólida e puxada por excelentes cavalos. Com as mãos na cintura, Charmiane esperou que ele entrasse na hospedaria.

— E quem é essa jovem, Noel? Amiga de Martine?

— Uma viúva encantadora e muito... gentil. Ela chegou ontem, depois que você se retirou, e está a caminho de Countaces, na Bretanha. Foi uma noite...

— Noel! Você não passou a noite com ela! — Charmiane olhou-o com censura. — Passou muito mal!

— Fui ferido mas não estou morto!

Charmiane não pôde prosseguir porque duas mulheres entraram na sala carregando um cesto. Com roupas velhas e pouco limpas, as duas se aproximaram de Noel.

— Você é Bouchard?

— E por que querem saber? Quem são vocês?

— Ele disse que tinha um soldado dos Chasseurs na hospedaria — resmungou a mais velha apontando o proprietário da estalagem. — A gente achou que podia ser o tal Bouchard de quem Martine falava. Aquela vagabunda tinha sangue ruim! Ela só escapou de perder a cabeça na guilhotina porque era criança, mas o pai...

— Você é a mãe de Martine — interrompeu Noel, com impaciência. — Onde está ela?

— Aquela prostituta finalmente fez uma coisa certa na vida! Aceitou o idiota que queria se casar com ela. Só que o homem não era tão imbecil e não

quis levar a tropa toda. Se você é Bouchard, isto aqui lhe pertence, moço!

A velha colocou o cesto aos pés de Noel e quando ele viu o que continha, empalideceu.

— Minha Nossa Senhora! — murmurou ele, recuando. — Responda logo, moço! É ou não o tal Bouchard da Martine? — Diante do sinal afirmativo de Noel, a velha virou as costas e começou a sair da sala.

— É todo seu, moço...

Preocupada com a expressão transtornada de Noel, Charmiane aproximou-se e também não conteve uma exclamação de surpresa. Na cesta estava um bebê cujas roupas sujas e mal cuidadas não diminuía a beleza dos olhos azuis e dos cabelos de um ruivo dourado.

— Meus Deus! Deve haver um engano, Noel...

— Não. — Ele suspirou, desanimado. — Esse bebê deve ter quatro ou cinco meses, e pelas minhas contas, só pode ser meu. Além disso, Hautecoeur era moreno, de cabelos e olhos pretos.

— Bem... precisamos descobrir se você tem um filho ou uma filha, Noel. — Charmiane abriu as roupas do bebê e sorriu para ele, tentando animá-lo. — É um herdeiro!

— Eu não acredito! — gemeu Noel, desesperado. — Nunca entendi de crianças, nem mesmo queria chegar perto delas, são complicadas demais.

Noel saiu da estalagem, com os olhos cheios de lágrimas, mas Charmiane não pôde segui-lo porque o bebê começou a chorar desconsoladamente. Depois de pedir à filha do hospedeiro que fosse comprar algumas fraldas e mamadeiras, e esperar que a garota voltasse, foi procurá-lo na cocheira.

Para sua surpresa, Noel selara um dos cavalos da carruagem e estava pronto para partir.

— Pelo amor de Deus, Noel! Você não pode cavalgar e... para onde vai?

— Atrás da bela viúva da Bretanha. — Ele deu uma risada alegre. — Passarei minha convalescença à beira-mar.

— E o que pretende fazer depois?

— Continuar levando minha vida irresponsável, como diria o mano Adam. Fique com a criança, Charmiane. Se meu irmão quiser adotá-lo...

— Mas como vai viver, Noel?

— Tenho um pouco de dinheiro num banco da Bretanha. Depois talvez eu continue a lutar pela França se ainda houver uma guerra ou quem sabe partirei para a América.

— Por favor, não vá!

Charmiane pressentia o sofrimento que Noel escondia sob uma máscara de indiferença.

— Não se preocupe comigo, bela dama. Você também não correrá perigo

se seguir as minhas instruções. Talvez a guerra já tenha acabado e, nesse caso, os aliados estarão em Paris. Siga a estrada que usamos para chegar aqui, mas para noroeste e não pare até chegar a Bonneval, pois assim evitará a frente de batalha.

— Mas Adam está em Paris.

— Não importa! — a voz de Noel soou inesperadamente autoritária e semelhante à do irmão. — Volte para Bonneval e espere até saber qual é realmente a situação na França. Você entendeu bem, Charmiane?

— Por favor, não vá embora, Noel! — Ela começou a chorar angustiada. — Não abandone seu filho, sua família...

— Diga a Adam que pagarei este cavalo... algum dia! — Ele aproximou-se da saída da cocheira e, ao virar-se para Charmiane, seu rosto refletia tristeza e angústia. — Adeus, bela dama... por favor, chame meu filho de Martin-Victor...

Ele desapareceu numa nuvem de poeira e, sem controlar as lágrimas, Charmiane também deixou a hospedaria. Prosper estava ao seu lado e o bebê na cesta a seus pés, mas ela nunca se sentira tão sozinha nem tão solitária. Noel partira e só Deus sabia se algum dia voltariam a se encontrar. E Adam...

Subitamente, ela olhou para Prosper e deu um grito de felicidade.

— As cartas! Como não me lembrei antes? Foi Adam quem as escreveu! Muito antes dessa triste farsa, ele me enviou aquelas cartas comoventes que conquistaram meu coração. Foi Adam!

Prosper sorriu, sem compreender o motivo de tanta alegria, mas Charmiane estava emocionada demais para explicar melhor. As palavras de amor e ternura tinham nascido no coração de Adam. A intimidade envolvente e a paixão daquele verão de sonho fora criada por Adam. Ele não era um deus assustador em sua perfeição e sim um homem que a procurara para retornar a vida.

Como pudera ser tão cega? Ela se apaixonara pelo autor daquelas cartas emocionadas, muito tempo antes de encontrar o amante também terno e sensível. O verdadeiro Adam... às vezes alegre como Noel, outras firme e autoritário. Só sentira medo porque sofrera ao lado de Henri. E seu marido a amara com urgência no jardim das Tulhérias, com paixão nas tardes douradas de Bonneval e com desespero na estalagem. O mesmo homem e o mesmo amor...

Noel tinha razão. Ela conhecia Adam, só não tentara agrupar os mosaicos dispersos do complexo painel da personalidade de um homem.

Na encruzilhada de Meaux, Charmiane tomou uma decisão nascida da paixão. Ela amava Adam e ele estava em Paris! Por que voltar a Bonneval se poderia encontrá-lo mais cedo indo para o sul? Certamente não teria de percorrer muitos quilômetros a mais e no fim da viagem encontraria seu amor. Ela não demorou a arrepender-se da decisão impulsiva. A medida que avançavam para o sul, a guerra se tornava uma presença impossível de ser ignorada. As cidades tinham sido queimadas e saqueadas pelo exército inimigo

que passava pela região há cerca de um mês, mas os camponeses ainda reviravam as cinzas de suas casas à procura de algum objeto querido, uma lembrança do passado.

Aldeias inteiras já não tinham moradores e foi ficando difícil encontrar comida e hospedagem. Charmiane comprava o que os fazendeiros podiam vender e dormia onde conseguisse esconder a sua carruagem. Em uma noite de chuva, ela conformou-se em invadir uma cabana abandonada para evitar que o mau tempo prejudicasse o bebê e Prosper.

Na manhã seguinte, o sol brilhava no céu muito azul e Charmiane recuperou o otimismo. Devia estar perto de Meaux e logo chegaria em Paris! Era tolice arrepender-se da decisão que tomara porque o fim da viagem a recompensaria por todas as privações sofridas pelo caminho. Só o bebê teria leite, mas ela e Prosper poderiam aguentar a fome até encontrarem a próxima fazenda e comprarem pão e queijo.

— Vá atrelar o cavalo na carruagem, Prosper. — Ela sorriu ao perceber que o garoto já adorava o bebê. — Quando estivermos de volta a Bonneval, você poderá cuidar dele todas as manhãs...

Ela estava terminando de alimentar o bebê quando ouviu um ruído estranho. Era o som de um homem tossindo! Assustada, correu para fora da cabana e, por uma fração de segundo, o pânico a deteve.

Um homem enorme, quase um gigante, tentava arrancar Prosper de suas costas. Ele tentava roubar o cavalo e o garoto lutava para impedi-lo.

— Tire as mãos do meu cavalo! — gritou Charmiane, recuperando-se do susto e correndo para salvar Prosper.

— Nyefi...

O soldado, de uniforme desconhecido, falava uma língua que Charmiane não compreendia, mas a raiva daquele rosto assustador não precisava ser traduzida. Com um gesto violento, ele agarrou Prosper e jogou-o de encontro a uma árvore.

— Criminoso! Assassino!

Charmiane ainda tentava recuperar o cavalo sem o qual teria de voltar a pé a Paris! Mas o soldado também não queria perder uma boa montaria e empurrou-a para longe e afastou-se a galope.

Ainda estonteada por ter caído quando o soldado a empurrara, Charmiane arrastou-se até Prosper. O garoto estava largado junto à árvore onde batera e seu pescoço se inclinara num ângulo grotesco. Embora o rosto sempre carinhoso refletisse paz, já não havia mais luz em seus olhos. Com muito carinho, Charmiane o abraçou, acariciando o rosto delicado daquela criança que só conhecera sofrimento e não tivera tempo para crescer rodeado de afeição. Então, os lábios que só sabiam sorrir se moveram, num esforço supremo.

— Maman...

A última palavra e o último sorriso. O som se perdeu no silêncio da manhã e os olhos finalmente se fecharam.

Charmiane continuou por muito tempo com Prosper em seus braços e as lágrimas molharam o casaco vermelho que lhe dera tanta alegria. Aquela criança sentira orgulho em servi-la e dera a vida para salvá-la. Que valor tinha um simples cavalo diante de um ser humano?

O choro de Martin-Victor obrigou Charmiane a enfrentar a realidade. Já não podia ajudar Prosper. O futuro pertencia àquele bebê e também a vida que ela carregava em seu ventre, o fruto de uma noite de amor na colina de Montmartre.

Com um galho, Charmiane escavou a terra úmida da chuva noturna e forrou a pequena sepultura com ramos de pinheiro. Envolvendo o corpo de Prosper com o forro de seu casaco, acomodou-o na última cama que acolheria o garoto encontrado nas ruas de Paris. Ainda ficou por muito tempo ajoelhada, rezando pela alma de uma criança que a guerra destruíra.

Antes de começar a longa caminhada, Charmiane pensou nos perigos que iria enfrentar. Se encontrara um soldado inimigo tão longe de Paris, a situação pioraria muito quando se aproximasse da cidade. Por prudência, ela retirou as moedas de ouro que guardara na bolsa e, amarrando-as num lenço, colocou o pequeno embrulho entre as fraldas do bebê. Talvez não fosse o lugar mais limpo, mas certamente seria o mais seguro.

Ela decidiu continuar pela mesma estrada até alcançar Meaux, pois nessa cidade encontraria um coche para alugar. Março estava no fim, as estradas começavam a secar e as chuvas da primavera ainda demorariam a chegar. E, se encontrasse a via principal que era coberta de pedras, a viagem seria ainda mais rápida.

Em dois dias estaria em Paris e nos braços de Adam.

CAPÍTULO XX

Antes de rever Paris, Charmiane passou mais de uma semana descobrindo o horror de uma França devastada pela guerra. Atravessou aldeias onde os habitantes morriam de fome, porque suas colheitas tinham sido requisitadas pelos franceses e, o que restava nos campos, pelo exército inimigo. Passou por carretas abandonadas com armas e canhões enferrujando sob a chuva que retratavam o desperdício de vidas e a frieza da morte. Viu mulheres ainda em choque após repetidas violações, viu corpos que apodreciam nas nascentes, envenenando a água enquanto os vivos comiam raízes para sobreviver.

Agora ela deparava com a guerra e entendia por que Adam estivera muito perto da loucura depois de passar anos vivendo nesse mundo de horror.

Quando Charmiane alcançou o rio Marne, conseguiu que um barqueiro a levasse a Paris por uma soma exorbitante. O homem, mal-encarado e sinistro, não tirava os olhos dela enquanto dirigia o barco.

— Teve muita sorte de me encontrar, moça. Algumas pessoas não a levariam a Paris nem por todo o ouro do mundo.

Charmiane sentou-se bem longe do barqueiro sem saber se teria de

defender sua virtude ou seu dinheiro! Ela não demorou muito a descobrir a resposta. Quando chegaram a uma aldeia na junção do rio Marne e um afluente menor, o bebê começou a chorar. O leite tinha acabado e ela foi procurar uma fazenda onde pudesse comprar algo para alimentar a criança. Ao voltar para a margem do rio viu o barco a distância, afastando-se na direção oposta a Paris. Perdera o casaco e a cesta do bebê mas conservara suas moedas de ouro.

A caminhada a pé foi retornada, desta vez ao longo do rio Marne. No primeiro vilarejo, Charmiane comprou o xale tradicionalmente usado pelas camponesas do interior da França e se transformou em mais uma mulher anônima que percorria as estradas procurando o marido ou os filhos ou tentando apenas sobreviver à fome. Comia o que havia para comprar ou o que conseguia encontrar nos campos já devastados. Dormia sob os arbustos à beira do rio ou entre as ruínas de alguma fazenda abandonada. As chuvas a ensopavam e os ventos frios da primavera secavam a roupa molhada em seu corpo. As solas de seus sapatos já começavam a se desfazer e seus pés doíam. Ela estava com frio, exausta e com medo de perder as forças, mas continuava a andar, porque, a cada milha percorrida, chegava mais perto de Paris. E de Adam.

Finalmente Charmiane alcançou Nogent-sur-Marne. Uma generosa dona de casa ajudou-a a lavar suas roupas e as do bebê e permitiu que os dois dormissem sobre o feno do celeiro. Na manhã seguinte, ela pediu informações a respeito dos barcos que poderiam levá-la até Paris.

— Você não pode ir de barco porque o rio se desvia de Paris. — A mulher apontou-lhe a estrada. — Siga sempre nessa direção e chegará ao Bosque de Vincennes. Se for uma boa andadora, alcançará Paris ao meio-dia, moça.

Mas Charmiane já estava esgotada pela longa caminhada, com os pés doloridos e quase sem forças para carregar o bebê. Ela só chegou à porta de Vincennes no meio da tarde. Então, a realidade da guerra atingiu-a mais uma vez. Os soldados que guardavam a entrada de Paris não eram franceses! Ao aproximar-se, sentiu que ao menos tivera a sorte de encontrar alemães com quem poderia se comunicar e não russos como o homem que matara Prosper.

— Por favor... — Ela dirigiu-se em alemão a um soldado muito jovem. — A guerra acabou?

Ele olhou para a mulher com as roupas em andrajos, pálida de exaustão, com um bebê nos braços e sentiu pena.

— Finalmente acabou, moça. Seu imperador abdicou ontem.

— Quem dirige a França agora?

— Nós! — informou o soldado. — Até os generais decidirem o que será feito, nós tomaremos conta da França.

Charmiane tinha perdido a noção de tempo, mas agora a angústia de rever Adam trazia de volta a realidade da guerra. Onde estaria ele?

— Que dia é hoje?

— Quinta-feira, sete de abril, moça. O próximo domingo é a Páscoa e

não estarei em Berlim para celebrar.

— Sinto muito — Charmiane disse indiferente àquele problema banal. — Houve alguma batalha em Paris?

— Só em Montmartre. O marechal Moncey comandou a Guarda Nacional durante a defesa da cidade. Durou um dia, mas foi uma luta dura.

— Moncey? — murmurou Charmiane, sentindo o mundo desabar ao seu redor.

Adam tinha sido designado para servir sob o comando do marechal Moncey e poderia estar morto! Durante a exaustiva e torturante caminhada, Charmiane suportara as adversidades porque só pensava no momento do reencontro. Agora a sua angústia só terminaria quando chegasse à casa na *lie de Saint-Louis*, e descobrisse se a vida lhe reservava felicidade ou o eterno desespero!

— Moro na *lie de Saint-Louis*. — Charmiane entregou ao soldado os papéis que escondera sob o corpete. — Tenho permissão para entrar na cidade?

Charmiane entrou em Paris, pela *rue Saint Honoré* no lado leste da cidade. Lá não se via mais a bandeira tricolor da França sobre os edifícios públicos, mas a flâmula branca dos Bourbon pendia nas janelas e nos terraços das casas particulares. Ela pouco se importava em saber que rei iria ocupar o trono. Se Adam estivesse morto, não queria mais viver.

E, à sua volta, a cidade continuava igual, como se aquele fosse apenas mais um dia de primavera. Às mesas dos cafés ao ar livre estavam cheias, os garçons serviam conhaque, vinho e limonada enquanto os soldados de ocupação não tiravam os olhos das mulheres, jovens ou não. E, por toda parte, destacavam-se os monarquistas, com plumas brancas nos chapéus, flores brancas nas lapelas e echarpes brancas presas às lanternas de suas carruagens. Todos os descontentes do *Faubourg Saint-Germain* tinham saído de suas tocas!

Paris era uma cidade ocupada. Austríacos, prussianos e russos haviam tomado conta do Palácio das Tulherias e da *Place Concorde*. O imenso campo de *Champs Elysées* se transformara num acampamento militar com barracas de todos os tipos e soldados de todas as nacionalidades que cozinham em fogueiras sobre as aléias de cascalho. Até mesmo o mais fervoroso monarquista devia estar sofrendo com a humilhação da França.

Finalmente Charmiane avistou *Notre Dame* e, apesar do peso do bebê, apressou o passo. Quando chegou à *Pont-Marie*, não conteve mais a ansiedade e começou a correr. Ela só parou diante da mansão de Adam e tocou a sineta com o desespero de quem já não suporta mais a dúvida.

— Condessa de Montcalvo! — exclamou madame Fleuve ao abrir a porta. — Graças a Deus! A senhora nos deixou desesperados e...

— E meu marido? Ele... está vivo?

— Lógico que sim, madamel

Charmiane não conseguiu mais se manter em pé. Ajoelhando-se no chão

de pedra, chorou de felicidade.

— Por favor, acalme-se, madame. — A velha governanta colocou a mão no ombro de Charmiane. — Onde esteve? E que criança é essa?

— É o filho de monsieur Noel! — Charmiane entregou o bebê a madame Fleuve. — O pobrezinho está precisando urgentemente de um banho e de comida!

— Não se preocupe com nada, madame. O bebê será bem cuidado e a senhora precisa descansar.

— O conde de Montcalvo está em casa?

— Infelizmente, não! Ele teve uma reunião com aquele... alemão — Madame de Fleuve não escondia sua fúria. — Fomos obrigados a hospedar um oficial prussiano e o conde nos avisou para o tratarmos com respeito, mas... em uma casa francesa, madame? É uma violação dos nossos direitos! Bem, não adianta chorar agora! O general Bouchard voltará só à noite e vai ficar muito feliz quando a encontrar em casa! Ele estava desesperado.

— Mas ele sabia que eu estava bem. Mande-i-lhe uma carta de Ferté-Milon.

— Nós estamos em guerra, madame! A única mensagem que o conde recebeu foi o seu bilhete de despedida, há três semanas. Eu não sei o que a senhora escreveu, mas o pobre homem quase enlouqueceu. Ficou por muito tempo parado em frente ao espelho, como se visse algo além de seu próprio reflexo e então... oh, madame! Foi terrível! Ele despedaçou o espelho com um soco!

Charmiane recomeçou a chorar, pensando na angústia de Adam. Ele se cansara de ser seu próprio rival!

— A senhora está exausta, madame. Vamos!! Empurrando Charmiane para dentro de casa, madame Fleuve tomou as rédeas da situação, dirigindo os criados com a disciplina e eficiência de um general. Enquanto um grupo de criadas cuidaria do filho de monsieur Noel, ela se encarregaria da condessa de Montcalvo.

Enquanto alimentava Charmiane, madame Fleuve contou-lhe o que acontecera nas últimas semanas.

O exército inimigo tinha atacado a cidade no dia 30 de março. O imperador, que ainda estava muito ao sul, não chegara em tempo de assumir o comando, mas o marechal Moncey e suas tropas lutaram com heroísmo. Então, após um dia de batalha árdua e sem esperanças de vitória, o Marechal Marmont decidiu capitular, seguindo ordens do rei Joseph. Ao saber da rendição, Napoleão recuou até Fontainebleau. Moncey e Marmont receberam permissão para se reunirem a seu líder, acompanhados pelos galantes defensores de Paris.

No dia seguinte, o czar Alexandre e o rei da Prússia, liderando seus batalhões vitoriosos, entraram na cidade através dos Champs Élysées. Pela primeira vez em muitos séculos, Paris sofria a humilhação de ser ocupada por um exército estrangeiro.

— Pelo menos o imperador da Áustria demonstrou ter bom senso e ficou longe de Paris. Foi ele que expulsou a própria filha do trono da França! Ninguém sabe onde se encontra a pobre mulher nem o filho, o pequeno rei de Roma!

— O que acontecerá com a França agora?

A expressão de madame Fleuve refletia um intenso desprezo.

— O Senado não perdeu tempo para declarar que o imperador estava deposto e se passara para o lado de nossos inimigos. Sempre desconfiei que todos eram monarquistas, interessados apenas em salvar suas próprias peles e permanecer no poder. Ontem mesmo convidaram Luís de Bourbon a voltar da Inglaterra a fim de subir ao trono da França. Enquanto ele não chega, monsieur de Talleyrand, que sempre soube ficar do lado vencedor, será o líder do governo provisório. É tudo um amontoado de tolices, madame! O importante é que há carne em Paris há semanas!

— Adam ficou muito tempo em Fontainebleau?

— Oh, não! Comenta-se que o imperador queria continuar a luta, mas seus marechais o colocaram contra a parede e se recusaram a prosseguir. Então Bonaparte foi obrigado a abdicar e todos os oficiais, incluindo o general Bouchard, retornaram a Paris. Nós tivemos muita sorte, madame. O czar prometeu que impediria saques e violências na cidade.

Os olhos de Charmiane encheram-se de lágrimas ao se lembrar da morte de Prosper.

— Pena que ele não evitou esse tipo de problemas também nos arredores de Paris!

— A senhora esta muito cansada, madame. Por que não dorme um pouco? Acordará revigorada.

— Não. Tenho de estar pronta quando meu marido voltar para casa. — Ela sorriu entre lágrimas. — Acho que quero surpreendê-lo com minha boa aparência.

Apesar dos insistentes protestos de madame Fleuve, Charmiane só se acalmou depois de vestida e penteada. Então, como Adam ainda demoraria para chegar, concordou em dormir no divã desde que a governanta promettesse acordá-la quando o marido entrasse em casa.

Já anoitecera e todas as velas e lampiões estavam acesos quando madame Fleuve acordou Charmiane.

— O general chegou há cerca de uma hora, madame. Veio com um grupo de oficiais e senadores e estão reunidos na biblioteca.

— Por que não me acordou?

— Eu não pude avisar o general que a senhora tinha voltado, madame — lamentou-se a governanta. — Ele estava rodeado por cavalheiros imponentes e seria grosseria mencionar um assunto particular diante de estranhos. Mas agora os ajudantes-de-ordens já começaram a se agitar e deduzi que logo monsieur ficará sozinho na biblioteca. Prefere ir até seu marido sem ser

anunciada, não é?

— Sim. Quero surpreendê-lo...

Charmiane correu para a biblioteca e, sem bater, entreabriu a porta. Adam estava parado à janela, com as mãos atrás das costas, olhando para a noite que descia sobre Paris. Ela sentiu que seu coração transbordava de felicidade. Aquele era o seu marido, o homem que sempre a amara mesmo quando ele parecia odiá-la.

Percebeu os ombros curvados e pressentiu o desespero de Adam. Se ele realmente não recebera a carta enviada em Saint-Gobain, devia estar angustiado com seu desaparecimento.

Subitamente Adam ficou tenso e ergueu a cabeça.

— Com os diabos! Quem está usando o perfume da minha esposa?

Agora Charmiane vislumbrava o medo que a raiva encobria. Será que Adam se sentira inseguro todas as vezes que se enfurecera?

— É o meu perfume, Adam. Por que eu não deveria usá-lo? Adam estava muito pálido e precisou fechar as mãos para esconder o tremor dos dedos. Charmiane sentiu seu amor crescer ainda mais diante daquele homem que não conseguia revelar seus sentimentos e refugiava-se atrás de uma atitude severa.

— Finalmente decidiu voltar para casa, madame?

— Você está com uma aparência cansada e bem mais magro, Adam. — Ela sorria, fascinada com o rosto querido que a acompanhava dia e noite nas últimas semanas. — Não tem se alimentado bem?

— Está achando a nossa conversa engraçada, madame? Pois saiba que não há graça alguma! A sua tia adoeceu de preocupação e tem enviado um mensageiro duas vezes ao dia para saber se recebemos notícias suas. Culpa-me pelo seu desaparecimento e infernizou a minha vida nas últimas semanas. E você ousa ficar sorrindo... sorrindo sem parar?

— Não precisa gritar, Adam. — Charmiane não se alterava, sempre com um sorriso de felicidade nos lábios. — Eu lhe enviei uma carta. Não tenho culpa se o correio está em péssimas condições por causa da guerra.

— Ainda acha que tudo não passa de uma brincadeira? Você não tinha o direito de ir embora, seu lugar era ao lado de seu marido!

— Mon Dieu! Como você está bravo! Noel sorri com muito mais frequência.

As palavras de Charmiane desorientaram Adam, que tentou controlar a raiva.

— Agora pretende zombar de mim, madame?

— Também não tenho culpa se gosto mais de Noel do que de você...

Finalmente Adam se calou, chocado demais para continuar aquela discussão.

— Eu amo Noel... — Ela o viu afastar-se com uma postura de derrota e

insistiu: — Seja Noel para mim, querido.

— O quê? Você enlouqueceu?

— Você é o Noel que eu amo.

— Não sei do que está falando, Charmiane. — A expressão de Adam refletia medo. — Não entendo.

— Como pode ser tão tolo, querido?

— Eu sou Adam... sempre fui.

— Por que continua lutando contra o inevitável, amor? Se for preciso, eu abrirei a sua camisa para ver as cicatrizes de... "Noel"!

— Oh, meu Deus. — Adam deu um suspiro de desânimo. — Quando descobriu a verdade?

— Separei-me de seu irmão, em Ferté-Milon, há cerca de dez dias. Vi a carta dele sobre a sua escrivãzinha, Adam. Fui ao encontro do homem que eu amava e encontrei outro, muito simpático, mas não era quem eu procurava. Então, soube a verdade.

— Como você deve ter me odiado.

— Foi por causa de meu ódio que você fingiu-se de Noel, não é? Porque eu não o perdoava pela morte de Armand?

— E pela noite mais terrível de minha vida. Eu continuava vendo o terror em seus olhos, o pânico! Mas aqueles dias, a loucura havia se apossado de minha alma e não era possível controlar a raiva e o desespero. Sempre que você estremecia diante de minhas crises de cólera, mais ódio eu sentia de mim mesmo. Criou-se um círculo vicioso sem saída. Então voltei para casa porque ia morrer e queria o seu perdão.

— Eu fui cruel demais, querido.

— Juro que não a enganei deliberadamente, no começo — continuou ele, sem perceber a interrupção de Charmiane. — Você cometeu um erro ao pensar que aquele uniforme pertencia a Noel, mas, quando vi a ternura em seu olhar, não tive coragem de dizer a verdade. Seus olhos não refletiam o eterno ódio, não me acusavam pelo assassinato de seu irmão nem me condenavam pela violação de sua honra. E eu estava tão cansado de ser rejeitado... Meu corpo já não aguentava mais a dor e minha alma não suportava mais o sofrimento. Então, mais tarde... admito que agi como um covarde...

— Oh, meu querido Adam! Eu fui cega demais, devia ter percebido! O meu herói romântico no baile das Tulhérias, o homem sensível que me escreveu cartas comoventes, o marido que me amparou durante o parto... sempre você, sempre o mesmo amor.

— Conseguirá me perdoar... talvez até me amar?

— Deus do céu, Adam! Eu te amo há muito tempo. Com os olhos azuis brilhando de felicidade, Adam tomou Charmiane nos braços.

— Eu preciso lhe dizer que não conseguirei ser sempre o "Noel" alegre e sorridente do verão passado, querida. Sinto muito, mas...

— Esqueceu-se que eu estive com Noel? Sua alegre irresponsabilidade é uma máscara para encobrir os verdadeiros sentimentos. Seu irmão e você são mais parecidos do que julga, querido.

— Eu não entendo...

— Estou lhe dizendo que você foi Adam e não Noel naquele verão idílico. Certo de que representava um papel, você deixou de lado sua timidez e sua reserva. Pode ser espontâneo, revelando o homem que eu amo e que se esconde frequentemente atrás da máscara de soldado espartano e disciplinado. Mosmo assim, tenho de lhe pedir desculpas, querido.

— Você? Eu é que devia...

— Fui uma esposa infiel.

— Por favor, não aumente meu sentimento de culpa, Charmiane. Eu usei todas as armas possíveis para seduzi-la. Precisava muito de seu amor, querida.

— Talvez você se sinta mais aliviado ao saber que minha consciência me atormentava dia e noite.

— E eu me culpava por estar enganando você. Subitamente Charmiane lembrou-se de um detalhe que ainda não fora esclarecido.

— Conte-me a verdade sobre Paterne.

— Paterne?

— O cavalariaço que você surrou com tanta violência.

— Bem... eu estava bêbado.

— Bebia por causa dos pesadelos?

— Sim. Naquela época eu estive muito perto da loucura, Charmiane. Já não conseguia mais controlar minhas emoções e então reconheci Paterne. Eu o havia visto durante a campanha da Rússia, um pouco antes de chegarmos a Vilna, quando os homens morriam de sede, disenteria e febre. Como centenas de outros, ele esperava seus companheiros morrerem para roubar-lhe o uniforme e as armas. Mas o caso dele foi mais grave. Tentava tirar o anel de um oficial, mas o pobre-coitado não estava morto e o maldito cortou-lhe o dedo para roubar a jóia. Ao voltar para o acampamento dei ordem de prisão para Paterne, mas ele havia desertado naquele dia. Reencontrei-o em Bonneval e perdi a cabeça.

— Se pelo menos você tivesse me contado a verdade, Adam. Se tivesse aberto seu coração, como nas cartas.

— Quando a encontrei naquele baile, tinha perdido a alegria de viver e ansiava pela próxima batalha onde talvez tudo terminasse para mim. Então você surgiu oferecendo-me amor e a ajuda para sair do abismo de trevas em que eu estava mergulhado. Ao matar Armand, vi em seu rosto que eu tinha matado a mim mesmo. Quando confundiu-me com Noel, retornei ao paraíso que havia perdido e não pude renunciar à felicidade. Fui covarde.

Charmiane pressentiu que Adam estava abrindo seu coração como nunca

ousara antes.

— Não se trata de covardia ou coragem, Adam querido. Você era um homem em desespero que tentava recuperar a felicidade e o amor. Eu não posso censurá-lo por ter mentido. Não se sinta culpado, Adam.

— Eu tentei contar-lhe a verdade, Charmiane! Tantas vezes! A última foi naquele quarto sobre a taverna, em Montmartre. Então decidi chamá-la a Paris e revelar o meu erro, mas você dificultou a situação.

— Fui cruel demais e cega também. Eu perdoava Noel, mas me recusava até a compreender Adam. Pensei muito sobre essa reação inexplicável e acho que talvez tenha sido por causa de Henri. Sofri muito ao lado dele e não queria um casamento semelhante ao primeiro. Por isso briguei tanto com você, mesmo quando não havia motivo. E, depois da morte de Armand... tirei conclusões injustas, não quis ouvir a sua versão dos fatos.

— Você era apenas jovem demais, querida. Mas agora a vida a ensinou?

— Oh, Adam! — Ela jogou-se nos braços do marido. — Presenciei tantos horrores... Prosper morreu...

— Eu sinto muito por tudo que aconteceu, Charmiane. Pela farsa que a impeliu a procurar Noel e a cruzar um país em guerra. Sinto pela morte de Prosper e por você, que amadureceu pelo sofrimento.

— E agora? O que irá acontecer, Adam?

— Com a França? Não sei, Charmiane. Há muito tempo, quando eu ainda era jovem e tinha esperança e entusiasmo, acreditei num futuro glorioso. Liberdade, Igualdade e Fraternidade... Palavras lindas que se perderam talvez para sempre. Hoje só existem oportunistas. Quem perdeu tenta evitar a ruína, procurando as pessoas certas a quem bajular e subornar. Quem venceu, luta para dividir o saque e trama para conseguir postos bem remunerados no novo governo. Os monarquistas querem a restauração dos Bourbon e aquele maldito Domfort é um dos mais ativos. Ele pretende ser lembrado pelo futuro rei.

— E se Luís de Bourbon retornar?

— Espero que ele preserve as mudanças importantes obtidas através de uma Revolução sangrenta. — Adam deu de ombros num gesto de resignação. — Se isso não acontecer...

— Nós todos aprendemos a ceder, querido.

Agora Charmiane compreendia que Armand se destruíra porque não conseguia se adaptar às mudanças provocadas pela vida. A amargura o envenenara antes que o mercúrio destruísse seu corpo e sua mente. E Henri também não sabia viver sem seu título ou sua fortuna e fugia da realidade, tentando destruir a esposa.

— Tudo muda, Charmiane. É inevitável.

— E que mudanças ocorrerão em nossa vida?

— Alguns oficiais de Napoleão já foram dispensados de seus serviços, mas pediram-me para ficar. As tropas de ocupação cederão seu lugar à Guarda Nacional quando o novo rei subir ao trono e eu devo manter a ordem durante

essa difícil transferência de poder. Não sei se mantereí meu título, porém não ficaremos pobres. Bazaine enterrou meus diamantes há semanas, o castelo foi legalmente comprado por mim e meus investimentos se mostraram muito lucrativos.

— Você foi muito previdente, querido. — Charmiane deu uma gargalhada alegre. — Casou-se com uma verdadeira aristocrata, portanto está em uma posição invejável!

— Como eu preciso de seu otimismo, amor. — Adam a abraçou com paixão. — Não me importa quem ocupe o trono. Só espero que não existam mais guerras, tiranos e revoluções sangrentas. A minha única certeza é que não existe um futuro sem você.

— Mesmo se ficarmos sem nada, ainda seríamos duas pessoas apaixonadas que querem criar uma vida feliz, talvez numa França com maior união entre seus cidadãos.

— Eu quero usufruir essa felicidade que me custou tanto atingir. Sonho com uma casa cheia de crianças.

— Talvez você tenha um despertar... um tanto rápido, querido. Eu já trouxe uma criança para casa!

— Para substituir Prosper?

— Não. É o filho de Noel e de uma jovem chamada Martine Rollin.

— Lembro-me de que Noel falou sobre essa moça antes da campanha da Rússia.

— Pois seu irmão nos entregou a criança, Adam. E talvez Martin-Victor tenha logo um primo. Acho que estou novamente grávida...

Sem conter a alegria, Adam carregou Charmiane nos braços. Os dois riam de felicidade quando Aulard entrou na biblioteca sem se anunciar e encontrou seu taciturno general girando pela sala abraçado pela esposa.

— Senhor, eu... — Aulard enrubesceu. — Sinto muito interrompê-lo, mas o general Von Carlstadt quer discutir os detalhes da reunião com Talleyrand que será amanhã cedo.

— Você já esteve apaixonado, Aulard?

— Sim, senhor. Muitas vezes, graças a Deus!

— Então sabe que cada segundo ao lado da mulher amada é precioso demais e não pode ser desperdiçado. Use seus conhecimentos de tática e estratégia e ganhe tempo para mim. Talvez uma hora...

— Mas, senhor...

— Se não quer se esforçar para descobrir uma desculpa, diga-lhe que o general Bouchard tem um outro compromisso... bem mais importante!

Finalmente sozinhos e sem dúvidas e ressentimentos, Adam e Charmiane podiam se entregar à paixão. Ela reencontrou o amante apaixonado que se libertava da timidez e oferecia seus sentimentos mais secretos à mulher amada. Ele descobriu a felicidade de amar sem medo e sem culpa.

— E agora? — murmurou ele, antes de se amarem plenamente pela primeira vez. — Sou Adam ou "Noel"?

Charmiane fitou o homem que guardara sua alegria para lhe ofertar.

— Você é o amor...

LOUISA RAWLINGS escreveu oito romances históricos com o pseudônimo de Ena Halliday. Desde a época de escola ela se interessava pela França, o cenário predileto de suas histórias. Recebeu vários prêmios da Romance Writers of America e também da Romantic Times. Agora que seus filhos cresceram, trocou a calma vida no subúrbio pela agitação cultural de Manhattan.